O GRANDE HERÓI

O testemunho do soldado que perdeu toda a sua equipe em confronto com a Al-Qaeda nas montanhas do Afeganistão



MARCUS LUTTRELL

COM PATRICK ROBINSON

Planeta

Lançado originalmente como O único sobrevivente

O GRANDE HERÓI

O GRANDE HERÓI

"LONE SURVIVOR"

O testemunho do soldado que perdeu toda a sua equipe em confronto com a Al-Qaeda nas montanhas do Afeganistão

TRADUÇÃO
Alice Klesck

2ª edição

MARCUS LUTTRELL
COM PATRICK ROBINSON

Planeta

Copyright © Marcus Luttrell, 2007
Título original: Lone survivor
Publicado de acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados.
Este livro foi publicado originalmente em 2008 pela Editora Planeta com o título
O único sobrevivente.

Revisão: Tulio Kawata
Diagramação: Davi Caseira
Mapa: George W.Ward
Produção digital: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

L991g

Luttrell, Marcus
O grande herói: o testemunho do soldado que perdeu toda a sua equipe em confronto com a Al-Qaeda nas montanhas do Afeganistão / Marcus Luttrell; Patrick Robinson ; tradução Alice Klesck. - 2. ed. - São Paulo : Planeta, 2014.
396 p. : il

Tradução de: Lone survivor: the eyewitness account of operation Redwing and the lost heroes of SEAL Team 10
ISBN 978-85-422-0351-6

1. Estados Unidos. Navy. SEALs. 2. Guerra Afegã, 2001 - Campanhas - Afeganistão. I. Robinson, Patrick, 1939-. II. Título.

14-09457 CDD: 958.1
CDU:94(581)

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo-SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Este livro é dedicado à memória de Murph, Axe e Danny Boy, Kristensen, Shane, James, Senior, Jeff, Jacques, Taylor e Mac. Esses eram os onze homens dos pelotões Alfa e Echo que lutaram e morreram nas montanhas do Afeganistão tentando salvar minha vida e com quem tive a honra de servir ao meu país. Não há momento algum que eu deixe de me lembrar de todos eles, com a mais profunda afeição e a mais pungente tristeza.


TAJIQUISTÃO
UZBEQUISTÃO
CHINA
MONTANHAS HINDU KUSH
Mazar-i-Sharif
Eshkashem
Baghlan
Vale Panjshia
Área operacional montanhosa da equipe SEAL 10
Asadabad
Charikar
Bagram
Cabul
Jalalabad
Passagem de Khyber
Antiga fronteira Nordeste
AFEGANISTÃO
INDIA
Islamabad
PAQUISTÃO
AFEGANISTÃO
República Islâmica do Afeganistão
Áreas Nordestes de Operações Militares dos E.U.A.
Áreas operacionais da equipe SEAL 10, em 2005
0 100 150 Quilômetros
0 100 150 Milhas
G. W. Ward

SUMÁRIO

Prólogo

1. Ao Afeganistão… num depósito voador
2. Baby SEALs… e crocodilos gigantes
3. Uma escola para guerreiros
4. Bem-vindos ao inferno, cavalheiros
5. Como os vestígios de um exército devastado
6. Tchau, caras. Infernizem
7. Uma avalanche de tiros
8. A última batalha pelo Cume de Murphy
9. Explodidos, alvejados, dados como mortos
10. Um fugitivo americano encurralado pelo Talibã
11. Relatos muito exagerados de minha morte
12. Dois-dois-oito! É o Dois-dois-oito!

Epílogo: Estrela solitária

Uma palavra final de Patrick Robinson

Agradecimentos

Sobre os autores

PRÓLOGO

Será que algum dia isso ficaria mais fácil? De casa em casa, de estrada em estrada, de estado em estado? Até agora, não. E ali estava eu, novamente, atrás do volante de uma caminhonete alugada, dirigindo por outra rua principal, passando pelas lojas e o posto de gasolina, dessa vez em South Shore, uma cidadezinha varrida pelo vento em Long Island, Nova York, perto das longas praias do Atlântico. O inverno chegava. O céu estava prateado. As ondas de espuma branca quebravam sob as nuvens escuras. Tão terrivelmente apropriado, pois dessa vez seria pior que as outras. Muito pior.

Encontrei o meu ponto de referência, a agência local dos correios, e estacionei atrás do prédio. Todos saímos do veículo, no frio de um dia de novembro, com as últimas folhas ainda se agitando ao redor de nossos pés. Ninguém queria ir na frente, nenhum dos cinco caras que me acompanhavam e, por um instante, nós simplesmente ficamos ali, como um grupo de carteiros na hora do descanso.

Eu sabia onde tínhamos que ir. A casa ficava naquela rua, apenas alguns metros adiante. De certa forma, já havia estado antes ali – no sul da Califórnia, no norte da Califórnia e em Nevada. Nos próximos dias, ainda tinha que visitar Washington e Virginia Beach. Portanto, muitas coisas seriam precisamente as mesmas.

Era uma tristeza familiar devastadora, o tipo de dor que brota quando jovens são podados em sua melhor época. A mesma sensação de vazio em cada um dos lares. As mesmas lágrimas incontroláveis. O mesmo sentimento de desolação, de gente corajosa tentando mostrar coragem, vidas que haviam sido estilhaçadas. Inconsoláveis. Repletas de tristeza.

Como antes, eu era o portador da notícia insuportável, como se ninguém soubesse da verdade até a minha chegada, tantas semanas e meses após tantos funerais. E, para mim, esse pequeno encontro em Patchogue, Long Island, seria

o pior.

Tentei me conter. Mas, em minha cabeça, eu ouvia, novamente, aquele grito terrível, terrível, o mesmo que me acorda e entra zombando em meus sonhos, noite após noite, a confirmação da culpa. A culpa infinita do sobrevivente.

“Ajude-me, Marcus! Por favor, me ajude!”

Foi um apelo desesperado, nas montanhas de uma terra estrangeira. Foi um grito dado nos penhascos ecoantes de um dos lugares mais solitários do planeta. Foi o grito quase irreconhecível de uma criatura mortalmente ferida. E foi um apelo a que não pude atender. Não posso esquecer. Porque foi feito por uma das melhores pessoas que conheci, um homem que, por acaso, era meu melhor amigo.

Todas as visitas haviam sido ruins. A irmã e a esposa de Dan, uma amparando a outra; o pai de Eric, um almirante, solitário com sua tristeza; a noiva e o pai de James; a esposa de Axe e os amigos da família; a arrasada mãe de Shane, em Las Vegas. Todas foram terríveis, mas essa seria a pior.

Eu finalmente guiei o caminho por entre as folhas que revoavam, pela rua fria e estranha, rumo à casinha com seu pequeno jardim, nesses dias, com a grama por cortar. Mas as luzes que iluminavam uma bandeira americana ainda estavam bem ali, na janela da frente. Eram as luzes de um patriota e brilhavam, desafiadoramente, como se ele ainda estivesse ali. Mikey teria gostado disso.

Todos paramos por alguns instantes, depois subimos os degraus e batemos à porta. A senhora que atendeu à porta era bonita, com seus cabelos longos e escuros, os olhos já transbordando de lágrimas. Sua mãe.

Sabia que eu havia sido a última pessoa a vê-lo vivo. E me olhava com uma expressão tão profunda de tristeza que quase me partiu ao meio, ao dizer baixinho: “Obrigada por vir”.

De alguma forma, consegui responder: “É por causa de seu filho que estou aqui”.

Ao entrarmos, olhei em frente, na mesa do corredor, e sobre ela havia uma fotografia emoldurada de um homem olhando diretamente para mim, meio que sorrindo. Ali estava Mikey, tudo outra vez, e pude ouvir sua mãe dizer: “Ele não sofreu, sofreu? Por favor, me diga que ele não sofreu”.

Precisei passar a manga da minha jaqueta nos olhos antes de responder. Mas respondi. “Não, Maureen. Não sofreu. Ele morreu instantaneamente.”

Eu disse a ela o que ela me pediu para dizer. Esse tipo de resposta tática estava se tornando um equipamento essencial para o único sobrevivente.

Tentei lhe falar sobre a coragem inflexível de seu filho, sua determinação,

seu controle. E como eu já passara a esperar, ela parecia ainda não aceitar. Não até que fiz o relato. Fui o pilar essencial e conclusivo das más notícias.

Ao longo da hora seguinte, tentamos falar como adultos. Mas foi muito difícil. Havia tanto que poderia ser dito e não foi. E nem toda a ajuda dos meus três camaradas, mais o bombeiro e o policial que nos acompanhavam fez diferença.

Mas essa era uma jornada que eu tinha de completar. Prometera a mim mesmo que o faria, independentemente do que fosse preciso, pois sabia o que representaria para cada um deles. Compartilhar a angústia pessoal com alguém que estava lá. De casa em casa, de pesar em pesar.

Considerava aquilo como meu dever de juramento. Mas isso não o tornava mais fácil. Ao sairmos, Maureen abraçou todos nós. Acenei a cabeça formalmente para a fotografia do meu melhor amigo e descemos por aquele pequeno caminho triste, rumo à rua.

Aquela noite seria igualmente ruim, pois iríamos ver Heather, noiva de Mikey, em seu apartamento no centro da cidade de Nova York. Não era justo. Eles estariam casados a essa altura. E, no dia seguinte, eu tinha de ir até o cemitério nacional de Arlington, para visitar os túmulos de mais dois amigos ausentes.

Sob qualquer parâmetro, foi uma jornada cara, longa e melancólica, atravessando os Estados Unidos da América, paga pela organização na qual trabalho. Como eu, como todos nós, eles entendem. E, assim como acontece com tantas organizações de porte que têm uma força de trabalho dedicada, pode-se dizer muito sobre eles, através de sua filosofia, seu estatuto escrito, se assim se preferir.

É o papel escrito que define seus empregados e seus padrões. Por muitos anos, venho tentando basear minha vida em seu parágrafo de abertura:

“Em tempos de incerteza há uma estirpe especial de guerreiro, pronto a atender ao chamado de nossa nação; um homem comum com desejo incomum de êxito. Forjado pela adversidade, ele está com as melhores forças especiais da América para servir a seu país e o povo americano, e proteger seu modo de vida. Eu sou esse homem.”

Meu nome é Marcus. Marcus Luttrell. Sou um SEAL da Marinha dos Estados Unidos, um Líder de Equipe, SDV Equipe 1, Pelotão Alfa. Como qualquer outro SEAL, sou treinado em armamento, demolição e combate desarmado. Sou atirador e pertenço ao pelotão médico. Porém, acima de tudo, sou um americano. E, quando soa a sirene, saio lutando pelo meu país e meus

companheiros de equipe. Se for preciso, até a morte.

E isso não é só porque os SEALs me treinaram para fazê-lo; é porque estou disposto a fazê-lo. Sou um patriota e luto com a estrela solitária do Texas em meu braço direito e outra bandeira do Texas sobre meu coração. Para mim, a derrota é inconcebível.

Mikey morreu no verão de 2005, lutando ombro a ombro comigo no interior montanhoso do nordeste do Afeganistão. Ele era o melhor oficial que já conheci, um soldado de alma de ferro, de uma coragem colossal, quase inacreditável, diante do inimigo.

Quem *teria* acreditado eram os meus outros dois camaradas, que também lutaram e morreram lá em cima. Eram Danny e Axe: dois heróis americanos, duas figuras altivas numa força de combate onde o valor é uma virtude comum. Suas vidas servem de testemunho do parágrafo central da filosofia dos SEALs da Marinha dos EUA:

“Jamais desisto. Persevero e prospero na adversidade. Minha nação espera que eu seja fisicamente mais duro e mentalmente mais forte do que meus inimigos. Se eu cair, vou me levantar, a cada vez. Vou lançar mão de toda a força que ainda me restar para proteger meus companheiros de equipe e realizar nossa missão. Jamais estou fora de combate.”

Como mencionei, meu nome é Marcus. E estou escrevendo este livro por causa dos meus três camaradas, Mikey, Danny e Axe. Se eu não escrever, ninguém jamais compreenderá a coragem indomável desses três americanos sob o fogo cruzado. E essa seria a maior tragédia de todas.

[1] Grupo de operações especiais da Marinha dos EUA. (N. T.)

[2] A palavra “SEAL”, em inglês, significa foca. (N. T.)

1
AO AFEGANISTÃO… NUM DEPÓSITO VOADOR

Era a hora do troco pelo World Trade Center. Estávamos indo atrás dos caras que fizeram aquilo. Se não realmente dos caras, então de seus irmãos de sangue, os lunáticos que ainda desejam nos ver mortos e podiam tentar de novo.

As despedidas tendem a ser curtas entre os SEALs[1]. Um rápido tapinha nas costas, um abraço amistoso, ninguém expressando o que todos estão pensando: *Lá vamos nós de novo, caras, vamos à guerra, para outro ponto conturbado, com outro inimigo meia-boca querendo arriscar a sorte contra nós… só podem estar fora de si*.

É um negócio dos SEALs, nossa invencibilidade silenciosa, o código de silêncio dos guerreiros de elite das forças armadas americanas. Caras grandes, rápidos, altamente treinados, armados até os dentes, especialistas em combate desarmado, tão furtivos que ninguém nunca nos ouve chegar. Os SEALs são mestres estrategistas, profissionais com rifles, artistas com armas de fogo e, se necessário, muito hábeis com facas. Em termos gerais, acreditamos que há pouquíssimos problemas no mundo que não possamos resolver com explosivos ou balas bem direcionadas.

Operamos no mar, na terra ou no ar. Foi assim que ganhamos nosso nome. SEALs da Marinha Americana, submersos, sobre a água ou fora dela.[2] Cara, nós podemos fazer tudo. E, para onde estávamos indo, parecia ser estritamente fora d'água. Bem fora d'água. Mais de três quilômetros ao alto das montanhas áridas e enluaradas, num dos lugares mais solitários e sem lei do mundo. O Afeganistão.

"Tchau, Marcus."

"Boa sorte, Mikey."

"Vá com calma, Matt."

"Vejo vocês mais tarde."

Eu lembro como se fosse ontem, alguém abrindo a porta de nosso

alojamento, a luz se derramando sobre a noite escura do Barein, esse estranho reino desértico, unido à Arábia Saudita por uma estrada elevada de pouco mais de três quilômetros, chamada King Fahd.

Nós seis, vestidos em trajes leves de combate – roupas cáqui, com botas Oakley –, saímos rumo a uma brisa leve e quente. Era março de 2005, ainda não estava mais quente que o inferno, como fica no verão. Ainda assim, bem quente para um grupo de americanos, na primavera, até mesmo para um texano como eu. O Barein fica na 26ª linha de latitude norte. Isso é mais do que seiscentos quilômetros ao sul de Bagdá, e é quente.

Nossa unidade, especificamente, estava posicionada no lado sul da capital, Manama, bem ao lado nordeste da ilha. Isso significava que tínhamos de ser transportados passando bem pelo meio da cidade, até a base aérea americana, na ilha de Muharraq, para todos os voos indo e vindo de Barein. Não nos importávamos com isso, mas também não adorávamos.

Aquela pequena jornada, de talvez uns oito quilômetros, nos levava a passar por uma cidade com o mesmo sentimento que o nosso. Os locais também não nos amavam. Demonstravam uma expressão emburrada, como se estivessem fartos de ter militares americanos ao redor. Na verdade, havia distritos em Manama conhecidos como áreas de bandeira negra, onde comerciantes, donos de lojas e cidadãos civis penduravam bandeiras negras do lado de fora de suas propriedades, sinalizando que *Americanos não são bem-vindos*.

Acho que não era tão odioso quanto o *Juden Verboten*, na Alemanha de Hitler. Mas há correntes subterrâneas de ódio por todo o mundo árabe e sabíamos que havia muitos simpatizantes dos fanáticos extremistas muçulmanos do Talibã e da al-Qaeda. As bandeiras negras funcionavam. Nós ficávamos bem longe daqueles lugares.

Entretanto, tínhamos que passar pela cidade, num veículo desprotegido, até outra estrada elevada, a Sheik Hamad, cujo nome era em homenagem ao emir. Há grandes elevados e eu acho que devem construir mais, já que há outras trinta e duas ilhas formando o arquipélago do Barein, do lado ocidental da costa saudita, no golfo do Irã.

De qualquer forma, nós dirigíamos passando por Manama, saindo em Muharraq, onde fica a base aérea americana, ao sul do principal aeroporto internacional do Barein. Havia um imenso avião turbo, um cargueiro Hercules C-130. É uma das aeronaves mais barulhentas da estratosfera, uma caverna de aço enorme, ecoante, especialmente desenhada para transportar carga pesada – nada sensível, delicada ou conversadores poéticos, como nós.

Embarcamos e alojamos nosso equipamento essencial: armas pesadas (metralhadoras), rifles M4, pistolas 9 mm SIG-Sauer, canivetes de lâminas longas (facas de combate), cintos de munição, granadas, equipamento médico e de comunicação. Alguns dos caras armaram redes feitas de trançado grosso. O restante de nós sentou-se em suas poltronas, também feitas de tecido trançado. Não tinha nada de classe executiva. Mas rãs não viajam com pouco peso e não esperam conforto. Ou seja, homens-rã, o que todos somos.

Presos aqui nesse depósito voador, essa forma absolutamente primitiva de transporte de passageiros, havia uma certa alegria enquanto nos segurávamos e sacudíamos. Porém, se nós seis fôssemos colocados em algum buraco infernal de batalha no solo, ficássemos encharcados, mortos de frio, feridos, encurralados, em desvantagem numérica, lutando por nossas vidas, você não ouviria uma única palavra de reclamação. Essa é a forma de nossa irmandade. É uma irmandade estritamente americana formada, principalmente, pelo sangue. Ganha a duras penas, indestrutível. Construída no compartilhamento do patriotismo, coragem e na confiança de uns nos outros. Não há nenhuma força de combate no mundo que se assemelhe à nossa.

Depois do rugir retumbante das turbinas de Boeing, a equipe de voo verificou que estávamos todos de cintos afivelados. Jesus, o barulho era inacreditável. Eu parecia estar sentado na caixa de marcha. A aeronave inteira balançou ruidosa, enquanto deslizávamos pela pista, decolando rumo ao sudoeste, direto para o vento do deserto que soprava em terra firme, na península árabe. Não havia nenhum outro passageiro a bordo. Só a tripulação de voo e, ao fundo, nós, seguindo para o trabalho de Deus, em nome do governo americano e nosso comandante supremo, o presidente George W. Bush. De certa forma, estávamos todos sozinhos. Como sempre.

Sobrevoamos o golfo do Barein e demos uma longa guinada rumo ao nosso curso leste. Seria muito mais rápido seguir diretamente para o nordeste, atravessando o golfo. Mas isso nos faria sobrevoar a região dúbia montanhosa do sul da República Islâmica do Irã e isso nós não fazemos.

Em vez disso, nos mantemos ao sul, voando alto, sobre os desertos amistosos dos Emirados Árabes, ao norte das areias escaldantes de Rub al Khali, ou Empty Quarter (a região vazia do deserto). Atrás de nós ficavam os caldeirões febris de rancor do Iraque e, bem perto, o Kuwait, lugares onde eu havia servido antes. Abaixo de nós estavam os reinos mais amistosos e iluminados do deserto, da futura capital mundial do gás natural, o Qatar; o emirado do petróleo de Abu Dhabi; os reluzentes arranha-céus modernos de Dubai; e, mais ao leste, a costa

íngreme de Oman.

Nenhum de nós estava especificamente triste em deixar o Barein, que foi o primeiro local do Oriente Médio onde o petróleo foi descoberto. Ele tem sua história e sempre nos divertíamos nos mercados locais, barganhando por tudo com os comerciantes. Mas nunca nos sentimos em casa ali e, de alguma forma, ao subirmos ao céu escuro, sentimos estar deixando para trás tudo de ruim da região setentrional do golfo, embarcando numa nova missão, uma que entendíamos.

Em Bagdá, lutávamos contra um inimigo que geralmente não conseguíamos ver e éramos obrigados a sair em sua captura e encontrá-lo. E, quando o encontrávamos, raramente sabíamos de quem se tratava – al-Qaeda ou talibã, xiita ou sunita, iraquiano ou estrangeiro, um guerrilheiro lutando por Saddam ou um insurgente lutando por algum tipo de deus diferente do nosso, um deus que, de alguma forma, sancionava o assassinato de civis inocentes, um deus que chutou os Dez Mandamentos para fora de campo.

Eles estavam sempre presentes, sempre perigosos, dando-nos uma noção clara de confusão absoluta. De algum modo, mudando de posição no imenso cargueiro Hercules, estávamos deixando para trás um lugar que sistematicamente se destruía e seguíamos rumo a um lugar repleto de homens selvagens, das montanhas, que estavam determinados a nos destruir.

Afeganistão. Isso era muito diferente. Aquelas montanhas no alto do nordeste, a ponta ocidental da cadeia montanhosa Hindu Kush, eram as mesmas montanhas onde estava o Talibã e abrigavam os lunáticos da al-Qaeda, protegendo os loucos seguidores de Osama bin Laden, enquanto eles tramavam os ataques ao World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro.

Foi ali que os soldados de bin Laden encontraram uma base de treinamento. Vejamos, al-Qaeda significa “a base”, e, em retribuição ao dinheiro do fanático saudita bin Laden, o Talibã tornou isso possível. Naquele momento, esses mesmos caras, remanescentes do Talibã e alguns dos últimos guerreiros da al-Qaeda, estavam preparando-se para recomeçar, tentando abrir caminho pelas passagens montanhosas, com a intenção de estabelecer novos campos de treinamento e quartéis-generais militares e, por fim, instituir seu próprio governo, em lugar do que havia sido eleito democraticamente.

Eles podem não ter sido precisamente os mesmos caras que planejaram o 11 de Setembro. Porém, certamente eram seus descendentes, herdeiros, seguidores. Faziam parte da mesma trupe que derrubou as torres norte e sul na Big Apple, naquela manhã infame de terça-feira, em 2001. E nossa tarefa era detê-los, bem

ali, naquelas montanhas, pelos meios que fossem necessários.

Até então, esses homens das montanhas andaram fazendo um bom estrago em nosso exército, com seus cavaleiros. Que foi mais ou menos o motivo pelo qual a alta patente mandou nos chamar. Quando as coisas ficam muito ruins, eles geralmente mandam nos chamar. É por isso que a Marinha passa anos treinando equipes em Coronado, na Califórnia, e em Virginia Beach. Especialmente para horas assim, quando a luva de pelica do Tio Sam abre caminho para o punho de aço da SPECWARCOM (Special Forces Command ou Comando de Forças Especiais).

E era por isso que todos nós estávamos ali. Nossa missão podia ser estratégica, secreta. No entanto, um ponto era absolutamente claro, ao menos para os seis SEALs naquele Hercules retumbante, acima do deserto árabe. Era a hora do troco pelo World Trade Center. Seguíamos na captura dos caras que haviam feito aquilo. Se não verdadeiramente dos caras, então, de seus irmãos de sangue, os lunáticos que ainda desejam nos ver mortos e podiam tentar novamente. Mesma coisa, certo?

Sabíamos o que viéramos procurar. E sabíamos para onde íamos: lá em cima dos picos altos do Hindu Kush, aquelas mesmas montanhas onde bin Laden ainda poderia estar e onde suas novas hordas de discípulos ainda estavam se escondendo. Em algum lugar.

A simples clareza de propósito era inspiradora para nós. As ruas empoeiradas e traiçoeiras de Bagdá, onde até crianças de três e quatro anos eram ensinadas a nos odiar haviam ficado para trás. Bem em frente, no Afeganistão, aguardava um campo de batalha onde podíamos lutar com nossos inimigos, força contra força, ardil contra ardil, aço contra aço.

Isso talvez possa ser um pouco assustador para soldados comuns. Mas não para os SEALs. E posso afirmar, com absoluta certeza, que nós seis estávamos empolgados com a possibilidade, ansiando por fazer nosso trabalho lá fora, certos de nosso êxito, confiantes em nosso treinamento, experiência e julgamento. Veja, nós éramos invencíveis. Isso é o que nos ensinaram. É nisso que acreditamos.

Está escrito lá, em preto e branco, na filosofia oficial dos SEALs da Marinha americana, nos dois últimos parágrafos:

> Treinamos para a guerra e lutamos para ganhar. Estou pronto para aplicar todo o poder de combate de modo a realizar minha missão e as metas estabelecidas pelo meu país. A execução do meu dever será

> imediata e violenta, quando necessário, no entanto, guiada pelos mesmos princípios que sirvo para defender.
>
> Homens corajosos lutaram e morreram construindo a tradição de orgulho e temida reputação que eu me obrigo a defender. Nas piores condições, o legado de meus companheiros de equipe equilibra minha resolução e silenciosamente guia todas as minhas ações. Não falharei.

Cada um de nós deixou a barba crescer, para ficar mais parecido com os combatentes afegãos. Para nós, era importante ter uma aparência não militar, não se sobressair na multidão. Apesar disso, posso lhe garantir que, se três SEALs fossem colocados num aeroporto lotado, eu localizaria todos, apenas por sua postura, confiança, disciplina evidente, a forma como caminham. Não estou dizendo que ninguém mais os reconheceria. Mas eu, certamente.

Os caras que viajaram do Barein comigo eram notoriamente diferentes, até para os padrões SEAL. Havia o sargento (SGT2) Matthew Gene Axelson, com trinta anos incompletos, suboficial da Califórnia, casado com Cindy, dedicado a ela e aos pais, Cordell e Donna, e ao irmão, Jeff.

Eu sempre o chamava de Axe e o conhecia bem. Meu irmão gêmeo, Morgan, era seu melhor amigo. Ele já havia estado em nossa casa, no Texas, e eu e ele já estávamos juntos há tempos, na Equipe SEAL DVT1, Pelotão Alfa. Ele e Morgan foram companheiros de nado no treinamento SEAL e foram juntos para a escola de tiro.

Axe era um cara quieto, tinha 1,92 m, olhos azuis perfurantes e cabelo enrolado. Ele era esperto e o melhor jogador de Trivial Pursuit (jogo de conhecimentos gerais) que já vi. Eu adorava conversar com ele por seu vasto conhecimento. Ele dava respostas que desafiariam o conhecimento de um professor de Harvard. Lugares, países, suas populações, principais indústrias.

Nas equipes, ele era sempre profissional. Nunca o vi chateado e sempre sabia exatamente o que estava fazendo. Era apenas um daqueles caras. Geralmente fazia, com o pé nas costas, algo difícil ou confuso para os outros. Em combate, era um atleta supremo, rápido, violento, brutal, se necessário. Sua família jamais conheceu esse seu lado. Eles apenas o viam como um marinheiro calmo e alegre, que tranquilamente poderia ter sido um jogador de golfe profissional, um cara que adorava uma boa risada e uma cerveja gelada.

Era quase impossível conhecer uma pessoa melhor. Ele era um homem inacreditável.

E havia meu melhor amigo, o tenente Michael Patrick Murphy, também

com menos de trinta, formado com honras pela Penn State, um jogador de hóquei, aceito em diversas faculdades de direito antes de dar uma guinada forte no leme e mudar seu curso para a Marinha dos Estados Unidos. Mikey era um leitor inveterado. Seu livro predileto era *Portões de fogo*, de Steven Pressfield, a história imortal dos espartanos em Termópilas.

Ele tinha uma vasta experiência no Oriente Médio, tendo servido na Jordânia, Qatar e em Djibouti, na África. Começamos nossas carreiras como SEALs na mesma época e provavelmente fomos unidos por uma devoção compartilhada por respostas espertas. Nenhum de nós dois conseguia dormir se estivesse sob a mais leve pressão. Compartilhávamos a insônia e o humor. Ficávamos juntos, de bobeira, tarde da noite, e posso afirmar que ninguém nunca me fez rir daquele jeito.

Eu estava sempre zombando dele pela sujeira. Às vezes, saímos para patrulhar noites seguidas, durante semanas, e não parecia haver tempo para tomar banho nem fazia sentido tomar, se fosse provável que você estaria atolado até as axilas dentro de um pântano algumas horas depois. Aqui estava uma conversa típica entre nós, oficial líder da equipe com o suboficial SEAL:

"Mikey, você está cheirando a merda, pelo amor de Deus. Por que diabos não toma um banho?"

"Imediatamente, Marcus. Lembre-me de fazer isso amanhã, pode ser?"

"Entendido, *senhor*!"

Aos mais próximos e mais queridos, ele costumava recorrer a uma grande loja de presentes, também conhecida como a malha rodoviária americana. Lembro que ele deu a sua linda namorada, Heather, um cone de tráfego, em seu aniversário. No Natal, deu a ela uma daquelas luzes vermelhas que piscam, que são colocadas em cima do cone, à noite. Embrulhada em papel de presente, é claro. Uma vez, ele me deu uma placa de PARE, no meu aniversário.

E você precisava ver sua mala de viagem. Era uma mochila de lona imensa, de hóquei, daquele tipo carregado pelo seu time favorito, o New York Rangers. A bagagem mais pesada da Marinha inteira. Mas não tinha o logo dos Rangers. Só trazia as palavras "Não Enche".

Não havia nenhuma situação em que não arranjasse alguma resposta esperta. Uma vez, Mikey se envolveu num acidente automobilístico terrível, quase fatal, e um dos caras pediu que ele explicasse o que aconteceu.

"Ora, vamos", disse o tenente nova-iorquino, como se já fosse um assunto batido. "Você está sempre tocando nesse assunto antigo. *Xapralá*."

O tal acidente havia sido apenas dois dias antes.

Ele também foi o melhor tenente que conheci, um líder nato, um SEAL excepcional que jamais, em tempo algum, ficava mandando nos outros. Era sempre *por favor*. Sempre *você poderia*? Jamais *Faça isso, faça aquilo*. E ele simplesmente não tolerava qualquer outro oficial de alta patente, em serviço ou não, que viesse pressionar um de seus homens.

Fazia questão de aguentar o tranco. Sempre tomava a pancada. Se houvesse uma reprimenda, ele assumia a culpa. Mas que ninguém tentasse passar por ele e repreender um de seus caras, pois ele era um adversário formidável, quando irritado. E isso o irritava.

Era excelente embaixo d'água e um nadador poderoso. O problema era ser um pouco lento e essa era realmente a sua única falha. Uma vez, eu e ele saímos para um treinamento de nado de quase 4 km e, quando cheguei à praia, não conseguia encontrá-lo. Acabei vendo que ele ainda estava a quase 400 m de distância, na água. *Cristo, ele está encrencado* – foi o meu primeiro pensamento.

Então, voltei para o mar gélido, para resgatá-lo. Não sou um nadador tão veloz, mas até que sou rápido na água e o alcancei sem problemas. Eu devia saber o que ele responderia.

"Sai de perto de mim, Marcus!", ele berrou. "Sou como um carro de corrida andando no vermelho, mas me dou melhor no ar… Não se meta comigo, Marcus, agora não. Você está lidando com um carro de corrida."

Só mesmo o Mike Murphy. Se eu contasse essa história a qualquer SEAL de nosso pelotão, sem dizer o nome, e depois perguntasse quem foi, todos adivinhariam que foi o Mikey.

Sentado de frente para mim, no Hercules, estava o chefe sênior, Daniel Richard Healy, outro SEAL formidável, 1,89 m, trinta e sete anos, casado com Norminda, pai de sete filhos. Ele nasceu em New Hampshire e entrou para a Marinha em 1990, passando a servir nas equipes SEAL e aprendendo um russo quase fluente.

Danny e eu servimos na mesma equipe, a Equipe SEAL DVT1, durante três anos. Ele era um pouquinho mais velho que a maioria e se referia a nós como seus garotos – como se ele já não tivesse o suficiente. E adorava a nós todos com a mesma paixão, ambas grandes famílias, sua esposa e filhos, irmãs, irmãos e pais, e essa que era maior ainda, baseada na ilha do Barein. Dan era pior do que Mikey na defesa de seus SEALs. Ninguém jamais gritava com um de nós enquanto ele estivesse por perto.

Era zeloso ao guardar o seu rebanho, pesquisava todas as missões minuciosamente, juntava o pessoal da inteligência, checava os mapas, gráficos,

fotografias, todo o material de reconhecimento. Também prestava muita atenção às missões futuras, garantindo que seus garotos estivessem sempre na linha de frente. Esse é o lugar para onde fomos treinados, o lugar para onde gostamos de ir.

Em muitas maneiras, Danny era duro com todo mundo. Havia horas em que ele e eu não nos olhávamos. Ele tinha uma certeza infalível de que seu jeito era o melhor, ou o único. Mas seu coração estava no lugar certo, em todas as horas. Dan Healy era um SEAL e tanto para a Marinha, um exemplo a ser seguido do que um chefe sênior deve ser, um homem de ferro que se tornou estrategista e conhecia seu trabalho, de A a Z. Eu falava cara a cara com o grande Dan quase todos os dias da minha vida.

Em algum lugar, acima de nós, balançando em sua rede, de fone de ouvido, ouvindo um *rock and roll*, estava o segundo suboficial Shane Patton, de vinte e dois anos, surfista e praticante de *skate*, natural de Las Vegas, Nevada. Meu protegido. Como primeiro operador de comunicações, eu tinha Shane como o meu número dois. Como um Mike Murphy bem mais jovem, ele também era um conhecedor das respostas espertas e, como já era de se esperar, um notável homem-rã.

Era difícil para mim a identificação com Shane, por ele ser tão diferente. Uma vez, entrei no centro de comunicação e ele estava tentando comprar um casaco de pele de leopardo pela Internet.

“Para que diabos você quer isso?”, perguntei.

“É tão maneiro, cara”, respondeu ele, finalizando qualquer discussão.

Um cara grande e robusto, de cabelo louro e um sorriso meio insolente, Shane era superinteligente. Eu nunca tinha de lhe dizer nada. Ele sempre sabia o que fazer. De início, isso me irritava ligeiramente; sabe como é, dizer a um cara muito mais novo o que você quer que seja feito e ele já estar com aquilo pronto. Toda vez. Levei um tempo até me acostumar com o fato de que eu tinha um assistente quase tão perspicaz quanto Matt Axelson. E isso é o máximo que se consegue ser.

Shane, como tantos daqueles deuses da praia, era muito descansado. Seus companheiros provavelmente chamariam isso de supermaneiro ou algum termo parecido. Mas, como operador de comunicação, isso é quase inestimável. Se houver um incêndio sendo combatido e Shane estiver no QG, manuseando o rádio, você ouvirá um comunicador SEAL ultracalmo e comedido. Desculpe, eu quis dizer um *compadre*. Essa era uma palavra multifuncional para Shane. Até eu era um *compadre*, segundo ele. Até o presidente dos Estados Unidos era um

compadre, segundo ele. Na verdade, ele concedia ao Presidente Bush o mais alto louvor, a medalha platinada de Honra concedida pelos deuses do surfe: Ele é um *compadre* cara, um *compadre* de verdade.

Ele era filho de um SEAL e sua ambição silenciosa e raramente expressada era ser como seu pai, James J. Patton. Queria ser membro da equipe de salto da Marinha, como seu pai fora. Havia concluído seu treinamento em Fort Benning, Geórgia, antes de passar nos exames de qualificação para SEAL, sendo aceito na Equipe SEAL DVT1, Pelotão Alfa. Cinco meses depois, juntou-se a nós, no voo para o Afeganistão.

Tudo que Shane fez, ao longo de sua breve vida, foi notável. No segundo grau, ele era o melhor arremessador e melhor apanhador no beisebol. Tocava guitarra superbem, tinha uma banda chamada True Story, cuja qualidade ainda permanece um pouco misteriosa. Era um superfotógrafo e habilidoso mecânico e engenheiro; sozinho, restaurou e personalizou dois fuscas. Tinha adquirido outro e me disse que esse seria "um fusca maneiríssimo, *compadre*. Só disso que eu gosto".

Shane era bom no computador, como todo mundo na base. Passava horas no micro, numa página chamada MySpace, sempre mantendo contato com seus amigos: "E aí, *compadre*, tudo em cima?".

O sexto membro do nosso grupo era James Suh, um nativo de Chicago, de vinte e oito anos, criado na Flórida. James estava com a Equipe SDTV1 há três anos, antes de partirmos para o Afeganistão, e durante esse tempo ele se tornou um dos caras mais queridos da base. Ele só tinha uma irmã mais velha, mas tinha uns trezentos primos e jurava proteger cada um deles.

James, assim como seu amigo próximo Shane, era outro SEAL durão, segundo suboficial. Assim como Shane, havia passado por treinamento aéreo básico em Fort Benning e fora encaminhado ao Pelotão Alfa.

Sua ambição anterior era se tornar veterinário, especialista em cães. Mas James nasceu para ser SEAL e era apaixonado por ser membro de um dos grupos de combate mais preparados do mundo, e tinha imensa habilidade em desafiar os limites físicos e mentais.

Assim como Shane, ele foi um astro do atletismo no segundo grau, destacando-se tanto na equipe de nado quanto na de tênis. Academicamente, estava sempre nas turmas avançadas e dos mais dotados. Em nosso pelotão, James estava no mesmo nível de Axe e Shane, como SEAL de alta inteligência e suprema confiabilidade sob fogo cruzado. Nunca encontrei ninguém que tivesse sequer uma palavra ruim a falar sobre ele.

Levamos quase três horas até chegar ao golfo de Oman. Tínhamos cortado direto pelo estreito de Hormuz, mantendo-nos bem distantes da supervia do petróleo mundial e dos tanques de gás, em deslocamento, entrando e saindo dos gigantescos portos de abastecimento do golfo do Irã. A marinha iraniana faz seus exercícios bem ali, com operações saindo da base principal, em Bandar Abbas, e também da costa mais abaixo, em sua base submarina, cada vez mais ativa.

Não que imaginássemos que algum míssil iraniano pudesse vir em nossa direção, disparado por alguma arma veloz, rastreadora de calor. Mas o cuidado era pertinente naquela região, apesar de possuirmos um homem durão na Casa Branca que havia deixado clara sua política de retaliação severa, diante da mais vaga sugestão de um ataque ao tráfego aéreo americano, civil ou militar.

Você teria que servir no Oriente Médio para entender totalmente a sensação de perigo e até ameaça, que nunca se afastava, mesmo em países geralmente considerados amistosos com a América. Como o Barein.

A região rústica da costa de Oman que mencionei antes é perto do ponto de terra em Ras Musandam, com fiordes profundos. Essa encosta rochosa mais ao norte, que se estende até o golfo de Hormuz, é o ponto estrangeiro mais próximo da base iraniana de Bandar Abbas. A partir daquele ponto, a extensão da costa que segue ao sul é bem mais plana, descendo pelas antiquíssimas montanhas Al Hajar. Ali, começamos nossa longa travessia oceânica, ao norte de Muscat, perto do trópico de Câncer.

E, ao cruzarmos aquela linha da costa, rumo ao mar aberto, pelo menos para mim, era realmente um adeus à península Árabe e aos estados islâmicos da ponta norte do golfo, Kuwait, Iraque, Síria e Irã, que dominaram minha vida e meus pensamentos durante os últimos anos. Principalmente o Iraque.

De início, eu chegara para me juntar à Equipe 5, em 14 de abril de 2003, vindo da base aérea americana, a quinze minutos de Bagdá, com outros doze SEALs do Kuwait, numa aeronave exatamente igual a essa C-13. Foi uma semana depois que o exército americano lançou seu bombardeio sobre a cidade, tentando pegar Saddam, antes que a guerra realmente começasse. Os britânicos tinham acabado de tomar Basra.

No mesmo dia em que cheguei, os *marines* americanos tomaram Tikrit, cidade natal de Saddam, e algumas horas depois o Pentágono anunciou que o combate principal tinha terminado. Nada disso tinha a menor ligação com a nossa missão, que era ajudar a dissipar e, se necessário, destruir a pequena oposição ainda existente e depois auxiliar nas buscas por armas de destruição em massa.

Eu estava em Bagdá há apenas um dia quando o presidente Bush declarou que Saddam Hussein e seu partido Ba'ath haviam caído, e meus colegas rapidamente capturaram, no mesmo dia, Abu Abbas, líder da Frente pela Libertação da Palestina, que atacou o navio italiano *Achille Lauro*, no Mediterrâneo, em 1985.

Quarenta e oito horas depois, em 17 de abril, o exército americano capturou o meio-irmão de Saddam, o infame Barzan Ibrahim al-Tikriti. Foi nesse tipo de coisa que me envolvi, instantaneamente. Eu era um dos 146 mil americanos e tropas de coalizão que lá estavam, sob o comando do general Tommy Franks. Foi a minha primeira experiência de combate a curta distância. O lugar onde aprendi os pontos mais sutis de meu ofício.

Também foi onde tivemos o primeiro boato sobre o ressurgimento, das cinzas, dos seguidores de Osama bin Laden. Claro, sabíamos que eles ainda estavam por perto, ainda tentando se reagrupar, depois que os Estados Unidos, havia pouco, quase os exterminaram no Afeganistão. Mas não tardou até que começássemos a ouvir falar sobre uma organização chamada al-Qaeda, no Iraque, um maléfico grupo terrorista que tentava causar confusão em toda oportunidade possível, liderado pelo perturbado assassino jordaniano Abu Musab al-Zarqawi (agora falecido).

Às vezes, nossas missões na cidade eram interrompidas pelas buscas intensas por algo, ou alguém que havia sumido. Em meu primeiro dia, quatro de nós fomos até a imensa área de um lago iraquiano procurar por um bombardeiro Super Hornet F-18 e seu piloto americano que haviam desaparecido. Você provavelmente se lembra do incidente. Eu jamais esquecerei. Sobrevoamos o lago em baixa altitude, em nosso helicóptero Chinook MH-47 e, subitamente, avistamos a cauda da aeronave, para fora d'água. Logo depois disso, encontramos o corpo do piloto na margem.

Lembro-me da sensação de profunda tristeza e essa não seria a última vez. Eu estava no país havia menos de vinte e quatro horas. Ligados à Equipe 5, éramos conhecidos como músculos extras para situações particularmente perigosas. Nossa missão básica era a vigilância e o reconhecimento especiais, fotografando pontos-chave e áreas perigosas, utilizando lentes fotográficas inacreditáveis.

Carregávamos tudo sob o manto da escuridão, esperando, pacientemente, durante muitas horas, de olho na retaguarda e no alvo, mandando fotos computadorizadas para a base, virtualmente de dentro das mandíbulas do inimigo.

Geralmente trabalhávamos numa unidade bem pequena de SEALs. Lá fora, sozinhos. Esse tipo de reconhecimento de área em curta distância é o trabalho mais perigoso de todos. É solitário e frequentemente maçante, muito arriscado. Às vezes, particularmente com um líder terrorista valioso, podemos entrar para pegá-lo, tentando sair com ele vivo. Brutalmente, sem piedade. De maneira geral, os SEALs treinam as melhores unidades de reconhecimento do mundo.

Sempre me faz rir quando leio sobre os "orgulhosos guerreiros da liberdade no Iraque". Eles não têm orgulho. Venderiam as próprias mães por cinquenta pratas. Entrávamos numa casa, agarrávamos o cara que achávamos ser o líder e o levávamos até o lado de fora, na rua. A primeira coisa que ele dizia era: "Ei, ei, não eu. Você quer aqueles caras da casa do fim da rua". Ou: "Dê-me dólares e eu lhe digo o que quer saber".

Diriam, e disseram. E o que nos disseram era extremamente valioso, com muita frequência. A maioria daqueles golpes militares, como o extermínio dos filhos de Saddam e a captura do próprio Saddan, foi fruto da inteligência militar. Alguém do lado deles os vendeu, como venderam centenas de outros. Qualquer coisa por uma prata, certo? Orgulho? Aqueles caras nem sabem como se escreve.

E esse grau de inteligência é geralmente obtido a duras penas. Entrávamos rápido, ingressando nas regiões mais perigosas da cidade, gritando pelas ruas em veículos multifuncionais ou até descendo de cordas, dos helicópteros, se necessário. Avançávamos, a cada quarteirão da cidade, num movimento cauteloso, pelo escuro, prontos para que alguém abrisse fogo sobre nós, de uma janela, um prédio, em algum lugar do outro lado da rua, até de uma torre. E acontecia o tempo todo. Algumas vezes, revidávamos os tiros, sempre com um efeito bem mais mortal do que nosso inimigo podia suportar.

E, quando alcançávamos nosso objetivo, ou entrávamos com marretas e um tipo de pé-de-cabra que arranca a porta do caixonete, ou amarrávamos o demolidor em volta da fechadura e explodíamos o filho-da-mãe para dentro. Sempre nos assegurávamos de que a explosão fosse direcionada para o lado de dentro, caso alguém estivesse esperando atrás da porta com um AK-47. É difícil sobreviver quando a porta vem direto em cima de você, a 160 km por hora, à queima-roupa.

Ocasionalmente, se não estivéssemos certos quanto à força oponente atrás da porta, arremessávamos alguns explosivos do tipo *flash-crash*, que não derrubam paredes, mas produzem ruídos estrondosos, quase ensurdecedores, seguidos de lampejos de luz branca. Isso desorienta completamente o inimigo.

Nesse instante, nosso homem de liderança conduziria o grupo ao interior do

prédio, o que sempre era um choque para os residentes. Mesmo se não usássemos o *flash-crash*, eles logo acordavam e davam de cara com um grupo de homens mascarados, de metralhadoras apontadas, gritando, desafiando alguém que se mexesse. Embora essas casas urbanas iraquianas fossem, em sua maioria, de dois andares, os iraquianos costumam dormir no térreo, todos juntos, na sala.

Poderia haver alguém lá em cima, tentando nos alvejar, o que seria um problema. Geralmente resolvíamos isso com uma granada bem mirada. Isso pode soar insensível, mas nossos companheiros de equipe confiam inteiramente no colega com a granada, pois o cara lá em cima também pode ter uma, e o perigo tem de ser eliminado. Para nossos companheiros. Com os SEALs, é sempre a nossa equipe. Sem exceção.

No entanto, na sala térrea, onde os iraquianos agora se encontravam rendidos, buscávamos pelo líder, o cara que sabia onde os explosivos estavam armazenados, o cara que tinha acesso ao *kit* de confecção das bombas, ou armas apontadas diretamente para os soldados americanos. Ele geralmente não era tão difícil de ser encontrado. Colocávamos uma iluminação ali dentro e o levávamos diretamente para a janela, para que o pessoal do lado de fora, junto com a inteligência, pudesse comparar seu rosto com as fotografias.

Frequentemente, essas fotos eram tiradas pela equipe em que eu trabalhava e a identificação era rápida. E enquanto esse processo se desenrolava, a equipe SEAL fazia a segurança da propriedade, o que significa assegurar que os iraquianos detidos nessa prisão domiciliar não tivessem acesso a qualquer tipo de armamento.

Nesse momento, os SEALs chamados A-guys surgiam, muito profissionais, muito frios, imperturbáveis, para os procedimentos exigidos nos interrogatórios. Eles prezavam, acima de tudo, a qualidade de conteúdo do informante, dados inestimáveis que poderiam salvar dúzias de vidas americanas. Do lado de fora, nós geralmente tínhamos uns três ou quatro SEALs patrulhando ao largo, para manter a inevitável aglomeração à distância. Quando isso estava sob controle, com a orientação-A, interrogávamos o líder, exigindo que ele informasse o local de ação de sua célula terrorista.

Às vezes, conseguíamos um endereço. Às vezes, nomes de outros líderes. Outras vezes, um homem podia nos informar sobre depósitos de armas, mas isso geralmente exigia dinheiro. Se o cara que prendêssemos fosse particularmente teimoso, nós o algemávamos e o enviávamos de volta à base para um interrogatório mais profissional.

Mas, em geral, ele falava algo. Era assim que juntávamos as informações

necessárias para a inteligência, de modo a localizar e capturar aqueles que ainda lutavam para Saddam Hussein, mesmo que seu governo tivesse caído, mesmo que suas tropas tivessem se rendido e o país estivesse temporariamente sob o controle americano e britânico. Aqueles foram dias perigosos, durante a conclusão formal do conflito.

Sendo alvejados de telhados, alertas quanto aos carros-bomba, aprendemos a lutar como terroristas, noite após noite, deslocando-nos como animais selvagens pelas ruas e vilas. Não há outra forma de ser um terrorista. Você tem de lutar como ele ou ele certamente o matará. Por isso fomos tão duros ao entrar, tomando casas e prédios de assalto, explodindo as portas, atuando estritamente segundo os métodos experimentados e confiáveis dos SEALs, que trazemos enraizados pelos anos de treinamento.

Porque seu inimigo precisa acabar por temê-lo, entender a sua supremacia. Isso nos foi ensinado, lá fora, na linha de frente do exército americano. E por isso que talvez não tenhamos perdido um SEAL sequer durante a minha estada de longos meses no Iraque. Porque seguíamos o livro. Sem erro.

Ao menos, nada significativo. Embora eu admita que minha primeira semana no Iraque foi sujeita a… bem… a alguns pequenos erros de julgamento, depois que encontramos um depósito de munição da insurgência iraquiana, durante um patrulhamento ao longo de um rio, enquanto alguns tiros esporádicos foram disparados em nós, partindo do lado oposto. Há alguns oficiais militares que talvez considerassem a ideia de simplesmente pegar o estoque e confiscar o explosivo.

Os SEALs reagem de forma um pouco diferente e geralmente procuram uma solução mais rápida. Não é bem… *ei, esse lote tem que ir*. Mas optamos por um referencial mais abrangente. Plantamos nossos próprios detonadores no prédio e deixamos por conta de nosso cara de descarte de explosivos. Ele nos posicionou bem atrás, mas alguns de nós ficamos em dúvida se seria distante o suficiente.

“Sem problema. Fiquem onde estão.” Ele estava confiante.

Bem, aquela pilha de bombas, granadas e outros explosivos subiu como uma bomba nuclear. Em princípio, houve apenas poeira e pedacinhos de concreto voando ao redor. Mas as explosões foram aumentando e os pedaços de concreto do prédio começaram a chover em cima da gente.

Os caras mergulhavam por todo lado, dentro e embaixo dos caminhões, em qualquer lugar para sair do caminho. Um dos nossos pulou dentro do rio Tigre! Podíamos ouvir os pedaços de rocha e partes das paredes de barro caindo sobre

nós, atingindo os caminhões. Foi incrível que ninguém tenha morrido ou se ferido.

Quando tudo finalmente ficou em silêncio, rastejei para fora, ileso. O organizador da explosão estava bem ao meu lado. “Lindo”, disse eu. “Mas isso foi muito bom, não?” Desejei que Mikey Murphy estivesse lá. Ele teria falado alguma coisa melhor.

Trabalhamos por quase três meses com a Equipe SEAL 5, nos arredores dos subúrbios de Bagdá. Foi quando realmente ralamos na batalha, vasculhando as ruas, enxotando os insurgentes de qualquer lugar onde se escondessem. Precisávamos de toda a nossa habilidade, ao nos deslocarmos pelos quarteirões, abrindo fogo na noite, quando nos deparávamos com cruzamentos estranhos e sombrios.

O problema era que os lugares frequentemente pareciam normais. Mas, ao chegar perto, você se dava conta de que havia buracos nos prédios. Alguns deles só tinham a fachada e toda a área traseira havia sido bombardeada quando as tropas americanas lutavam, perseguindo o assassino Saddam Hussein.

Embora sempre nos encontrássemos em ruas que pareciam respeitáveis, na verdade eram pilhas de escombros, esconderijos perfeitos para insurgentes ou até terroristas muçulmanos sunitas, ainda lutando por seu líder anterior.

Houve uma noite dessas em que quase fui morto. Segui para a calçada, com meu rifle em punho, atirando para dar cobertura aos meus companheiros de equipe. Lembro disso claramente. Eu estava em pé, em cima de uma bomba, diretamente acima, e nem vi.

Um dos caras gritou: *Marcus! Saia daí!* E ele veio direto em minha direção e me atingiu com todo o peso de seu corpo e nós dois saímos rolando pelo meio da rua. Ele levantou primeiro, literalmente me arrastando. Instantes depois, nosso esquadrão antibomba a detonou. Ainda bem que nós dois já estávamos fora de alcance, pois era um explosivo improvisado, de fundo de quintal. Apesar disso, ele teria me matado, ou, no mínimo, danificado meu equipamento nupcial.

Foi apenas mais um exemplo de como você tem de ser perspicaz para usar o tridente SEAL. Durante o treinamento, repetidamente, dizem-nos para jamais sermos complacentes, lembram-nos constantemente da imprevisibilidade de nossos inimigos terroristas, da necessidade de vigilância em todas as horas e do imperativo de tomarmos conta de nossos companheiros de equipe. Todas as noites, antes de nossa missão, um dos oficiais seniores diria: “Agora vamos, caras. Façam cara de quem está no jogo. Isso é para valer. Concentrem-se. Assim, sobreviverão”.

Aprendi muito sobre mim mesmo lá fora, com a Equipe 5, nos deslocamentos na escuridão, ziguezagueando pelo solo, jamais fazendo a mesma coisa duas vezes. Isso é o que o exército faz, tudo do mesmo jeito. Nós agimos de forma diferente, porque somos uma força bem menor. Mesmo atuando numa cidade grande, nunca viajamos em grupos de mais de vinte, e as unidades de reconhecimento consistem em apenas quatro homens.

Tudo isso faz seus sentidos se multiplicarem dez vezes, ao se deslocar, silenciosamente, por entre as sombras, usando o espaço vazio, as áreas onde o inimigo não consegue ver. Alguém nos descreveu como guerreiros das sombras. Ele estava certo. É o que somos. E sempre temos um objetivo muito claro, geralmente um cara, uma pessoa que é responsável por gerar o problema: o terrorista ou estrategista líder.

E há todo um código de conduta a ser lembrado quando você finalmente o captura. Antes de tudo, fazê-lo largar a arma e sentar o rabo no chão. Ele geralmente faz isso sem reclamar muito. Caso decida contra, nós o ajudamos a ir para o chão, rapidamente. Mas nunca, jamais, viramos de costas, nem por uma fração de segundo. Nunca damos a esses caras nem um centímetro de espaço. Porque ele irá pegar o rifle e atirar em você, à queima-roupa, no meio das costas. Ele pode até te cortar a garganta, se tiver uma chance. Ninguém tem tanto ódio quanto um terrorista. Até que tenha encontrado um desses caras, você não entende o significado da palavra *ódio*.

Encontramos terroristas meio treinados ao redor do mundo todo, a maioria mal treinada, para lidar com uma arma letal de qualquer tipo, principalmente aquelas Kalashnikovs russas que eles usam. Antes de tudo, a porcaria do troço é imprecisa e, nas mãos de um histérico, como a maioria, as armas cospem bala para todos os lados. Quando esses caras vão atrás de um americano, geralmente abrem fogo cegamente, numa esquina, sem mirar nada específico, e acabam matando três civis iraquianos. Só pela oportunidade de atingir o soldado americano que queriam.

Em 1º de maio de 2003, o presidente Bush anunciou que a fase militar estava concluída. Quatro dias depois, foi revelado que Saddam Hussein e seu filho haviam roubado um bilhão em espécie do Banco Central. Nessa época, com a busca pelas armas de destruição em massa ainda em curso, foi-nos designado o gigantesco lago Buhayrat ath Tharthar, onde supostamente haveria um grande esconderijo camuflado por Saddam.

Era uma grande extensão de água, de uns oitenta quilômetros e, em alguns lugares, com uma largura de quase cinquenta quilômetros, posicionado numa

planície verde, entre os rios Eufrates e Tigre, ao sul de Tikrit. Há uma imensa represa numa das extremidades e fomos posicionados logo ao sul, num lugar chamado Hit. Parecia apropriado. Então equipamos-nos e vasculhamos as águas profundas e limpas do lago por aproximadamente uma semana, cada centímetro dele. Estávamos atuando em botes infláveis Zodiacs e não encontramos nada além de um pneu de bicicleta e uma escada velha.

Conforme as semanas se passavam, o clima esquentava, chegando, às vezes, perto de 46 °C. Prosseguimos trabalhando noite adentro. Havia vezes em que tudo parecia ficar mais calmo, então, em 4 de julho, uma voz gravada, que a rede de televisão al-Jazeera disse ser de Saddam, urgia a todos que se juntassem à resistência e lutassem, até a morte, contra a ocupação americana.

Achamos aquilo meio estúpido, pois não estávamos tentando ocupar nada. Estávamos apenas tentando impedir que aqueles malucos explodissem e exterminassem a população civil do país que acabáramos de libertar de um dos maiores bastardos da história.

O que pensávamos não interessava muito. Exatamente no dia seguinte, uma bomba explodiu numa cerimônia de formatura de uma nova turma de policiais iraquianos, treinados pelos Estados Unidos. Sete novos policiais foram mortos e mais setenta ficaram feridos. Só Deus sabe para quem aquilo fazia sentido.

Continuamos nossas operações em busca dos principais insurgentes, forçando ou subornando para tirar deles as informações. Mas seu contingente já parecia ilimitado. Independentemente de quantos derrubássemos, sempre havia mais. Foi por volta dessa época que ouvimos, pela primeira vez, sobre o surgimento, no Iraque, de um grupo sinistro que se denominava al-Qaeda. Era uma organização terrorista sem disfarces, dedicada à destruição e ao assassinato, principalmente dos nossos.

No entanto, todo o movimento recebeu um forte golpe moral, em 22 de julho, quando Uday e Qusay, filhos de Saddam, no mínimo tão diabólicos quanto o pai, foram finalmente capturados numa casa em Mosul. Não estou autorizado a falar dessa operação altamente confidencial, exceto mencionar que os dois foram mortos quando as forças especiais americanas derrubaram o prédio inteiro. Suas mortes foram inteiramente em decorrência do fato de que alguns de seus devotados e leais camaradas, orgulhosos de sua luta pela liberdade, os traíram. Por dinheiro. Da mesma forma que viriam a fazer mais tarde, com Abu Musab al-Zarqawi.

Apesar de todo o nosso empenho, os homens-bomba simplesmente continuaram, jovens iraquianos convencidos pelos ensinamentos dos aiatolás

extremistas de que o assassinato daqueles que viam como inimigos lhes abriria os portões do paraíso – que as três trombetas soariam e eles atravessariam a ponte rumo aos braços abertos de Allah e a felicidade eterna.

Portanto, eles simplesmente voltaram a fazer aquilo direto. Uma bomba matou um soldado americano, em 26 de agosto, o que significava que agora havia mais vidas americanas perdidas desde o fim do conflito do que durante a batalha. Em 29 de agosto, uma explosão de um carro-bomba, do lado de fora de uma mesquita xiita, em Najaf, matou oitenta pessoas, incluindo o reverenciado e adorado líder xiita Aiatolá Muhammad Baqir al-Hakin.

Em nossa opinião, aquilo começava a fugir ao controle rapidamente. Parecia que não importava o que fizéssemos, independentemente de quantos desses doidos nós cercássemos, quanto explosivo, bombas ou armas localizássemos, sempre surgia mais. E sempre mais jovens contentes em pegar aquele atalho rumo às trombetas, passando direto pela ponte para se conectar com a felicidade.

A essa altura, fim de agosto, a questão das WMDs (*weapon of mass destruction*, ou armas de destruição em massa) se tornava mais urgente. Hans Blix, chefe de inspeção de armas dos Estados Unidos, havia se aposentado da vida pública e o exército americano agora mantinha olho vivo. Sob nosso ponto de vista, a questão de Saddam Hussein ter ou não armas químicas biológicas estava respondida. Claro que tinha. Ele as usou em Halabja, certo?

Imagino que, nessa época, a pergunta na mente do público americano era: *ele tinha uma arma nuclear, uma bomba atômica?* Mas, é claro, essa não é a pergunta mais significativa. A que conta é: *ele tinha um programa nuclear?*

Porque isso significaria que ele estava tentando produzir armas com urânio 235. Isso é obtido com a utilização de uma centrífuga que põe em giro o urânio 238, deslocando, assim, os nêutrons pesados para fora; é como tirar a água da alface numa centrífuga. É um processo e tanto e leva até sete anos. Se tudo transcorrer sem problemas, nessa época você corta as beiradas externas do urânio e obtêm um naco grande de molécula pesada de urânio 235. Cortando isso ao meio e lançando os dois pedaços juntos, através de um explosivo potencial, num espaço confinado de alumínio, como um foguete ou uma bomba, temos Hiroshima, mais uma vez.

E essa é a questão: estaria Saddam centrifugando urânio para obter o 235 e, se positivo, onde adquiriu o urânio, para começar? E onde estava conduzindo seu programa? Lembre, não há nenhum outro motivo no mundo para se querer urânio 235, exceto para se fazer uma bomba atômica.

Sabíamos que as agências de inteligência americanas acreditavam que ele tinha tal programa, que em algum lugar, em seu vasto país – é maior que a Alemanha, tão grande quanto o Texas – havia centrífugas tentando manufaturar a substância mais perigosa do mundo.

Essa era toda a informação que tínhamos. Mas sabíamos o que tínhamos que procurar e certamente o reconheceríamos se encontrássemos. Será que Saddam, de fato, possuía o artigo completo, uma bomba ou míssil atômico precisamente ajustado? Provavelmente não. Ninguém nunca pensou que ele tivesse. Mas, como disse o ex-secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, certa vez: "O que você quer fazer? Deixá-lo lá, até que ele tenha?".

Você deve lembrar que a CIA acreditava ter descoberto provas decisivas a partir de fotos de satélite daqueles imensos caminhões andando pelas rodovias do Iraque: quatro deles, geralmente em comboio, todos grandes o suficiente para abrigar duas centrífugas. A opinião aceita era que Saddam possuía um programa de centrifugação móvel que não podia ser encontrado facilmente e, na verdade, seria perdido ou enterrado no deserto, ou, alternativamente, levado através da fronteira para a Síria, ou até a Jordânia.

Bem, nós encontramos esses caminhões, escondidos no deserto, estacionados juntos. Mas o interior de cada um deles havia sido severamente saqueado. Não restara nada. Vimos os caminhões e, em minha opinião, alguém removeu o que continham com muita pressa.

Também vi o campo de treinamento da al-Qaeda, ao norte de Bagdá. Ele fora abandonado, mas havia total evidência de fortes ligações entre o ditador iraquiano e os futuros combatentes de Osama bin Laden. Os traços militares do campo estavam por toda parte. Alguns dos caras que haviam estado no Afeganistão disseram que era a réplica exata de um campo que os Estados Unidos haviam destruído após o 11 de Setembro.

Houve muitas vezes em que estávamos realmente perseguindo sombras, naquela vastidão escaldante e arenosa. Principalmente em nossas buscas costeiras. Lá longe, frequentemente em territórios desérticos fora do mapa, próximos à água, víamos lança-foguetes a distância e íamos dirigindo até eles, para descobrirmos que eram apenas chamarizes, imensos contêineres falsos de mísseis apontando para o céu, feitos de velhas barras de ferro.

Depois de dois dias dirigindo pelo interior acidentado, num calor inacreditável, isso representava uma inconveniência muito séria. Se nossa equipe tivesse acabado encontrando Saddam em seu buraco, provavelmente o teríamos matado por muitos motivos, mas, principalmente, pela força desperdiçada

naquelas viagens pelo deserto. (Estou brincando.)

Vou dizer uma coisa. Aquele presidente iraquiano era um demônio astuto, correndo e se escondendo por seus treze palácios, fugindo à captura, fazendo gravações, convocando suas forças armadas a continuar a nos matar, incentivando os insurgentes a prosseguir a guerra contra o grande Satã (nós).

Aquilo lá foi duro. Mas, de várias formas, sou grato pela experiência. Aprendi precisamente o quão revoltoso e astuto o inimigo pode ser. Aprendi a jamais subestimá-lo. E aprendi a me manter atento ao meu jogo todo o tempo, de modo a lidar com isso. Sem complacência.

Olhando para trás, durante nossa longa jornada no C-130, ao Afeganistão, eu estava mais atento ao problema crescente que confrontava as forças americanas em serviço, ao redor do mundo todo. Para mim, isso começou no Iraque, os primeiros murmúrios da parte liberal dos EUA de que nós, de alguma forma, estávamos errados, éramos assassinos brutais, provocando outros países; que nós, que colocamos nossas vidas em jogo por nossa nação, sob o comando de nosso governo, de algum modo, deveríamos ser julgados por atirar em nosso inimigo.

Foi uma progressão traiçoeira das críticas às forças armadas americanas, por parte de políticos e da mídia liberal que não sabem nada de combate, nada de nosso treinamento e nada dos perigos mortais que enfrentamos lá fora, na linha de frente. Cada um de nós seis, na aeronave em rota ao Afeganistão, trazia sempre, em nossas mentes, as sempre inoportunas regras de conduta (RDC).

Elas são elaboradas por algum político sentado numa sala longínqua, em Washington D.C., para que nós as sigamos. E isso é bem distante do campo de batalha, onde a bala de um rifle pode estourar seus miolos, onde o menor erro pode lhe custar a vida, onde você precisa matar seu inimigo antes que ele o mate.

E essas RDCs são muito específicas: não podemos abrir fogo até que abram fogo contra nós ou tenhamos identificado, positivamente, nosso inimigo, assim como a prova de suas intenções. Ora, mas isso é muito nobre. Mas e quanto a um grupo de soldados americanos que vem patrulhando há inúmeros dias, já recebeu tiros, esquivou-se de foguetes e granadas e bombas caseiras, vem lidando com baixas, e está quase exausto e talvez ligeiramente receoso?

E se um bando de caras vestindo toalhas coloridas em suas cabeças e brandindo AK-47s surge no horizonte vindo direto em sua direção? Você espera que eles comecem a matar a sua equipe ou tritura os bastardos antes que eles tenham a chance de fazê-lo?

A situação pode parecer simples em Washington, onde os direitos humanos

dos terroristas frequentemente são a prioridade. E estou certo de que os políticos liberais defenderiam sua posição até a morte. Porque todo mundo sabe que os liberais jamais estiveram errados a respeito de coisa alguma. Pode perguntar a eles. A qualquer hora.

No entanto, sob o ponto de vista de um soldado combatente americano, um *ranger*, um SEAL, ou boina-verde, o que for, aquelas RDCs representam um sério enigma. Compreendemos que precisamos obedecer, por estarem dentro da lei do país que juramos servir. Mas elas representam um perigo para nós; minam nossa confiança no campo de batalha, na luta contra o terror mundial. Pior ainda, elas nos preocupam, desanimam e, às vezes, nos fazem hesitar.

Posso dizer, por experiência própria, que aquelas regras de conduta custaram as vidas de três dos melhores SEALs que já serviram na Marinha americana. Não estou dizendo que, dada a gravidade da situação, aqueles guerreiros de elite americanos não teriam morrido um pouquinho depois, mas não teriam morrido naquele instante e, sob meu ponto de vista, é quase certo que estariam vivos hoje.

Tenho esperanças de que, num dia próximo, o governo americano irá aprender que pode confiar em nós. Sabemos sobre os caras maus, o que fazem e, frequentemente, quem são. Os políticos optaram por nos mandar para a batalha e esse é o nosso ofício. Fazemos o que for necessário. E, em minha opinião, já que esses políticos escolheram nos enviar até lá para fazer o que 99,9% do país ficaria aterrorizado em enfrentar, eles deveriam sair da porcaria do caminho e ficar fora dele.

Todo esse negócio de crimes modernos de guerra, como identificados pelas alas liberais da política e da mídia, começou no Iraque, e vem descendo a ladeira, desde então. Todo mundo tem que meter o bedelho, tagarelando sobre o direito do público de saber.

Bem, segundo a opinião da maioria dos SEALs, o público não tem esse direito de saber. Não se isso significa colocar nossas vidas em perigo desnecessário porque alguém em Washington está perturbando quanto aos direitos humanos de algum terrorista fanático, que nos mataria assim que nos visse, como faria com qualquer outro americano a quem pudessem apontar o seu AK caindo aos pedaços.

Se o público insiste em seu direito de saber, o que duvido muito, talvez as pessoas devam ir lá enfrentar os terroristas armados, decididos a matar cada um dos americanos que puderem.

Eu juro a você que cada insurgente, combatente da liberdade, e atirador

independente no Iraque que nós prendemos sabia o caminho das pedras. Sabia que o meio de se safar era anunciar ter sido torturado pelos americanos, maltratado, ou impedido de ler o Alcorão, ou de comer, ou de assistir à televisão. Todos eles sabiam que a al-Jazeera, a estação de televisão árabe, transmitiria e isso seria retransmitido aos EUA, onde a mídia liberal alegremente acusaria a nós todos de assassinos bárbaros, ou algo assim. Aquelas organizações terroristas riem da mídia americana e eles sabem exatamente como usar o sistema contra nós.

Tenho consciência de que não estou sendo específico e não tenho intenção de ser. Mas essas pinceladas mais amplas são para mostrar que as regras de conduta são um perigo claro e presente, amedrontando os jovens soldados que foram colocados em risco por seu governo, induzidos a crer que podem ser acusados de assassinato caso venham a se defender com vigor excessivo.

Não sou uma pessoa política e, como um SEAL, jurei defender o meu país e executar os desejos de meu comandante supremo, o presidente dos Estados Unidos, seja ele quem for, republicano ou democrata. Sou um patriota; luto pelos EUA e por minha terra natal, o Texas. Eu só não quero ver alguns dos melhores jovens do país hesitantes quanto a ingressar nos serviços das forças armadas americanas por temerem a possibilidade de serem acusados de crimes de guerra pelo seu próprio lado, apenas por atacarem o inimigo.

E eu sei de uma coisa, com certeza. Se um dia, eu contornasse uma montanha do Afeganistão e ficasse cara a cara com Osama bin Laden, o homem que, sem ter sido provocado, idealizou o ataque cruel ao meu país, matando 2752 civis americanos inocentes, em Nova York, em 11 de setembro, eu atiraria para matar, a sangue-frio.

A esse ponto, forçados pela mídia americana enfurecida, os militares provavelmente iam me levar detido, quem sabe me deixariam lá preso. Depois eu seria acusado de assassinato.

Eu te digo uma coisa. Ainda assim eu atiraria no filho-da-puta.

[1] Tipo de boi de chifres longos, originários dos EUA. (N. T.)

[2] Puro-sangue que ganhou a coroa tripla, em 1973. (N. T.)

[3] Um tipo de raça de pequeno porte, grande velocidade e poder de torque. (N. T.).

[4] Posição de retaguarda no jogo de futebol americano. (N. T.)

2
BABY SEALS… E CROCODILOS GIGANTES

Certa vez, eu lutei com um e fiquei muito contente porque ele resolveu que já era o suficiente e partiu para águas mais calmas. Mas até hoje meu irmão adora lutar com crocodilos só por diversão.

Prosseguimos sobrevoando as margens meridionais do golfo de Oman. Rumamos leste e nordeste por uns 650 km, a 14 mil metros de altitude, acima do mar da Arábia. Cruzamos a 61ª linha de longitude nas primeiras horas da manhã. Isso nos deixava ao sul do porto marítimo de Gavater, na fronteira iraniana, onde a divisa com o Paquistão desce até o oceano.

O chefe Healy roncava baixinho. Axe fazia palavras cruzadas do *New York Times*. E o milagre era que o fone de ouvido de Shane não explodia, com a altura em que ele ouvia seu *rock and roll*.

"Você precisa mesmo tocar essa merda nessa altura, garoto?"

"É maneiro, cara… fica frio."

"Jesus Cristo."

O C-130 rugia em frente, agora seguindo ligeiramente ao norte, subindo na direção da costa de Baluquistão, que se estende por 750 km ao longo da costa do mar da Arábia e comanda, estrategicamente, as rotas de entrada e saída do petróleo do golfo Pérsico. Apesar de chefes tribais muito bravos, o Baluquistão faz parte do Paquistão, desde a separação da Índia, em 1947. Mas isso não deixa os chefes nada felizes com o acordo.

E provavelmente vale a pena relembrar que nação alguma, nem os turcos, os tártaros, os persas, árabes, hindus ou os britânicos, jamais conseguiu conquistar inteiramente o Baluquistão. Aqueles homens tribais se impuseram até mesmo contra Gengis Khan e seus caras eram como os SEALs do século XIII.

Nunca nos dizem, nem a ninguém, a rota precisa das Forças Especiais Americanas ao adentrar país algum. Mas há uma grande base americana no Baluquistão, na cidade costeira de Pasni. Imagino que tenhamos feito nossa aterrissagem em algum lugar por ali, bem antes das primeiras luzes do dia,

depois sobrevoamos quatro cadeias montanhosas, por uns 400 km subindo, até outra base militar, próxima de Dalbandin.

Não paramos, mas Dalbandin fica a uns 80 km da fronteira afegã, e o espaço aéreo ali é seguro. Ao menos, é o mais seguro possível, nesse país selvagem, que fica meio emperrado num triângulo entre o Irã, Paquistão e Afeganistão.

O Baluquistão, com suas montanhas intermináveis, é um porto seguro para muitos recrutas da al-Qaeda em êxodo e combatentes exilados do Talibã, atualmente abrigando até 6 mil desses potenciais terroristas. E, apesar de o chefe Healy, eu e os caras estarmos a 15 km acima desse país pouco populoso dessa terra reticente, ali ainda me dava arrepios e fiquei muito satisfeito quando a equipe de voo finalmente nos disse que estávamos no espaço aéreo afegão, seguindo para o norte por mais 640 km, rumo a Cabul.

Adormeci em algum ponto, sobrevoando o deserto de Regestan, a leste do maior braço de água afegão, o rio Helmand, com uma extensão de 1.200 km, que flui irrigando a maior parte das terras cultivadas do sul.

Não consigo lembrar dos meus sonhos, mas imagino que foram com a minha casa. Geralmente são, quando estou servindo no exterior. Nosso lar é um pequeno sítio próximo às florestas de pinho do leste do Texas, perto da Floresta Nacional de Houston. Moramos no fim de uma longa estrada de terra, numa parte rural solitária, perto de outros dois ou três sítios, um dos quais, nosso vizinho ao lado, é 4 mil vezes maior que o nosso, o que às vezes faz parecer que o nosso é bem maior do que realmente é. Tenho um efeito semelhante em Morgan, meu gêmeo idêntico.

Ele é uns sete minutos mais velho que eu, mais ou menos do mesmo tamanho, 1,94 m, 105 kg. De alguma forma, eu sempre fui considerado o caçula da família. Não dá para acreditar que sete minutos fariam isso com um cara, não é? Bem, mas fizeram e Morgan é persistente em seu *status* de irmão mais velho.

Ele também é um SEAL, pouca coisa atrás de mim na patente, porque eu entrei primeiro. Mas ainda assume o comando quando estamos juntos. E isso é muito frequente, já que dividimos uma casa em Coronado, Califórnia, ao lado das equipes SEAL.

De qualquer forma, há duas ou três casas em nossa propriedade, no Texas, sendo a principal um rancho de pedras, cercado por um grande jardim, com uma pequena plantação de milho e algumas hortaliças. Em toda a nossa volta, até onde a vista alcança, há pastagens pontilhadas por imensos carvalhos e animais. É um lugar calmo para uma família temente a Deus.

Desde pequenos, Morgan e eu fomos criados para acreditar no Senhor. Não fomos forçados a ir à igreja, ou nada disso, e até hoje a família não é de frequentá-la. Na verdade, eu sou o único que vai à igreja com uma certa regularidade. Nos domingos de manhã, quando estou em casa, vou de carro até a igreja católica, onde as pessoas me conhecem. Não fui batizado como católico, mas combina comigo, assimilo facilmente as crenças e doutrinas. Desde bem pequeno, sempre soube recitar o Salmo 23 e alguns outros, do começo ao fim.

Além disso, eu achava o papa João Paulo o homem mais sagrado do mundo, um Vigário de Cristo determinado, cujas diretrizes eram inabaláveis. Um velho durão, o João Paulo. Durão até demais, para os russos. Eu sempre achei que, se ele não fosse vigário, daria um bom SEAL.

Lá em casa, em nosso quintal dos fundos, a vida parece imperturbável. Há algumas irritações mínimas, na maioria cobras. No entanto, meu pai nos ensinou a lidar com elas há muito tempo, principalmente as corais e as víboras de cabeça cor de cobre. Também há cascavéis e *diamondheads*, e as *king snakes*, que comem umas às outras. No lago local, de vez em quando, você vê uma *mocassin*, e ela é um bicho bem danado. Ela te persegue e, apesar de eu não gostar dela, também não tenho medo. O Morgan sai atrás delas por esporte, ele gosta de colocá-las para correr, mantê-las alerta.

A pouco mais de 1 km de nós, adiante na estrada, há um gado de *longhorns*[1] texanos. Além da casa há meia dúzia de estábulos para os cavalos de minha mãe, alguns são dela, outros são hóspedes, pertencentes a outras pessoas.

As pessoas mandam os cavalos para ela cuidar, com seu poder quase místico de transformar animais fracos e deixá-los, novamente, em plena forma. Ninguém sabe como faz isso. Ela simplesmente cochicha para eles. Mas tem modos especiais de alimentá-los, incluindo, para um certo tipo de cavalo de corrida, uma espécie de mistura de semente marinha que ela jura por Deus poder transformar um pônei em um *Secretariat*[2]. Perdão, mãe, estou só brincando.

Sério, Holly Luttrell é uma cavaleira brilhante. E realmente consegue transformar os cavalos que parecem muito fracos em corredores saudáveis. Acho que é por isso que os cavalos não param de chegar. Ela só consegue cuidar de uns dez de cada vez e chega no celeiro às cinco da manhã, para tratá-los. Se você esperar um pouco, pode ver o efeito que ela causa neles, os resultados de suas habilidades óbvias.

Minha mãe é uma texana de sétima geração, embora tenha emigrado, uma vez, para a Cidade de Nova York. Estar lá é como se mudar para Xangai, mas minha mãe é uma loura bem charmosa e queria fazer carreira como comissária

de bordo. Mas não durou muito. Logo voltou ao interior do leste texano para cuidar dos cavalos. Como todos nós, ela sente que o Texas faz parte de seu espírito. Está no meu, no de meu pai e, certamente, na essência de Morgan.

Nenhum de nós viveria em qualquer outro lugar. Aqui, estamos em nosso lar, com gente que conhecemos e em quem confiamos, há muitos anos. Não há ninguém como os texanos em espontaneidade, otimismo, amizade e decência. Tenho consciência de que isso pode não ser aceitável para todo mundo, mas é assim que parece para nós. Ficamos deslocados em qualquer outro lugar. Não é bom fingir o contrário.

Isso pode significar que apenas ficamos com muita saudade de casa, com mais rapidez do que qualquer outro povo. Mas eu vou voltar a viver aqui, quando terminar meu serviço militar. E pretendo, algum dia, morrer aqui. Onde quer que eu esteja no mundo, dificilmente se passa um dia sem que eu pense em nosso pequeno sítio e imenso círculo de familiares e amigos, tomando uma cerveja na varanda da frente e contando histórias cheias de fatos, alguns verdadeiros, outros engraçados.

Então, já que estou no assunto, vou explicar como um garoto da roça, do interior do leste texano, acabou sendo um oficial de primeira linha e líder de equipe dos SEALs da Marinha americana.

A explicação curta é provavelmente o talento, mas eu não tenho muito mais do que o cara ao lado. Na verdade, minhas características natas são bem dentro dos padrões. Sou bem grande, o que foi um acidente de nascença. Sou bem forte, porque muita gente depositou muito tempo me treinando e sou inacreditavelmente determinado, porque, quando você não é naturalmente talentoso como é o meu caso, precisa continuar em frente, certo?

Eu canso qualquer um. Sigo em frente até a poeira baixar. Depois, geralmente, sou o último que continua em pé. Como atleta, não sou muito veloz, mas até que sou bem perspicaz. Sei me posicionar, sou bom em antever as coisas e acho que é por isso que fui um esportista bem razoável.

Dê-me uma bola de golfe e eu consigo bater aquela porcariazinha a 1,5 km de distância. Isso porque o golfe é um jogo que exige prática, prática e mais prática. Esse é o meu tipo de obstinação. Consigo fazer isso. Jogo com um limite razoável, mas não nasci nenhum Ben Hogan. Mas o Ben veio do Texas, como eu. Nós nascemos a uns 150 km de distância e, na minha região, isso é o equivalente a um banco de areia. O Ben, é claro, era conhecido por praticar mais do que qualquer golfista que já viveu. Deve ser algo na água.

Nasci em Houston, mas fui criado próximo à fronteira de Oklahoma. Meus

pais, David e Holly Luttrell, tinham um haras de tamanho razoável, com uns 1200 acres, numa época. Tínhamos umas 125 cabeças ali, na maioria puro-sangue e os quartos de milha[3]. Minha mãe administrava o programa de criação e meu pai cuidava das corridas e das vendas.

Morgan e eu fomos criados com os cavalos, alimentando, dando água, limpando os estábulos, montando. Quase todos os fins de semana, nós íamos para as corridas. Na época, éramos apenas garotos, e nossos pais eram excelentes montadores, principalmente minha mãe. Foi assim que aprendemos. Trabalhávamos no sítio, arrumando as cercas, pegando na marreta quando ainda tínhamos nove anos. Abastecíamos o celeiro, trabalhávamos como adultos, desde bem cedo. Meu pai insistia nisso. E por muitos anos o processo foi muito bem.

Naquela época, o Texas era um paraíso para os negócios. As perfuradoras de petróleo ficavam no lado oeste do Texas e todos que as cercavam estavam se tornando multimilionários. O preço do petróleo subiu 800% entre 1973 e 1981. Eu nasci em 1975, antes mesmo que a onda começasse, e preciso dizer que a família Luttrell estava indo muito bem.

Para meu pai, não era nada criar um belo cavalo a partir de um garanhão de 5 mil dólares e vendê-lo por 40 mil. Ele fazia isso o tempo todo. E minha mãe era um gênio na criação dos cavalos, comprando barato e dedicando meses de cuidados e alimentação impecáveis para produzir jovens corredores que valiam oito vezes o que ela havia pago.

E a criação de cavalos era o segmento certo para se estar. Os cavalos eram páreo com os relógios Rolex, Rolls-Royces, Learjets, Gulfstream 1s, palácios em vez de casas comuns, e barcos, barcos maravilhosos. Os espaços comerciais estavam em alta em todo o estado e novos arranha-céus de quarteirões inteiros estavam sendo construídos. O gasto no varejo estava no auge de todos os tempos. *Cavalos de corrida, lindos. Dê-me seis. Seis, dos velozes, sr. Luttrell. Assim, eu posso ganhar algumas corridas*.

Aquele dinheiro do petróleo tinha grande liquidez e as pessoas estavam fazendo fortunas que tinham o sabor do luxo, qualquer coisa que alimentasse os egos dos caras do petróleo, que gastavam e tomavam dinheiro emprestado a uma taxa jamais vista antes ou desde então.

Não era nada para os bancos fazerem empréstimos de mais de 100 milhões de dólares para os exploradores e produtores de petróleo. Houve uma época em que havia 4500 refinarias em funcionamento nos EUA, a maioria no Texas. Crédito? Isso era fácil. Os bancos te emprestariam um milhão, sem pestanejar.

Veja, na época, eu era apenas um garoto, mas eu e minha família passamos

pelo trauma que estava por vir e, olhe, vou te contar, li um bocado, desde então. De certa forma, fico contente por ter vivido aquilo, pois me ensinou a ser cauteloso, a ganhar meu dinheiro e investi-lo, colocá-lo em algum lugar seguro.

E me ensinou a pensar com muito cuidado sobre o elemento sorte, quando está em alta, e como manter a sua vida sob controle. Há muito tempo descobri que, quando o desastre chegou ao Texas, seus efeitos foram ampliados mil vezes porque os caras da indústria petrolífera acreditavam sinceramente que o dinheiro nada tinha a ver com a sorte. Eles achavam que sua prosperidade vinha de seu brilho próprio.

Ninguém dava muita importância ao fato de que o mundo do petróleo era controlado pelos muçulmanos, no Oriente Médio. Tudo que acontecia tinha raízes na Arábia, com respaldo da política de energia do presidente Carter e o fato era que, quando eu tinha cinco anos de idade, o preço do barril era 40 dólares.

Quando veio o colapso, ele foi causado por um embargo de petróleo e pela revolução iraniana, quando o aiatolá tomou o poder do xá. A chave era ser geopolítico. E o Texas só podia ficar olhando, impotente, conforme a fartura de óleo se manifestava e o preço do barril começou a cair, chegando a uma baixa de 9 dólares.

Isso foi em 1986, quando eu ainda não tinha dez anos. Nesse ínterim, o gigante First National Bank of Midland, do Texas, quebrou, tendo sua falência decretada por inspetores financeiros governamentais. Aquele foi um banco e tanto para cair no ralo, e o efeito dominó refletiu em todo o estado. Uma era de esbanjamento e investimento negligente havia acabado. Os caras que construíam palácios foram forçados a vendê-los, com prejuízo. Você não podia dar um barco de luxo e os revendedores de Rolls-Royce quase saíram do mercado.

Junto com os gigantes comerciais derrubados pela queda do petróleo, lá se foi a fazenda de criação de cavalos de David e Holly Luttrell. Potros e éguas que meu pai tinha, avaliados em 35 a 40 mil dólares, subitamente valiam 5 mil, menos do que custaram para ser criados. Minha família perdeu tudo, incluindo nossa casa.

Mas meu pai é um homem que se ajusta às situações, durão e determinado. E ele reagiu, com um sítio menor, e as técnicas experimentadas e confiáveis da criação de cavalos que ele e minha mãe sempre praticaram. Mas, novamente, tudo deu errado. A família acabou indo morar com meu avô e Morgan dormia no chão.

Meu pai, que, desde que regressara do Vietnã, sempre teve um pé na

indústria petroquímica, voltou a trabalhar e, em pouco tempo, estava de pé, com alguns grandes negócios. Nós nos mudamos da casa de meu avô para uma casa grande, de quatro andares, e os bons tempos pareceram voltar.

Então, um dos negócios foi por água abaixo e, de alguma forma, perdemos tudo novamente e nos mudamos para um tipo de área rural de baixo nível. Sabe, embora meu pai tenha nascido na fronteira de Oklahoma, é um texano de alma. No Vietnã, ele foi um atirador da Marinha, corajoso como um leão. E, no Texas, homens de verdade não ficam de pernas para o ar quando têm dinheiro. Eles vão à luta, correm riscos e, quando acertam grande, querem algo maior. Meu pai é um homem de verdade.

Você pode dizer muito sobre ele, só de ver os nomes que deu aos seus sítios, grandes ou pequenos – Lone Star Farms (Sítio da Estrela Solitária), North Fork Ranch (Rancho da Bifurcação Norte), Shootin' Star (Estrela Cadente). Como ele sempre disse: "Prefiro mirar numa estrela e acertar um toco, do que mirar num toco e errar".

Nem posso descrever o quanto éramos pobres quando Morgan e eu estávamos tentando entrar na faculdade. Eu tinha quatro empregos para pagar o ensino, a pensão e a mensalidade da minha caminhonete. Era salva-vidas na piscina da faculdade e trabalhava com Morgan em construções, jardinagem, cortando grama e fazendo serviços externos. À noite, trabalhava como leão-de-chácara num bar barra-pesada, cheio de caubóis brancos da zona rural, conhecidos como *rednecks*. E ainda passava fome, tentando me alimentar com 20 dólares por semana.

Uma vez, acho que tínhamos perto de vinte e um anos, Morgan quebrou a perna jogando basquete. Quando o levaram para o hospital, Morgan simplesmente lhes disse que não tínhamos dinheiro algum. O cirurgião acabou concordando em operá-lo com um crédito em longo prazo. Mas o anestesista não aplicaria nada em Morgan sem pagamento.

Ninguém é mais durão do que o meu irmão. E ele acabou dizendo: "Tudo bem. Eu não preciso de anestesia. Arrume a perna sem isso. Eu aturo a dor". O cirurgião ficou horrorizado e disse a Morgan que não poderia fazer tal cirurgia sem anestesia. Mas Morgan se manteve firme. "Doutor, eu não tenho dinheiro. Arrume a minha perna e eu aguento a dor."

Ninguém estava morrendo de amores pela ideia, principalmente o cirurgião. Foi quando apareceu Jason Miller, um amigo de faculdade de Morgan, e viu que ele estava em agonia absoluta, e lhe deu os últimos dólares de suas economias para pagar o anestesista. Então, consertaram a perna de Morgan.

Mas estou apressando as coisas. Quando éramos jovens, trabalhando com os cavalos, meu pai era muito, muito duro conosco. Ele achava que boas notas eram tudo, e notas ruins eram simplesmente inaceitáveis. Uma vez, tirei um C em comportamento e ele me bateu com um cinto de sela. Sei que ele fazia isso para o nosso próprio bem, tentando instituir disciplina em seus filhos, o que nos ajudaria mais adiante, na vida.

Mas regia nossas vidas com mão de ferro. Ele nos dizia: “Um dia eu não vou estar aqui. Então, serão vocês dois, sozinhos, e eu quero que compreendam o quanto este mundo é duro e injusto. Quero que vocês dois estejam muito bem preparados para o diabo que for, que possa vir em suas direções”.

Ele não tolerava nada. Desobediência estava fora de questão. Falta de educação era como uma ofensa para enforcamento. Não tinha folga. Fazia questão de bons modos e trabalho duro. E não aliviou nem quando estávamos totalmente falidos. Meu pai era filho de um homem do Arkansas, que vivia na mata, outro caráter de valentia impressionante, e ele nos deu aquela rudeza de andar com as próprias pernas na primeira oportunidade.

Estávamos sempre na floresta, na zona rural fechada, nas matas de pinheiros do Texas, em meio aos carvalhos vermelhos e as seringueiras. Meu pai nos ensinou a atirar com direção aos sete anos, comprou-nos um rifle calibre 22, um Nylon 66. Conseguíamos acertar uma lata de cerveja Miller High Life a uma distância de 130 m. Mas isso é coisa de *redneck*, certo? Garotos *redneck*, na zona rural dos *rednecks*, aprendendo técnicas da vida.

Ele nos ensinou a sobreviver lá fora. O que você podia comer e o que não podia. Mostrou-nos como construir um abrigo, ensinou-nos a pescar. Até nos ensinou a amarrar e matar um javali: soltar dois laços ao redor de seu pescoço e puxar, depois torcer para que ele não te ataque! Eu ainda sei como desossar e assar um.

Em casa, em qualquer um dos sítios, meu pai nos mostrava como plantar e cultivar milho e batata, verduras e cenoura. Muitas vezes, quando estávamos realmente pobres, só vivíamos disso. Olhando para trás, foi um treinamento importante para dois garotos roceiros.

Mas, talvez mais importante de tudo, ele nos ensinou a nadar. Meu pai era um nadador e isso era muito importante para ele. Era soberbo na água e me deixou assim. Em quase tudo, Morgan é naturalmente melhor que eu. É talentoso como corredor, lutador, atirador, navegador terrestre ou aquático. Sempre passa com folga em suas provas, enquanto tenho que ralar muito, estudando, treinando, tentando ser o primeiro homem a entrar e o último a sair. Morgan não precisa

fazer força.

Ele foi o homem de honra de sua turma SEAL, votado por seus companheiros. Eu já sabia que ele o seria, mesmo antes de começar. Só há uma modalidade em que ele não consegue ganhar de mim. Eu sou mais rápido na água e tenho vantagem embaixo dela. Ele sabe disso, embora não consiga admitir.

Havia um lago imenso próximo de onde morávamos e era lá que meu pai nos treinava. Durante os longos verões texanos, ficávamos lá, nadando, apostando corrida, mergulhando, praticando. Éramos como peixes, do jeito que meu pai queria.

Ele passou meses nos ensinando a mergulhar no fundo, primeiro sozinhos, depois com nosso equipamento de mergulho. Éramos bons e as pessoas nos pagavam para tentar recuperar chaves e coisas de valor atiradas na água. Obviamente, meu pai achava isso fácil demais, então, ele estipulava que fôssemos pagos somente se recuperássemos o objeto certo.

Durante essa época, de vez em quando, esbarrávamos com alguns crocodilos de passagem, mas um dos meus grandes amigos do Texas, Tray Baker, nos mostrou como lidar com eles. Eu lutei com um e fiquei bem contente quando o filho-da-mãe resolveu que já havia tido o bastante e partiu para águas mais calmas. Mas até hoje meu irmão gosta de lutar com crocodilos, só por diversão. Ele é maluco, é claro. Mas, às vezes, levamos um barquinho de pesca de fundo plano até o lago e um daqueles crocodilos imensos vem nadar ao lado do barco.

Morgan dá uma olhada rápida – narinas a uns 20 ou 22 cm de distância dos olhos, então ele tem de 2,5 m a 2,7 m de comprimento. Morgan executa um mergulho esticado e angular, direto em cima do crocodilo, atracando suas mandíbulas, trancando-as com os punhos, depois ele o torce ao contrário e sobe em suas costas, o tempo todo mantendo aquelas arcadas imensas fechadas com força e gargalhando do assustado monstro das profundezas.

Depois de alguns minutos, os dois estão fartos daquilo e Morgan o solta. Sempre acho essa a pior parte. Mas nunca vi um crocodilo que tivesse vontade de fazer outra investida em Morgan. Eles sempre dão a volta e nadam para longe da área. Ele só julgou mal uma vez, e sua mão traz uma linha de cicatrizes dos dentes do crocodilo.

Sabe, acho que meu pai sempre quis que fôssemos SEALs. Ele sempre nos falava sobre esses combatentes de elite, as coisas que faziam e os valores que representavam. Em sua opinião, eles têm tudo dos melhores homens da América

– coragem, patriotismo, força, determinação, se recusam a aceitar a derrota, possuem inteligência e *expertise* em tudo que fazem. Sempre nos falou sobre esses caras, ao longo de nossas vidas. E, ao longo dos anos, imagino que isso tenha sido absorvido. Morgan e eu conseguimos.

Eu tinha uns doze anos quando percebi que, sem dúvida, queria me tornar um SEAL. E eu sabia muito mais a respeito do assunto do que a maioria dos garotos de minha idade. Entendia a brutalidade do treinamento, o condicionamento físico exigido e a necessidade de super-habilidades na água. Achei que seria capaz de lidar com isso. Meu pai nos falou sobre a importância da artilharia e eu sabia que podia fazer isso.

Os SEALs precisam se sentir à vontade em terras áridas, ser capazes de sobreviver, até viver na selva, se necessário. Nós já éramos bons nisso. Aos doze anos, Morgan e eu éramos como uma dupla de animais selvagens, sentindo-nos em casa ao ar livre, empunhando uma vara de pescar e uma arma, facilmente capazes de viver da terra.

Mas, no fundo, eu sabia que era necessário algo mais para que chegássemos às melhores equipes de combate do mundo. E isso era o condicionamento físico e a força que só pode ser adquirida por aqueles que buscam ativamente. Nada simplesmente acontece. Você sempre tem que se esforçar.

Em nossa parte do leste do Texas há muitos caras que pertenceram e pertencem às forças especiais, homens de ferro, silenciosos, a maioria heróis não festejados, exceto por suas famílias. Mas eles não servem às forças armadas dos Estados Unidos por reconhecimento ou glória pessoais.

Fazem-no porque, lá no fundo de suas almas fortes, sentem um arrepio ao ver a bandeira americana tremulando sobre a praça, na parada. Os pelos de suas nucas eriçam quando ouvem o hino dos Estados Unidos. Quando o presidente entra nos quartéis, ao som das bandas militares entoando “Hail of Chief” há um momento solene para cada um desses homens – por nosso presidente, nosso país e o que ele representou para o restante do mundo e as muitas pessoas que jamais teriam uma chance sem a América.

Esses homens das forças especiais tiveram outras opções em suas vidas, outros caminhos, caminhos mais fáceis que poderiam ter seguido. Mas olham para os caminhos mais difíceis, aquela calçada estreita que não é para os patriotas de dia ensolarado. Eles seguiram por uma que é destinada ao patriota supremo, uma que pode lhes exigir a vida pelos Estados Unidos da América. Aquela que é compatível somente com aqueles que querem tanto servir a seu país que mais nada importa.

Isso provavelmente não seja de bom-tom para o nosso mundo moderno obcecado pelas celebridades. Mas os caras das forças especiais também não estão nem aí para isso. Acho que você tem de conhecê-los para entendê-los. E mesmo assim não é fácil, pois a maioria é tímida, mais do que taciturna, e fazer com que um deles fale algo como um autoelogio é quase impossível. Eles são claramente conscientes de um chamado superior, pois juraram defender seu país e lutar suas batalhas. E, quando soar o tambor, sairão lutando.

E quando este de fato retumba, os corações de milhares de entes queridos batem mais forte, e esses caras sabem disso melhor do que qualquer um. Porém, para eles, o dever e o compromisso são mais fortes do que qualquer coração apertado. E esses guerreiros altamente treinados automaticamente pegam seus rifles e munição e seguem adiante, obedecendo às ordens de seu comandante.

O general Douglas MacArthur uma vez alertou os cadetes de West Point de que se eles fossem os primeiros a permitir que a Academia Militar Americana falhasse, "um milhão de fantasmas de uniformes marrom, verde, azul e cinza emergiriam das cruzes brancas de seus túmulos, esbravejando as palavras mágicas *Dever, Honra e Pátria*". Não há necessidade de fantasmas para os SEALs da Marinha dos EUA. Aquelas palavras foram gravadas em nossos corações.

E muitos desses homens, aqui no leste do Texas, estariam dispostos a abrir mão de seu tempo livre, sem recompensa alguma, para mostrar aos garotos o que é preciso para se tornar um SEAL, um *ranger* ou um boina-verde. Um que todos nós conhecíamos era um sargento boina-verde que morava próximo. Seu nome era Billy Shelton e, se um dia ele vir isso, vai morrer de constrangimento ao ver seu nome impresso no assunto bravura.

Billy teve uma carreira esplendorosa no exército, em combate no Vietnã, com os boinas-verdes e, depois, servindo o governo numa equipe da SWAT. Foi um dos caras mais destemidos que já conheci e, numa tarde, pouco antes de meu aniversário de quinze anos, tomei coragem e fui até sua casa perguntar se ele poderia me treinar para ser um SEAL. Ele estava almoçando e veio até a porta mastigando. Era um touro, com músculos imensos, pele clara, sem um grama de gordura. Aos meus olhos, parecia capaz de estrangular um rinoceronte.

Fiz minha pergunta hesitante. E ele simplesmente me olhou, de cima a baixo, e disse: "Aqui mesmo. Amanhã, às quatro da tarde". Depois bateu a porta na minha cara. Eu era meio jovem, na época, mas a frase que eu esperava era *Deixe de conversa fiada, certo?*

Todos da região sabiam que Billy treinava garotos para as forças especiais.

E quando ele tinha um grupo nosso correndo pela rua, os carros que passavam buzinavam, nos incentivando.

Ele sempre ignorava e não demonstrava qualquer dó. Nosso programa incluía correr com blocos pesados de concreto nos ombros. Quando Billy nos achava fortes o suficiente, aumentávamos o ritmo, correndo com pneus de borracha, que pareciam recém-removidos de uma nave espacial ou de um trator imenso.

Billy não tinha turmas de exercícios; ele administrava um programa completo de treinamento SEAL para adolescentes. Ao longo dos anos, ele nos colocava na academia levantando ferro, puxando as máquinas de tortura, o ergômetro, correndo pelas estradas, condicionando nossos corpos, suando e treinando.

Morgan e eu morríamos de medo dele. Eu costumava ter pesadelos quando íamos encontrá-lo, na manhã seguinte, pois ele não tinha a menor piedade, pouco importando nossa pouca idade. Estávamos numa turma de meia-adolescência, de uns doze caras.

"Eu vou quebrá-los, mental e fisicamente", ele gritava para nós. "Quebrá-los, vocês me ouviram? Depois vou reconstruí-los, como uma unidade de combate, para que suas mentes e corpos sejam apenas um. Entenderam? Eu vou fazê-los sentir mais dor do que jamais sentiram."

Mais ou menos nessa mesma hora, a metade da turma correu pela própria vida, em vez de encarar esse buldogue, esse ex-*tailback*[4] do Texas que conseguia correr como um caminhão Mack ladeira abaixo. Ele contava com o apoio de uma escola local de segundo grau que lhe permitia usar o ginásio sem custos, para treinar forças especiais em nossa parte do mundo.

"Eu não sou seu amigo", ele gritava. "Não aqui, neste ginásio. Estou aqui para deixá-los bem condicionados fisicamente, treinados, prontos para os SEALs, ou os boinas-verdes, ou os *rangers*. Não estou ganhando nem um centavo para fazer isso. E por isso é que vocês vão fazer isso direito, simplesmente para não desperdiçarem o meu tempo.

"Porque, se qualquer um de vocês fracassar em alcançar a pontuação nas forças especiais, isso não será por serem fracos demais. Isso significará que eu falhei e vou me assegurar de que isso não aconteça, pois, aqui, o fracasso não é uma opção. Vou deixá-los no ponto. Todos vocês. Entenderam?"

Ele nos levava para corridas de 20 km, carregando os blocos de concreto até quase desmoronarmos. Alguns caras ficavam com sangue pisado na parte de trás da cabeça, pela fricção. E ele jamais tirava os olhos de nós, nunca tolerava

brincadeira ou falta de concentração. Simplesmente nos fazia trabalhar, levando-nos ao limite. Toda vez.

Foi isso que formou minha força, me deu base. Assim que aprendi sobre a doutrina de condicionamento físico dos SEALs. Billy era extremamente orgulhoso disso; orgulhoso por passar adiante o seu conhecimento.

E ele só pedia uma devoção imortal pela causa, a disciplina de um guerreiro samurai e pulmões como gaitas de foles. Ele era absolutamente implacável e realmente adorava Morgan e eu, dois dos únicos seis sobreviventes da turma.

Uma vez, quando voltei depois de servir no Iraque, fui vê-lo após umas duas semanas de vida mansa, à base da comidinha da mamãe e ele me expulsou da academia!

"Você está imenso de gordo, um exemplo lamentável para um SEAL e nem suporto olhar para você!", ele berrou. "Suma da minha vista!" Puta merda! Eu saí voando, desci a escada e não me atrevi a voltar até perder 4 kg. Ninguém na região discute com Billy Shelton.

A outra habilidade de que eu precisava ainda estava por vir. Nenhum SEAL pode atuar sem um nível elevado de *expertise* em combate desarmado. Billy me disse que eu precisava fazer aulas de artes marciais o mais rápido possível. E eu encontrei um professor com quem trabalhar. Ao longo da faculdade, estudei e aprendi aquela estranha e mística técnica asiática. Trabalhei naquilo durante muitos anos, em vez de me envolver em outros esportes. E alcancei todos os meus objetivos.

Morgan diz que a verdade é que eu não conheço minha própria força e devo ser evitado sempre.

Segundo qualquer parâmetro, eu tive um início adiantado ao me tornar um SEAL. Tomei consciência da tarefa ainda bem cedo e tive duas forças me impulsionando para a frente: meu pai e Billy Shelton. Tudo que aprendi, além da sala de aula, desde os primeiros anos, parece ter me direcionado a Coronado. Ao menos assim parece, quando olho para trás.

Todos compreendem por que existe uma imensa proporção de desistentes dentre os candidatos a SEALs. E quando penso no que passei durante os anos que antecederam minha chegada lá, nem consigo imaginar o que deve ser para os caras que tentam sem nenhum treinamento prévio. Morgan e eu fomos moldados para ser SEALs, mas nunca foi fácil. O trabalho é brutalmente duro, os regimes de condicionamento físico são severos e inflexíveis como em qualquer programa do mundo livre. As provas são investigativas e difíceis. Nada além do mais alto nível possível é aceitável nas equipes dos SEALs.

E talvez, acima de tudo, o seu caráter esteja sob um microscópio em tempo integral; instrutores, professores, chefes seniores e oficiais estão sempre observando qualquer falha de caráter, a fraqueza que pode, um dia, levar ao comprometimento de seus companheiros de equipe. Não podemos aturar isso. Podemos aturar quase tudo, exceto isso.

Quando alguém lhe diz que ele pertence às equipes SEAL, isso significa que passou por todos os testes, foi aceito por alguns dos mais duros mestres no regime militar. E um curto aceno de cabeça em respeito é de bom-tom, pois é mais difícil se tornar um SEAL do que ingressar no curso de direito da Universidade de Harvard. É diferente, porém mais difícil. Quando alguém lhe disser que pertence a uma equipe SEAL, você sabe que está na presença de um sujeito muito especial. Eu simplesmente nasci sortudo e, de alguma forma, acabei achando o meu caminho com a ética herdada de meu pai. O restante daqueles caras são os deuses das forças armadas americanas. E, nos campos de batalha estrangeiros, eles servem sua nação como lhes é exigido e, na maioria das vezes, sem qualquer reconhecimento.

Eles não fariam de outra forma, pois não compreendem de outra forma. Simplesmente não se atêm a louvores, se esquivam timidamente dos holofotes, mas, no fim, têm sua recompensa preciosa – quando seus dias de combate terminam, sabem precisamente quem são e o que representam. Isso é raro. E ninguém pode comprar.

De volta ao C-130, cruzando o sul do deserto de Regestan, os deuses das forças armadas americanas com quem viajei dormiam, exceto Shane, o deus da praia, que ainda estava ouvindo seu *rock*.

Em algum lugar na escuridão do lado de fora, a estibordo, estava a cidade paquistanesa de Quetta, que tivera certa importância quando os britânicos governavam o lugar. Eles tinham um grande contingente do exército ali e, durante três anos, em meados da década de 1930, o marechal visconde Montgomery, mais tarde vencedor da batalha de Alamein, lecionou ali. O que imagino provar que sou tão viciado em trivialidades militares quanto nas respostas espertas.

No entanto, nós nos mantivemos no curso à esquerda, no lado afegão da fronteira, acho, e continuamos acima da cadeia montanhosa de Hindu Kush. O pico mais ao sul, o mais próximo do deserto, tem 3300 m de altitude. Depois disso fica bem íngreme e era para aquelas montanhas que rumávamos.

Bem abaixo de nós estava a importante cidade de Kandahar, que apenas algumas semanas depois, em 1º de junho de 2005, foi palco de um dos mais

terríveis ataques do Talibã, naquele ano. Um de seus homens-bomba matou vinte pessoas, numa das principais mesquitas de Kandahar. Nesse desastre, no centro da cidade, eles mataram o chefe de segurança de Cabul, que estava participando do funeral de um clérigo que havia sido morto três dias antes, por dois caras numa motocicleta.

Acho que o chefe Healy e eu mesmo, em particular, estávamos bem conscientes dos perigos nesse país dividido. E percebíamos a importância de nossas missões futuras, contendo o fluxo dos recrutas talibãs que seguiam pelos altos picos de Hindu Kush e capturando seus líderes para interrogatórios.

A jornada de sete horas a partir do Barein parecia interminável e ainda estávamos a uma hora ou mais ao sul de Cabul, seguindo ao norte, acima da fronteira traiçoeira que conduz diretamente ao antigo Passo do Khyber e, depois, aos picos colossais e penhascos a norte de Hindu Kush. Adiante, as montanhas desviam entrando pelo Tajiquistão e a China, mais tarde se transformando na ponta oeste do Himalaia.

Eu estava lendo meu guia, processando e digerindo fatos como um detetive de Agatha Christie. Chaman, Zhob, pontos-chave de entrada para o Talibã e a al-Qaeda de bin Laden, à medida que fugiam das bombas e tropas terrestres americanas. Esses homens tribais seguiam ao cume de montanhas de 4800 m, em busca da ajuda dos chefes entediados do Baluquistão, que agora estavam descontentes com Paquistão e Afeganistão, Grã-Bretanha, Irã, EUA, Rússia e qualquer um que lhes dissesse o que fazer.

Nossa área de operação seria bem ao norte dali e passei as horas finais da jornada tentando juntar alguma informação. Mas era difícil chegar lá. O problema era que não havia muita coisa acontecendo naquelas montanhas, eram poucas cidades pequenas e pouquíssimos vilarejos. Realmente engraçado. Nada de muito movimento e, no entanto, por outro lado, tudo quanto é coisa do mundo estava acontecendo: tramas, planos, vilões, terrorismo, inúmeros esquemas para atacar o Ocidente, principalmente os Estados Unidos.

Havia células dos combatentes talibãs apenas aguardando por uma chance para atacar o governo. Havia bandos da al-Qaeda fervilhando ao redor de um líder que quase ninguém vira por diversos anos. O Talibã queria assumir novamente o poder no Afeganistão; a gangue de bin Laden queria a morte e destruição dos cidadãos americanos, uniformizados ou não. De uma forma ou de outra, eles eram um maldito pesadelo, um daqueles que estava se tornando cada vez pior. Motivo pelo qual mandaram nos chamar.

Nas semanas que antecederam nossa chegada houve uma difusão de

incidentes de violência, confirmando o temor geral de que o Talibã, odiado por todos, mais uma vez ressurgia e era uma séria ameaça ao novo governo do Afeganistão. Com o apoio de um contingente de 30.000 homens das tropas americanas e da OTAN, o presidente Hamid Kazai lutava para controlar o país em qualquer lugar fora de Cabul.

Algumas semanas antes, em fevereiro, o Talibã anunciou categoricamente que aumentaria seus ataques ao governo assim que o tempo melhorasse. E dali em diante eles lançaram uma série de ataques com tiroteios e bombardeios de veículos, geralmente direcionados aos oficiais locais e ao clero em favor do governo. Ao sul e adiante, no leste, começaram a armar emboscadas para os soldados americanos.

Talibã é uma palavra estranha. Todos ouviram, assim como insurgentes, sunitas, aiatolá ou Taiwan. Mas o que realmente significa *Talibã*? Eu sofri com eles, que podem ser descritos como o pior tipo possível. Li muito. Os fatos se encaixam à realidade. Aqueles caras são diabólicos, assassinos religiosos fanáticos, cada um deles com um AK-47 e sede de sangue. Quanto a isso, você pode confiar em mim.

O Talibã esteve em proeminência desde 1994. Seu líder original era um clérigo de vilarejo chamado mulá Muhammad Omar, um cara impiedoso que perdeu o olho direito lutando contras as forças de ocupação da União Soviética, na década de 1980. Em meados dos anos 1990, os principais alvos do Talibã, no Afeganistão, antes da minha chegada, eram os cabeças da guerra que (a) formavam os mujahedin (combatentes) e (b) expulsavam os soviéticos do país.

O Talibã fez duas grandes promessas que levaria adiante enquanto estivesse no poder: recuperar a paz e a segurança e reforçar a *sharia*, ou a lei islâmica. Os afegãos, cansados dos excessos dos mujahedins, deram as boas-vindas ao Talibã, que desfrutou de muito sucesso inicial, banindo a corrupção, os sem lei e tornando as estradas seguras para que o comércio florescesse. Isso se aplicava a todas as áreas que estavam sob seu controle.

Começaram sua operação ao sudoeste da cidade de Kandahar e rapidamente se espalharam para outras partes do país. Tomaram a província de Herat, que tem fronteira com o Irã, em setembro de 1995. Um ano depois, seus exércitos tomaram Cabul, a capital afegã, derrubando o regime do presidente Burhanuddin Rabbani e seu ministro de Defesa, Ahmed Shah Massoud. Por volta de 1988, tinham o controle de quase 90% do país.

No entanto, uma vez no poder, o Talibã mostrou a cara. Instaurou uma das mais autoritárias administrações no planeta, que não tolerava qualquer oposição

às suas diretrizes linha-dura. Imediatamente foram introduzidas punições islâmicas antiquíssimas, como execuções públicas para os condenados a assassinatos e amputações das mãos aos que fossem acusados de roubo. Nem posso pensar no tipo de condenação que um estuprador ou adúltero deve esperar.

Televisão, música, esporte e cinema foram banidos, julgados pelos líderes do Talibã como frivolidades. As meninas com idade de dez anos ou acima foram proibidas de frequentar a escola; as mulheres trabalhadoras receberam ordem para permanecer em casa. Foi exigido que os homens deixassem as barbas crescerem e que as mulheres usassem a *burka*. Essas diretrizes religiosas ganharam notoriedade mundial, enquanto o Talibã se esforçava para restaurar a Idade Média numa nação que ansiava para ingressar no século XXI. Suas diretrizes quanto aos direitos humanos eram absurdas e o colocaram em conflito direto com a comunidade internacional.

Mas havia outra questão, que levaria à sua destruição: o papel que exerciam como anfitriões de Osama bin Laden e seu movimento al-Qaeda. Em agosto de 1998, os fanáticos islâmicos bombardearam as embaixadas americanas no Quênia e Tanzânia, matando mais de 225 pessoas. Washington imediatamente confrontou os líderes do Talibã com uma difícil escolha – ou expulsavam bin Laden, a quem o governo americano responsabilizava pelos bombardeios, ou enfrentavam as consequências.

O Talibã recusou terminantemente entregar o convidado saudita que lhes provia um expressivo patrocínio. O presidente Bill Clinton deu ordem para um ataque com mísseis ao principal campo de treinamento de bin Laden, no sul do Afeganistão, que falhou na eliminação de seu líder. Então, em 1999, os Estados Unidos convenceram o Conselho de Segurança das Nações Unidas a impor sanções ao Afeganistão, regido pelo Talibã. Dois anos mais tarde, sanções até mais rigorosas foram instituídas, na tentativa de forçar o Talibã a entregar bin Laden.

Nada funcionou. Nem as sanções, nem a negativa de concessão de um assento ao Afeganistão na ONU. O Talibã ainda estava no poder e continuava a ocultar Osama bin Laden, mas seu isolamento político e diplomático começava a ser absoluto.

Mas o Talibã não se mexia. Usou seu isolamento como um distintivo de honra e resolveu o assunto com um regime ainda mais fundamentalista. O pobre povo afegão percebeu, tarde demais, o que havia feito: entregara o país inteiro a um grupo de lunáticos barbudos que tentavam impor a eles nada além da miséria humana e controlavam cada movimento com regras draconianas, repressivas e

brutais. O Talibã estava tão ocupado tentando escravizar os cidadãos que esqueceu da necessidade de alimento e a fome assolou o país. Um milhão de afegãos deixaram o país como refugiados.

Tudo isso era compreendido pelo Ocidente. Quase. Mas foi preciso um choque horrendo para causar indignação internacional, em março de 2001. Foi quando o Talibã explodiu duas estátuas monumentais de Buda, em Bamiyan, uma delas com 55 metros, a outra com 35 metros de altura, esculpidas numa montanha de pedra no centro do Afeganistão, 230 km a nordeste de Cabul. Isso foi o equivalente a explodir as pirâmides de Gizé.

As estátuas foram derrubadas dos penhascos montanhosos em Bamiyan, que é situada na antiquíssima rota da seda, um trajeto das caravanas que ligava os mercados da China e Ásia central com os da Europa, Oriente Médio e sul da Ásia. Ali também era um dos locais religiosos budistas reverenciados, datado do segundo século, tendo abrigado centenas de monges e muitos monastérios. As duas estátuas eram as maiores esculturas de Buda em pé existentes no planeta.

E sua destruição sumária pelos administradores talibãs do Afeganistão levou diretores e curadores de museus ao redor do mundo a terem uma síncope. O Talibã lhes disse, efetivamente, que se danassem. De quem eram aquelas estátuas, de qualquer forma? Além disso, eles estavam planejando destruir todas as estátuas no Afeganistão, baseando-se no fato de não serem islâmicas.

Os budas de Bamiyan foram destruídos segundo a lei *sharia*. Somente o poderoso Alá merece ser louvado, ninguém ou nada mais. Então está explicado, certo? Louvemos Alá e agora passe a dinamite.

A explosão dos budas fortaleceu a opinião mundial de que algo teria de ser feito quanto aos administradores do Afeganistão. Mas foi preciso outra explosão para provocar uma ação selvagem contra eles. Isso aconteceu em 11 de setembro do mesmo ano e foi o começo do fim do Talibã e da al-Qaeda de bin Laden.

Antes que a poeira baixasse em Manhattan, os Estados Unidos exigiram que o Talibã entregasse bin Laden por ter sido o idealizador do ataque em solo americano. Novamente o Talibã se recusou, talvez não percebendo que o novo presidente americano, George W. Bush, era um sujeito muito diferente de Bill Clinton.

Menos de um mês depois, em 7 de outubro, os americanos, liderando uma pequena força de coalizão, desencadearam um ataque contra o Afeganistão que sacudiu aquela região do mundo até seus alicerces. A inteligência militar americana localizou todos os campos nas montanhas da parte nordeste do país, e os militares lançaram um dos maiores bombardeios aéreos com armas modernas.

Começou com o lançamento de cinquenta mísseis dos navios de guerra e submarinos da Marinha americanos. Ao mesmo tempo, bem depois de escurecer no Afeganistão, vinte e cinco aeronaves cargueiras e quinze bombardeiros terrestres zarparam e destruíram as defesas aéreas do Talibã, sua infraestrutura de comunicação e os aeroportos de Cabul, Jalalabad, Kandahar e Herat. As bombas americanas explodiram as instalações de radares e eliminaram a torre de controle em Kandahar. Essa era a cidade onde morava o mulá Omar, e um bombardeiro naval conseguiu acertar uma bem no meio de seu quintal dos fundos. Mas o bastardo de um olho só escapou.

O Talibã e seu quartel-general militar, agora em chamas, possuíam uma capacidade aérea insignificante, apenas algumas aeronaves e helicópteros, e a Força Aérea americana varreu tudo com nossas bombas inteligentes, como se fosse um treinamento.

Bombardeiros navais decolando de rebocadores acertaram os outros equipamentos militares do Talibã, como veículos pesados, tanques e reservatórios de combustível. Bombardeiros baseados em terra como os B-1, B-2 e B-52 também foram utilizados no ar, e os B-52 despejaram dúzias de bombas gravitacionais de 230 kg, sobre os campos de treinamento terrorista da al-Qaeda, no leste do Afeganistão, lá em cima, nas montanhas perto da fronteira, onde logo estaríamos.

Um dos principais objetivos dos EUA era um pequeno estoque de mísseis de artilharia antiaérea, roubados dos russos ou dos antigos mujahedins. Esses foram difíceis de localizar, e diversos esconderijos foram removidos pelos homens das tribos e escondidos nas montanhas. Escondidos, lamentavelmente, para uso em outro dia.

Uma hora após o início daquele bombardeio noturno, a Aliança do Norte abriu fogo com uma bateria de foguetes de uma base aérea a 40 km ao norte de Cabul. Eles os apontavam direto contra as forças talibãs na cidade. Houve cinco grandes explosões, e a energia elétrica foi interrompida em toda a capital.

Mas os Estados Unidos jamais tiraram os olhos da bola. O verdadeiro objetivo era a total destruição do líder da al-Qaeda, que havia engendrado o ataque infame às torres gêmeas – o Pearl Harbor do século XXI –, conforme o presidente descreveu. E isso significava um golpe maciço na rede sinistra de cavernas e túneis subterrâneos no alto das montanhas, onde bin Laden fez seu quartel-general.

Os mísseis navais amaciaram a área, mas isso era só o começo. O verdadeiro golpe peso-pesado da única superpotência mundial viria na forma de

uma bomba gigante – a BLU-82B/C-130, conhecida no Vietnã como Commando Vault, e agora apelidada de Daisy Cutter. Essa é uma bomba convencional de grande altitude, pesando 7 toneladas, e precisa ser lançada da imensa aeronave MC-130, pois é pesada demais para os compartimentos de qualquer outra aeronave de ataque.

É um troço impressionante. Foi originalmente desenhada para criar clareiras instantâneas para pousos de helicópteros na selva. Seu uso no Afeganistão era como arma de guerra nas cavernas habitadas. Seu raio de alcance mortífero é colossal, provavelmente 275 m. Seu cintilar e som são vistos literalmente a quilômetros de distância. A BLU-82B é a maior bomba convencional já construída e, é claro, não deixa qualquer vestígio de partículas radioativas. (Só para deixar registrado, a bomba atômica de Hiroshima era mil vezes mais poderosa.)

A Daisy Cutter é extremamente confiável, sem qualquer problema com a velocidade do vento ou gradação térmica. Sua técnica explosiva convencional incorpora tanto o agente quanto o oxidante. Não é um explosivo de combustão a ar, como os antigos sistemas FAE (Fuel Air Explosive, ou Explosivo de Combustão a Ar), utilizados para bombas bem menores. Ela tem quase 4 m de comprimento e mais de 1,20 m de diâmetro.

A BLU-82B depende de um posicionamento preciso da aeronave de lançamento, com coordenadas obtidas de um radar térreo fixo ou equipamento de navegação a bordo. A aeronave tem de estar precisamente posicionada antes da contagem regressiva final para o lançamento. O navegador precisa fazer os cálculos de vento e balística com absoluta exatidão. Os efeitos da explosão maciça da bomba significam que ela não pode ser lançada a uma altitude inferior a 1800 m. Sua ogiva, contendo 5700 kg de GSX de pasta fluida (nitrato de alumínio, alumínio em pó e poliestireno), é detonada por um extensor de 96 cm, a alguns metros acima do solo, para que não provoque uma cratera. Toda a explosão ocorre de dentro para fora, produzindo uma pressão de 450 kg a cada 2,5 cm^2. Daí o apelido de Daisy Cutter (Podadora de Margaridas).

Os Estados Unidos nunca especificaram quantos desses troços foram despejados na área de Tora Bora, das montanhas Brancas, onde os campos da al-Qaeda estavam localizados. Mas foram pelo menos quatro, talvez sete. O primeiro, segundo um comunicado público feito pelo Pentágono, foi lançado depois de um relato afirmando que bin Laden havia sido avistado. Nós até podemos imaginar o que uma explosão desse tipo faria dentro das cavernas onde o alto comando e a liderança da al-Qaeda operavam. Não seria muito bom,

mesmo se você estivesse em pé, no meio de um campo, mas numa caverna? Jesus, isso é brutal. Aquele negócio eliminava centenas de inimigos a cada vez.

Os Estados Unidos realmente foram malvados com o Talibã, arrasaram sua fortaleza em Kunduz, ao norte, os descascaram nas planícies de Shomali, ao norte de Cabul, lançaram um tapete de bombas em qualquer lugar onde pudessem estar, ao redor da base aérea de Bagram, para onde, quatro anos depois, nós seguíamos, a bordo do C-130.

No outono de 2001, o Talibã e a al-Qaeda estavam, em sua maioria, fugindo da ofensiva americana ou se rendendo. Nos anos subsequentes, eles se reformularam e saíam juntos, pelo outro lado da fronteira paquistanesa, começando o seu contra-ataque para retomar o Afeganistão.

De alguma forma, esses tribais inflexíveis não apenas sobreviveram ao violento bombardeio americano e escaparam da Aliança do Norte que avançava, como também escaparam de uma das maiores caçadas humanas da história da guerra, frustrando cada vez mais os Estados Unidos, que moveram céu e terra para capturar bin Laden, o mulá Omar e o resto. Acho que sua propensão a correr como diabos da forte oposição e a saída rápida rumo às montanhas do Paquistão, do outro lado da fronteira, lhes permitiu limitar seus recursos humanos e materiais.

Isso também fez com que ganhassem tempo. E enquanto incontestavelmente perdiam muitos de seus seguidores, depois de uma amostra do que os militares americanos poderiam fazer e fariam, eles também tiveram muitos meses para começar a recrutar e treinar uma nova geração de apoiadores. E agora estavam de volta, como um exército combatente efetivo, deslanchando operações de guerrilha contra as forças de coalizão lideradas pelos EUA, apenas quatro anos após terem perdido o poder, sido forçados ao exílio e quase aniquilados.

Conforme nos preparávamos para nossa aproximação final à grande e vasta base americana em Bagram, o Talibã mais uma vez voltava à cena, matando trabalhadores de apoio e sequestrando funcionários estrangeiros da construção. As regiões leste e sul do Afeganistão haviam sido oficialmente designadas como inseguras, devido aos ataques talibãs, cada vez mais ousados. Havia evidências de que eles estariam expandindo sua área de influência, mais uma vez trabalhando estreitamente com a al-Qaeda de bin Laden, formando novas alianças com grupos rebeldes e chefes antigovernamentais. Do mesmo jeito que haviam garfado o poder anteriormente, certo? Lá atrás, em 1996.

Só que dessa vez eles tinham uma ambição primordial, antes de tomar o

poder, e esta era desestabilizar as forças de coalizão lideradas pelos EUA e expulsá-las do Afeganistão para sempre.

Tenho que mencionar os pashtuns, o grupo tribal mais antigo do mundo ainda vivo; há cerca de 42 milhões deles. Vinte e oito milhões vivem no Paquistão e 12,5 milhões, no Afeganistão. Isso significa 42% de toda a população. Há cerca de 88.000 morando na Grã-Bretanha e 44.000, nos EUA.

No Afeganistão, eles vivem principalmente nas montanhas do nordeste e também possuem áreas vastamente populosas no leste e no sul. É um povo orgulhoso que se filiou ao Islã e vive sob um código de honra e uma cultura rigorosos, observando regras e leis conhecidas como Pashtunwalai, que os mantiveram pelos últimos 2 mil anos.

Também são os principais apoiadores do Talibã. Seus combatentes formam a espinha dorsal das forças talibãs, e suas famílias concedem abrigo a essas forças nos vilarejos montanhosos e os protegem, dando refúgio em lugares que pareceriam quase inacessíveis aos olhos ocidentais. Isso não inclui os SEALs da Marinha americana, que possuem olhos ocidentais, mas desconhecem o inacessível. Nós entramos em qualquer lugar.

É fácil ver por que os pashtuns e os talibãs se dão tão bem. Os pashtuns foram a tribo que se recusou a se dobrar ao exército da União Soviética. Eles simplesmente continuaram lutando. No século XIX, lutaram contra os britânicos e estiveram prestes a se render, depois regressaram ao Paquistão. Trezentos anos antes, aniquilaram o exército de Akbar, o Grande, o mais temível soberano da Índia.

Aqueles pashtuns são orgulhosos de sua herança militar e vale lembrar que durante todos os séculos de guerra amarga e selvagem no Baluquistão, tempo em que eles jamais se renderam, metade da população sempre foi pashtun.

O conceito de herança tribal é muito rígido. Envolve laços de sangue, estirpes impressionantes que datam de séculos passados, geração após geração. Você não pode ingressar numa tribo, da forma como se torna um cidadão americano. As tribos não concedem *green cards*, nem passaportes. Ou você é ou não é.

Língua, tradições, costumes e cultura têm um papel, porém, eu repito, você não pode se juntar aos pashtuns. E isso dá a eles uma dignidade e autoestima de aço. Seus vilarejos podem não ser as fortalezas militares que o Talibã deseja, mas os pashtuns não se intimidam facilmente.

O povo é organizado estritamente pelo parentesco; pelo lado masculino, melhor dizendo. A linhagem da tribo descende do lado paterno, dos ancestrais

masculinos. Creio que eles não dão a mínima para a mãe ou os ancestrais dela. As heranças são estritamente para os meninos e os direitos sobre a terra vão direto para os filhos.

Eles têm um provérbio que diz muito: eu contra meus irmãos; meus irmãos e eu contra meus primos; meus irmãos, meus primos e eu contra o mundo. É assim que eles fazem. A formação militar rigorosa tem permitido, repetidamente, que eles vençam os invasores mais sofisticados.

Esse código tribal, o Pashtunwalai, tem exigências de peso: hospitalidade, generosidade e o dever de vingar até mesmo o mais leve insulto. A vida entre os pashtuns é exigente – ela depende do respeito dos companheiros, parentes e aliados. E isso pode ser perigoso. Somente os princípios de honra da tribo impossibilitam a anarquia. Os homens tribais lutarão e até matarão para evitar a desonra a eles mesmos e às suas famílias.

E o assassinato lança todo o sistema numa grande confusão, pois a morte tem de ser vingada; os matadores e suas famílias ficam sob ameaça permanente. O que significa um grande freio à violência. Segundo o que aprendi com Charles Lindhorn, professor de antropologia da Universidade de Boston, os índices de homicídio entre as tribos pashtuns são mais baixos que os índices de homicídio nas áreas urbanas dos Estados Unidos. Sou grato ao professor por seus ensinamentos sobre esse assunto.

O credo talibã vem diretamente do livro de bolso dos pashtuns: as mulheres são os úteros da patrilineagem, os mananciais da honra e continuidade da tribo. Sua segurança e estilo de vida puro é a única garantia da pureza da linhagem. Essa reclusão das mulheres é conhecida como *purdah* e é designada para manter as mulheres ocultas, tomando conta da casa, e isso dá a elas um alto senso de honra.

A *purdah* representa o *status* de fazer parte. O marido de uma mulher pode ir lutar com os invasores enquanto ela controla o lar, desfrutando do amor e respeito de seus filhos, esperando, um dia, reger, como matriarca, as noras e os filhos delas.

Essa é a base da visão talibã das mulheres. E acho que pode dar muito certo no alto do Hindu Kush, mas pode não funcionar tão bem no centro de Houston.

De qualquer forma, houve lutas terríveis nas terras pashtuns, a maioria com forasteiros. Mas o *Pashtunwalai* os manteve intactos. Sua tradição de hospitalidade generosa, talvez a sua maior virtude, inclui o conceito de *lokhay warkawal*. Isso implica a proteção de um indivíduo, particularmente numa situação em que a tribo seja mais fraca do que seus inimigos. Quando a tribo

aceita o *lokhay*, ela assume a guarda e proteção daquele indivíduo diante do inimigo, a qualquer custo.

Eu, talvez acima de todos os visitantes ocidentais, tenha razão para ser eternamente grato por isso.

Estávamos em nossa aproximação final da imensa base americana de Bagram. Agora todos estavam acordados, sete horas após deixarmos o Barein. Era dia e lá embaixo víamos as últimas montanhas sobre as quais tanto ouvimos falar e por entre as quais estaríamos operando, nas semanas seguintes.

Ainda havia neve nos picos altos, reluzindo o branco com o sol nascente. E, abaixo da linha nevada, as escarpas pareciam bem íngremes. Estávamos voando alto demais para visualizarmos as vilas no meio das montanhas, mas sabíamos que estavam lá e era para lá que provavelmente iríamos, no futuro não muito distante.

A enorme pista em Bagram margeia a lateral das instalações, passando por centenas de barracas, fileiras e mais fileiras delas. No solo, podíamos ver as aeronaves e uma porção de helicópteros Chinook estacionados. Não nos preocupamos com quem iríamos compartilhá-los. Os SEALs sempre andam juntos, separados de todos os outros, para evitar conversa à toa sobre missões altamente sigilosas. É claro que todas as nossas missões são altamente sigilosas e nós não falamos à toa, mas outros setores dos serviços militares não são treinados com tanto rigor como nós, e ninguém corre riscos.

Ali estávamos nós, finalmente, na República Islâmica do Afeganistão, um país do tamanho do Texas, cercado de terra por todos os lados, protegido pelos muros de granito que são as montanhas, arrasado pelas guerras ao longo dos anos e ainda em guerra. Exatamente como sempre, os líderes militares estavam tentando expulsar os usurpadores. Nós. E nós não estávamos tentando usurpar nada, apenas tentando impedir o motim tribal sangrento e outra mudança de regime dos eleitos para os ditadores.

Nossa. Aquilo parecia uma tarefa dos diabos. Mas estávamos empolgados. Foi para isso que nos alistamos. Na verdade, mal podíamos esperar para chegar lá e acabar logo com aquilo. E, de certa forma, era até bem simples. De alguma maneira, teríamos que adentrar aquelas passagens infames, nas montanhas, e pôr fim à infiltração clandestina dos guerreiros tribais sem rosto que trilhavam seus caminhos através da fronteira, obstinada e silenciosamente, preparados para a luta ao cair de um turbante.

Sabíamos seu recorde de trilha, e sabíamos que eles podiam se mover pelas

montanhas com muita rapidez. Há séculos dominavam aqueles alpes, cavernas e esconderijos, transformando-os em fortalezas militares invencíveis contra todos os que chegassem.

E eles já tinham enfrentado os SEALs em combate aberto, lá em cima, pois os SEALs haviam sido os primeiros. Estariam preparados, nós sabíamos disso. Mas, como todas as equipes operacionais SEAL, acreditávamos ser os melhores, portanto, o maldito Talibã que abrisse o olho.

Danny, Shane, James, Axe, Mikey e eu. Estávamos ali a negócios, treinados até o último minuto, armados até os dentes, todos prontos para mandarmos os exércitos do Talibã e a al-Qaeda exatamente para o lugar de onde tinham vindo, capturar os líderes e nos livrarmos de qualquer um que fosse perigoso demais para viver. E restaurar a ordem nas montanhas.

Eu estava a 13.000 km de casa, mas podia mandar *e-mails* para minha família e entes queridos. Não tinha muitos confortos, mas em minha mochila havia um DVD *player* e um DVD de meu filme favorito, *O conde de Monte Cristo*, do romance de Alexandre Dumas pai. Para mim, é sempre uma inspiração e eleva meu astral assistir à luta solitária de um homem inocente e corajoso contra as forças dominantes do mal num mundo impiedoso.

Esse é meu tipo de negócio. De costas para a parede. Jamais ceder. Coragem, riscos, ousadia além de comparações. Jamais pensei que meus próprios problemas, em pouquíssimo tempo, se espelhariam naqueles enfrentados por Edmond Dantès e no desespero de seus anos na obscura ilha do forte de Chateau d’If, apesar de ligeiramente diferentes.

E nunca pensei que aquelas palavras inesquecíveis que ele entalhou nas pedras de granito dos muros da mais cruel das prisões também me dariam a esperança; uma esperança solitária, entretanto, esperança. Durante o perigo de minhas horas mais sombrias, eu pensava naquelas palavras, repetidamente, mais vezes que me atrevo a admitir: Deus me dará a justiça.

[1] Bolsa de estudos proveniente da herança deixada pelo milionário Cecil J. Rhodes que permite aos contemplados frequentarem a Universidade de Oxford. (N. T.)

3
UMA ESCOLA PARA GUERREIROS

Estava um breu absoluto e ele estava de óculos escuros, de casaco preto transpassado… “A maioria de vocês não vai estar aqui em alguns meses”, disse o instrutor Reno… “Se vocês não começarem a agir como uma equipe, nenhum de vocês estará aqui.”

Os seis SEALs do Barein pousaram em Bagram, no nordeste do Afeganistão, pouco depois de amanhecer. Percebi que acabo de passar dois capítulos inteiros exclusivamente tratando do importante acontecimento que foi a nossa chegada para trabalhar com as tropas de elite de montanha do exército americano. Ocorreu-me que vocês podem estar se perguntando por que somos tão metidos a superiores a todos os outros, por que nos sentimos no direito de ter nossa marca particular de arrogância.

Sem desejar ser assombrado pelas dúvidas de ninguém quanto a mim ou meus companheiros de equipe, proponho explicar agora mesmo, antes de seguirmos adiante, o motivo específico para nos sentirmos dessa forma em relação ao mundo. Não é uma forma prematura de triunfo e seria absurdo chamar isso de mera confiança. Seria como dizer que o Pacífico é molhado.

É uma forma superior de consciência e não me refiro a ser pretensioso. Já foi dito que somente os muito ricos entendem a diferença entre eles e os pobres, e só os verdadeiramente brilhantes compreendem a diferença entre eles e os relativamente boçais.

Bem, só os homens que passaram pelo que nós passamos entendem a diferença entre nós e o restante. Na área militar, até mesmo o restante compreende o que é preciso para galgar as alturas da excelência em combate. Em meu caso, isso começou desfavoravelmente. Foi lá no sítio, com minha mãe aos prantos, se recusando a sair de casa para me ver partir. Sete de março de 1999. Eu tinha vinte e três anos.

Dizer que eu não estava muito à frente de minha cidade natal seria subestimar-me. A fama de Morgan e a minha não estava ajudando a nenhum dos

dois. Sempre apareciam uns caras para ver o quanto éramos durões. Acho que meu pai considerava uma questão de tempo até que um de nós se deparasse com um pugilista e nos feríssemos seriamente, ou alguém se machucasse para valer. Então, decidi ir embora da cidade e ingressar nos SEALs da Marinha americana. Morgan achou ótima a ideia e me apresentou a um oficial de recrutamento, numa cidade próxima, o oficial de equipe de primeira classe Beau Walsh. Ele me levou até a estação de alistamento militar, em Houston; é lá que ocorre o recrutamento naval.

Naturalmente, logo disse a ele que não havia necessidade de que eu fosse ao campo de treinamento de recrutas. Eu já estava adiantado demais para isso. Sim, senhor, eu podia ir direto para Coronado, onde a briga é de cachorro grande. É isso que quero, já sou um SEAL com metade do treinamento.

Enviaram-me diretamente ao campo de treinamento de recrutas. Assinei os papéis e me preparei para me apresentar para o trabalho em alguns dias. Quando deixei o sítio, não foi uma cerimônia de despedida, mas todos estavam lá, incluindo Beau Walsh e Billy Shelton. Como dito anteriormente, minha mãe estava entocada e reclusa em casa, incapaz de testemunhar a partida de seu bebê. Que era eu.

Meu destino ficava a mais de 1600 km ao norte, no Navy Recruit Training Command (RTC) (Comando de Treinamento de Recrutas Navais), em Great Lakes, Illinois. E posso verdadeiramente dizer que foi onde passei as oito semanas mais infelizes de minha vida toda. Eu nunca tinha visto neve e cheguei no meio da pior nevasca que o centro de treinamento vira em onze anos. Foi como mandar um zulu para o polo Norte.

Aquele vento e a neve vinham uivando, passando pelo lago Michigan, abrindo caminho até a costa oeste, onde estávamos situados, 56 km ao norte de Chicago. Bem na água. Eu não podia acreditar na absoluta miséria daquele clima gélido. O acampamento era um lugar gigantesco, com centenas de recrutas tentando fazer a miraculosa transformação de civis para marujos da Marinha americana. Era uma metamorfose drástica, tanto mental quanto física, e já seria difícil em tempo bom. Mas, naquele gelo, com a neve e o vento, Jesus. As palavras me faltam.

Eu nunca havia precisado de roupas de inverno e não tinha nenhuma. Lembro-me de ter ficado extremamente contente quando a Marinha deu a todos as roupas certas – meias grossas, botas, calças azul-marinho, camisas, suéteres e casacos. Eles nos disseram para dobrar e guardar tudo, mostraram como arrumar nossos beliches, todas as manhãs. Sem perder tempo, logo nos colocaram no

treinamento físico, correndo, fazendo exercícios, marchando, treinando, e muitas aulas.

Eu não tinha muita dificuldade e era excelente na piscina. As exigências eram mergulhar de uma altura mínima de 1,5 m, permanecer boiando por cinco minutos, depois nadar 50 m, em qualquer modalidade de nado. Eu podia fazer isso até dormindo, principalmente sem ter que me preocupar com um possível crocodilo ou *moccasin* aquático.

Correr não seria tão ruim num clima decente, mas o acampamento estava absolutamente glacial e o vento que vinha do lago era cortante. Um pinguim teria problemas lá. Nós corríamos na neve, marchávamos na neve e seguíamos nosso caminho pele neve até as salas de aula.

Na primeira semana, quando estávamos tentando evitar morrer congelados, eles nos instilaram três palavras que estão comigo desde então. *Honra, coragem, compromisso*. O lema da Marinha dos Estados Unidos, os valores essenciais que imediatamente se tornaram os ideais vividos por todos nós. Até hoje eu consigo me lembrar de um instrutor nos dizendo: – O que vocês fizerem com essa experiência aqui em Great Lakes é o que fará de vocês como pessoas. – Ele estava certo. Espero.

Na segunda semana, colocaram-nos no Curso de Confiança. Isso é formulado para simular situações de emergência num navio de guerra americano. Ensinaram-nos a sermos perspicazes, confiarmos em nós mesmos e, acima de tudo, a tomarmos decisões-chave, das quais nossa vida e de nossos companheiros poderiam depender. Aquelas palavras: trabalho em equipe. Elas dominam e infiltram cada um dos aspectos da vida naval. No acampamento de recrutas, eles não apenas lhe dizem, eles o doutrinam. Trabalho em equipe. Era a nova força propulsora na vida de todos nós.

Na semana três, nos colocaram a bordo de um navio de treinamento ancorado. Tudo era treinamento prático, mão na massa. Aprendemos o nome de quase todas as peças que funcionavam naquele navio. Eles nos ensinaram técnicas de primeiros socorros, sinalização com bandeiras de navio para navio. Passávamos muito tempo em sala de aula, onde nos focávamos nos costumes e cortesias da Marinha, as leis do conflito armado, comunicação de bordo, identificação de navios e aeronaves, e marinharia.

Tudo isso era entremeado com testes de treinamento físico, exercícios de flexão, agachamento e abdominais. Nenhuma dessas coisas era problema para mim, mas a corrida de 2,5 km naquele clima era para testar a resistência de um urso polar. Preferiria correr descalço pelo Ártico a ter que fazer aquilo de novo.

Dei tudo. Passei, graças a Deus.

Durante a semana quatro, pela primeira vez pusemos as mãos em armamento – um rifle M16. Até que fui bem rápido nessa parte, é claro, principalmente no tiro livre. Depois disso, a Marinha se concentrou na direção do serviço que cada um de nós queria seguir. Isso também foi fácil para mim. SEALs. Sem conversa fiada, certo?

O curso de combate a incêndio e controle de danos a bordo do navio veio a seguir. E todos nós aprendemos a extinguir focos de incêndio, escapar de compartimentos cheios de fumaça, abrir e fechar portas vedadas pela água, operar o aparato de cilindros de oxigênio e deslocar mangueiras de água. A última parte foi a pior. A Câmara de Confiança. Você entra ali com a sua turma e coloca uma máscara de oxigênio. Depois, alguém solta um tablete de gás lacrimejante e você tem que tirar a máscara, jogá-la na lata de lixo e dizer seu nome todo e número do seguro social.

Todo recruta que se alista na Marinha tem que passar por esse exercício. Ao final, os instrutores deixam claro: você tem o que é preciso. Há um lugar para você na Marinha.

A tarefa final é chamada de estações de batalha. As equipes são confrontadas com doze situações já abordadas nas semanas anteriores. É aí que os recrutas são avaliados individualmente e em equipe. Ao completar isso, os treinadores lhes dão um quepe da Marinha americana e isso diz ao mundo que agora você é um marinheiro. Você provou que pertence à Marinha, que tem o conteúdo certo.

Na semana seguinte eu me formei com meu uniforme de gala, novinho em folha. Lembro de passar pelo espelho e quase não me reconhecer. Bem ali, altivo. Existe algo em se formar no treinamento de recrutas; acho que, em grande parte, é orgulho de você mesmo.

Mas você também conhece muita gente que não conseguiu. Isso o faz se sentir muito bem. Principalmente alguém como eu, cujas maiores realizações representavam a expulsão de algum caubói bêbado de um bar no leste do Texas.

Depois que me formei, voei imediatamente para San Diego, segui para Coronado Island e a casa naval anfíbia. Cheguei até lá sozinho, algumas semanas antes da data, e passava meu tempo organizando meus uniformes, equipamento e quarto, e tentando entrar um pouco em forma.

A maioria de nós havia perdido muito do condicionamento físico no acampamento de recrutas, por conta do clima, que era muito ruim. Não era possível dar uma corrida, devido às nevascas. Talvez você se lembre de um cara

corajoso que fez a jornada ao polo Sul com um oficial da Marinha Real, Robert Falcon Scott, em 1912. Ele acreditava estar retardando toda a sua equipe por causa de sua ulceração resultante do frio. Seu nome era capitão Oates e, numa noite, ele saiu na nevasca, com as palavras imortais: “Agora eu vou lá fora. Pode ser que eu demore”.

Seu corpo jamais foi encontrado e eu nunca esqueci de suas palavras. É muito peito, não? Bem, ir para o lado de fora em Great Lakes teria sido um pouco parecido, de uma coragem quase igual. Ao contrário do capitão valente, nós ficamos junto ao aquecedor.

E agora saímos para longas corridas pela praia, tentando entrar em forma para a primeira semana de Doutrinação. Esse é o curso de duas semanas, conhecido como Indoc (Indoctrination, ou Doutrinação), onde os SEALs o preparam para o famoso curso BUD/S (Basic Underwater Demolition/SEALs, ou Demolição Submersa Básica). Esse dura sete meses e é bem mais difícil que o Indoc. Mas se você não conseguir passar pelo teste de resistência pré-treinamento inicial, então não vai estar em Coronado, pois, de qualquer forma, não irão querê-lo.

A literatura oficial naval sobre a razão para a doutrinação diz o seguinte:

“Preparar candidatos qualificados para a SEAL física, mental e ambientalmente para começarem o treinamento BUD/S.” De maneira geral, os instrutores não fazem tanta pressão durante o Indoc. Você está apenas fazendo uma revisão para a prova de fogo que está por vir.

Mas eles tornam tudo bem difícil para todos, tanto para os oficiais quanto para os alistados. Os programas SEAL não fazem distinção entre oficiais comissionados, os provenientes de frotas e o restante de nós. Estamos todos juntos nisso, e a primeira coisa que lhe incutem no Indoc é que você irá viver e treinar como uma turma, uma equipe. Desculpe. Eu disse que *lhe incutem*? Eu quis dizer que *lhe cravam, macetam e enterram na cabeça, com uma britadeira*. Trabalho de equipe. Eles passam o tempo todo lhe dizendo estas palavras. *Trabalho de equipe. Trabalho de equipe. Trabalho de equipe*.

Ali também é quando você entende primeiro o conceito de um parceiro de nado, o que na concepção SEAL é uma questão absolutamente gigantesca. Você trabalha com o seu parceiro como uma equipe. Vocês jamais se separam, nem para ir ao banheiro. No treinamento de IBS (que significa “inflatable boat, small”, ou bote inflável pequeno), se você cair no oceano gélido, o outro tem que ir junto. Imediatamente. Na piscina, você nunca pode estar a uma distância maior do que o alcance do braço. Mais à frente, no curso de BUD/S, você pode

ser reprovado ou excluído por não permanecer suficientemente próximo de seu parceiro de nado.

Isso vem com o folclore de ferro SEAL – nunca deixamos um homem para trás no campo de batalha, vivo ou morto. Nenhum homem jamais fica só. Qualquer que seja o risco para os que estão vivos, independentemente de quão mortífero seja o fogo oponente, os SEALs lutarão através das mandíbulas da morte para recuperar os restos de um camarada abatido. Essa é uma máxima que sobrevive desde que os SEALs foram formados, em 1962, e se aplica até hoje.

É algo realmente estranho, mas não é feito para ajudar viúvas e pais de homens que foram perdidos. Na verdade, é feito para os SEALs que realmente atuam no combate. Há algo especial em voltar para casa, e todos queremos alcançar isso, preferencialmente vivos. Mas há um certo terror particular em ser morto e depois deixado para trás, numa terra estrangeira, sem um túmulo na terra natal, sem que os entes queridos possam visitar seu último local de descanso.

Sei que isso pode soar como uma maluquice, no entanto, é verdade. Cada um de nós preza esse conhecimento: não importa o que aconteça, não serei deixado para trás, vou ser levado para casa. Estamos todos preparados para dar tudo. E, no fim, não parece ser muito a pedir como retribuição, já que lutamos, quase sem exceção, no território inimigo, não no nosso.

Rupert Brooke, aquele poeta inglês que serviu como soldado na Primeira Guerra Mundial, entendia que os britânicos tradicionalmente não traziam de volta os seus mortos de guerra. E ele expressou isso de forma correta: “Se eu morri, pense apenas isso de mim: há um canto, num campo estrangeiro, que será eternamente a Inglaterra”. Não há nenhum SEAL no mundo que não entenda essas palavras e o motivo pelo qual Brooke as escreveu.

Para nós, é uma promessa sagrada, de nosso alto comando. Por isso trazemos calcado, desde nosso primeiro dia em Coronado – você não estará sozinho. Jamais. E você não deixa seu parceiro de nado sozinho.

Eu sofri um pequeno revés no começo daquele verão, quando estava na Turma 226. Consegui cair de uma corda de alpinismo a uma altura de 15 m e realmente machuquei minha coxa. O instrutor veio correndo até mim e perguntou: “Você quer desistir?”.

“*Negativo*”, eu respondi.

“Então, volte lá para cima”, disse ele. Escalei novamente, caí de novo, mas, de alguma forma, continuei. A perna doía como o inferno, mas continuei treinando por mais duas semanas até que os médicos diagnosticaram uma fissura no fêmur! Fui imediatamente colocado de muletas, mas continuei indo,

mancando, para a praia, entrando na água, junto com os outros. Condições de batalha, certo?

A perna acabou sarando, fui mandado de volta e ingressei na Turma BUD/S 228, em dezembro, para a fase dois. Vivíamos em pequenos alojamentos atrás do "Moedor" de treino do BUD/S. É o cubo negro onde uma sucessão de instrutores SEALs arrasam milhares de esperanças e sonhos e conduzem homens a situações em que ficam com suas vidas por um fio.

Esses instrutores já viram homens caindo, viram-nos fracassar, desistir e, silenciosamente, mostrar rostos sem expressão. Isso não é ser sem coração; é apenas porque eles só estão interessados nos outros, naqueles que não se dobram nem desistem. Aqueles que preferem morrer a desistir. Aqueles que não têm a desistência dentro deles.

Ainda era o primeiro dia do Indoc e meu quartinho era situado ao lado dos chuveiros. Aliás, *chuveiros* é uma palavra tão educada que chega a ser quase um eufemismo. Havia chuveiros, certo, mas não no sentido aceito e civilizado. Eles eram bem mais parecidos com um lavajato para carros e eram conhecidos com a unidade de descontaminação. Alguém os ligava no máximo, às quatro horas, e o jato de ar comprimido e água gélida pressurizada abria caminho pelos canos, parecendo mais que alguém estava tentando rebentar um motor a vapor.

Jesus. A primeira vez que eu o ouvi, achei que estávamos sendo atacados.

Mas eu conhecia o exercício: vestir meu *short* de sarja de nado e entrar embaixo daqueles jatos gélidos de água. O choque era inacreditável e nós odiávamos, detestávamos ser forçados a passar por aquilo. Aquele troço maldito, na verdade, era feito para lavar as roupas, vigorosamente, quando voltávamos da praia. Nessas ocasiões, o choque era relativamente reduzido, pois todos acabam de voltar do oceano Pacífico. Mas saindo da cama, às quatro da manhã! Nossa! Aquilo era algo além da razão e eu ainda posso ouvir o som daqueles canos de água assoviando.

Congelados de frio e molhados, éramos levados para a piscina de treinamento para enrolarmos e guardamos a lona de proteção. Depois, pouco tempo antes de 5 h, ainda no breu, fazíamos fila para entrarmos no moedor e nos sentávamos enfileirados, uns atrás dos outros, bem de perto, para conservar o calor do corpo. Devia haver uns 180 de nós, mas, por inúmeros motivos, só 164 estavam inscritos.

A essa altura tínhamos um líder de turma, o tenente David Ismay, um homem da Academia Naval e ex-bolsista de Rhodes,[1] que já havia passado dois anos no mar e agora era um qualificado oficial de guerra. David tinha um sonho

de vida, um desejo desesperado de se tornar um SEAL. Ele tinha de fazer aquilo certo. Oficiais só tinham uma chance no BUD/S. Esperava-se que soubessem o bastante para não desperdiçar o tempo de ninguém, caso não estivessem dispostos para a tarefa.

O homem por quem todos nós esperávamos era nosso supervisor. Esse era o instrutor designado a nos orientar, ensinar, observar, e se livrar de nós, se fosse necessário. Ele era o instrutor Reno Alberto, um homem das montanhas de 1,80 m, de grande forma física, disciplina e inteligência. Era um mestre de tarefas implacável, cruel e impiedoso. E todos nós passamos a adorá-lo por dois motivos. Era escrupulosamente justo e queria o melhor para nós. Se você desse de tudo pelo instrutor Reno, ele era um supercara. Se falhasse em dar o seu melhor, ele o tirava dali antes mesmo que pudesse dizer bom dia.

Ele chegava às cinco horas em ponto. E tínhamos um ritual que jamais era interrompido. E acontecia assim:

"De pé!", ele gritava para a turma.

"*De pé!*" Havia um eco no ar imóvel da noite, quando os 164 respondiam e pulavam, ficando de pé, tentando se posicionar em fileiras.

"Instrutor Reeno!", gritava o líder de turma.

"*Hooyah, instrutor Reeno!*", gritávamos, numa só voz.

Acostume-se a isso: *hooyah*. Nós não dizemos sim, nem imediatamente, nem muito obrigado, nem entendido. Dizemos *hooyah*. É algo dos BUD/S e suas origens se perderam na antiguidade. Há explicações demais, nem vou entrar por aí. Só para que você saiba, essa é a forma como os alunos respondem ao instrutor, num cumprimento, ou ao aceitar uma voz de comando. *Hooyah*.

Por alguma razão, o instrutor Reno era o único a ser infalivelmente chamado por seu primeiro nome. Todos os outros eram instrutor Peterson, ou Matthews, ou Henderson. Apenas Reno Alberto insistia em ser chamado pelo primeiro nome. Sempre achei bom que não lhe tivessem dado o nome de Fred ou Spike. Reno soava bem para ele.

Quando ele entrou no moedor, naquela manhã, vimos que estávamos diante de um homem importante. Como mencionei, estava escuro, um breu, e ele estava usando óculos escuros, um casaco transpassado preto e brilhoso. Parecia que ele nunca os tirava, dia ou noite. Uma vez, cheguei a flagrá-lo sem eles, e, assim que me viu, ele pôs a mão no bolso e logo os colocou.

Acho que era porque nunca queria que víssemos a expressão em seus olhos. Por baixo do exterior impiedoso e severo, ele era um homem superinteligente – e não podia se divertir com o Átila por quem se fazia passar para nós, diariamente.

Mas nunca quis que víssemos a diversão em seus olhos, por isso ele jamais os mostrava.

Nessa manhã escura e ligeiramente nublada, ele ficou de braços cruzados, olhando para a piscina de treinamento. Depois, virou-se para nós e olhou-nos fixamente.

Não tínhamos ideia do que esperar. E o instrutor Reno disse, sem expressão: "Chão".

"Chão!" Rugimos de volta. E todos nos deitamos em posição de flexões, com os braços estendidos, corpos esticados, rígidos.

"Empurrando para cima", disse Reno.

"*Flexões*", disse o líder da turma.

"*Flexões*", respondemos.

"Abaixo."

"*Um*."

"Abaixo."

"*Dois*."

Contamos cada uma daquelas flexões da série, depois voltamos à posição inicial, com os braços estendidos. O líder da turma gritou: – Instrutor Reeno.

"*Hooyah*, instrutor Reeno", rugimos.

Ele nos ignorou. Depois, disse, baixinho. "Flexões", da mesma forma como repetiu, mais duas vezes, até um ponto em que nos deixou com os músculos em brasa, de braços esticados, na posição inicial. Na verdade, ele nos deixou de braços esticados por cinco minutos e os braços de todos estavam latejando. Oitenta flexões e agora essa agonia, que só acabou quando ele disse, lentamente: – Descansar.

Todos gritamos: "De pé!", em resposta e, de alguma forma, nos levantamos sem cair. Depois, David Ismay anunciou o número errado de homens presentes. Não foi sua culpa. Alguém simplesmente havia desaparecido. Reno foi até Dave como um raio. Não me lembro exatamente o que ele disse, mas sua frase continha uma pronúncia alta da palavra *errado*.

E ele deu o comando para o sargento Ismay, oficial aluno e nosso líder: "Chão, empurrando". Lembro do primeiro dia como se tivesse sido esta semana. Nós nos sentamos e assistimos Dave completar suas flexões. E quando eles terminaram, quase exaustos, eles gritaram: "*Hooyah*, instrutor Reno!".

"Empurrando", disse Reno, baixinho. E, de alguma forma, eles fizeram mais vinte repetições dessa disciplina matadora. Finalmente, terminaram, imaginando, como o restante de nós, no que tinham se metido. Mas aposto que

nunca mais anunciaram o número errado de homens presentes.

Eu entendo que faz parte da cultura SEAL – cada oficial, comissionado ou não, obrigatoriamente saber o paradeiro de cada um de seus homens. Sem erro. Logo no início de nosso treinamento, David Ismay, nosso líder de turma, não sabia. Reno, que só estivera conosco por quinze minutos, sabia.

Ele inspecionou seu reino novamente e depois disse, categoricamente: “A maioria de vocês não vai estar aqui em alguns meses”, disse o instrutor Reno… E, como se culpasse cada um de nós, individualmente, pela contagem errada, acrescentou: “Se não começarem a agir como uma equipe, nenhum de vocês estará aqui”.

Então ele nos disse que estávamos prestes a fazer novamente o teste BUD/S básico seletivo. Lembro-me de ouvi-lo dizer que todos havíamos passado uma vez, para que tivéssemos chegado até ali. “Esta manhã, se não passarem novamente”, acrescentou ele, “estarão de volta à frota, assim que pudermos embarcá-los.”

A essa altura, ninguém estava se sentido… bem… muito querido. Na verdade, começávamos a nos sentir abandonados naquele coliseu militar conhecido mundialmente – um coliseu onde alguém estava prestes a trazer os leões. Diante de nós estava o teste seletivo de cinco pontos:

1. Nadar 450 m, peito ou braçada lateral, em 12 minutos e 30 segundos.
2. No mínimo 42 flexões em 2 minutos.
3. No mínimo 50 abdominais em 2 minutos.
4. No mínimo 6 repetições na barra flexora.
5. Uma corrida de 2,4 km em 11 minutos e 30 segundos, usando botas e calça comprida.

Só um cara não completou. Na verdade, a maioria de nós foi bem melhor do que da primeira vez. Eu me lembro que cheguei perto de fazer oitenta flexões e cem abdominais. Acho que o fantasma de Billy Shelton estava bem ali, ao meu lado, tentando me assombrar, pronto para me tirar da Marinha, se eu fizesse bobagem.

Mais importante, o instrutor Reno nos observava com olhos que pareciam o radar de um jato de combate. Vários meses depois, ele me disse que sabia que eu estava dando tudo para mostrar a ele. Que tinha tomado sua decisão a meu respeito bem ali, naquela hora. Também disse que nunca mudou de ideia. Boa

decisão. Eu dou tudo. A tempo. Sempre. Pode não ser bom o suficiente, mas sempre faço o melhor que posso.

Olhando para trás, não tenho certeza se aquele teste inicial demonstrou muita coisa. Havia muita gente musculosa, daqueles tipos fisiculturistas, que pareciam bem ferozes. Lembro que estavam entre os primeiros a irem embora, pois simplesmente não conseguiam aturar. Suas pernas e troncos eram pesados demais.

Os SEALs dão, sim, valor à força bruta, mas há ainda um valor maior para a velocidade. Isso significa velocidade na água, em terra e de raciocínio. Em Coronado, não há prêmios para um conjunto de músculos oleosos brilhando. O volume só o faz ficar mais lento, principalmente na areia fofa e com o que precisávamos lidar todos os dias de nossas vidas, um quilômetro após o outro.

Na primeira manhã da Turma 226, nós imediatamente aprendemos outro valor específico do BUD/S. Não passeamos, nem caminhamos, nem corremos em ritmo lento. Nós corremos. Na verdade, corremos pra danar. Para todos os lugares. O dia todo. Lembra daquela frase ótima de Tom Hanks, em *Uma equipe muito especial (A League of Their Own)*, "Em beisebol não tem choro"? Bem, temos uma frase em Coronado: Com os BUD/S não tem caminhada.

Nosso primeiro contato com essa regra cruel e sem coração foi na hora do café da manhã. O refeitório ficava a mais de 1,5 km de distância, portanto, tínhamos que correr 3 km por um prato de torradas, ovos e *bacon*. Mesma coisa para o almoço. Igual no jantar. Isso representa 9 km diários, só para achar alguma coisa para comer, sem ter nada a ver com nossas corridas de treinamento, que frequentemente somavam mais 12 km.

Naquela manhã, corremos em pelotão e atravessamos a base anfíbia naval até o Centro Especial de Guerra. Lá, após umas mil flexões e sabe Deus o que mais, o instrutor Reno finalmente nos colocou sentados e prestando atenção, de um jeito que o deixou satisfeito. Isso não era fácil, pois ele tinha olhos de águia e um ambicioso diploma de alguma área de negócios da USC. Ele sabia precisamente o que era necessário e nada lhe escapava.

E bem ali eu tive que lembrar de uma lição que me fora ensinada, ainda bem cedo, por Billy Shelton: quando um comandante das forças especiais fizer uma ligeira referência a um assunto que pode ser útil, ouça e faça. Mesmo se for algo paralelo, não um comando, talvez alguma coisa que comece com *Acho que pode ser uma boa ideia se*…

Sempre preste atenção e realize a tarefa, independentemente do quanto possa parecer secundária. O ponto de vista de Billy era que esses instrutores das

FE (Forças Especiais) estariam em busca do melhor, e as pequenas coisas podem ser aquelas que separam os caras que são muito bons daqueles que são absolutamente excelentes, notáveis. “Ouça, Marcus”, Billy me disse, “sempre ouça e faça, na hora, qualquer coisa que seu instrutor lhe diga. Vá para a frente. Rápido. E mantenha-se ali.”

Bem, naquela manhã, o instrutor Reno falava altivo; de minha perspectiva, parecia ter uns 5 m, e disse que queria falar conosco rapidamente, e que prestássemos atenção. “Melhor ainda, tomem nota.”

Abri o zíper de minha mochila imediatamente, pegando o caderno e alguns lápis, com a lição de Billy Shelton ecoando em meus ouvidos: mesmo algo paralelo, mesmo uma sugestão, *faça*.

Olhei ao redor da sala e alguns estavam fazendo o mesmo que eu, mas não todos, não eram todos mesmo. Alguns estavam apenas ali sentados, olhando para o instrutor Reno, que de repente, disse, suavemente: “Quantos de vocês têm lápis e papel?”.

Eu levantei a mão, junto com os outros caras que tinham. E subitamente surgiu uma expressão sombria no rosto de Reno.

“Chão! Todo mundo!” E houve uma incrível comoção com o deslocamento das cadeiras que foram afastadas e todos nós fomos para o chão e ficamos em posição inicial de flexão, com os braços esticados. “Empurrando!”, disparou ele. E pagamos as vinte, depois fomos deixados de braços estendidos.

Ele nos encarou, depois disse: “Ouçam. Foi dito a vocês que sempre tivessem lápis e papel. *Portanto, por que não têm? Por que diabos vocês não têm*?”.

A sala ficou em silêncio absoluto. Reno olhava. E, como eu não podia escrever enquanto estava no chão, me apoiando sobre as palmas da mão, não posso dizer as palavras exatas que ele disse, mas aposto que posso chegar bem perto.

“Esta é uma escola para guerreiros, entendem? É o negócio mais sério que existe. E se não quiserem fazer isso, então se arranquem daqui agora mesmo.”

Cristo. Ele não estava brincando e eu só rezava para que ele soubesse quem tinha e quem não tinha lápis e papel. Meses depois, eu o lembrei daquele dia e perguntei. “Claro que eu sabia”, disse ele, arrumando os óculos escuros. “Foi seu primeiro teste. Eu tinha, por escrito, os nomes dos caras que prestavam atenção, antes de vocês pagarem as primeiras vinte flexões. E ainda lembro que você estava naquela lista.”

Enfim, naquela manhã, fizemos mais algumas séries de flexões e, de

alguma forma, conseguimos gritar um *Hooyah, instrutor Reno!* bem alto. Aí, ele nos deixou sentar, novamente.

O que veio a seguir foi, provavelmente, uma das lições mais severas sobre a cultura e ética SEAL das quais participei. Eu fiz, sim, anotações e lembro de tudo que ele nos disse, e vou tentar relatar, como acredito que Reno gostaria.

"Este é um treinamento de alto risco. E nós definimos isso com base em qualquer lugar em que haja potencial para ferimentos graves ou a perda da vida. Qualquer um de vocês que veja algo inseguro, ou qualquer situação em que possam correr perigo desnecessário, falem, imediatamente. Não gostamos de erros, vocês me entenderam?"

"*Hooyah!*"

"Respeito. Espero que tenham total respeito pela equipe de instrução, os oficiais de turma e os oficiais comissionados seniores. Vocês estão no serviço militar. Serão corteses sempre. *Entendido?*"

"*Hooyah!*"

"Integridade, cavalheiros. Vocês não mentem, trapaceiam ou roubam. Se perderem uma peça de roupa, coloque num memorando e relatem. Vocês não pegam a roupa de outra pessoa. Eu não vou fingir que isso não aconteceu aqui, no passado. Porque aconteceu. Mas aqueles caras foram instantaneamente eliminados. Sem piscar de olhos. No mesmo dia. Vocês irão respeitar os colegas de turma. E suas roupas. Vocês não pegam o que não lhes pertence. *Entendido?*

"Sou seu supervisor de turma pelas próximas duas semanas. E vou ajudá-los, se precisarem, quanto a assuntos de pagamento, família e questões pessoais. Caso se machuquem, irão ao médico para tratar e voltarão ao treinamento. Sou seu supervisor. Não sou sua mãe. Estou aqui para lhes ensinar. Vocês se mantêm na linha e eu ajudo. Se saírem dela, vou excluí-los."

"*Hooyah!*"

"Finalmente, reputação. E sua reputação começa aqui. Da mesma forma que a reputação da Turma Dois-dois-seis. E isso é um reflexo meu. É uma responsabilidade que encaro de forma pessoal, pois a reputação é tudo. Na vida e principalmente se você estiver aqui em Coronado. Portanto, concentrem-se. Mantenham o foco no jogo. Sempre se dediquem 100%, pois eu saberei, caso não o façam. E nunca, jamais, deixem seu parceiro de nado. Alguma pergunta?"

"Negativo!"

Quem poderia esquecer disso? Eu não. Ainda consigo ouvir, em minha mente, o ruído de quando o instrutor Reno fechou o caderno. Para mim, pareceu como Moisés juntando as lajes de pedra que continham os Dez Mandamentos.

Aquele tal de Reno era um gigante de 1,80 m. Foi uma presença e tanto em nossas vidas.

Naquele dia, fomos dispensados da aula e seguimos para uma corrida de 6,5 km pela praia. Ele nos parou três vezes e nos disse para entrarmos na água para ficarmos “molhados e com areia”.

Nossas botas ficaram alagadas e cada quilômetro que passava era como um assassinato. Não conseguíamos tirar a areia de nossos *shorts*. Nossa pele estava esfolando e Reno não dava a mínima. Ao final da corrida, ele nos mandou para o chão para começarmos as flexões. Deu-nos duas séries de vinte e, logo após o término da primeira série, percebi que ele estava fazendo o exercício conosco. Exceto que ele só usava um dos braços e nem parecia estar ofegante.

Aquele cara conseguia brigar com um gorila de meia tonelada. E só o fato de vê-lo fazendo as flexões ao nosso lado já dava uma boa ideia do grau de condicionamento físico e força necessários para conseguirmos passar pelo BUD/S.

Enquanto nos preparávamos para a corrida até o refeitório, por volta do meio dia, Reno nos disse, calmamente: “Lembrem-se, há apenas alguns de vocês que teríamos de matar, antes que desistissem. Sabemos disso e eu já identifiquei alguns. Para descobrir isso é que estou aqui. Quais de vocês podem aturar a dor, o frio e a penúria. Estamos aqui para descobrir quem quer mais. Nada além disso. Alguns não querem, outros não podem, e outros jamais conseguirão. Sem ressentimentos. Apenas não desperdicem seu tempo além do necessário.”

Valeu mesmo, Reno. Só não dá para entender por que você tem que florear tudo. Por que simplesmente não diz logo? É claro que eu não disse isso. Quatro horas com o pequeno navio de guerra de Coronado já foram o suficiente para dar um basta em minhas respostas espertas. Além disso, ele provavelmente me daria um chute no saco, já que não alcançaria meu queixo.

Tínhamos um novo instrutor na piscina e fomos todos levados para passar pelos jatos gélidos da unidade de descontaminação, até nos livrarmos da areia em nossa pele. Aquele troço maldito teria arrancado as escamas de um hadoque. Depois disso, fomos para a água, dividimo-nos em equipes e começamos a nadar uma extensão que seria a primeira de dez milhões, antes de completarmos nossos anos de serviço na Marinha.

Nos primeiros dias, eles se concentravam no controle da flutuação e o nado de superfície, faziam com que esticássemos nossos corpos, tornando-nos mais longos na água, cronometrando-nos, e enfatizando a regra de ouro para todos os jovens SEALs – você tem de ser bom na água, independentemente de qualquer

coisa. E, bem ali, começou o atrito. Um cara não sabia nadar! Um outro, jurou por Deus que o médico lhe dissera que ele não deveria colocar a cabeça embaixo d'água em circunstância alguma!

Eram dois a menos. Fizeram-nos nadar sem levantar a cabeça, ensinaram-nos a virar a cabeça lentamente na água e respirar dessa forma, mantendo a superfície calma, em vez de colocarmos a boca para cima para puxarmos o ar. Eles nos mostraram o método padrão dos SEALs, um tipo de braçada lateral ultraeficiente, com pés-de-pato. Ensinaram-nos as técnicas de chutar, golpear e deslizar, o início do sistema SEAL subaquático que nos permite uma precisão estarrecedora.

Ensinaram-nos a nadar como peixes, não humanos, e nos faziam nadar de um lado ao outro da piscina usando apenas nossos pés. Sempre nos diziam que, para os outros setores militares, a água era um pé no saco. Para nós, um refúgio. Eram incansáveis quanto ao tempo, sempre nos fazendo nadar mais depressa, batendo na raia alguns segundos a menos, todos os dias. Insistiam que a força bruta nunca era a resposta. A única forma de encontrar velocidade era a técnica, e mais técnica. Nada mais funcionaria. E aquela era apenas a primeira semana.

Na segunda, eles trocaram, passando a nos treinar debaixo d'água, até o final do curso. Nada sério. Só amarravam nossos tornozelos e nossos punhos, depois nos jogavam na parte funda da piscina. Isso causava um certo pânico, mas nossos instrutores eram claros: "Peguem bastante ar e sigam para o fundo, em posição ereta. Mantenham-se lá por no mínimo um minuto, subam para pegar mais ar e voltem para baixo, por outro minuto, ou mais, se conseguirem."

Os instrutores nadavam ao nosso lado, usando máscaras e barbatanas, parecendo golfinhos, no fim, meio amistosos, mas, à primeira vista, pareciam tubarões. A questão era o pânico. Se um homem fosse propenso a perder a cabeça embaixo d'água, com os punhos e tornozelos amarrados, então ele provavelmente não se tornaria um homem-rã; o medo está muito profundamente instilado.

Essa era uma vantagem imensa para mim. Eu vinha atuando submerso, junto com Morgan, desde os dez anos. Sempre tivera habilidade para nadar na superfície ou abaixo dela. E havia sido ensinado a prender minha respiração por no mínimo dois minutos. Trabalhei duro, dei tudo o que pude e nunca me afastei mais de um palmo de meu parceiro de nado. A menos que fosse uma corrida, quando ele permanecia na margem.

Eu era o líder dos nados de 45 m submersos, sem pés-de-pato. Eu já sabia do segredo no nado submerso: ir bem fundo, bem cedo. Você não pode ser pago

para achar chaves de carros se não conseguir chegar lá embaixo e ficar por lá. No fim, eles nos avaliaram embaixo d'água. Eu estava no topo.

Ao longo dessa semana, levamos cordas para debaixo d'água. Tivemos que completar uma série de laços náuticos, lá no fundo, abaixo da superfície. Na verdade, não consigo me lembrar quantos caras perdemos durante essa parte das provas submersas do treinamento Indoc, mas foram vários.

A segunda semana foi muito difícil para muitos caras e minha memória é clara: os instrutores pregavam a competência em todas as técnicas e exercícios. Por conta da semana seguinte, quando começaria a próxima fase do curso BUD/S, era esperado que déssemos tudo. Os instrutores BUD/S presumiam que deveríamos alcançar tudo do Indoc com facilidade. Qualquer um que não conseguisse estava fora. Os chefes do Indoc não receberiam agradecimentos por mandarem caras abaixo dos padrões para o treinamento militar mais árduo do mundo.

E, enquanto pulávamos dentro da piscina e no Pacífico, também éramos submetidos a um severo regime de treinamento físico de alta pressão. Não era para nós a superfície relativamente macia do moedor, o cubo negro que ficava no meio do complexo BUD/S. Os garotos Indoc ainda não estavam qualificados para ingressar no santificado grupo dos alunos BUD/S, eram banidos para a praia, atrás do complexo.

E, ali, o instrutor Reno e seus homens faziam o seu melhor para darmos o nosso. Ah, e quanto aos velhos tempos de vinte flexões de rasgar o braço. Não mais. Por ali eram cinquenta de cada vez, sempre intercaladas com exercícios elaborados para equilibrar e aprimorar vários grupos musculares, principalmente os braços e o abdome. Os instrutores eram obcecados pelo condicionamento da região abdominal, razão que agora era clara: o abdome é a base da força de um guerreiro para escalar rochas e subir por cordas, remar, levantar peso, nadar, lutar e correr.

Lá atrás, no Indoc, não entendíamos isso. Tudo que sabíamos era que os instrutores SEAL estavam nos fazendo passar um inferno, diariamente. Meu inferno particular era o chute flutuante: deitado de barriga para cima, com as pernas esticadas, pés suspensos da areia a uma distância de 15 cm, dando chutes como se estivesse nadando de costas, na piscina. E nem pense em abaixar as pernas, pois há instrutores andando de um lado para o outro, o tempo todo, como se fossem membros de um esquadrão de tiro sob as ordens do Príncipe das Trevas.

Certa vez, ainda no começo, a dor nos nervos e tendões posteriores de

minhas coxas era tão intensa que deixei meus pés caírem. Na verdade, eu os deixei cair três vezes e parecia que eu tinha cometido um assassinato. Na primeira vez, houve um rugido de angústia de um instrutor; na segunda vez, alguém me chamou de bicha; e, na terceira, houve um rugido de angústia de outra pessoa, que me chamou de bicha. A cada vez, eu recebi ordem para ir direto até as águas gélidas do Pacífico, depois sair e rolar na areia.

Foi só na terceira vez que percebi que quase todo mundo estava no Pacífico e depois rolando na areia. Nós todos parecíamos criaturas da lagoa Negra. E depois eles nos mandavam seguir adiante e completar os exercícios. Realmente foi engraçado, mas, depois de quatro ou cinco dias, aqueles chutes flutuantes não eram o menor problema. E ficamos com um condicionamento físico bem melhor por causa deles. Todos? Bem, alguns caras simplesmente não conseguiram encarar e saíram flutuando dali, com um sorriso no rosto.

Eu? Fiquei firme, fazendo a contagem do exercício em voz alta, xingando Billy Shelton por ter me colocado nesse hospício, embora não fosse totalmente sua culpa.

Completei os exercícios com uma motivação óbvia, não por estar tentando causar boa impressão, mas porque eu faria quase qualquer coisa para evitar ter de correr até o oceano gélido e depois rolar na areia. E essa era a consequência por não tentar. Aqueles instrutores nunca deixavam de notar um preguiçoso. A cada intervalo de alguns minutos algum pobre bastardo ouvia: “Molhe-se e vá para a areia”.

Mas não era tão ruim. Assim que terminamos a aula de TP (terapia física), estávamos de pé, e o instrutor Reno, deus de toda piedade, mandava-nos para uma corrida de 6,5 km na areia fofa, correndo em meia velocidade (para ele), levando-nos a um esforço maior, latindo as instruções, atormentando e persuadindo. Aquelas corridas eram inacreditavelmente difíceis, principalmente para mim, e eu sofria na segunda metade do percurso, tentando forçar minhas longas pernas a irem mais depressa.

Reno sabia muito bem que eu estava dando o melhor, mas, naqueles dias iniciais, ele gritava meu nome e me mandava ir em frente. Depois dizia para me molhar e ir para a areia, e eu corria até o oceano, de bota e tudo. A seguir, eu tentava recuperar o ritmo com as botas cheias de água. Acho que ele sabia que eu poderia aturar, mas acho que ele estava se matando de rir por trás daqueles óculos escuros.

De repente era a hora do almoço e só faltava 1,5 km para arranjar algo para comer. E o tempo todo eles nos falavam sobre a dieta, o que comer, o que jamais

comer, com que frequência comer. Jesus. Já era um milagre que qualquer um de nós conseguisse chegar até o refeitório, nem pensar em estudar dieta.

Também havia um circuito de obstáculos, conhecido como o “Circuito O”, e um lugar de intensidade bárbara, onde os SEALs da vida real, guerreiros combatentes veteranos das equipes vinham para ter seu treinamento, frequentemente se preparando para uma missão no exterior, em algum palco de guerra: selva, montanha, oceano ou deserto.

O “Circuito O” de Coronado era mundialmente famoso. E se aquilo testava os guerreiros das equipes, imagine o que era para nós, que saíramos do treinamento de recrutas havia apenas dez dias, macios como bebês se comparados àqueles caras.

Fiquei encarando o Circuito O no primeiro dia em que fomos levados para lá. Mostraram-nos os arredores, as escaladas nas cordas, a rede de quase vinte metros, os muros, os obstáculos de salto, as barras paralelas, o arame farpado, as pontes de corda, o Weaver, a ponte Burma.

Pela primeira vez, eu desejei ser 30 cm mais baixo. Para mim, era óbvio que esse era um jogo para caras baixinhos. O instrutor Reno fez algumas demonstrações. Foi como se ele tivesse nascido na ponte de corda. Para mim, toda escalada seria mais difícil, pois, afinal de contas, eu tenho que arrastar 105 kg para o alto. Por esse motivo, os maiores alpinistas do mundo são miúdos, com apelidos como Mosca, Pulga ou Aranha, todos com 50 kg, mesmo encharcados.

Imaginei, corretamente, que esse seria um grande teste para mim. Mas havia muitos SEALs bem grandes e todos eles o haviam feito. Isso significava que eu também podia fazer. De qualquer forma, o meu condicionamento mental era o mesmo. Ou vou conseguir fazer isso direito ou vou morrer tentando. A última parte estava mais perto da realidade.

Havia quinze seções separadas no circuito e você precisava passar por dentro, por cima e por baixo de todas elas. Naturalmente, eles nos cronometravam a partir da arrancada, quando os caras estavam tropeçando, escorregando, caindo, entalando, geralmente fazendo cagada. Como eu havia suspeitado, os caras maiores instantaneamente têm mais problemas, pois os elementos-chave são o equilíbrio e a agilidade. Os ginastas olímpicos geralmente não medem mais que 1,20 m. E quando foi a última vez que você viu um dançarino do gelo de 105 kg?

Era a escalada que deixava os caras grandes em maior desvantagem. Um de nossos testes era intitulado “Escorregue por sua vida”, com uma corda grossa de náilon presa a uma torre e um laço pendendo de um poste vertical de

aproximadamente 3 m. Você tinha que escalar a torre pendurado na corda, depois escorregar todo o trajeto abaixo, ou se arrastar, o que fosse mais fácil.

Só para constar, mencionando o instrutor Reno, quando tínhamos que escalar várias cordas, ele se divertia escalando a mesma altura que nós, usando duas cordas, uma em cada mão, sem jamais perder a pegada e sem nunca largar nenhuma das duas. Até hoje, eu acredito que isso seja impossível de fazer e que Reno era um tipo de miragem de óculos escuros, na areia.

Eu me esforçava no laço da corda, para ir até o topo e deslizar para baixo, mas um cara perdeu a pegada e caiu, direto na areia, e quebrou o braço e a perna, acho. Era um cara bem grande e lá ia outro embora. Outra disciplina que permanece em minha lembrança era a rede de cargas. Você sabe, aquele tipo de rede amarrada em quadrados, que parece vir direto de um estaleiro. Era plenamente imperativo que todos nós ficássemos muito bons nisso, já que os SEALs usam essas redes para o embarque e desembarque de submarinos e para entrar e sair de barcos infláveis.

Mas, para mim, era difícil. Quando enfiei minha bota e estiquei o braço para pegar acima, o pé de apoio escorregou para baixo e o local em que eu pretendia segurar ficou mais alto. Obviamente, se eu pesasse 50 kg mesmo encharcado, isso não teria acontecido. Da primeira vez que escalei a rede, cravando meus pés nos buracos, fiquei meio emperrado, a quase 15 m do chão, com os braços e pernas abertos. Acho que eu parecia o capitão Ahab, preso nas linhas de arpão depois de uma viagem ao oceano com Moby Dick.

Mas, como todos os nossos outros exercícios, esse tinha tudo a ver com a técnica. E o instrutor Reno estava lá para me colocar direito. Quatro dias depois eu conseguia subir aquela rede como um acrobata circense. Bem… está certo, mais como um orangotango. Depois, eu pegava um trono no alto e descia pelo outro lado, como o Homem Aranha. Está bem, está bem… como um orangotango.

Eu tinha dificuldades semelhantes na ponte de corda, que sempre parecia defeituosa para mim, balançando longe demais para a esquerda ou para a direita. Mas o instrutor Reno sempre estava lá, pessoalmente, me ajudando a recuperar meu equilíbrio ao me mandar para um mergulho rápido no oceano, tão frio que quase parava meu coração. Em seguida, eu tinha que rolar na areia, apenas para passar o restante do dia coçando e numa esfolação infernal, até que eu chegasse na unidade de descontaminação para a lavagem potente, da mesma forma como se lida com um trator enlameado.

Naturalmente, o trator recém-lavado tinha que passar novamente por aquilo

tudo, porque ninguém o atira na parte funda da piscina para ficar ali até criar barbatanas. Era apenas mais um dia na vida de um aluno frangote passando pelo Indoc. Compreensivelmente, a Turma 226 encolhia dia após dia, e nós nem tínhamos começado o BUD/S.

E você acha que era um grande alívio finalmente passar pelo dia e nos recolhermos em nossos quartos para um pouco de paz e talvez dormir? Vá sonhando. Não há paz em Coronado. O local é um testemunho vivo daquele estrategista romano que disse ao mundo: “Deixe aquele que desejar a paz se preparar para a guerra” (isso é traduzido do latim *Qui desiderat pacem, praeparet bellum* – Flavius Vegetius Renatus, século IV). Ou, como um SEAL pode dizer: *Quer que as coisas fiquem tranquilas, companheiro? Melhor engrenar*. Eu sabia que estava perto.

Aquele velho romano sabia das coisas. Seu tratado militar *De Rei Militari* foi a bíblia da guerra europeia, por mais de 1200 anos, e ainda se aplica em Coronado, enfatizando a simulação constante, o treinamento e a disciplina severa. Ele aconselhou os comandantes romanos a reunirem a inteligência assiduamente, usar o terreno e depois levar os legionários adiante para cercar seus objetivos. Hoje em dia, é mais ou menos assim que nós atuamos, nas missões estrangeiras, contra os terroristas. *Hooyah*, Flavius Vegetius.

Coronado, assim como Nova York, é uma cidade que nunca dorme. Aqueles instrutores estão lá fora patrulhando os corredores de nossos alojamentos durante a noite, até o começo da madrugada. Uma vez, um deles entrou em meu quarto depois que eu havia passado esfregão com água quente e polido o chão até que você quase conseguisse enxergar o rosto refletido. Ele jogou um punhado de areia no chão e me escorraçou por viver naquela poeira! Depois me mandou para o Pacífico, na companhia de meu parceiro de nado e a dele, claro, para “dar um mergulho e rolar na areia”. Depois tivemos que passar pela unidade de descontaminação e o chiado daqueles canos hidráulicos e os jatos ferozes de água acordaram metade das barracas e quase nos mandaram para o tratamento de choque. Sem contar que eram duas da manhã e que nós teríamos de estar de volta, embaixo daqueles chuveiros, em duas horas.

Eu acho que era essa hora. Não tenho certeza absoluta. Mas meu companheiro de quarto desistiu naquela noite. Ele ficou com os joelhos fracos só de olhar o que estava acontecendo comigo. Não sei o que ele pensava que eu sentia.

Uma vez, durante o Indoc, estávamos numa corrida noturna e um dos instrutores escalou a parte externa de um prédio, entrou por uma janela aberta e

simplesmente arrasou o quarto de um cara, jogou tudo para todo lado, esvaziou detergente sobre a cama. Ele saiu por onde havia entrado, esperou que todos voltassem, depois bateu à porta do pobre do cara, exigindo uma inspeção do quarto. O cara não sabia se ficava furioso ou desolado, mas passou a maior parte da noite limpando e ainda teve que estar no chuveiro às quatro e meia, com o restante de nós.

Perguntei a Reno sobre aquilo, umas duas semanas depois, e ele me disse: “Marcus, o corpo pode aturar quase tudo. É a mente que precisa ser treinada. A pergunta que estava sendo feita àquele cara envolvia força mental. Você consegue administrar tal injustiça? Consegue lidar com esse tipo de revés? E ainda voltar com determinação, jurando por Deus que jamais desistirá? É isso que estamos procurando”.

Como sempre, não posso dizer as afirmações do instrutor Reno palavra por palavra. Mas sei o que ele disse e a forma como me lembro. Ninguém fala com ele e sai confuso. Confie em mim.

Até então, eu só havia lidado com aquilo nas duas primeiras semanas de treinamento terrestre e na piscina, e posso não ter explicado quanta ênfase os instrutores depositam na dieta balanceada para todos. Eles dão aulas sobre isso, incutindo em nossas mentes a necessidade de frutas e legumes, de toneladas de carboidratos e água.

O mantra era simples – tome conta de seu corpo como do restante de seu equipamento. Mantenha-o alimentado e hidratado, bebendo entre 3 e 7 litros de água por dia. Não comece nenhum treinamento sem um cantil cheio. Dessa forma, seu corpo cuidará de você quando você começar a fazer perguntas sérias. Porque não há dúvidas de que fará essas perguntas nos meses que virão.

Eu me lembro que essa era uma área em que houve muitas perguntas, pois, mesmo depois dos primeiros dias, os caras sentiam os efeitos: músculos doloridos, dores nos ombros, coxas e costas, onde nunca doera antes.

O instrutor que lidou com essa parte do nosso treinamento nos alertou quanto ao uso de drogas fortes como o Tylenol, exceto para febre, mas ele entendia que precisaríamos de ibuprofen (anti-inflamatório). Ele concordou ser difícil passar pela Semana Infernal que estava pela frente sem ibuprofen, e nos disse que o departamento médico ia se assegurar de que recebêssemos uma quantidade suficiente para aliviar a dor, mas não em excesso. Lembro que ele disse, categoricamente: – Vocês vão sentir dor enquanto estiverem aqui. Essa é nossa função, induzir a dor; não uma lesão permanente, é claro, mas precisamos fazer doer. Essa é uma parte importante em se tornar um SEAL. Precisamos da

prova de que vocês conseguem aturar a punição. E a saída é mental, está em sua mente. Não se dobrem à dor, elevem o astral e a motivação, mergulhem nos cursos. Digam a si mesmos o quanto querem permanecer aqui.

A parte final do Indoc envolvia barcos. O fabuloso IBS (*inflatable boat, small*, ou bote inflável pequeno), ou, coloquialmente, o navio miudinho. Esses barcos têm 4 m de cumprimento e pesam pouco mais de 80 kg. São de difícil manejo e incômodos, e há muitas gerações vêm sendo usados para ensinar os alunos BUD/S a remarem como uma tripulação entrosada, abrir caminho por entre as ondas, conduzir apropriadamente e arrastar aquele troço para o lugar certo, numa fila alinhada para inspeção na areia da praia, a cada sete minutos. Pelo menos era assim que parecia para nós.

Nesse ponto, nós nos perfilávamos de coletes salva-vidas, ao lado de nossos barcos. Dentro do barco, os remos ficavam alojados com precisão geométrica, com a posição do remo alinhada cuidadosamente no fundo de borracha. Milimetricamente.

Começamos com uma série de corridas. Mas, antes disso, cada uma de nossas equipes tinha um líder de tripulação, escolhido dentre os mais experientes marinheiros entre nós. Os líderes se alinhavam com os remos, em posição militar, com o remo sobre o ombro. Depois saudavam os instrutores e anunciavam que seus barcos estavam corretamente posicionados e a tripulação estava pronta para o mar.

Nesse ínterim, outros instrutores estavam verificando cada barco. Se um remo estivesse incorretamente alojado, um instrutor o pegava e arremessava na areia da praia. Aconteceu em meu primeiro dia, e um dos caras perto de mim saiu correndo para buscá-lo, ansioso para recuperá-lo e consertar as coisas. Infelizmente, seu parceiro de nado esqueceu de ir com ele e o instrutor ficou furioso.

“Chão!”, berrou ele. E todos nós caímos na areia e começamos a executar o pior tipo de flexão, com nossos pés em cima da amurada do barco, erguendo o corpo, de coletes salva-vidas. As palavras longínquas de Reno cantavam em meus ouvidos: “Se alguém fizer cagada, as consequências afetam a todos”.

Apostávamos corrida entre os barcos, depois da arrebentação. Remávamos até que nossos braços pareciam que iam cair. Cada tripulação contra as restantes, arrastando aqueles barquinhos grotescamente. E isso não era Yale *versus* Harvard no rio Tâmisa de Connecticut, todos remando juntos. Isso era o mais perto que se chega de um hospício flutuante. Mas era meu tipo de negócio.

Treinamento com barco é um jogo para caras grandes, fortes, que

conseguem remar. Remar como o diabo. Também é um jogo para levantadores peso pesado, que conseguem arrastar aquele barco e correr com sua equipe.

Deixe-me levá-lo a uma dessas corridas. Primeiro, deixamos o barco equilibrado no raso e observamos a maré vindo em nossa direção. O líder da tripulação já teria feito um resumo de um minuto e todos nós já havíamos observado o padrão daquelas ondas de 1,5 m a 1,8 m. Essa parte é chamada de passagem da onda, e ficamos aguardando o comando pela nossa chance. Basicamente, não queríamos entrar na maior onda que viesse, mas não tínhamos muito tempo.

A temperatura da água estava em torno de -14 °C. Todos nós sabíamos que precisávamos encarar aquela primeira onda, mas não queríamos a maior, então esperávamos. Até que o líder da tripulação avistou uma menor e gritou: "*Agora! Agora! Agora!*". Seguimos adiante, rezando a Deus que não fôssemos pegos de lado e capotássemos. Um por um subimos a bordo, remando fundo, tentando passar a crista da onda que era varrida pela brisa costeira.

"*Remem! Remem! Remem!*", gritava ele, conforme entrávamos naquelas paredes de água. Esse era o oceano Pacífico, não qualquer lago do Texas. Perto de nós, um dos barcos virou e lá se foram os remos e os alunos, todos para a água. Não se ouvia nada além da batida das ondas e os gritos: – *Remem! Fundo! Bombordo… Estibordo… Endireitem! Vamos, vamos, vamos!*

Puxei aquele remo até achar que meus pulmões fossem estourar, até que tivéssemos ultrapassado a arrebentação. Então, nosso líder de turma gritou "Emborcar o barco!", o homem da proa deslizou e pulou para fora e os outros (incluindo eu) agarraram as alças afixadas no fundo de borracha, levantamos e pulamos para o mesmo lado, arrastando o barco para cima de nós. Conforme o barco bateu na água, três de nós agarramos as mesmas alças e subimos de volta, em cima do fundo do barco virado. Eu me lembro que fui o primeiro a subir. Sem peso na água certo? Ora, me dê uma folga.

Recuamos até o outro lado do barco e puxamos, arrastando o IBS para cima e o desviramos. Todos tinham consciência de que a maré estava nos levando de volta à arrebentação. Sentindo algo entre pânico e frenesi, batalhamos de volta, atracamos nossos remos e seguimos até a água mais calma, rumo à linha de chegada. Remamos como demônios, correndo de volta até a marca, que era uma torre, na praia. Depois viramos o barco novamente, agarramos as alças, o carregamos pela água rasa, rumo à praia e o suspendemos para carregá-lo sobre nossas cabeças.

Corremos subindo a duna, ao redor de um caminhão, ainda com o barco

sobre nossas cabeças, depois, o mais rápido que pudemos, de volta à praia, ao ponto onde havíamos começado, e os instrutores nos aguardavam, registrando as posições de chegada e os tempos que marcamos. Eles foram atenciosos em dar à equipe vencedora uma folga para sentar e se recuperar. Os perdedores iam para o chão fazer flexão. Não era incomum realizar seis corridas como essa numa tarde. Ao fim da segunda semana do Indoc, havíamos perdido vinte e cinco caras.

De alguma forma, o restante de nós tinha conseguido mostrar ao instrutor Reno e seus colegas que de fato estávamos em forma e qualificados o suficiente para ingressar no treinamento BUD/S que começaria na semana seguinte. Só haveria um último comentário de Reno, antes de atacarmos a primeira fase BUD/S.

Eu o vi do lado de fora da sala de aula, ainda de óculos escuros, ele esticou a mão e sorriu, silenciosamente. “Bom trabalho, Marcus”, disse Reno. Ele tinha um aperto de mão como um guindaste. Sua mão parecia feita de ferro, mas eu a apertei com o máximo de força que pude e respondi: “Obrigado, senhor”.

Todos sabíamos que ele havia nos modificado drasticamente naquelas duas semanas no Indoc. Ele nos mostrara a profundidade do que precisávamos alcançar, nos conduzira à beira do abismo desconhecido do BUD/S que vinha pela frente. Demoliu qualquer certeza absoluta que ainda pudéssemos ter.

Agora éramos mais tenazes e eu ainda era mais alto do que ele. Entretanto, para mim, Reno Alberto ainda parecia ter cinco metros de altura. E sempre parecerá.

4
BEM-VINDOS AO INFERNO, CAVALHEIROS

Os apitos de exercício soavam em meio aos jatos d'água, um caos total, explosões ensurdecedoras e instrutores aos berros… *"Homens, rastejem em direção ao apito! Rastejem para o apito! E mantenham as malditas cabeças baixas!"*

Nós nos reunimos na sala de aula pouco depois de 13 h, naquela última tarde do Indoc. O instrutor Reno entrou como um César romano, de cabeça erguida, e imediatamente nos mandou ao chão. Como sempre, as cadeiras foram remexidas e afastadas e caímos ao chão, contando as flexões.

Ao chegarmos às vinte, Reno nos deixou na posição inicial e disse, rapidamente: "Descansar".

"Hooyah, instrutor Reno!"

"Dê-me a contagem da revista de tropas, sr. Ismay."

"Cento e treze homens inscritos, instrutor Reno. Todos presentes, exceto dois que estão no serviço médico."

"Chegou perto, sr. Ismay. Dois homens desistiram, alguns minutos atrás."

Todos nós ficamos imaginando quem seriam eles. Tripulantes do meu barco? As cabeças se viravam para os lados. Eu não tinha ideia de quem teria caído na luta final.

"Não é culpa sua, sr. Ismay. Você estava em aula quando eles pediram para sair. A Classe Dois-dois-seis entrará na primeira fase do BUD/S com cento e onze homens."

Hooyah!

Percebi que vínhamos perdendo os caras com uma certa regularidade. Mas, segundo os números, a classe 226 tivera 164 inscritos no primeiro dia e havíamos perdido cinquenta deles. Sei que alguns nem apareceram, a maioria por pura intimidação. Mas, de alguma forma, o restante simplesmente desaparecera no vazio. Nunca vi nenhum deles partir, nem mesmo o meu companheiro de quarto.

E ainda não consigo entender muito bem o que aconteceu. Acho que eles simplesmente chegaram a um tipo de ponto de ruptura, ou talvez tenham ficado angustiados por dias a fio quanto à sua incapacidade de atender às expectativas. Mas *já era* significa *já era*, nessa marinha de homens. À época, eu não conseguia compreender isso inteiramente, mas eu e meus 110 companheiros legionários estávamos testemunhando o cruel processo de eliminação de uma força de luta americana que não pode tolerar um componente suspeito.

O instrutor Reno agora falava formalmente. "Vocês estão a caminho da primeira fase do BUD/S. E quero que cada um de vocês me deixe orgulhoso. Dentre vocês, aqueles que sobreviverem à Semana Infernal ainda terão que enfrentar o teste de competência na piscina – isso é na segunda fase – e depois a prática de armamento, na terceira fase. Mas quero estar em sua formatura. E, lá, quero apertar as suas mãos. Quero pensar em vocês como um dos guerreiros de Reno.

O *Hooyah, instrutor Reeno!* com nossos punhos cerrados no ar quase levantou o telhado da sala. Nós o amávamos, todos nós, porque sabíamos que ele queria o melhor para nós. Não havia um fio de malícia no cara. Nem um fio de fraqueza.

Ele repetiu as ordens que vinha nos dando há duas semanas. "Fiquem alertas. Sejam pontuais. E sempre sejam responsáveis por suas ações, uniformizados ou não. Lembrem, sua reputação é tudo. E vocês têm a chance de construir essa reputação, começando na segunda-feira de manhã, às cinco horas. Primeira fase.

"Para aqueles que conseguirem ingressar nas equipes, lembrem que estão entrando numa irmandade. Vocês ficarão mais próximos desses caras do que já estiveram de seus amigos no colégio ou na faculdade. Viverão com eles… e, em combate, alguns de vocês podem morrer com eles. Suas famílias sempre devem vir antes, mas a irmandade é um lugar privilegiado. E eu quero que vocês jamais se esqueçam disso."

E, com isso, ele nos deixou, se afastou, saiu andando por uma porta dos fundos, deixando para trás uma longa sombra: uma porção de caras que haviam sido revolucionados e estavam prontos para dar tudo e passar nos desafiadores testes que vinham pela frente. Exatamente da forma como Reno queria.

E aí entra o instrutor Sean Mruk (pronunciado Maroc), ex-SEAL da Equipe 2, veterano em missões no exterior, nativo de Ohio, um sujeito com um ar alegre que havíamos conhecido durante o Indoc. Ele era assistente de nosso novo supervisor. Nós o ouvimos antes de vê-lo, seu comando baixo, "Chão e

empurrando", antes mesmo que seguisse até a frente da sala de aula.

Nos minutos seguintes, ele repassou uma lista de inúmeras atividades que deveríamos concluir depois do horário, na primeira fase. Coisas como preparar os barcos e veículos, nos assegurarmos de estar de posse dos suprimentos corretos. Ele nos disse que esperava 100% sempre, pois, se não déssemos tudo, certamente pagaríamos por isso.

Verificou que todos havíamos mudado de nosso alojamento, atrás do moedor, para um espaço de alojamento especial de guerra, alguns metros ao norte do centro. Acomodações de primeira, na areia da praia, e era toda sua – contanto que você pudesse permanecer no trem dos BUD/S e na Turma 226, cujos números, em breve, estariam gravados em ambos os lados de seu novo capacete verde, da fase um. Aqueles números o acompanham enquanto você servir nos SEALs. Os três números pintados de branco da minha turma um dia se tornariam o som mais doce que eu poderia ouvir.

O instrutor Mruk acenou a cabeça concordando e nos disse que estaria no novo alojamento, no domingo, às 10 h, para se assegurar de que soubéssemos como ter nossos quartos prontos para inspeção. Ele nos deu um último alerta: "Agora vocês são uma classe oficial. Pertencem à fase um".

E na manhã sem nuvens daquela segunda-feira, 18 de junho, todos nós nos reunimos do lado de fora do alojamento, duas horas antes do nascer do sol. Eram cinco horas e a temperatura não estava muito acima de 10 °C. Nosso novo instrutor, um estranho, permaneceu ali, silenciosamente. O tenente Ismay se apresentou, formalmente: "A Turma Dois-dois-seis está formada, chefe. Noventa e oito homens estão presentes".

David Ismay fez a saudação. O chefe Stephen Schulz retribuiu a saudação sem dizer um "Bom-dia" ou "Como vai". Em vez disso, ele apenas disparou: "Para a água, senhores. Todos vocês. Depois voltem à sala de aula".

E lá fomos nós, de novo. A Turma 226 saiu do complexo e atravessou a praia, rumo ao mar. Entramos na água gélida, depois voltamos para a sala de aula, congelados, pingando, já completamente apreensivos.

"Chão!", ordenou o instrutor. Depois, novamente. E outra vez. Finalmente, o oficial Joe Burns, um comandante SEAL de expressão severa assumiu seu lugar à nossa frente e nos informou ser o oficial da primeira fase. Alguns se encolheram. A reputação de Burns como homem rígido chegou antes dele. Mais tarde, ele provou ser um dos homens mais durões que eu já conheci.

"Vocês todos querem ser homens-rã?"

Hooyah!

“Então, é o que veremos”, disse o oficial Burns. “Veremos o quanto vocês querem isso. Essa é a minha fase e estes são os meus instrutores de equipe.”

Cada um dos catorze se apresentou dando o nome. Em seguida, o chefe Schulz, talvez preocupado de que fôssemos ficar moles, depois de dois minutos de conversa, ordenou: “Chão e empurrando.” E novamente. E de novo.

E nós finalmente entramos em forma, pela primeira vez, no mais notável quadrado negro de piche de todas as Forças Armadas dos Estados Unidos. Nossos lugares estavam marcados por pequenas patas de rã, pintadas no chão. Quase nem valeu a visita.

“Para a água. Água e areia!”, gritou Schulz. “Rápido!”

Nossa adrenalina pulsava, nossas pernas pulsavam, nossos braços pulsavam, nossos corações pulsavam. Tudo pulsava, quando saímos da cobertura negra como raios, ainda calçados com nossas botas e calças de sarja, seguimos para a praia e nos atiramos na água.

Jesus, estava frio. As ondas quebravam sobre mim e eu me esforcei para voltar ao raso, me virei na areia algumas vezes e saí parecendo o mr. Sandman, exceto por não estar trazendo um sonho a ninguém. Eu podia ouvir todos os outros à minha volta, mas ouvira a última palavra de Schulz. *Rápido*. E eu lembrava do que Billy Shelton ensinara: preste atenção até a uma mera sugestão… e corri pela minha vida direto de volta ao moedor e subi com os líderes.

“*Lento demais!*”, gritava Schulz. “Muito lento… *chão!*”

Os instrutores de Schulz berravam entre nós, repreendendo, esbravejando, nos atormentando, enquanto suávamos e nos esforçávamos para fazer as flexões… “*Vocês parecem malditas fadas.*” “*Componham-se.*” “*Pelo amor de Cristo, façam parecer que estão falando sério.*” “*Ora, vamos, vamos, vamos!*” “*Vocês têm certeza de que querem estar aqui? Querem desistir agora mesmo?*”

Nos minutos seguintes eu descobri a diferença entre se molhar e rolar na areia e simplesmente se molhar. Havia dois barcos infláveis posicionados ao lado do moedor, cheios, até a boca, de água e gelo. “Vão se molhar” significava pular a borda, entrar embaixo da água, passar por baixo dos suportes dos bancos e sair do outro lado. Cinco segundos no escuro, dentro do gelo, embaixo d’água. Uma baleia assassina imploraria piedade.

Eu tinha sentido frio antes no Pacífico, certo? Mas a água naquele barco teria congelado as bolas de um macaco de bronze. Saí de lá quase roxo de frio, com gelo no cabelo, e segui meu caminho até minha marca do homenzinho-rã. Pelo menos eu me livrara da areia, assim como todo mundo. Dois instrutores

passavam pela fila com mangueiras fortes, esguichando em todos, da cabeça aos pés.

Por volta de 6 h eu já tinha contado mais de 450 flexões. E houve mais, só que eu simplesmente já não conseguia mais contar. Também tinha feito mais de cinquenta abdominais. Recebíamos ordem para passar de um exercício para o outro. Quando julgavam que um cara estava enrolando, davam-lhe ordem de fazer uma série de chutes flutuantes.

O resultado disso era puro caos. Alguns caras não conseguiam acompanhar os outros, outros estavam fazendo flexões quando recebiam ordem para fazer abdominais. Havia homens caindo de cara no chão. No fim, metade de nós já não sabia mais que diabos estava fazendo nem o que deveria estar fazendo. Eu só continuei em frente, fazendo absolutamente o melhor, em meio aos urros e o jato de água das mangueiras: flexões, abdominais, que confusão. Para mim, agora era tudo a mesma coisa. Cada músculo do meu corpo doía terrivelmente, principalmente os do estômago e dos braços.

E Schulz nos deu piedade e um drinque em silêncio. "*Hidratem!*", gritou ele, com aquele charme do Velho Mundo, que lhe vinha com tanta naturalidade e nós todos pegamos nossos cantis e viramos.

"Baixar cantis!", berrou Schulz, com um tom de injúria na voz. "*Agora, empurrando!"*

Ah, sim. Claro. Eu já tinha me esquecido. Acabara de ter um intervalo de nove segundos. E para o chão fomos nós, de volta ao trabalho, com as últimas forças que nos restavam, contando as flexões. Dessa vez só fizemos vinte. Schulz deve ter sido acometido por um ataque de consciência.

"Para a água!", berrou ele. "Agora mesmo!"

Saímos correndo para a praia e chegamos praticamente caindo na água. Agora estávamos com tanto calor que o frio nem fazia diferença. Não muita. E, quando voltamos nadando para a praia, o chefe Schulz estava lá, atormentando e berrando conosco para entrarmos em forma, e corrermos 1,5 km até o refeitório.

"Andando", acrescentou ele. "Não temos muito tempo."

Quando chegamos, eu estava quase morto. Acho que não tinha energia para mastigar nem um ovo cozido. Entramos naquele refeitório como o exército de Napoleão chegando de Moscou, molhados, sujos, exaustos, sem fôlego, famintos demais para comer, moídos demais para ligar.

Isso tudo, é claro, era feito sob medida. Não era qualquer tipo de simulação de incêndio chinesa, organizada pelos instrutores. Era uma abordagem estritamente séria, sobre suas atribuições, um método utilizado para descobrir, da

forma mais difícil possível, quem realmente queria fazer aquilo, quem realmente se importava o suficiente para ir até o fim, quem poderia enfrentar as próximas quatro semanas, antes da Semana Infernal, quando as coisas realmente ficavam brabas.

Era formulado para nos obrigar a reavaliar nosso compromisso. Será que realmente podíamos aturar essa punição? Noventa e oito de nós haviam entrado em fila, duas horas antes. Somente sessenta e seis chegaram ao café da manhã.

E, quando isso acabou, ainda estávamos ensopados, de botas, calças compridas e camisetas. E novamente seguimos para a praia, acompanhados por um instrutor que surgiu do nada, correndo ao nosso lado, gritando para que seguíssemos em frente. Foi-nos dito o que nos aguardava pela frente. Uma corrida de 6,5 km pela praia, rumo ao sul, três e pouco na ida, o mesmo na volta. O permitido era a chegada com trinta e dois minutos, e Deus ajudasse aqueles que não conseguissem correr, na areia, mais de 1 km em 5 minutos.

Fiquei com medo disso, pois sabia que não era um corredor realmente veloz e me condicionei psicologicamente para o esforço máximo. Eu parecia ter passado a vida toda fazendo aquilo. E, quando chegamos na praia, eu sabia que precisava desse esforço. Não poderia ter havido pior hora para a corrida. A maré estava quase cheia, ainda enchendo, portanto quase não havia faixa de areia seca e dura. Isso significava ter que correr na água rasa ou na areia fofa demais, ambas um aborrecimento terrível para um corredor.

Ken Taylor, nosso instrutor-chefe, nos alinhou e alertou sombriamente quanto ao horror que seria chegar após os trinta e dois minutos, algo que estaria além da possibilidade de alguns de nós. E nos mandou partir, com o sol saindo do Pacífico, à nossa direita. Eu escolhi a linha onde correria, ao longo do ponto da maré alta, onde primeiro a água recuava, deixando um filete de areia consistente. Isso significava que eu estaria dentro d’água por um tempo, mas somente na espuma rasa, e era bem melhor do que a areia fofa que se estendia à minha esquerda.

O problema era que eu tinha que me manter nessa faixa, pois minhas botas ficariam permanentemente molhadas e se eu subisse mais, na direção da praia, teria um quilo de areia colado em cada uma. Eu não achava que poderia me manter com os líderes, mas pensava que poderia me manter firme, no grupo que vinha logo atrás. Portanto, abaixei a cabeça, olhei a faixa de areia que se estendia à minha frente e segui meu caminho adiante, mantendo-me à direita, na parte de areia mais dura e molhada.

Os primeiros 3 km não foram tão terríveis. Eu estava lá na primeira metade

da turma e não me sentia tão mal. Mas, na volta, eu estava cansado. Olhei em volta e vi que todos pareciam muito cansados. E, bem ali, resolvi ir à luta. Abri o gás e me mandei para a frente.

A maré mudara durante os primeiros vinte minutos e agora só havia um filete de areia molhada que já não estava sendo varrido pelo mar. Eu fui fundo, com toda a minha força, correndo até achar que ia cair. Toda vez que alcançava um cara, eu encarava aquilo como um desafio pessoal e puxava mais, para ultrapassá-lo, finalmente marcando um tempo bom, dentro dos trinta e dois minutos, o que até não seria mau para um cavalo de carga.

Esqueço-me de quem foi o vencedor, provavelmente algum oficial osso duro de roer, mas ele foi alguns minutos melhor do que eu. De qualquer forma, os caras que chegaram dentro do tempo foram enviados para a areia fofa para descansar e se recuperar.

Cerca de dezoito caras ficaram fora dos trinta e dois minutos e a cada um deles foi dito: *"Chão!"*. Depois, começaram a empurrar. A maioria estava de joelhos, pela exaustão, e isso meio que os poupou de um passo para o exercício seguinte, que era rastejar pela areia e entrar no Pacífico, direto nas ondas que vinham. O instrutor Taylor os fez ir até o fundo, com a água gélida batendo no pescoço.

Eles foram mantidos ali durante vinte minutos, cuidadosamente cronometrados, agora, eu sei, para assegurar que ninguém tivesse hipotermia. Taylor e seus homens até tinham uma tabela que mostrava precisamente quanto tempo um homem podia aguentar aquele nível de frio. E eles foram chamados, um a um, e lhes deram um tremendo castigo por não terem alcançado a meta de trinta e dois minutos.

Compreendo que alguns deles podiam simplesmente ter desistido, e outros simplesmente não conseguiam ir mais rápido. Mas aqueles instrutores tinham uma ideia justa do que estava se passando e, baseados nisso, foram cruéis no primeiro dia de treinamento do BUD/S.

Quando os pobres saíram da água, o restante de nós estava fazendo as flexões comuns e, como isso já era quase da minha natureza, olhei para cima para ver qual seria o destino dos mais lentos. O chefe Taylor, Gengis Khan dos deuses da praia, ordenou que essa meia dúzia de caras meio mortos, meio afogados, deitasse de barriga para cima, com as cabeças e ombros sob a água. Depois os fez dar chutes flutuantes. Havia caras que estavam se engasgando, tossindo água e chutando, e só Deus sabe o que mais.

E só então o chefe Taylor os liberou, e eu lembro, claramente, que ele lhes

gritou que nós, secos e fazendo nossas flexões na praia, éramos os vencedores, enquanto eles, os molengas, eram *fracassados*! Depois lhes disse que era melhor que começassem a levar aquilo a sério ou estariam fora. “Aqueles caras ali, indo devagar, pagaram o preço completo”, ele berrava. “Pagaram à vista. Vocês não. Vocês falharam. E para caras como vocês há um preço maior a ser pago, entendem?”

Ele sabia que isso era chocantemente injusto, pois alguns deles realmente estavam fazendo o melhor. Mas precisava descobrir com certeza. Quem acreditava que poderia melhorar? Quem estava determinado a ficar? E quem já estava com um pé na porta?

Próximo exercício: treinamento físico com o tronco, algo novo para todos nós. Nós nos perfilamos, vestindo calças de sarja e chapéus macios. Tripulações de sete homens, em pé, junto aos nossos troncos, cada um com 2,5 m de comprimento e 30 cm de diâmetro. Não me lembro do peso, mas era o mesmo que o de um cara pequeno, uns 70 a 75 kg. Pesado, certo? Eu estava entrando em modo de funcionamento de cavalo de carga, quando o instrutor gritou: “Vão se molhar e cair na areia”. Todos nós, com nossas roupas secas, seguimos, mais uma vez, rumo ao mar, subindo uma duna e descendo para a água. Saímos correndo das ondas e voltamos à duna rolamos para o outro lado, depois nos levantamos como a companhia perdida do Castelo de Areia da Marinha Americana.

Então, ele nos disse para levar nosso tronco para ser molhado e rolado na areia. Nós o erguemos até a altura da cintura e o arrastamos pela duna acima, depois o rolamos abaixo, pelo outro lado.

A equipe ao nosso lado arranjou um jeito de soltar o tronco na descida.

“Se vocês, algum dia, voltarem a deixar esse tronco cair”, berrou o instrutor, “eu nem quero descrever o que irá acontecer com vocês. Todos vocês!” Ele usou um tom de voz enfurecido, vingativo, que poderia ter sido usado para dizer algo como: “Se vocês, algum dia, voltarem a estuprar minha mãe em gangue…”, em vez de simplesmente falar na porcaria do tronco.

Todos nós ficamos ali, segurando nosso tronco, de braços esticados, acima de nossas cabeças. Eles tentam fazer equipes uniformes quanto à altura, mas ter 1,94 m significa que sempre estarei carregando pelo menos a minha porção justa do peso.

Cada vez mais caras eram acusados de moleza e cada vez mais aumentava o número de caras no chão, fazendo flexões, enquanto eu e alguns outros caras grandes, na outra ponta, segurávamos o peso. Nós devíamos parecer os três

pilares de Coronado, torres cheias de areia segurando o templo, olhos espiando a paisagem arenosa de uma porção de criaturas estranhas, lutando para respirar. Logo depois disso, eles nos ensinaram todos os movimentos de treinamento de que iríamos precisar: agachamentos, arremesso do tronco acima da cabeça e muitos outros. Então, ainda em formação, nos foi dito: “Caiam por cima de seus troncos”, e nós o fizemos.

“Está muito devagar! Devagar demais! Vão para a água, depois para a areia!”

De volta ao mar, para dentro das ondas, e rolando na areia. A essa altura, já havia muitos caras sem pernas e os instrutores sabiam disso. Eles não queriam que ninguém realmente desabasse e passaram um tempo nos ensinando os pontos mais importantes do treinamento em equipe com o tronco. Para nossa total perplexidade, concluíram a manhã dizendo-nos que havíamos feito um trabalho e tanto, que tivemos um ótimo começo e agora poderíamos ir comer.

Muitos caras acharam aquilo encorajador. Porém, sete deles não foram consolados pelas palavras ditas pelos caras que poderiam estar cavalgando com a cavalaria de Satã, em *O Senhor dos Anéis*. Eles seguiram diretamente de volta ao moedor, tocaram o sino do lado de fora do escritório da primeira fase e entregaram seus capacetes, colocando-os perfilados, do lado de fora da porta do oficial em comando. É assim que se dá o ritual de saída na primeira fase. Agora havia doze capacetes representando a renúncia e nós nem havíamos almoçado, no primeiro dia.

A maioria de nós os achou um pouquinho apressados, pois sabíamos que uma parte da tarde seria tomada com a inspeção semanal do quarto. A maior parte de nós passara o domingo todo se organizando, limpando o chão com o esfregão e depois polindo. De alguma forma, eu estava no fim da lista para usar um daqueles dois polidores elétricos.

Tive que esperar a minha vez e não terminei até as 2 h da manhã. Mas o tempo não havia sido desperdiçado. Eu havia arrumado a minha cama, passei minhas calças de sarja a ferro e poli minhas botas, deixando-as brilhando como um espelho. Eu estava melhor, já não parecia um vagabundo de praia, como estivera o dia todo.

Os instrutores chegaram e eu não lembro qual deles entrou em meu quarto. Mas ele olhou tudo, aquele quadro de precisão e organização militar, depois olhou para mim com uma expressão de desgosto. Cuidadosamente, abriu as gavetas de minha cômoda e espalhou tudo pelo quarto. Tirou o colchão da cama e jogou ao lado. Esvaziou todo o conteúdo do meu armário fazendo uma pilha e

me informou que não estava acostumado a encontrar *trainees* que ficassem felizes em morar num depósito de lixo. Na verdade, suas palavras foram um pouco mais coloridas, mais… bem… vulgares.

Fora dos confins de meu quarto havia uma absoluta balbúrdia; havia coisas espalhadas por todo lado, num quarto após o outro. Eu só fiquei ali, de boca aberta, enquanto todos os alojamentos eram revirados por nossos próprios instrutores. Lá fora, no corredor, eu podia ouvir alguém berrando com o tenente David Ismay, líder da turma. Os tons suaves do chefe Schulz eram inconfundíveis.

"Que tipo de ninho de rato você conduz aqui, sr. Ismay? Nunca vi quartos assim em toda a minha vida. *Seus uniformes estão uma desgraça. Para a água… todo mundo!"*

Pelas minhas contas, havia trinta quartos. Somente três haviam passado pela revista. E nem esses caras foram isentados do nosso primeiro mergulho no mar naquela tarde. Com nossas botas engraxadas e nossas calças de sarja bem passadas, seguimos de volta para a praia, deixando uma cena de caos total para trás.

Corremos para dentro d'água, até o fundo, furando as ondas. Depois, viramos e voltamos para a praia, entramos em forma e seguimos de volta à área BUD/S. O chefe Taylor estava de volta em nossas vidas com uma pressa enorme, obviamente preparando o último exercício do dia, na praia, perto da água. Não sabíamos qual era.

Ao longo de todo o dia, ficamos imaginando precisamente quem ele era, mas nossas indagações quase não foram respondidas, salvo pelo fato de que o chefe era um verdadeiro veterano das equipes que haviam estado em missões no exterior, por quatro vezes, incluindo a Guerra do Golfo. Ele era um homem de tamanho mediano, mas imensamente musculoso; parecia poder caminhar diretamente através de uma parede sem perder a pose. Mas dava para ver que tinha senso de humor e não era avesso a nos dizer que estávamos indo bem. Que doçura da parte dele, certo? Metade de nós estava ali puramente pela força de vontade.

E precisávamos de toda força de vontade que pudéssemos ter, pois, em alguns instantes, íamos nos preparar para levar os barcos de volta para a água. Nunca vou me esquecer daquele treinamento com o barco, no primeiro dia, pois o chefe Taylor nos fez remar de trás para a frente, virados para popa. Quando voltamos pela água, para a praia, ficamos novamente de frente para a popa, mas agora estávamos remando para a frente.

Logo que começamos, a jornada além da arrebentação parecia impossível de ser feita estando de frente para a praia e segurando o remo de forma tão estranha, mas nós melhoramos. E, de alguma forma, conseguimos fazê-la. Mas não antes que todas as formas de caos ocorressem. Emborcamos, capotamos, batemos de costas numa onda grande, tentando furá-la. E houve muito revolver na água e tosse quando tentamos a finalização do chefe Taylor, que era virar novamente o barco, voltar a arrumá-lo, alojar corretamente os remos, depois nadar de volta com o barco e passar pelas ondas e voltar à praia.

Antes de sairmos, levaram-nos para fazer um exercício chamado observação das ondas, no qual dois homens de uma equipe observam as condições do mar e fazem um relatório. Eu prestei toda atenção a isso, o que foi bom, já que, de agora em diante, todas as manhãs, às quatro e meia, dois de nós iriam até a beirada da água e voltariam, para fazer o relatório. O chefe Taylor, sorrindo, como costumava fazer, dispensou-nos com as palavras: “E não façam cagada com esse relatório. Não quero discrepâncias quanto às condições do mar, ou o pagamento será infernal”.

Naquela noite, caprichamos na arrumação de nossos quartos, e no segundo dia estávamos a caminho de uma manhã comum, com flexões, corrida e os mergulhos e banhos de areia. Nossa primeira aula incluía a apresentação ao oficial instrutor chefe Bob Nielsen, outro veterano da Guerra do Golfo e inúmeras missões no exterior. Ele era alto, esguio para um SEAL, e eu o achei um pouco sarcástico. Suas palavras para nós eram repletas de significado, pontilhadas de ameaça, no entanto otimistas.

Ele se apresentou e nos disse o que esperava. Como se não soubéssemos. Tudo certo, não é? Ou morra tentando. Ele nos mostrou slides de todos os aspectos da primeira fase. Antes que a primeira imagem fosse removida da tela, ele nos disse para esquecermos qualquer tentativa de enganar os instrutores.

“Caras”, disse ele, “já vimos de tudo. Você pode tentar, se quiser, mas não vai ajudá-lo em nada. Nós vamos pegá-lo e, quando isso acontecer, abra o olho!”

Acho que todos na sala fizeram uma anotação mental de não tentar “armar”. Todos ouvimos com muito cuidado quando o chefe Nielsen repassou rapidamente as nossas quatro primeiras semanas e o que deveríamos esperar – mais corridas, treinamento físico com o tronco e barcos, nado, a catástrofe completa. Puramente para descobrirmos o quanto éramos realmente durões.

“Condicionamento”, disse ele. “Condicionamento e muita água fria. Podem se acostumar com isso. O mês que vem vai ser um forte chute no saco. Pois nós vamos esmagá-los.” Ainda tenho as minhas anotações da palestra de Bob

Nielsen.

“Se falharem nesses padrões, estão fora. É claro que a maioria de vocês acabará saindo. E a maioria não voltará. Terão de fazer aquela corrida em trinta e dois minutos e concluir nados de 3700 m em uma hora e meia. Vão fazer um teste escrito difícil. Há referenciais para a piscina e teste de afogamento. Com e sem pés-de-pato – chutes, golpes e escorrega.

“Vocês podem estar pensando, O que é preciso? O que tenho de fazer para conseguir passar? A pura verdade é que dois terços de vocês, sentados aqui, irão desistir.”

Eu me lembro dele em pé, perto da minha fileira, dizendo: “Há sete fileiras de gente aqui sentada. Só duas fileiras conseguirão”. Ele parecia olhar diretamente para mim ao dizer: “O restante vai virar história, de volta à frota. É assim que as coisas são. Sempre foram. Portanto, tentem o melhor para provar que estou errado”.

Ele deu mais um alerta. “Esse treinamento não é compatível com todos. Temos caras muito bons que passam por aqui e decidem que isso não é para eles. E esse é seu direito. Mas eles vão embora com dignidade, entenderam? Se pegarmos um de vocês rindo ou debochando de um homem que pediu baixa, vamos massacrá-los, sem piedade. Pra valer. Vocês irão lamentar aqueles momentos de zombaria por muito tempo. Eu os aviso que nem pensem nisso.”

Ele concluiu nos dizendo que a verdadeira batalha é ganha na mente. Ela é vencida pelos caras que compreendem suas áreas de fraqueza, que sentam e pensam a respeito, planejando melhorar. Prestando atenção nos detalhes. Trabalhando suas fraquezas para superá-las. Porque eles podem.

“Sua reputação é construída bem aqui, na primeira fase. E você não quer que as pessoas pensem que você só faz o suficiente para passar raspando. Quer que as pessoas entendam que você sempre tenta se superar, ser melhor, ser totalmente confiável, sempre dando o melhor de si. É assim que fazemos as coisas por aqui.

“Lembrem-se da última coisa. Só um cara nesta sala sabe se você vai conseguir ou fracassar. Esse cara é você. Vão fundo, cavalheiros. Deem tudo.”

O chefe Nielsen saiu e cinco minutos depois permanecíamos ali, esperando pelo relatório do oficial em comando. Seis instrutores entraram na sala, acompanhando um capitão da Marinha. E todos nós sabíamos quem ele era. Tratava-se do capitão Joe Maguire, o quase lendário nativo do Brooklyn, homem de honra da turma de 93, e antigo oficial de comando da Equipe SEAL 2. Ele também era o futuro vice-almirante Maguire, que servira por todo o mundo e era

amado em Coronado, um cara grande que jamais esquecia o nome de um SEAL, por mais novato que fosse.

Ele falou conosco calmamente. E nos deu dois conselhos inestimáveis. Disse que estava se dirigindo aos que realmente queriam esse tipo de vida, aos que poderiam lidar com qualquer tipo de tormento que aqueles instrutores do fundo da sala pudessem infligir.

“Em primeiro lugar, não quero que vocês cedam à pressão do momento. Em qualquer ocasião que estejam sentindo muita dor, apenas aguentem firme. Terminem o dia. Depois, se estiverem se sentindo realmente mal, pensem com afinco e longamente, antes de resolver desistir. Segundo, levem um dia de cada vez. Um exercício de cada vez.

“Não deixem que seus pensamentos se dispersem, não comecem a planejar cair fora só porque estão preocupados com o futuro e com quanto poderão suportar. Não olhem para a dor à frente. Apenas passem pelo dia e há uma carreira maravilhosa adiante.”

Esse foi o capitão Maguire, um homem que um dia serviria como comandante representante do U. S. Special Operations in Pacific Command (COMPAC). Com a insígnia com duas águias reluzindo em sua gola, o capitão Maguire nos incutia o conhecimento daquilo que realmente contava.

Eu fiquei ali, pensando por uns instantes, até que a casa caiu. Um dos instrutores já berrava. “*Chão!*”, gritou ele, e nos fez deitar por conta do pecado de um homem.

“Eu vi um de vocês cochilar, bem aqui, no meio da palestra do capitão. Como se atrevem? Como se atrevem a cair no sono na presença de um homem desse calibre? Vocês vão pagar por isso. *Agora, empurrando pra cima*!”

Ele nos triturou, nos mandou fazer os exercícios, provavelmente umas cem flexões e abdominais, nos levou até a duna diante do complexo. Enfureceu-se conosco porque nosso tempo no Circuito O foi baixo, devido ao fato de estarmos paralisados de cansaço já antes de chegarmos lá.

E assim foi, a semana inteira. Houve uma travessia a nado na baía, 1600 m com um cara de habilidade incomparável. Houve exercícios na piscina, de máscaras, com e sem pés-de-patos. Num deles, tivemos que deitar de barriga para cima, com as máscaras cheias d’água e tentar dar os chutes flutuantes fora e acima da água. Era assassinato. Assim como o treinamento físico com a tora e nossas corridas de 6400 m. O trabalho nas ondas também era uma experiência de força, correndo com os barcos através das ondas, virando e desvirando o barco, remando de frente e de costas, arrastando o barco, carregando o barco em nossas

cabeças.

Aquilo nunca acabava e, até o fechamento da primeira semana já tínhamos perdido mais de vinte homens, um deles aos prantos, por não conseguir. Suas esperanças, seus sonhos, até suas intenções haviam sido despedaçadas naquela praia de Coronado.

Foram mais de sessenta badaladas no grande sino do lado de fora da porta do oficial. E, todas as vezes que ouvíamos, sem exceção, sabíamos que tínhamos perdido um cara essencialmente bom. Não havia nenhum cara ruim que conseguisse passar pelo Indoc. E, conforme os dias se passavam e ouvíamos aquele sino, repetidamente, aquilo se tornou um som muito melancólico.

Será que eu estaria ali, do lado de fora da porta do oficial, arrasado, em alguns dias mais? Isso não era impossível, porque muitos desses homens não tinham qualquer intenção de desistir algumas horas ou até minutos antes de o fazerem. Algo simplesmente abriu caminho por dentro, no fundo deles. Já não conseguiam ir em frente e não faziam ideia do motivo.

Não perguntes por quem dobram os sinos, Marcus. Pois os filhos-da-puta podem dobrar por ti. Ou por qualquer um dos estranhos, ainda de pé, depois da realidade brutal da semana um, primeira fase. Todas as vezes que passávamos pelo moedor, víamos a prova bem ali, diante de nossos olhos, um total de vinte capacetes no chão, alinhados ao lado do sino. Cada um daqueles capacetes havia pertencido a um amigo, ou conhecido, ou até rival, mas um cara ao lado de quem havíamos sofrido.

Aquela fila de chapéus solitários era um lembrete rigoroso não apenas do que esse lugar podia fazer a um homem, mas também da glória particular que poderia conferir àqueles que não cedessem. E me levou adiante. Cada vez que eu olhava para a fila, cerrava meus dentes e depositava uma determinação a mais em meu progresso. Ainda me sentia da mesma forma que no primeiro dia. Preferia morrer a me entregar.

A terceira semana da primeira fase nos conduziu a um novo aspecto do treinamento BUD/S, chamado “carregamento com obstáculos sobre rochas”. Isso era perigoso e difícil, mas, basicamente, tínhamos que remar o IBS ao longo de um leito de rochas, do lado oposto ao mundialmente famoso Hotel del Coronado e pousá-lo ali. Eu não me refiro a ancorá-lo, estou dizendo levá-lo até lá em cima, onde não batia água, passando pelas ondas quebrando à sua volta, a maré tentando sugá-lo, e levar aquele barco de volta ao mar.

Nessa eu tinha que me dar bem, por conta do meu tamanho e habilidade para erguer o barco. Mas nenhum dos membros da equipe estava preparado para

esse teste desesperador. Era algo que simplesmente teríamos de aprender. Então, lá fomos nós, remando com tudo, saindo do mar, rumo às rochas imensas, direto por dentro das ondas que quebravam em todas as direções.

A proa de nosso barco colidiu nas rochas e o homem da proa, que não era eu, saltou à frente, segurando-se e mantendo o cabo de atracação firme ao redor de sua cintura. Sua função era estar seguro e depois atuar como um cabrestante humano, parando o barco que estava sendo jogado para trás. Nosso homem era bastante habilidoso; ele se colocou entre algumas pedras grandes e gritou para nós: "*Homem de proa em segurança!*".

Repetimos seu chamado para que todos soubessem onde estávamos localizados. Mas agora o barco estava preso com a proa nas rochas. Ele não tinha ritmo nas ondas e estava vulnerável a cada ondulação que quebrava na popa. Nessa posição estática ele não pôde descer as ondas.

Os gritos de nosso chefe de equipe dizendo "*Água!*" eram de pouca ajuda. A maré estava quebrando direto em cima de nós, do barco e sobre as pedras. Estávamos de colete salva-vidas, mas o menor homem entre nós teve que pular por cima da proa, carregar todos os remos e levá-los em segurança para o solo seco.

Então, todos tivemos que desembarcar, um a um, escalando as pedras, com o pobre homem de proa se mantendo firme por sua vida, preso entre as rochas, com o barco ainda amarrado ao seu dorso. A essa altura, todos nós estávamos perto da corda, tentando pegar as alças, mas o homem de proa tinha de se mover primeiro, rumando para cima, a uma nova posição, agora conosco segurando o peso.

Ele partiu. *Homem de proa em movimento!* Eu puxei, perto do motor, colocando toda a minha força. Uma onda se chocou contra o barco e quase nos levou para a água, mas conseguimos segurar firme.

Homem de proa em segurança! Então, demos tudo, sabendo que nossos companheiros de equipe não podiam ser arremessados contra nós. De alguma forma, levamos aquela belezinha para cima e para a frente, a arrastamos para fora do Pacífico, enganamos a morte e levamos o barco na mão, até lá em cima das pedras, num local alto e seco.

"Lento demais", disse o nosso instrutor. Depois ele começou a relatar uma série de detalhes que fizéramos errado. Demoraram demais nos estágios iniciais, homem de proa não foi veloz o suficiente para subir as rochas, muita demora nas primeiras puxadas, tempo demais recebendo a arrebentação das ondas.

Ele nos mandou seguir para a areia, nos deu uma série de vinte flexões,

depois nos ordenou que seguíssemos direto para o lugar de onde viéramos – escalando as rochas, levando o barco para a água, o homem de proa nos mantendo em segurança enquanto quase morríamos afogados… entrando, seguindo em frente, de boca fechada e remando. Realmente, bem simples.

Aquele primeiro mês terminou do jeito que havia começado, com uma turma encharcada, gélida e morta de cansaço. Na conclusão das quatro semanas, os instrutores tomaram algumas decisões severas, eliminando os mais fracos dentre nós, caras que haviam falhado nos testes, talvez um ou dois testes. Eles pareciam jovens muito determinados, que preferiam morrer a desistir, mas simplesmente não conseguiam nadar rápido o suficiente, correr o bastante ou erguer o peso necessário, faltava-lhes resistência, confiança embaixo d'água, destreza no barco.

Esses eram os caras mais difíceis de dispensar do programa, pois tinham dado tudo e continuariam a fazê-lo. Apenas lhes faltava um talento dado por Deus para desenvolver o trabalho dos SEALs da Marinha americana. Anos depois, eu conhecia muito bem alguns dos instrutores e todos eles disseram a mesma coisa sobre a quarta semana da primeira fase, a Semana Infernal. "Nós todos sofríamos com isso. Ninguém queria estar envolvido no ato de partir o coração de um garoto."

Mas também não podiam permitir que os fracos seguissem adiante, rumo aos seis dias de maior demanda no treinamento de qualquer força de luta do mundo. E não estou me referindo ao mundo livre, mas ao mundo inteiro. Somente o lendário SAS da Grã-Bretanha possui algo comparável.

Os resultados do treinamento das quatro semanas significavam que só restavam cinquenta e quatro de nós; cinquenta e quatro dos noventa e oito que haviam começado a primeira fase. E a Turma 226 começaria cedo, como começam todas as turmas da Semana Infernal, no domingo, ao meio-dia.

No fim da tarde daquela sexta-feira, mais uma vez nos reunimos para formalmente ouvirmos o capitão Maguire, que estava acompanhado por vários instrutores e oficiais de turma.

"Todos prontos para a Semana Infernal?", ele nos perguntou, alegremente.

Hooyah!

"Excelente", respondeu ele. "Porque vocês estão prestes a passar por um teste muito minucioso e doloroso. Cada um de vocês descobrirá qual é a sua verdadeira essência. E a cada passo do caminho irão se deparar com uma nova escolha. Entrego-me à dor e ao frio ou sigo em frente? Será sempre com vocês. Não há cotas, não há números. Nós não decidimos quem passa. São vocês que

decidem. Porém, na sexta-feira, quando a Semana Infernal terminar, espero apertar a mão de cada um de vocês".

Todos nós ficamos respeitosamente de pé diante da retirada do capitão Maguire, a quinta-essência do homem de Coronado, que compreendia o orgulho da realização de ter galgado as alturas e sabia o que realmente contava, dentro dos SEALs e além. Ele era o chefe eterno.

Avisaram-nos sobre o que levar para a aula de domingo – nossos acessórios, equipamento, troca de roupa, roupas secas e algumas roupas à paisana, que seriam colocadas num saco para que os caras bem-sucedidos tivessem algo para vestir quando tudo terminasse. Caras que pedissem baixa também teriam roupas secas, a qualquer hora da semana, quando se preparassem para partir.

Nosso instrutor nos falou para comer um bocado, durante todo o fim de semana, mas não devíamos nos preocupar com roupas de dormir no domingo à tarde, quando estaríamos enclausurados na sala de aula. "Vocês estarão estimulados demais para dormir", acrescentou ele enfaticamente. "Portanto, apenas entrem aqui, relaxem, assistam a filmes e preparem-se."

No quadro de avisos estava a doutrina oficial dos SEALs, semana cinco, primeira fase: "Os alunos demonstrarão as qualidades e características pessoais de determinação, coragem, sacrifício pessoal, trabalho em equipe, liderança e uma atitude de jamais desistir sob quaisquer condições de adversidade ambiental, fadiga e estresse, ao longo da Semana Infernal".

Isso deixa bem claro, certo? Quase. A Semana Infernal acabou sendo muito pior que isso.

Passamos a semana nos organizando e nos reunimos na sala de aula ao meio-dia de domingo, 18 de julho. Duas dúzias de instrutores vindos de toda parte do complexo, caras que jamais víramos antes estavam presentes. É preciso tudo isso para fazer com que a turma passe pela Semana Infernal, além dos médicos, caras de apoio e logística. Creio que seja necessária uma equipe completa para conduzir os homens a uma marcha rumo aos testes mais rigorosos da elite naval de guerra.

Isso é conhecido como o Confinamento da Semana Infernal. Ninguém sai; nós nos sentamos numa sala de aula e esperamos a tarde toda; com nossas mochilas de mar e os sacos de papel com nossas roupas secas, que ficam perfilados, com nossos nomes escritos do lado de fora em caneta hidrográfica preta. No fim da tarde, eles nos serviram *pizza*, pilhas de *pizza*.

Do lado de fora, podíamos sentir que tudo estava quieto. Ninguém passava por perto, não havia patrulhas, nem alunos vagando. Todos sabiam que a Semana

Infernal da 226 estava para começar. Não era exatamente respeito pelos mortos, mas, a essa altura, acho que você já entende mais ou menos o que quero dizer.

Eu me lembro como estava quente, devia estar fazendo mais de trinta e dois graus dentro da sala. Estávamos todos à vontade, de roupas comuns, a maior parte do domingo, e todos sabíamos que algo estava para acontecer, conforme a noite se aproximava. Havia algum filme passando e as horas transcorriam. Havia uma atmosfera de tensão acentuada, à medida que esperávamos pelo tiro de largada. A Semana Infernal começa com um frenesi de atividades conhecido como a Fuga. E, quando chegou a nossa hora, foi muito mais que um tiro de largada.

Não consigo me lembrar da hora exata, mas foi depois de 20 h 30, e antes de 21 h. Subitamente, houve um grito alto e alguém entrou literalmente chutando a porta lateral. *Bum!* E um cara carregando uma metralhadora, seguido por dois outros, entrou detonando, atirando com arma no quadril. As luzes foram apagadas e os três homens abriram fogo, cobrindo a sala de balas (de festim, espero).

Eram assovios pungentes dos apitos, e a outra porta foi aberta no chute, e mais três homens entraram detonando a sala. A única coisa que nós sabíamos com certeza era que agora, quando soavam os apitos, nós íamos ao chão e, assumindo uma posição defensiva, deitados, de pernas cruzadas, cobrindo os ouvidos com as palmas das mãos.

No chão! Cabeças baixas! Chegou!

Depois, uma nova voz, alta e ressonante. Estava um breu, exceto pelos lampejos ininterruptos das metralhadoras, mas, para mim, a voz parecia a do instrutor Mruck: “*Bem-vindos ao inferno, cavalheiros*.”

Pelos minutos seguintes, foi só tiro. Um tiroteio ensurdecedor. As balas certamente eram de festim, ou metade de nós teria morrido, mas, acredite, eram exatamente como as reais, com os instrutores SEAL disparando nossos M43s. Os gritos eram afogados pelos apitos e tudo era abafado pela artilharia.

A essa altura, o ar dentro da sala estava horrível, tomado pelo cheiro de pólvora, iluminado apenas pelas bocas dos canos das armas. Eu mantive minha cabeça bem abaixada no chão, conforme os atiradores se moviam entre nós, tomando o cuidado para que os cartuchos quentes não caíssem em nossa pele.

Senti uma calmaria. Depois um urro, dirigido a todos nós. “Todo mundo, pra fora! Andem! Andem, Andem! Vamos embora!”

Esforcei-me para ficar em pé, e me juntei ao estampido rumo à porta. Saímos correndo na direção do moedor, onde estava absolutamente confuso.

Mais tiros. Gritos intermináveis e mais apitos, e novamente fomos mandados ao chão, na posição correta. Os simuladores de artilharia explodiam a partir de barris colocados ao redor do moedor. Eu não sabia onde estava o capitão Maguire, mas, se estivesse ali, teria achado que estava de volta a algum campo estrangeiro de batalha. Ao menos, se ele fechasse os olhos, pensaria isso.

Então, os instrutores detonaram pra valer, dessa vez, com mangueiras de alta pressão, mirando diretamente em nossa direção, jogan-do-nos no chão, caso tentássemos levantar. O lugar foi inundado pela água e não conseguíamos ver coisa alguma, nem ouvíamos nada além da artilharia.

Os apitos de exercício soavam em meio aos jatos d'água, um caos total, explosões ensurdecedoras e instrutores aos berros… "*Homens, rastejem em direção ao apito! Rastejem para o apito! E mantenham as malditas cabeças baixas!*"

Alguns dos caras estavam totalmente confusos. Um deles correu como um louco direto para a praia, entrou no mar. Era um cara que eu conhecia bem e perdeu totalmente as estribeiras. Essa era uma cena simulada das praias da Normandia e induzia a um certo grau de pânico, pois ninguém sabia o que estava acontecendo, nem o que deveríamos estar fazendo, além de ficar no chão.

Os instrutores sabiam disso. Eles compreendiam que muitos de nós estaríamos em maus lençóis. Eu não. Estou sempre preparado para esse tipo de coisa e, de qualquer forma, sabia que eles não estavam tentando nos matar. Mas os instrutores sabiam que nem todos pensavam assim, e se moviam entre nós, para que desistíssemos naquela hora, enquanto ainda havia tempo.

"Tudo que vocês têm a fazer é tocar aquele sininho."

Deitado ali no escuro e na confusão, morrendo de frio, encharcado e temendo ficar em pé, eu disse a um deles que podia enfiar aquele sininho na bunda e ouvi uma onda de gargalhadas. Mas não disse novamente nem deixei que soubessem que tinha sido eu. Quer dizer, até agora. Está vendo? Até em meio ao caos eu conseguia dar uma resposta esperta.

A essa altura, estávamos num estado absoluto de desorientação, apenas tentando nos manter no moedor, junto com os outros. O mantra do trabalho em equipe entrara em vigor. Eu não queria ficar sozinho. Queria ficar com meus encharcados companheiros de equipe, independentemente do que tivéssemos que fazer.

Então, ouvi uma voz anunciando que estávamos com um homem a menos. Depois ouvi outra voz, aguda e exigente. Não sei quem era, mas estava perto de mim e pareceu o chefe-mor, Joe Maguire, com muita autoridade. "O que quer

dizer? Um homem a menos? Faça a contagem agora mesmo.”

Eles ordenaram que ficássemos de pé imediatamente e fomos contados, um a um, parando no cinquenta e cinco. Estávamos com um homem a menos. Que merda! Isso era mau, era muito sério. Até eu entendia isso. Alguém foi mandado imediatamente até a praia e foi lá que encontraram o aluno que faltava, nadando na água.

Alguém regressou ao moedor para relatar. E eu ouvi nosso instrutor estrilar: “Mande todos eles para a água. Depois nós os contamos”. E lá fomos nós, novamente, correndo muito, rumo à praia, nos afastando dos tiros, daquele hospício, mergulhando no Pacífico gélido, no que parecia ser o meio da noite. E, como era tão frequente, nós estávamos molhados demais para nos preocuparmos, com frio demais para ligarmos.

Mas, quando finalmente saímos da água, aconteceu algo novo. Os apitos voltaram a soar e isso significava que tínhamos que rastejar rumo a eles, porém dessa vez não era na superfície preta e lisa. Dessa vez era na areia fofa.

Em instantes, nós parecíamos besouros de areia, tateando nosso caminho pelas dunas. Os apitos continuavam soando, um longo, depois dois, e prosseguíamos rastejando e, a essa altura, meus cotovelos estavam ficando realmente quentes e doloridos, e meus joelhos também não estavam lá grandes coisas. As quatro juntas davam a sensação de estarem vermelhas e em carne viva. Mas eu seguia em frente. Então, o instrutor mandou que voltássemos para a água, até o fundo, para que permanecêssemos lá durante quinze minutos, tempo máximo de imersão, a pouco menos de quinze graus. Nós nos demos os braços, até sermos mandados para mais apitos e mais rastejar.

Então nos mandaram para a água para darmos chutes flutuantes, com a cabeça dentro d’água. Depois, mais apitos, mais rastejar e de volta para a água, por mais quinze minutos. Bem ao meu lado, um dos melhores caras da turma, um oficial e líder de equipe de barco, grande corredor e bom nadador, desistiu, incondicionalmente.

Essa realmente abalou. Outro oficial de sua equipe saiu correndo para a praia atrás dele, implorando que ele não fosse, falando com o instrutor em serviço, em seu nome, que ele não estava falando sério. Não, senhor. O instrutor lhe deu outra chance e disse que ainda não era tarde demais para que ele voltasse para a água.

Mas ele havia tomado sua decisão e se fechara a todos os pedidos. Continuou andando, e o instrutor lhe disse que entrasse num caminhão, ao lado da ambulância. Então, ele perguntou ao cara que estava fazendo o pedido se ele

também queria desistir, e todos nós ouvimos um sonoro “Negativo” e vimos o cara voltar correndo, como um gato escaldado, vindo direto da praia para se juntar a nós, dentro d’água.

A temperatura parecia ficar mais fria, enquanto nos remexíamos dentro da maré gélida. E finalmente nos mandaram sair e os apitos soaram novamente. Todos mergulhamos novamente na areia. Rastejando, coçando, queimando. Cinco caras desistiram, instantaneamente, e foram mandados ao caminhão. Eu não entendi nada, pois já fizéramos aquilo antes. Era ruim, mas não era tão ruim assim, pelo amor de Deus. Acho que aqueles caras só estavam pensando no porvir, horrorizados com os cinco dias da Semana Infernal que estavam pela frente, precisamente da forma como o capitão Maguire havia nos alertado para não fazermos.

De qualquer forma, naquele momento, recebemos ordem para pegarmos os barcos e seguirmos para o mar, o que fizemos sem muita dificuldade. Mas eles nos fizeram remar quase cem metros, remando fundo, nadar até o barco, carregar o barco, correr com o barco, rastejar, viver, morrer. Estávamos tão exaustos que não fazia diferença. Mal sabíamos onde estávamos. Simplesmente flutuávamos com nossos joelhos e cotovelos sangrando, até que nos mandaram sair da água.

Acho que era pouco antes de meia-noite, mas poderia ser a manhã de Natal. Passamos ao treinamento físico com as toras, na água. Nenhum pedaço de madeira na história, exceto, possivelmente, a cruz do calvário carregada por Jesus Cristo, jamais foi tão pesado como nosso tronco de dois metros e meio, que tivemos que carregar para o Pacífico. Depois de todo o nosso esforço, essa foi para quebrar. Mais três homens desistiram.

Então, os instrutores surgiram com algo novo e mais avançado. Eles nos fizeram carregar os barcos ao redor do “Circuito O” e suspendê-lo sobre os malditos obstáculos. Outro homem desistiu. Estávamos resumidos a quarenta e seis.

Bem ali, nós mudamos para “carregamento com obstáculos sobre rochas” e voltamos para a praia, para pegar o IBS e seguir para a água. Como profissionais, caímos nas ondas que entravam e remamos de forma infernal, usando o restante de nossas forças, rumo às rochas do lado oposto ao Hotel del Coronado. Matt McGraw, meu parceiro de nado, agora dava as coordenadas em nosso barco, e seguimos à frente, entramos perto das pedras, o homem de proa pulou e segurou o cabo de atracação. Estabilizamos o barco com os remos e eu achei que estávamos indo muito bem.

Subitamente, o instrutor, em pé no alto das rochas, gritou para o oficial de

nossa equipe, às duas da manhã: “*Você, você, senhor. Você acaba de matar toda a sua esquadra! Pare de ficar entre o barco e as rochas!”*.

Arrastamos o barco para fora da água, subimos nas pedras e seguimos para a areia. O instrutor nos deu duas séries de flexões e mandou que fizéssemos o caminho de volta de onde viéramos. Subimos nas rochas mais duas vezes, devagar e desajeitados, eu creio, e o instrutor jamais parou de berrar conosco. No final, tivemos que levar o barco de volta, ao longo da praia, soltá-lo e voltar para a água para dar chutes flutuantes com a cabeça e os ombros dentro d’água, depois, flexões na água. Depois, abdominais. Mais dois desistiram.

Essas desistências foram bem do meu lado. E eu ouvi o instrutor claramente lhes dando outra chance, perguntando se queriam reconsiderar. Se positivo, seriam bem-vindos de volta à água.

Um deles hesitou. Disse que poderia, se o outro voltasse com ele. Mas o outro cara não aturou. “Pra mim chega dessa merda”, disse ele, “estou fora.”

Os dois desistiram juntos. E o instrutor pareceu não ligar a mínima. Mais tarde, fiquei sabendo que, quando um homem desiste e ganha outra chance, ele nunca chega até o fim. Todos os instrutores sabem disso. Se a ideia de pedir baixa entra na cabeça de um homem, ele não é um SEAL.

Acho que o elemento da dúvida polui sua mente eternamente. E, esbaforido, suando e descendo aquelas dunas da praia, entendi isso na primeira noite da Semana Infernal.

Entendi, pois essa ideia nunca me passou pela cabeça. Não enquanto o sol nascer no leste. Toda a dor em Coronado não poderia ter inserido esse veneno em minha mente. Eu poderia ter desmaiado, ter tido um ataque do coração ou ter sido fuzilado diante de um pelotão. Mas jamais desistiria.

Voltamos ao trabalho assim que os desistentes partiram. Erguemos os barcos e os carregamos na cabeça, para depois correr até o refeitório, só mais um quilômetro e meio. Quando cheguei lá, eu estava o mais perto de desmoronar como jamais estivera. Mas eles ainda nos mandaram fazer flexões e erguer o barco. Para abrir o apetite, eu acho.

E acabaram nos liberando para tomar o café da manhã. Havíamos perdido dez homens, durante as nove horas desde o início da Semana Infernal; nove horas desde que aqueles homens começaram a berrar e os atiradores levaram a Turma 226 para dentro de sua sala de aula; nove horas desde que estivéramos secos e nos sentíamos mais ou menos humanos.

Foram nove horas que haviam mudado as vidas e as percepções daqueles que não puderam mais aturar. Duvido que qualquer um do restante de nós

voltaria a ser o mesmo.

Dentro do refeitório, alguns caras estavam em estado de choque. Apenas olhavam o prato, incapazes de funcionar normalmente. Eu não era um deles. Sentia-me quase faminto e mergulhei nos ovos, torradas e linguiça, saboreando a comida, saboreando a liberdade dos gritos e comandos dos instrutores.

Tirei o máximo daquilo. Sete minutos depois, terminei meu café da manhã e o novo turno de instrutores já estava ali aos berros.

"É isso, crianças, levantando e saindo. Vamos indo. Lá pra fora! Agora! Andem! Andem! Andem! Vamos começar bem o dia."

Começar o dia! Será que esse cara tinha perdido a cabeça? Ainda estávamos encharcados, cobertos de areia, passamos a noite quase nos matando.

Bem ali eu soube de uma coisa, com certeza: não havia piedade na Semana Infernal. Tudo que nos disseram era verdade. Você acha que é durão, garoto? Então, vá em frente e nos prove.

5
COMO OS VESTÍGIOS DE UM EXÉRCITO DEVASTADO

Nós nos ajudávamos um ao outro sobre as dunas, levantando aqueles que caíam, amparando os que mal conseguiam andar… O batismo de fogo que reduzira a Turma 226 a menos da metade, terminara… Ninguém havia pensado que seria tão ruim.

Nós nos perfilamos do lado de fora do refeitório e erguemos os barcos em nossas cabeças. Agora estava claro que não iríamos a lugar algum sem eles. Da mesma forma que os banqueiros carregam suas pastas e as modelos fotográficas carregam seus *books* de fotografias, nós andávamos de um lado para o outro com nossos barcos na cabeça. É um negócio da Semana Infernal.

Preciso admitir que, depois das primeiras trinta horas seguidas, a minha memória daqueles cinco dias começa a ficar meio embaçada. Não quanto aos acontecimentos em si, mas quanto à sequência. Quando você está se movimentando para a frente, por quarenta horas sem dormir, a mente começa a fazer truques, fazendo com que os pensamentos passageiros subitamente se tornem realidade. Você dá trancos para se manter acordado e se pergunta onde diabos está e por que sua mãe, segurando um suculento bife de picanha, não está ao seu lado remando.

É o que precede a alucinação total. Tipo de semialucinações. Elas começam lentamente, vão piorando de maneira progressiva. Entenda-se que os instrutores fazem o melhor que podem para mantê-lo acordado. Recebemos quinze minutos de treinamento físico duro tanto ao chegarmos ao refeitório quanto ao sairmos. Fomos mandados para a água com frequência. A água estava gélida e, cada vez que fazíamos o treinamento com os barcos, atravessando as ondas, com quatro equipes remanescentes, recebíamos ordens para virar o barco, puxá-lo para cima de nós, depois endireitá-lo, entrar novamente e prosseguir remando até nosso destino.

A recompensa dos vencedores sempre era o descanso. Era por isso que

tentávamos com tanto afinco. O mesmo ocorria com a corrida de 6,5 km, durante a qual desacelerávamos e, às vezes, passávamos do padrão de trinta e dois minutos. Os instrutores simulavam ódio, como se não soubessem que estávamos sendo surrados de forma infernal. Até aquela primeira manhã de segunda-feira, nós já estávamos de pé havia mais de trinta e seis horas e seguíamos em frente.

A maioria de nós jantou cedo, parecendo um grupo de zumbis. E, logo depois, marchamos para o lado de fora e aguardamos as ordens. Lembro que três caras tinham acabado de desistir. Simultaneamente. O que nos reduziu a seis oficiais, dos doze originais.

A julgar pelo cara que eu conhecia, creio que nenhum daqueles que desistiu estava em pior forma do que estivera doze horas antes. Podiam estar um pouquinho mais cansados, mas não fizéramos nada de novo, era tudo parte de rotinas que já tinhamos experimentado. E, de meu ponto de vista, eles agiram em total desafio ao conselho que nos fora dado pelo capitão Maguire.

Não estavam pensando em cada tarefa de cada vez, vivendo o dia. Eles se permitiram viver o terror da dor e da angústia que estava por vir. E ele nos dissera para jamais fazermos isso, apenas encarar cada hora e esquecermos o futuro. Continuar em frente até que você estivesse seguro. Quando se tem um cara daqueles, um SEAL lendário e herói da Marinha americana, acho que você tem de prestar atenção às suas palavras. Ele obteve o direito de dizê-las e está passando a sua experiência. Como Billy Shelton havia me falado, até mesmo uma mera sugestão.

Mas nós não tínhamos tempo para lamentar a partida dos amigos. Os instrutores faziam-nos marchar até uma área chamada píer de ferro, que costumava ser um local de treinamento para a Equipe 1 SDV, antes que eles fossem para o Havaí. Agora estava escuro e a água, muito fria, mas ordenaram-nos que pulássemos ali dentro, por quinze minutos.

Depois nos deixaram voltar para a terra firme e nos passaram uma sessão de exercícios. Isso nos aqueceu um pouquinho. Mas meus dentes batiam quase incontrolavelmente, e ainda nos deram ordem para voltar para a água por mais quinze minutos, o limite antes que os caras começassem a sofrer de hipotermia. Os quinze minutos seguintes foram quase assustadores. Eu estava com tanto frio que pensei que fosse desmaiar. Havia uma ambulância bem ali, caso acontecesse alguma coisa com alguém.

Mas eu me segurei. Assim como a maioria de nós, mas outro oficial saiu da água mais cedo e desistiu. Era o melhor nadador da turma. Esse foi um golpe estarrecedor, tanto para ele quanto para o restante de nós. O instrutor o deixou ir

imediatamente e apenas seguiu contando os minutos para que o restante de nós permanecesse submerso.

Quando, finalmente, voltamos para a praia, eu não conseguia falar, assim como todo mundo, mas fizemos mais um pouco de treinamento físico e depois eles nos mandaram novamente para a água, por outro período, esqueço por quanto tempo. Talvez cinco, ou dez minutos. Mas o tempo havia terminado e agora os instrutores sabiam que estávamos no limite e vieram com canecas de caldo de galinha. Eu tremia tanto que mal conseguia segurar a caneca.

Mas nada jamais teve um gosto melhor. Acho que lembro de outra pessoa que desistiu, mas, que droga, eu estava quase fora dali. Eu não saberia nem se o capitão Maguire desistisse. Tudo o que eu sabia era que nós éramos a metade dos que começaram a Semana Infernal. O tempo estava passando e esse troço ainda não havia acabado. Ainda tínhamos cinco barcos em ação e os instrutores trocaram os membros das equipes e nos deram ordem para remarmos até Turners Field, na extensão leste da base.

Lá, eles nos fizeram correr ao redor de um círculo, carregando o barco em nossas cabeças, depois nos fizeram correr sem ele. Isso foi seguido por outro longo período na água, ao final do qual este membro da equipe do barco um, um texano osso duro de roer (pensava eu) foi acometido por algo que parecia apendicite. Independente do que fosse, fiquei absolutamente fora de órbita. Nem sabia meu nome e tive de ser levado de ambulância e reanimado no centro médico.

Quando recuperei a consciência, saí da cama e voltei. Eu nem falei em desistência. Lembro-me do instrutor me cumprimentando em minhas roupas secas e quentes, depois me mandando direto de volta para a água. “É melhor você se molhar e rolar na areia, caso esqueça do que está fazendo aqui”.

Começando às duas da manhã, passamos o restante da noite correndo ao redor da base, com o maldito barco em nossas cabeças. Eles nos liberaram às cinco e, na terça-feira, seguimos como na segunda. Sem sono, congelando de frio e cansados a ponto de dispersão. Concluímos uma remada de quase 5 km até a North Island, ida e volta, já quase noite, estando acordados por mais de sessenta horas.

A lista de ferimentos aumentava: cortes, torções, queimaduras, hematomas, distensões musculares e talvez alguns casos de pneumonia. Trabalhamos a noite inteira, fazendo uma remada longa, de 9 km, e nos apresentamos para o café da manhã, às 5 h da quarta-feira. Não dormíramos por três dias, porém ninguém mais desistiu.

E durante toda a manhã nós continuamos, nadando, remando, nadando, depois dando uma longa corrida pela praia. Ao meio-dia, carregamos o barco para o refeitório e depois eles nos mandaram ir dormir. Teríamos uma hora e quarenta e cinco minutos na tenda. Restavam trinta e seis caras.

O problema era que alguns deles não conseguiam dormir. Eu era um. A equipe médica tentava ajudar os feridos a voltar ao combate. Tendões e quadris pareciam ser os problemas principais, mas havia caras que precisavam de exercícios de alongamento muscular para mantê-los flexíveis para o dia que vinha pela frente.

O novo turno de instrutores apareceu e começou a gritar para que todos acordassem e voltassem lá para fora. Era como ficar no meio de um cemitério e tentar acordar os defuntos. Aquilo lentamente era assimilado pelos sonolentos: seu pior pesadelo estava acontecendo. Alguém os estava mandando seguir em frente, outra vez.

Eles nos mandaram voltar para a água e, de alguma forma, nós caímos, rastejamos ou cambaleamos naquela duna, rumo à água gélida. Deram-nos quinze minutos de tortura nas ondas, depois nos mandaram sair e colocar os barcos na cabeça e fazer a caminhada de elefante até o refeitório.

Trabalharam conosco a noite inteira, enquanto entrávamos e saíamos da maré; fizeram-nos andar pela praia só Deus sabe por quantos quilômetros. Finalmente, deixaram-nos dormir novamente. Acho que eram cerca de quatro da manhã de quinta-feira. Contra inúmeras previsões pessimistas, nós todos acordamos e carregamos os barcos para o café da manhã. Depois nos fizeram trabalhar sem piedade, nos fizeram correr com os barcos na piscina gigantesca, sem remos, só com as mãos, depois nadando, uma equipe contra a outra.

A quarta-feira emendou na quinta, mas nós estávamos nas fases finais da Semana Infernal e diante de nós estava a famosa remada ao redor do mundo, último dos grandes exercícios da semana. Subimos a bordo dos barcos por volta de 19 h 30 e partimos, rumo ao centro especial de guerra, remando direto, contornando a ponta norte da ilha e de volta pela baía de San Diego, até a base anfíbia. Nenhuma noite de minha experiência jamais durou tanto.

Agora, alguns caras realmente estavam tendo alucinações e todos os três barcos tinham um sistema onde um podia dormir, enquanto os outros remavam. Não posso explicar o quanto estávamos cansados; todas as luzes pareciam um prédio, bem no meio de nosso caminho, todos os pensamentos se transformavam em realidade. Se você pensasse na sua casa, como acontecia comigo, pensaria estar remando direto pela entrada do sítio. A única graça salvadora era o fato de

estarmos secos.

Mas um cara em nosso barco estava tão próximo de desmoronar que tombou na água, ainda segurando o remo, ainda remando, e saiu batendo os pés automaticamente, e continuou remando. Nós o arrastamos para dentro e ele não parecia entender que acabara de passar cinco minutos na baía de San Diego. No fim, acho que todos estávamos remando dormindo.

Depois de três horas, eles nos reuniram na praia para exames médicos e nos deram sopa quente. Depois disso, simplesmente continuamos em frente, até quase duas da manhã de sexta, quando nos chamaram em frente à praia, com um megafone. Ninguém jamais esquecerá aquilo. Na verdade, um daqueles bastardos gritou: "*Virar o barco!*".

Foi como chutar um homem moribundo. Mas nós continuamos quietos. Ao contrário de uma resposta dada anteriormente, por um aluno, que ganhou notoriedade eterna ao retrucar da forma mais insubordinada que alguém já se dirigira a um dos instrutores. Nada de "*Hooyah, instrutor Pat-stone!*" (Porque Terry Patstone era geralmente um supercara, geralmente severo, mas justo). Aquele remador meio doido berrou: "*Cuzão!*", e aquilo ecoou pela água iluminada pelo luar e foi recebido com uma grande gargalhada pelos instrutores do turno da noite. Eles entenderam e nunca mencionaram o fato.

Então, pulamos por cima da lateral do barco para dentro da água gélida, emborcamos o casco, depois desviramos, subimos de volta, encharcados, obviamente, e continuamos remando. Eu mantinha uma ideia fixa em meu cérebro: todos os que se tornaram um SEAL concluíram isso e era o que nós faríamos.

Finalmente chegamos à nossa praia, por volta de 5 h de sexta-feira. O instrutor Patstone sabia que nós só queríamos erguer nosso barco e seguir para o refeitório. Mas ele não estava a fim. Fez-nos erguer, depois baixar. Depois nos mandou fazer flexões, com os pés no barco. Manteve-nos na praia por mais meia hora, antes que fôssemos liberados para fazer a caminhada de elefante até o refeitório.

O café da manhã foi apressado. Apenas alguns minutos depois, -nos colocaram para fora. E a manhã foi repleta de longas corridas de barco e uma série de exercícios terríveis, com covas cheias de lodo marinho, sobre as quais tínhamos que pular usando cordas, e fatalmente acabávamos caindo. Para piorar tudo, eles ficavam nos dizendo que era quinta e não sexta, e o exercício inteiro foi conduzido sob condições de batalha – explosões, fumaça, arame farpado –, enquanto rastejávamos, caíamos dentro do lodo.

Finalmente, o sr. Burns nos mandou para a água, o tempo todo gritando o quanto éramos lentos, o quanto ainda havia para ser realizado naquele dia e o quanto ele lamentava que o fim estivesse tão longe para a Turma 226. A água quase nos matou congelados, mas nos limpou das covas de lodo e, após dez minutos, o chefe Taylor ordenou que voltássemos para a praia.

Nós não sabíamos se era quinta ou sexta. Os caras desmoronaram na areia, outros simplesmente ficaram ali, em pé, sem se trair por nada, apenas temendo as próximas horas, muitos pensando como seria possível continuar. Incluindo eu. Os joelhos estavam batendo, as juntas latejavam. Acho que ninguém conseguia ficar em pé sem sentir dor.

O sr. Burns deu um passo à frente e gritou: “Está bem, rapazes, vamos seguir para o próximo exercício. Um bem difícil, certo? Mas acho que vocês aguentam”.

Demos o *hooyah* mais fraco do mundo. Vozes roucas, sons desencarnados. Eu não sei quem falava por mim; certamente parecia outra pessoa.

Joe Burns acenou brevemente a cabeça e disse: “Na verdade, rapazes, não há mais nenhum exercício. Todos vocês, de volta ao moedor”.

Ninguém acreditou nele. Mas Joe não mentiria. Ele podia brincar, mas não mentiria. Lentamente, assimilamos que a Semana Infernal terminara. Apenas ficamos ali, entorpecidos de pura incredulidade. E o tenente Ismay, que estava realmente sentindo dor, deu um grasnido, dizendo: “Caras, nós conseguimos. Filho-da-puta. Nós conseguimos”.

Eu me virei para Matt McGraw e lembro de dizer: “Como foi que você veio parar aqui, garoto? Devia estar na escola”.

Mas Matt estava à beira da exaustão. Ele apenas sacudiu a cabeça e disse: “Graças a Deus, graças a Deus, Marcus”.

Sei que isso parece loucura, se você não passou pelo que nós passamos. Mas aquele foi um momento inesquecível. Dois caras caíram de joelhos chorando. Depois, todos nós começamos a nos abraçar. Alguém dizia: “Acabou”.

Como vestígios de um exército devastado, nós nos ajudávamos um ao outro sobre as dunas, levantando aqueles que caíam, amparando os que mal conseguiam andar. Chegamos ao ônibus que nos levaria de volta à base. E lá, nos esperando, estava o capitão Joe Maguire, os oficiais de comando SEAL e os chefes seniores. Também estavam o ex-SEAL e governador de Minnesota, Jesse Ventura, que apresentaria a cerimônia oficial quando regressássemos ao moedor.

Mas, agora, tudo que sabíamos era que o batismo de fogo que reduzira a Turma 226 a menos da metade, terminara. Não havia derrubado trinta e dois de

nós. E agora a tortura estava concluída. Em nossa mais bárbara imaginação, ninguém havia pensado que seria tão ruim. Deus nos dera a justiça.

Perfilamo-nos sobre aquela superfície negra e o governador Ventura formalmente pronunciou as palavras oficiais que proclamavam que jamais teríamos de lidar com outra Semana Infernal: “Turma Dois-dois-seis, vocês estão empregados”. Nós lhe demos um ruidoso “*Hooyah! Governador Ventura!”*.

Então, o instrutor Burns nos chamou à ordem e disse: “Cavalheiros, haverá reveses no resto de suas vidas. Mas estes não os afetarão como ocorrerá com outras pessoas. Porque vocês fizeram algo que pouquíssimos conseguem realizar. Esta semana viverá com vocês para o resto de suas vidas. Nenhum de vocês jamais a esquecerá. E isso significa uma coisa, acima de tudo. Se vocês conseguiram encarar a Semana Infernal e derrotá-la, vocês podem fazer qualquer coisa no mundo inteiro.

Não posso dizer que as palavras tenham sido precisamente essas. Mas o sentimento é exato. Aquelas palavras significam exatamente o que o instrutor Joe Burns queria dizer e a forma como ele disse.

E afetou a nós todos, profundamente. Elevamos nossas vozes cansadas e o grito abriu o ar do meio-dia, sobre a praia de Coronado.

“*Hooyah, instrutor Burns!”*, berramos. E como foi para valer.

Os comandantes e chefes SEAL deram um passo à frente e apertaram a mão de cada um de nós parabenizando-nos, dizendo palavras de incentivo quanto ao futuro e falando-nos para entrarmos em contato com as equipes de recursos humanos assim que terminássemos.

Para dizer a verdade, ficou tudo meio embaçado para mim. Realmente não consigo lembrar quem me convidou para o quê. Mas uma coisa ainda permanece bem nítida em minha mente. Eu apertei a mão de um grande guerreiro SEAL, o Joe Maguire, e ele teve uma palavra terna para mim. Até então, eu jamais tivera uma honra tão grande em minha vida.

★★★

Provavelmente devoramos um recorde mundial de comida durante aquele fim de semana. Os apetites retornaram e aumentaram, à medida que nossos estômagos se acostumaram às refeições mais fartas. Ainda faltavam três semanas na primeira fase, mas nada se comparava à Semana Infernal. Estávamos aperfeiçoando as técnicas em hidrologia, aprendendo os níveis e a demografia do solo oceânico. Isso é coisa realmente dos SEALs, inestimável para os *marines*. Enquanto eles planejam um pouso, nós chegamos lá antes, deslocamo-nos

rapidamente, verificando o local em segredo, dizendo a eles o que esperar.

Agora só havia trinta e dois membros da equipe original, a maioria com ferimentos ou doenças originadas na Semana Infernal. Mas a esses se juntaram outros, de outras turmas a quem outra chance fora ofertada.

Isso se aplicava a mim, pois fui colocado em intervalo forçado, quando quebrei meu fêmur. Portanto, quando reingressei para a fase dois, eu estava na Turma 228. Começamos a fase de mergulho, conduzida na água, com a maior parte submersa. Aprendemos a usar os cilindros de mergulho, como jogá-los e voltar a recolhê-los, como trocá-los com um companheiro sem voltar à superfície. Isso é difícil, mas tivemos que ficar mestres antes que pudéssemos passar pelo teste principal de competência na piscina.

Falhei em meu teste de competência, assim como uma porção de outros. Esse teste é uma verdadeira merda. Você nada até o fundo da piscina com cilindros de 36 kg nas costas e alguns instrutores o atormentando. Não pode colocar o pé no fundo e tomar impulso para a superfície. Se o fizer, está reprovado e é o fim.

A primeira coisa que os caras fazem é arrancar a sua máscara, depois sua boqueira, e é preciso segurar o ar muito rápido. Você luta para pegar a boqueira de volta, depois eles desconectam seu filtro de ar e você tem que pegá-lo de volta, muito rápido, tateando por cima de seu ombro, atrás de suas costas.

De alguma forma, você consegue respirar oxigênio puro, mas o único meio de soltar o ar é pelo nariz. Muitos caras acham a cascata de bolhas diante do rosto realmente perturbadora. Depois, os instrutores desconectam totalmente a mangueira de ar e dão um nó. E você *precisa* tentar religar seus filtros de inalar e exalar o ar. Se não o faz, ou pelo menos tenta, já era. Você precisa dos pulmões cheios de ar antes de começar, depois precisa sentir seu caminho cego na direção do nó do filtro, atrás de suas costas, e começar a desfazê-lo. Você pode, mais ou menos, sentir se vai ser impossível, algo que os instrutores chamam de praga. Depois você passa a palma da mão ao redor do pescoço e dá o sinal de positivo com o polegar para o instrutor. Isso significa “eu jamais conseguirei desfazer esse nó, permissão para subir à superfície”. Nesse ponto, eles param de segurá-lo lá embaixo e o deixam subir. Mas é bom que você esteja certo quanto ao julgamento do nó.

Em meu caso, fui muito apressado em resolver que o nó em meu filtro de linha estava impossível, sinalizei para eles, passei o cilindro por cima do ombro e flutuei até a superfície. Mas os instrutores resolveram que o nó não tinha nada de impossível e que eu tinha me livrado de uma situação de perigo. Reprovado.

Eu tive que sentar-me numa fila, diante da parede lateral da piscina. Seria uma fila da vergonha, exceto por haver muitos de nós. Fui instruído a fazer o teste novamente e não cometi o erro pela segunda vez. Desfiz o filho-da-puta do nó e passei no teste complementar da piscina.

Vários de meus companheiros de fila falharam e eu fiquei muito triste. Acontece que você não pode ser um SEAL se não conseguir manter os nervos sob controle embaixo d'água. Conforme um dos instrutores me disse, naquela semana: "Está vendo aquele cara, com algo parecido com pânico, logo ali? Ele está com a confusão estampada no rosto. Um dia, você pode estar com sua vida nas mãos dele, Marcus, e nós não podemos permitir que isso aconteça".

O exame de competência na piscina é o mais difícil para todos, simplesmente por termos passado tanto tempo na água e, naquele momento, precisávamos provar que possuíamos o potencial de verdadeiros SEALs, caras para quem a água sempre foi um santuário.

Não pode ser uma ameaça, nem um obstáculo, mas um lugar onde podemos sobreviver sozinhos. Alguns dos instrutores conheciam muitos de nós há bastante tempo e queriam desesperadamente que passássemos. Mas, diante do mais leve sinal de fraqueza em competência na piscina, eles não correrão o risco.

Aqueles de nós que realmente ficaram, passaram adiante, para a fase três. Com alguns caras de outras turmas ingressando, totalizávamos vinte e um. Agora era inverno no hemisfério Norte, começo de fevereiro, e estávamos preparados para o difícil percurso de guerra terrestre. É onde eles nos treinam para os destacamentos navais.

Isso é formalmente conhecido como Demolições e Táticas, e o treinamento é tão severo e impiedoso quanto o que já tínhamos encontrado. É bem sabido que os instrutores da fase três são os de melhor condicionamento físico em Coronado e foi fácil descobrirmos o porquê. Até mesmo o discurso de abertura de nosso novo supervisor foi repleto de alertas horrendos.

Seu nome era instrutor Eric Hall, um veterano de seis pelotões de combate SEAL, e mesmo antes de começarmos, na sexta, ele foi logo abrindo o jogo. "Não aturamos gente que sente pena de si mesma. Qualquer problema com drogas ou álcool e estão fora. Há quatro bares nas redondezas que as equipes às vezes visitam. Fiquem fora de lá, estão me ouvindo? Qualquer um que minta, trapaceie ou roube está fora, pois isso não é tolerado aqui. Só para ficar claro, cavalheiros."

Ele nos lembrou que era um curso de dez semanas e que não estávamos tão distantes da formatura. E nos disse onde estaríamos. Cinco semanas bem ali, no

centro, passando os dias na área de treinamento de navegação terrestre, em La Posta. Seriam quatro dias de artilharia em Camp Pendleton, na área de tiro. É uma base da Marinha, de 125 mil acres, entre Los Angeles e San Diego. Terminaríamos na San Clemente Island, conhecida para os SEALs como a Rocha e local principal para treinamentos de tiro, tático, demolições e de campo.

Eric Hall terminou com um arremate característico. “Deem 110% sempre – e não estraguem tudo fazendo algo estúpido.”

Assim, passamos adiante para mais dois meses e meio, seguindo primeiro para as instalações de treinamento nas montanhas do grupo um, a quase 1.000 m de altitude, na região montanhosa de Laguna, em La Posta, a 130 km ao norte de San Diego. Foi ali que nos ensinaram as ações secretas, camuflagem e patrulhamento, o ofício essencial das incursões. O solo era muito acidentado, difícil de escalar, íngreme e exigia muito. Às vezes, nós nem voltávamos para as barracas à noite, e tínhamos que dormir na terra agreste.

Eles nos ensinaram a navegar pela terra usando mapas e compasso. Ao final da semana, todos passamos pelos cursos básicos, jornadas de quase 5 km conduzidas em pares, atravessando as montanhas. Então, regressamos ao centro para nos prepararmos para o Camp Pendleton, onde passaríamos pelos nossos primeiros cursos intensivos de artilharia.

Não se perdia tempo. Estávamos lá com as submetralhadoras, rifles e pistolas, treinando para os dias não tão distantes, quando seguiríamos rumo ao combate armados com os rifles M4, a principal arma de guerra SEAL.

A primeira coisa era a segurança. E todos tivemos que saber de cor as quatro regras essenciais:

1. Considere que todas as armas estejam carregadas em tempo integral.
2. Jamais aponte uma arma para algo que não queira furar com uma bala.
3. Jamais coloque o dedo no gatilho, a menos que queira atirar.
4. Conheça seu alvo e o que está por trás dele.

Eles nos mantinham na área de tiro durante horas. Entre um período e outro, tínhamos que desmontar e remontar as metralhadoras e o M4, tudo sob o olhar dos instrutores que contavam o tempo em cronômetros. O regime brutal de condicionamento físico jamais afrouxava. Foi mais difícil do que na segunda fase, pois agora tínhamos que carregar mochilas pesadas, munição e armas.

Também tivemos que passar algumas semanas no centro para estudar os explosivos e a demolição. Quase sempre isso envolvia dinamite e plástico, com diversas montagens explosivas. O trabalho prático só aconteceu na ilha de San Clemente. E, antes de fazer isso, tivemos que completar outra programação de treinamento rigoroso, incluindo uma corrida de 22 km ao longo da praia, ida e volta.

Essa foi a primeira vez que fizemos uma corrida sem estarmos molhados e cheios de areia. Imagine só, *short* seco e tênis de corrida. Nós flutuávamos, sem qualquer preocupação na vida.

Em meados de março, levantamos acampamento rumo a San Clemente, para as quatro semanas de treinamento, longas horas, sete dias por semana, até terminarmos. Essa ilha de paisagem lunar fica situada na costa da Califórnia, a quase cem quilômetros a oeste de San Diego, de frente para o golfo de Santa Catalina.

A Marinha americana tem tropas ali há quase cinquenta anos e usa o lugar como área de treinamento extensivo. Não há civis, porém, partes da ilha são santuários importantes da vida selvagem. Há muitos pássaros raros e leões-marinhos californianos que não parecem ligar para explosões fortes, granadas e pousos aéreos navais. Ao nordeste, bem na costa, você encontra os SEALs.

E ali aprendemos as primeiras noções de artilharia de precisão em combate, a troca dos pentes dos rifles de repetição, perícia no tiro ao alvo. Fomos apresentados ao assunto mortalmente sério de ataque à posição inimiga e ensinados como fazer incursões na direção do inimigo abrindo fogo. Lentamente, depois mais rápido, primeiro de dia, depois ao longo da noite. Ensinaram-nos todos os aspectos de combate moderno que poderíamos vir a precisar no Iraque ou Afeganistão – emboscadas, buscas estruturadas, como lidar com prisioneiros, planejamento de invasões. Foi quando chegamos a todas as técnicas importantes de reconhecimento.

Então, passamos à demolição pesada, detonando cargas em grande escala, depois granadas de mão e foguetes, geralmente usando explosivos maciços e praticando até que demonstrássemos um mínimo de *expertise*.

Nossos treinamentos em campo eram duros, simulações de combate. Nós remamos os barcos algumas centenas de metros, mar adentro, e jogamos a âncora. A partir daquele posicionamento, mandamos os caras de reconhecimento, para nadar rumo à praia, verificar o local e sinalizar para que os barcos nos levassem para dentro. Isso era estritamente OTB (*over the beach*, ou desembarques na praia), e chegamos à areia correndo, entocando-nos nos

esconderijos logo após as marcas da água. É aí que os SEALs estão em sua condição mais vulnerável e os instrutores observam como falcões, em busca de erros, sinais que podem trair o pelotão.

Treinamos esses desembarques na praia ao longo das noites, abrindo nossos caminhos em luta, saindo da água com todo o equipamento e armas de combate. Ao final da quarta semana, todos nós passamos, cada um dos vinte *trainees* que haviam chegado à ilha. Íamos nos formar no BUD/S.

Perguntei a um de nossos instrutores se isso era, de alguma forma, incomum. Sua resposta foi simples. “Marcus”, disse ele, “quando você está treinando para ser o melhor dos melhores, nada é incomum. E todos os instrutores do BUD/S querem o melhor para você.”

Eles nos deram algumas semanas de folga depois da formatura e a partir dali foi um ensino bem puxado. Primeiro, a aula de salto, em Fort Benning, Geórgia, onde me transformaram num paraquedista. Passei três semanas saltando de torres, depois de um C-130, do qual todos tínhamos que fazer cinco saltos.

Aquela aeronave é um lugar barulhento dos infernos, e o primeiro salto pode ser um pouco enervante. Mas a pessoa à minha frente era uma menina de West Point, e ela mergulhou pela porta como a Mulher Maravilha. Eu lembro de ter pensado: *Cristo! Se ela consegue fazer isso, eu certamente consigo*, e me atirei no céu claro, acima de Fort Benning.

Meu próximo passo foi o programa médico intitulado Eighteenth Delta Force, conduzido em Fort Bragg, Carolina do Norte. Foi onde me transformaram num médico de campo de batalha. Imagino que era mais como um médico aprendiz, mas a curva de aprendizado era imensa: medicamentos, injeções, treinamento intravenoso, entubamento dorsal, lesões traumáticas de combate, ferimentos, queimaduras, sutura, morfina. Cobria praticamente tudo que um combatente ferido poderia precisar em situações de batalha. No primeiro dia, precisei memorizar 315 exemplos de terminologias médicas. E eles não tiravam o pé do acelerador com a disciplina intensa. Ali estava eu, trabalhando o dia todo e metade da noite, e ainda havia um instrutor me dizendo para me molhar e cair na areia durante as corridas de treinamento.

Fui direto da Carolina do Norte para o treinamento qualificado SEAL, mais três meses de trabalho duro em Coronado, mergulhando, saltando de paraquedas, atirando, detonando explosivos, uma extensa recapitulação de tudo que eu havia aprendido. Logo depois disso, fui mandado para a escola SDV (de submarinos), em Panama City, na Flórida. Eu estava lá em 11 de setembro e mal sabia o imenso impacto que os terríveis acontecimentos da Cidade de Nova York teriam

em minha vida.

Lembro da pura indignação que senti. Alguém acabara de atacar os Estados Unidos da América, nosso país amado, que havíamos jurado defender. Assistíamos à televisão com uma fúria crescente, a fúria das jovens tropas de combate, inexperientes, mas de condicionamento físico supremo e altamente treinadas, que mal podiam esperar para chegar ao inimigo. Queríamos chegar à máfia da al-Qaeda de Osama bin Laden, no Iraque, Irã, Afeganistão, ou qualquer maldito lugar em que esses lunáticos vivessem. Mas cuidado com aquilo que você deseja. Você pode conseguir.

Muitos caras passaram no treinamento de qualificação SEAL e receberam seus Tridentes na tarde de quarta-feira, 7 de novembro de 2001. Eles logo colocaram o broche, numa curta cerimônia ali fora, sobre o moedor. Dava pra ver que aquilo representava o mundo para aqueles formandos. Na verdade, só restaram cerca de trinta dos 180 que se inscreveram naquele primeiro dia longínquo do Indoc. Quanto a mim, devido a vários compromissos educacionais, precisei esperar pelo meu Tridente até 31 de janeiro de 2002.

Mas o treinamento jamais parou. Assim que eu formalmente ingressei no que nossos comandantes chamavam de irmandade, fui para a escola de comunicação estudar e aprender comunicação de satélites, transmissões por rádio de alta frequência, probabilidades e alcance de ondas de antenas, computação de profundidade, sistemas globais de posicionamento e o restante.

Depois fui para a Escola de Tiro, de volta a Camp Pedleton, onde, como já era esperado, eles garantiam que você soubesse atirar direito, antes de qualquer outra coisa. Isso implicava em duas provas muito difíceis, envolvendo o rifle M4; a submetralhadora SR-25, com precisão de até 800 m, e o pesado e poderoso rifle 300 Win Mag, calibre 308. Você precisava ser especialista em todos eles, se pretendia ser um SEAL atirador.

Então, começou a verdadeira prova, o exame máximo da habilidade de um homem para se movimentar secretamente, sem ser visto ou detectado, passando pelo território inimigo, onde o mais leve erro poderia significar a morte instantânea ou, pior, decepcionar sua equipe.

Nosso instrutor era um veterano da primeira turma de tropas americanas, que já fora atrás de Osama. Tratava-se de Brendan Webb, um homem extraordinário. Seu jogo era a espreita oculta e seus níveis eram tão altos que ele deixaria um batedor apache ofegante. Ao seu lado, trabalhava Eric Davis, outro brilhante atirador SEAL, que era completamente impiedoso em seu exame de nossas habilidades para nos mantermos ocultos.

O último “campo de batalha” era uma vasta área próxima à fronteira de Pedleton. Não havia muita vegetação, que em sua maior parte era composta por arbustos rasteiros, mas o terreno pedregoso era cheio de ondulações, vales e valetas. As árvores, melhores amigas de um atirador, eram bastante esparsas, obviamente seguindo um *design*. Antes de nos soltarem nessa terra de ninguém, eles nos submeteram a longas palestras que enfatizavam a importância de prestar atenção ao detalhe.

Voltaram a nos ensinar a nobre arte da camuflagem, com os cremes marrons e verdes, a forma como arrumavam os galhos de plantas em nossos capacetes, o perigo de um golpe de vento, que pode sacudir apenas os seus galhos, se eles não estiverem colocados de forma firme, e trair o seu posicionamento. Praticamos durante todas as horas que Deus permitiu, depois eles nos mandaram sair a campo.

Era uma vasta área de solo e os instrutores a inspecionavam de uma plataforma alta. Nossa ação oculta começou a quase 1 km da plataforma, sobre a qual estavam Webb e Davis, com seus olhares penetrantes, varrendo o território como um par de radares giratórios.

A ideia era chegar a perto de 200 m de distância deles, depois atirar no alvo, passando pelo centro. Nós havíamos praticado isso sozinhos, com um parceiro e olhe, vou te contar, isso lhe ensina a ter paciência. Pode levar horas só para se deslocar alguns metros, mas, se os instrutores o pegarem enquanto estão vasculhando a área com seus binóculos de precisão, você é reprovado no curso.

Para o teste final eu estava trabalhando com um parceiro e isso significava que nós dois tínhamos de nos manter ocultos. No final, ele encontra o ângulo e dá as coordenadas para o tiro e eu sigo seu comando. Nesse estágio, os instrutores posicionaram gente andando por todo lado e eles se comunicam com a plataforma, por rádio. Se quem estiver andando chegar a dois passos de você, você é reprovado.

Mesmo se der seu tiro sem ser visto e acertar o alvo, e depois o acharem, você ainda é reprovado. É um jogo duro e pesado, de raciocínio, para homens, e o teste é exaustivo. No treinamento, um instrutor fica atrás de vocês dois, enquanto estão atravessando o terreno proibido. Eles ficam constantemente fazendo anotações, inspecionando, por exemplo, se meu observador deu uma coordenada errada, ou na distância, ou na direção. Então, se eu errar o tiro, eles sabem que o erro não foi meu. Mesmo assim, você precisa atuar como uma equipe. O instrutor sabe perfeitamente que você não pode se posicionar, mirar e disparar um rifle sem que o observador passe o ângulo e, Jesus, é bom que ele o

faça direito.

Durante o treinamento, houve apenas um dia em que eles chegaram até mim, o que achei bem enervante. Mas aquilo me ensinou algo. Nosso inimigo tinha uma excelente ideia do lugar para onde poderíamos seguir, bem antes de começarmos, um tipo de instinto baseado na longa experiência de atiradores em busca de um local de proteção. Eles me localizaram em seu raio de visão antes mesmo que eu começasse a me mover, pois sabiam onde procurar, as áreas de maior probabilidade.

Essa é uma lição de vida para um atirador: nunca, jamais vá para onde seu inimigo espera. Meu único consolo nessa ocasião foi o fato de todos nós termos sido localizados naquele dia.

No teste final, enfrentei novamente aquele deserto de 1.600 m e comecei minha jornada, serpenteando pelo solo poeirento, de cabeça bem baixa, com os galhos de arbustos presos firmes em meu capacete, abrindo meu caminho por entre as pedras. Levei horas para chegar à metade do caminho e até mais tempo para conseguir chegar aos últimos quase 300 m, ao local escolhido para disparar o tiro. Eu não fui visto e me deslocava milimetricamente, por entre as pedras, de uma valeta para outra, me mantendo abaixado, colado ao solo. Quando cheguei ao meu ponto final, me escondi atrás de um montinho de gravetos e terra, com meu rifle cuidadosamente posicionado. Apertei o gatilho lentamente e meu tiro entrou direto no alvo metálico, bem no meio. Se aquilo fosse a cabeça de um homem, teria virado pó.

Vi os instrutores se virarem, procurando de onde viera meu tiro. Mas obviamente estavam tentando adivinhar. Pressionei o rosto na terra e não me mexi pela meia hora seguinte. Depois voltei lenta e cuidadosamente, ainda deitado no chão, sem mover nem um graveto ou pedrinha. Um atirador ignorado, exatamente como gostamos.

Eu havia levado três meses fazendo aquilo e passei na escola de tiro com notas excelentes. Os SEALs não buscam o crédito pessoal, portanto não posso dizer quem da turma foi votado como Homem de Honra.

A última grande escola que frequentei foi a de tática conjunta de controle aéreo. Durou um mês, na Base Aérea Naval Fallon, em Nevada. Ensinaram-nos o básico da artilharia aérea, bombas de 225 kg e mísseis, o que eles podem ou não atingir. Também aprendemos a nos comunicar diretamente com uma aeronave do solo – fazendo com que eles vissem o que víamos, passando informação para os controladores, através de satélites.

Percebo que levei algum tempo para explicar precisamente o que um SEAL

é e o que é preciso para se tornar um. Porém, como sempre nos dizem, você tem que ganhar aquele Tridente a cada dia. Nós jamais paramos de aprender, nunca deixamos de treinar. Afirmar que um homem é um SEAL transmite aproximadamente um milésimo do que isso realmente significa. Seria como dizer que o general Dwight D. Eisenhower mencionou um dia ter sido do Exército.

Mas agora você sabe o que foi preciso, o que aquilo significou para todos nós e, talvez, o motivo por termos feito. Está bem, está bem, nós temos, sim, nossa pequena porção de arrogância. Mas pagamos por cada gota desse pecado com suor, sangue e um trabalho brutalmente duro.

Porque, acima de tudo, somos patriotas. Iremos à luta com qualquer inimigo dos Estados Unidos da América. Estamos em sua linha de frente, destemidos e prontos para lutarmos contra a al-Qaeda, os guerreiros do *jihad*, terroristas ou quem quer que ameace essa nação.

Cada SEAL é supremamente confiante, pois somos doutrinados com a crença na vitória, a todo custo; uma convicção de que nenhuma tropa da terra pode resistir ao nosso ataque no campo de batalha. Somos invencíveis, certo? Era no que eu acreditava, no fundo de minha alma, no dia em que espetaram aquele Tridente em meu peito. E ainda acredito. E sempre acreditarei.

6
TCHAU, CARAS. INFERNIZEM.

E veio a última chamada. “Redwing em curso!” O controlador de pouso estava dando as coordenadas… “Um minuto… Trinta segundos! *Vamos embora!”* A rampa estava abaixada… o atirador estava pronto, com a metralhadora M60… não havia lua… Danny saiu primeiro, rumo à escuridão.

Quando o dia clareou acima da imensa extensão da base americana de Bagram, no Afeganistão, naquela manhã de março de 2005, nós ingressamos em nossas barracas e dormimos por algumas horas, antes de participar da palestra geral. Dan Healy, Shane, James, Axe, Mikey e eu, os recém-chegados da Equipe SEAL SDV1, seguimos imediatamente a Equipe SEAL 10, saindo de Virginia Beach, conduzidos agora pelo duríssimo primeiro-tenente Eric Kristensen, em substituição a um comandante ausente, em serviço em outro lugar.

Eric era de matar de rir, sempre um dos garotos, tanto que isso talvez tenha impedido seu progresso às altas patentes ao longo dos últimos anos. Hoje em dia, 75% dos SEALs têm formação superior e a linha entre os oficiais e os alistados é mais nebulosa do que jamais foi antes. Mas Eric tinha trinta e dois anos e era filho de um almirante da Virginia. Apesar de seu senso de humor e sua frequente expressão atravessada à autoridade maior, ele era um ótimo comandante SEAL e dirigiu um dos melhores pelotões de combate de toda a Marinha americana. A Equipe 10 foi brilhantemente treinada para o tipo de exercício de guerra no qual ingressávamos agora. O primeiro-tenente Kristensen tinha dois homens como seu braços direitos, Luke Newbold e o chefe mestre Walters, caras muito especiais. Só posso dizer que foi um prazer trabalhar com eles.

Nossa reunião, como tudo associado à Equipe 10, foi de primeira linha, um tipo de palestra educacional sobre o que estava acontecendo na fronteira noroeste, que divide o Afeganistão e o Paquistão. A costa íngreme e de montanha rochosa, de terra avermelhada, lugares sinistros, agora estavam vivos

com os exércitos do Talibã. Homens zangados e ressentidos se reagrupando ao longo de toda a fronteira superior, preparando a retomada do sagrado país muçulmano que eles acreditavam que os infiéis americanos lhes haviam tomado e apresentado a um novo governo eleito. Lá em cima, caminhos complexos surgem e desaparecem por trás das pedras e rochas imensas. Cada passo que desloca alguma coisa, uma pequena pedra, um xisto, parece que pode causar uma avalanche. Foi-nos dito que a espreita deveria ser nossa palavra de alerta nos cumes silenciosos do Hindu Kush.

Esses caminhos, trilhados há séculos por homens tribais, foram as mesmas rotas tomadas pelo Talibã e a al-Qaeda, depois de derrotados pelo bombardeio americano que os aniquilara, em 2001. Em breve, nós teríamos notícias deles.

Literalmente em poucas horas, a nossa primeira missão começou. Ninguém nos considerava novatos; todos éramos SEALs inteiramente treinados, prontos para a ação, prontos para chegarmos lá no topo daquelas montanhas e suas passagens e ajudar a conter a onda de guerreiros tribais armados que se deslocavam através da fronteira do Paquistão.

Voamos de helicóptero até as passagens, adentrando as montanhas acima de um vale profundo. Chegamos, talvez uns vinte de nós, incluindo Dan, Shane, Axe e Mikey, e nos dispersamos ao redor da montanha. Axe, Mikey e James Suh (código de chamada “Irish One”) ficaram posicionados a aproximadamente 2,5 km do chefe Healy, de Shane e de mim (código de chamada “Irish Three”).

Havia um ponto perigoso na fronteira onde ocorriam inúmeros deslocamentos de tropas talibãs, em base semanal, até diária. Esperávamos observar o Talibã, bem abaixo de nós, naquele caminho traiçoeiro através das montanhas, balançando em seus camelos, muitos deles carregados de explosivos, granadas e Deus sabe o que mais.

Eu caminhava com muita cautela. Todos havíamos sido alertados de que esses homens tribais afegãos de olhar furioso lutariam, e nenhum deles era moleza. Eu também sabia que um passo em falso, uma pedrinha deslocada, por menor que fosse, trairia o nosso posicionamento. Os tribais viviam ali há séculos e tinham olhos de falcão. Se nos vissem ou escutassem, atacariam imediatamente. Nosso alto comando não deixara dúvida em nossa mente. Isso era um negócio perigoso, mas tínhamos que conter o fluxo de entrada de terroristas armados.

Eu me deslocava pelo cume com cautela, ocasionalmente parando para vasculhar a passagem nas montanhas com meus binóculos. Caminhava silenciosamente. Tudo estava claro em minha cabeça. Se uma tropa de tribais

selvagens com camelos e mísseis surgisse na passagem, eu tinha que pedir reforço por rádio, imediatamente. Se fosse um grupo menor, com que pudéssemos lidar, cairíamos em cima e tentaríamos capturar os líderes e cuidaríamos do restante pelos meios que fossem necessários.

De qualquer forma, prossegui em minha patrulha silenciosa, agachado atrás de algumas pedras grandes, novamente fazendo a varredura da passagem. Nada. Voltei a sair no descampado e, abaixo, vi três tribais afegãos armados. Meu cérebro acelerou. Havia uns sessenta metros entre mim e Shane. Abro fogo? Quanto mais deve haver?

Tarde demais. Eles abriram fogo primeiro, atirando para o alto, e uma chuva de balas dos AK-47 cobriu a rocha ao meu redor. Eu me escondi novamente atrás das pedras, sabendo que Shane devia ter ouvido algo. Então eu saí e mandei ver. Eu os vi recuando para se abrigar. Ao menos eu os fizera se fixar num lugar.

Mas eles vieram novamente pra cima de mim, e outra vez revidei o fogo. Porém, nessa hora, eles dispararam duas granadas com foguetes (RPGs) e graças a Deus eu as vi chegando. Mergulhei para me proteger, mas elas explodiram uma das pedras que me servira de abrigo. Agora havia balas ricocheteando, poeira e estilhaços voando pra todo lado.

Parecia que eu estava lutando uma guerra de um homem só e Cristo sabe o quanto evitei ser atingido. Mas, subitamente, os ecos das explosões cessaram e eu podia ouvir a artilharia esporádica daqueles três maníacos. Esperei, silenciosamente, até achar que eles haviam saído do esconderijo, depois saí e meti o dedo no gatilho outra vez. Mas, de repente, ficou tudo muito quieto. Como se nada tivesse acontecido. Bem-vindo ao Afeganistão, Marcus.

Esse era um tipo de patrulha, manter guarda lá em cima, sobre as passagens e tentar se manter oculto. O outro tipo era a missão de vigilância e reconhecimento (VR), onde tínhamos a tarefa de observar e fotografar uma vila, em busca de nosso alvo. Sempre era esperado que fôssemos localizá-lo, já que nosso pessoal de inteligência era excelente, sempre com boas fotografias. E sempre estávamos em busca de algum filho-da-puta de turbante que há muito se deleitava com o seu passatempo favorito de explodir os *marines* americanos.

Nessas incursões nas montanhas era esperado que escolhêssemos a nossa caça, ou com os binóculos de alta precisão, ou com as lentes de nossas câmeras, para depois fazermos uma investida no vilarejo e levá-la. Se estivesse sozinha, esse era sempre o plano básico de um SEAL: agarrar o alvo, levá-lo de volta à base e fazê-lo falar, dizer-nos onde o Talibã estava reunido, localizar, para nós, as imensas pilhas de munição que eles tinham escondidas na montanhas.

Esse explosivo só tinha uma utilidade, matar e mutilar as tropas americanas que estavam lá em cima para apoiar o governo eleito. Era bom que lembrássemos que aqueles insurgentes talibãs eram exatamente os mesmos que haviam abrigado e apoiado Osama bin Laden. Também nos haviam dito, sem "se" ou "talvez", que aquele assassino, particularmente, estava bem ali, onde estávamos, em algum lugar.

Basicamente, tínhamos que pegar nosso homem no vilarejo, se ele estivesse protegido por apenas uns quatro guarda-costas, digamos. Sem problema. Mas, se houvesse mais deles, algum tipo de guarnição borbulhando de homens armados, deveríamos solicitar uma tropa área para cuidar do assunto. De qualquer jeito, ao chegarmos, as coisas deixaram de parecer tão boas para o jovem Abdul, o construtor de bombas, medindo sua dinamite bem ali, na rua principal, no cortiço central, nordeste do Afeganistão.

Nossa próxima missão era uma operação volumosa, com cerca de cinquenta caras deixados nas montanhas, no pior terreno que você possa imaginar. Bem, não, se houver cabras ou leões das montanhas entre os meus leitores, mas certamente foi o pior solo que eu já vira. Havia penhascos íngremes, escorregadios, rampas inclinadas, raros arbustos e árvores, nada em que se agarrar, nenhum lugar para cobertura, se necessário.

Já expliquei o quão supremo era nosso condicionamento físico. Todos nós podíamos escalar qualquer coisa, ir a qualquer lugar. Mas – você não vai acreditar nisso – levávamos *oito horas* para caminhar 2,5 km. Os caras estavam caindo na maldita montanha, se machucando feio. Estava mais quente que uma frigideira texana e, mais tarde, um dos caras me disse: "Eu teria pedido demissão da equipe só para sair de lá".

Eu sei que ele não disse isso pra valer. Mas todos nós sabíamos qual era a sensação. Estávamos cansados, frustrados, amarrados em equipes, rastejando pela encosta dessa montanha perigosa, com mochilas cheias de rifles. Até hoje aquela permanece como a pior jornada de minha vida. E nem estávamos encarando o inimigo. Era tão ruim que nós fizemos uma música sobre isso, que nosso especialista em banjo adaptou para a música "Ring of Fire", de Johnny Cash:

Eu caí numa ribanceira de trinta metros,
Fui descendo, descendo, descendo, e estourei o
meu baço,
E ele ardeu, ardeu, ardeu – aquele Círculo de Fogo…

Nossos alvos duplos naquela próxima missão eram duas vilas afegãs localizadas na encosta, uma acima da outra. Não tínhamos a menor ideia de qual delas abrigava a maior tropa talibã, e ficara decidido que teríamos que tomar as duas à mão armada. Sem conversa fiada. A razão para isso era um cara muito jovem. Tínhamos informações formidáveis sobre ele, fornecidas pela inteligência, a partir dos satélites do FBI. No entanto, não tínhamos fotografias.

Eu nunca soube onde ele estudou, mas esse jovem talibã era um cientista, um mestre em explosivos. Nós os chamamos de os caras do DEI (dispositivos explosivos improvisados) e, nessa região da montanha, esse garoto era o Rei DEI. E ele e seus homens vinham causando destruição nas tropas americanas, com explosões por todo lado. Recentemente, ele havia explodido alguns comboios navais americanos e matado um monte de caras.

O Pelotão Foxtrot se reagrupou nas primeiras horas da madrugada, depois da travessia pela montanha e nos posicionamos bem acima da vila superior. Quando o sol se levantou, rapidamente nos deslocamos abaixo, pela lateral do vale e entramos na vila, derrubando as portas das casas, prendendo todo mundo. Não estávamos gritando, mas estávamos intimidando, sem dúvida alguma. E ninguém resistiu. Mas o garoto não estava lá.

Enquanto isso, a tropa principal, a Equipe SEAL 10, estava entrando e fazendo um inferno na vila maior, abaixo. Eles levaram um tempo, pois isso exigia interrogatório, habilidade em que todos nós éramos muito competentes. Nessas circunstâncias, estávamos interrogando todos, procurando pelo mentiroso, um cara que estivesse mudando a história, que fosse diferente, de alguma forma. Obviamente queríamos o cara que não fosse um pastor de cabras, como o restante. Um jovem que não tivesse a expressão curtida e rústica do agricultor das montanhas.

Achamos nosso homem. Foi o meu primeiro encontro de perto com um guerreiro fanático do Talibã. Eu jamais o esquecerei. Ele mal tinha idade para ter uma barba decente, mas tinha os olhos selvagens, loucos, e me olhava como se eu tive acabado de rejeitar todos os ensinamentos do Alcorão.

Naquele instante eu soube que ele me mataria, se pudesse. Teria matado. Ninguém jamais havia me olhado daquela forma, ou desde então, com tanto ódio.

Aquela segunda operação no Afeganistão, para pegar e agarrar Abdul, o construtor de bombas, ou qualquer que fosse seu nome, nos deixou em contato com dois novos aspectos desse conflito, sendo SEALs recém-chegados.

Primeiro, o ódio fanático que esses muçulmanos extremistas sentiam por todos nós; segundo, a estranheza de cumprir nossas regras de conduta (RC), nesse tipo de operação de guerra.

Nós, SEALs, devido à nossa natureza, treinamento e formação, não somos muito imbecis. E, assim como todo mundo, lemos as manchetes de jornal do mundo todo sobre os membros das forças armadas em serviço que foram acusados de assassinato em tribunais civis, por estarem fazendo o que achavam ser seu dever, atacando seu inimigo.

Nossas regras de conduta no Afeganistão especificavam que não poderíamos atirar, matar ou ferir civis desarmados. Mas, e quanto ao civil desarmado que era um espião hábil das tropas ilegais que estávamos tentando eliminar? E quanto a todo o exército secreto, diversificado, fragmentado e letal, rastejando pelas montanhas afegãs, *fingindo* ser civil? E quanto a esses caras? E quanto aos condutores de camelos de expressão inocente, trilhando as passagens nas montanhas com explosivo suficiente para detonar o estádio Yankee? E quanto a esses caras?

Todos nós sabíamos que havíamos escolhido o que 999 americanos em cada mil nem pensariam em fazer. E fomos ensinados que éramos necessários para a segurança de nossa nação. Fomos mandados ao Afeganistão para desempenhar missões extremamente perigosas. Mas também fomos ensinados que não podíamos atirar no condutor de camelos antes que ele nos explodisse a todos, pois ele poderia ser um civil desarmado, apenas levando sua dinamite para dar uma voltinha.

E quanto a esse camaradinha? O cara mais jovem, com a vareta, vindo atrás, cutucando os malditos camelos? E quanto a ele? E se ele mal puder esperar para subir aquelas montanhas e encontrar seu irmão e o resto dos caras da pesada do Talibã? Aqueles com os foguetes RPGs, que esperam na caverna escondida?

Nem nós, nem os políticos que haviam rascunhado aquelas regras de conduta o ouviríamos revelando nosso posicionamento. E aqueles homens de terno não estariam na encosta da montanha quando a primeira granada explodisse dentre nós, arrancando a perna ou cabeça de alguém.

Deveríamos ter atirado naquele filho-da-mãe logo de cara, antes que ele tivesse a chance de fugir? Ou ele era apenas um civil desarmado, que não causaria qualquer mal a ninguém? Apenas levando sua TNT para dar uma volta, certo?

Esses terroristas/insurgentes sabem as regras, da mesma forma como sabiam, no Iraque. As regras não são deles. São *nossas* regras, as regras dos

países ocidentais, o lado civilizado do mundo. E todo terrorista sabe como manipulá-las em seu favor. Do contrário, os condutores de camelos estariam carregando armas.

Mas não estão. Pois sabem que provavelmente tememos alvejá-los, pois podemos ser acusados de assassinato, o que, na verdade, eu acho que eles consideram o lado hilário da coisa.

E se, de fato, atirássemos em alguns deles, em frações de segundos, eles pegariam seu celulares com dez mil gigas e falariam direto com a estação de televisão árabe, a al-Jazeera:

> Tropas americanas brutais atiram e matam agricultores afegãos afetuosos e pacíficos
> *Militares americanos prometem que os SEALs serão indiciados*

Bem, algo assim. Tenho certeza de que você está me entendendo. A mídia dos Estados Unidos da América nos crucificaria. Hoje em dia, eles sempre o fazem. Será que houve alvoroço maior do que o ocorrido em torno de Abu Ghraib? No panorama geral de todas as mortes e destruição que os extremistas muçulmanos já causaram neste mundo, um bando de iraquianos sendo humilhado não faz soar meu alarme pessoal. E também não faria soar o seu, se você pudesse ver de perto o que esses caras são capazes de fazer. Eu quero dizer, Jesus, eles cortam as cabeças das pessoas, cabeças de americanos, de trabalhadores voluntários. Não acham nada de mais em exterminar milhares de pessoas; apunhalaram e mutilaram jovens soldados americanos, como nos tempos da Idade Média.

A verdade é que, nesse tipo de guerra terrorista/insurgente, ninguém consegue saber quem é civil e quem não é. Então, qual o sentido em criar regras que não são aplicáveis de forma compreensiva por ninguém? Regras que não funcionam, já que metade do tempo não se sabe quem é o maldito inimigo e, quando descobrir, pode ser tarde demais para você salvar a sua vida. Dar sentido às RCs em tempo real é algo quase impossível.

Além disso, ninguém parecia saber ao certo como deveríamos ser chamados no Afeganistão. Somos uma tropa mantenedora da paz? Estamos lutando uma guerra contra os insurgentes, em nome do governo afegão, ou estamos lutando em nome dos EUA? Estamos tentando caçar o terrorista-mor, bin Laden, ou apenas tentando evitar que o Talibã recobre o controle do país, por terem sido os protetores de bin Laden e todos terem lutado por ele?

Aí você me pegou. Mas, conosco, está tudo tranquilo. Diga-nos o que quer e nós faremos. Somos servidores leais do governo americano. Mas o Afeganistão envolve uma luta além das linhas do inimigo. Deixa pra lá que fomos convidados a ir para um país democrático, por seu próprio governo. Deixa pra lá que não pode haver tiroteio através da fronteira do Paquistão, a ilegalidade do exército talibã, a Convenção de Genebra, blá, blá, blá.

Quando estamos patrulhando aquelas montanhas, tentando tudo que sabemos para impedir que o Talibã se reorganize, esforçando-nos para encontrar e prender os principais comandantes e especialistas em explosivos, somos cercados por inimigos hostis e bem armados, cuja única intenção é nos matar a todos. Isso é estar além da linha do inimigo. Confie em mim.

E nós vamos lá. O dia todo. Todo dia. Faremos o que temos a fazer, ao pé da letra, ou morreremos tentando. Em nome dos EUA. Mas não venha nos dizer a quem podemos atacar. Isso tem que ser por nossa conta. E se a mídia liberal e a comunidade política não podem aceitar que, às vezes, as pessoas erradas são mortas na guerra, então eu só posso sugerir que primeiro cresçam, depois sirvam um pequeno período no alto do Hindu Kush. Eles provavelmente não sobreviveriam.

A verdade é que qualquer governo que pense que a guerra de alguma forma é justa, e está sujeita a regras como um jogo de beisebol, não deve ingressar numa. Porque nada é justo na guerra e, ocasionalmente, as pessoas erradas são mortas. Diante dos assassinos cortadores de garganta do Talibã, nós não estamos lutando sob as regras da Convenção de Genebra, IV, Artigo 4. Estamos lutando sob as regras do Artigo 223.556 mm – esse é o calibre e largura da bala de nosso rifle M4. E se esses números ainda não parecerem bons, tente o Artigo 762 mm, disparado contra nós, das Kalashnikovs russas, geralmente em saraivadas mortais.

Na guerra global ao terror, temos regras e nossos adversários as utilizam contra nós. Tentamos ser razoáveis; eles não param diante de nada. São inclinados a qualquer tática de guerra: tortura, decapitação, mutilação. Ataques a civis inocentes, mulheres e crianças, carros-bomba, homens-bomba, qualquer maldita coisa que puderem pensar. Estão lá no topo da lista dos monstros da história.

E eu me pergunto, Quem está preparado para ir ainda mais longe para ganhar esta guerra? Resposta: eles estão. Estão dispostos a morrer para pegar o inimigo. Irão até o limite, a qualquer hora, qualquer lugar, seja o que for preciso. E não têm regras de conduta.

Assim, temos um elemento a mais de medo e perigo, quando seguimos no combate contra o Talibã ou a al-Qaeda – medo dos nossos, medo de que nosso próprio juiz naval possa nos sentenciar, o medo da mídia americana e seus efeitos infelizes sobre os políticos americanos. Todos cultivamos temores de jornalistas não treinados e pouco instruídos que só querem uma boa história para justificar seus salários e contas de despesas. Não pense que sou somente eu. Todos nós os detestamos, em parte por sua falta de julgamento, porém mais por sua ignorância e oportunismo de arrepiar os cabelos. No primeiro minuto em que um conflito armado se torna uma guerra na mídia, as notícias se transformam na opinião de alguém, não na verdade nua e crua. Nos Estados Unidos, quando a mídia se envolve, trata-se de uma guerra que você tem boa chance de perder, porque as restrições sobre nós são imediatamente ampliadas, e essas são notícias sensacionalmente boas para nossos inimigos. De vez em quando, um repórter ou fotógrafo de notícias atrapalha o suficiente a ponto de parar uma bala. E, sem pestanejar, esses jornalistas muito bem pagos se transformam em heróis nacionais, louvados em casa, nos jornais e televisão. Os SEALs não são matutos roceiros, mas não sei descrever como isso é enfadonho para os caras altamente treinados, apesar de não muito bem pagos, que estão atuando no verdadeiro combate. São profissionais soberbos que nada dizem e se colocam em perigo todos os dias, frequentemente sendo feridos ou mortos. São heróis silenciosos, soldados desconhecidos, exceto em suas pequenas cidades natais, igualmente desconhecidas, mas que ficam de coração partido por eles.

Realizamos uma missão logo no começo, lá em cima, na passagem, no posto de verificação 6, que foi pior do que fatal. Acabáramos de assumir posição, uns vinte de nós, quando uns selvagens afegãos escondidos nas montanhas dispararam uma barragem de foguetes contra nós, centenas e centenas deles, voando por cima de nossas cabeças, colidindo na encosta da montanha.

Não dava para dizer se podiam ser classificados como combatentes armados contra os Estados Unidos ou civis desarmados. Levamos três dias para cansá-los, e mesmo assim tivemos que pedir apoio aéreo para conseguir sair. Três dias depois, as fotos de satélite nos mostravam que o Talibã havia enviado doze cortadores de garganta, à noite, armados com as Kalashnikovs e facas tribais, rastejando pela escuridão, diretamente à nossa antiga posição.

Mas você não pode provar as intenções deles! Eu ouço os gritos dos liberais. Não. Claro que não. Eles só pararam para um cafezinho.

Aqueles ataques talibãs noturnos eram as mesmas e exatas táticas usadas

pelos mujahedins, contra os russos, furtivos, em meio à escuridão, cortando as gargantas de guardas e sentinelas, até que os militares soviéticos não pudessem mais suportar. Os mujahedins agora emergiram como o Talibã ou a al-Qaeda. E suas intenções contra nós têm tanta sede de sangue quanto tinham contra os russos.

Os SEALs podem lidar com isso, assim como lidamos com qualquer inimigo. Mas não se alguém quer nos colocar na cadeia por causa disso, em nossa terra, os EUA. E certamente não queremos ficar dando sopa nas montanhas, esperando que alguém corte nossas gargantas, impossibilitados de reagir caso isso venha a ser classificado como um agricultor afegão.

Mas esses são os problemas de um soldado americano combatente, a preocupação constante quanto a ultrapassar o limite e uma mídia americana que se deleita em tentar nos derrubar. E nada fizemos para merecer. Exceto, talvez, amarmos nosso país e tudo o que ele representa.

Nas primeiras semanas de nosso serviço no Afeganistão, a luta continuou. Nossos pelotões saíam noite após noite, tentando deter os insurgentes que rastejavam pelas passagens montanhosas. Sempre que havia lua cheia, nós lançávamos ações, porque era a única época em que realmente conseguíamos ter um lampejo de luz sobre as montanhas.

Seguindo esse ciclo lunar, colocávamos os helicópteros lá em cima, para observar os fanáticos barbudos se espremendo pela fronteira rumo ao Afeganistão, e depois nós os cercávamos, os helicópteros os enxotando como cães perto das ovelhas, assistindo-os correndo pela vida, direto para nós e o restante das tropas americanas, para capturá-los e interrogá-los.

Sei que pode parecer estranho que especialistas subaquáticos da Equipe SEAL SDV1 estejam tateando a escuridão a 2700 m acima do nível do mar. Na marinha, o SDV (*swimmer delivery vehicle,* ou veículo de entrega de nadador), um minissubmarino que nos leva até nossa área de atuação, é considerado o veículo mais furtivo do mundo. E, com isso, as tropas no manuseio do veículo mais furtivo do mundo são os caras mais sorrateiros do mundo. Somos nós, atuando no fundo, em território inimigo, observando e relatando, sem sermos notados, vivendo no limite de nossos nervos. E nossa principal tarefa é sempre encontrar o alvo e depois chamar os caras da ação direta. Isso é realmente o que todo mundo quer fazer, ação direta, mas não pode ser feito sem o negócio mortal que nós desempenhamos lá em cima, nos picos solitários do Hindu Kush.

O primeiro-tenente Eric Kristensen estava sempre ciente de nosso valor e, na verdade, era um bom amigo meu. Ele costumava batizar as operações para

mim. Eu sou texano, o que divertia muito um cavalheiro da Virginia como ele. Ele achava que eu era algum tipo de mistura de Billy the Kid e Buffalo Bill, rápido no gatilho. Não faz mal que esses dois caubóis vinham mais do norte do que eu, Kansas, ou algo assim. Segundo a ideia de Eric, o Texas e todos os pontos a oeste e ao norte representavam as terras sem lei, ou fronteiras, o Colt 44, os homens do gado e peles-vermelhas.

Dessa forma, sempre voávamos em operações chamadas Longhorn, ou Estrela Solitária. Dar nome às nossas operações segundo o seu garoto texano o matava de rir. A grande maioria de nossas missões era muito silenciosa e envolvia uma vigilância severa em passagens ou vilas montanhosas. Sempre tentávamos evitar o tiroteio quando fotografávamos e invadíamos nosso alvo. Invariavelmente, buscávamos o destoante, o homem que não se encaixava à vila, o matador talibã que simplesmente não era um agricultor.

Algumas vezes, nós nos deparávamos com um grupo desses caras sentados ao redor de uma fogueira, barbudos, taciturnos, bebendo café, com seus AK-47 engatilhados. Nossa primeira função era identificá-los. Eram pashtuns? Pastores pacíficos de ovelhas? Ou guerreiros armados do Talibã, os homens ferozes das montanhas que lhe cortariam a garganta assim que o vissem? Só levou alguns dias para deduzir que os combatentes talibãs em nada se pareciam com os sujos e rústicos camponeses montanheses afegãos. Muitos deles haviam sido educados na América, e aqui estavam eles, limpando seus AK-47 e se preparando para nos matar.

E não demorou muito tempo para que notássemos o quão impressionante eles poderiam ser em ação, aqui em cima, em seu território natal. Eu sempre pensei que eles dariam a volta e sairiam correndo quando vissem que nós os descobríramos. Mas não faziam nada disso. Caso estivessem numa área mais elevada ou tivessem como alcançá-la, eles se levantavam e lutavam. Se descêssemos em sua direção, eles se entregavam ou seguiam de volta rumo à fronteira do Paquistão, onde não podíamos persegui-los. Porém, de perto, sempre era possível ver o desafio em seus olhos, aquele ódio à América, o fogo revolucionário que ardia em suas almas.

Para nós, era arrepiante, pois esse era o âmago da terra do terror, o lugar onde a destruição do World Trade Center nasceu e foi cultivada, aperfeiçoada por homens como esses. Vou ser honesto, aquilo parecia meio irreal, não parecia possível. Mas todos nós sabíamos que havia acontecido. Bem aqui, nesse buraco remoto e empoeirado estava a raiz de tudo, o berço dos guerreiros de bin Laden, o lugar onde eles ainda tramavam para esmagar os Estados Unidos. O lugar onde

a repugnância ao Tio Sam é tão entranhada, um tipo de ira que floresce além da compreensão da maioria dos ocidentais. Mais por pertencer a um século diferente, mais bárbaro.

E ali estávamos Mikey, Shane, Axe, eu e o restante, prontos para enfrentar esses guerreiros silenciosos, mestres das montanhas, mortais com seus rifles e facas tribais.

Encontrar esses caras nessas vilas pashtuns remotas só tornava o enigma mais difícil. Porque aqui estamos nos referindo a primitivo com P maiúsculo. Cabanas de barro feitas de tijolos secos ao sol, com chão de terra e um cheiro horrendo de urina e fezes de jumento. No andar de baixo eles tinham cabras e galinhas, vivendo dentro da casa. No entanto, aqui, nessas condições de homens das cavernas, eles planejaram e executaram a atrocidade mais chocante ocorrida numa cidade do século XXI.

O saneamento dos vilarejos era o pior possível. Eles têm um fosso comunitário, como uma valeta, à beira das casas. E todos nós fomos alertados sobre elas, particularmente em patrulhas noturnas. Numa noite, eu calculei mal, escorreguei e atolei o pé lá dentro. Aquilo causou muitas gargalhadas lá em cima, no silêncio da noite, todos tentando não explodir de rir. Mas para mim não foi engraçado.

Na semana seguinte foi muito pior. Estávamos todos no breu, nos arrastando por um solo muito ruim, tentando montar um posto de vigilância, acima de um pequeno aglomerado de cabanas e cabras. Não conseguíamos ver coisa alguma sem os óculos de visão noturna e eu subitamente escorreguei e caí dentro de um buraco aberto.

Não me atrevi a gritar. Mas sabia que estava escorregando abaixo, e estremeci ao pensar onde ia aterrissar. Só estiquei o braço reto acima e segurei o rifle com força, e despenquei direto na fossa da vila. Fui direto ao fundo, vagamente ouvindo meus companheiros de equipe: “Olhem! Luttrel acabou de achar o cagador de novo!”.

Nunca houve tanto riso contido numa missão afegã. Mas foi uma das piores experiências de minha vida. Eu podia ter passado tifo para nossa base inteira, em Bagram. Eu estava morrendo de frio, mas mergulhei alegremente num rio, com as roupas de combate, para me lavar.

Às vezes, havia verdadeiras confusões após os postos de verificação das fronteiras e, ocasionalmente, tínhamos de carregar os Humvees e transportar dezoito caras até lá, depois andar por vários quilômetros. O problema era que o governo paquistanês tem uma simpatia óbvia pelo Talibã e, como resultado, a

área fronteiriça no nordeste não é controlada. O Paquistão decretou que suas autoridades podem atuar em estradas asfaltadas, incluindo vinte metros nas laterais. Além disso, qualquer coisa vale, portanto, os guerreiros talibãs simplesmente desviam da estrada e entram no Afeganistão através dos caminhos seculares. Entram e saem ao seu bel-prazer, como sempre fizeram, a menos que nós impeçamos. Muitos deles só querem entrar para roubar gado, com o que não nos incomodamos. No entanto, o Talibã sabe disso e eles se deslocam disfarçados de fazendeiros, e, com isso, nós certamente nos incomodamos. E aqueles trenzinhos de camelos carregados de explosivos, realmente chamam nossa atenção.

E toda vez nós sofremos ataques. O mais leve ruído, qualquer ação que ameaçasse a nossa localização e alguém abria fogo para cima de nós. Então, nós nos deslocávamos ocultos, tirávamos nossas fotografias, pegávamos os líderes, mantínhamos contato com a base e solicitávamos reforço, sempre que preciso.

A opinião de nossos comandantes era que a chave para a vitória era a inteligência, a identificação dos construtores de bombas, a localização de seus suprimentos, e a aniquilação do arsenal talibã antes que eles pudessem usá-lo. Mas nunca era fácil. Nosso inimigo era brutal, implacável, sem nenhuma preocupação ou discernimento do tempo ou da vida. Leve o tempo que levar, era sua crença óbvia. No fim, eles acham que livrarão sua sagrada terra muçulmana dos invasores infiéis. Afinal, eles sempre o fizeram, certo? Desculpe, ainda não?

Às vezes, enquanto os cabeças (vernáculo SEAL para os comandantes seniores) estavam estudando um alvo específico, ficávamos aguardando. Eu me ofereci para trabalhar, nas horas livres, no hospital de Bagram, mais na sala de emergência, ajudando com os feridos e tentando me tornar um praticante melhor da medicina para a minha equipe.

E aquele hospital realmente servia para abrir os olhos. Pois estávamos felizes em tratar os afegãos tão bem quanto nosso pessoal militar. E eles apareciam na emergência com todo tipo de ferimento, a maioria a bala, porém, ocasionalmente, a faca. Esse é um dos problemas naquele país. Todo mundo tem uma arma. Parece haver um AK-47 em toda sala de estar. E havia muitos ferimentos. Civis afegãos apareciam nos portões principais com ferimentos tão graves a bala que tínhamos de mandar os Humvees para buscá-los e trazer até a sala de emergência. Tratávamos de qualquer um que viesse, à custa dos pagadores de impostos americanos, e dávamos a todos o melhor tratamento que podíamos.

Bagram era um lugar excelente para que eu melhorasse minhas habilidades

e, ao mesmo tempo, eu esperava estar fazendo algo de bom. Obviamente, não era pago por esse trabalho. Mas a medicina sempre foi uma vocação para mim, e aquelas longas horas no hospital eram inestimáveis para o médico que eu esperava ser um dia.

E enquanto eu atendia os doentes e feridos, o trabalho interminável dos comandantes prosseguia, filtrando os relatórios da inteligência, checando os relatórios da CIA, tentando identificar os líderes talibãs, para que pudéssemos decapitar sua operação.

Sempre havia uma extensa lista de alvos potenciais, alguns mais avançados que outros. Com isso, eu me refiro a certas comunidades onde os caras realmente perigosos haviam sido localizados e identificados pelo satélites ou por nós. Era um trabalho que exigia uma perseverança enorme e a habilidade de calcular a probabilidade de realmente encontrar o cara que importava.

As equipes em Bagram estavam preparadas para ir até lá e conduzir esse tipo de trabalho tão perigoso, mas ninguém gosta de sair numa tentativa infrutífera, em que as chances de encontrar um alto terrorista talibã são remotas. E, é claro, os caras da inteligência têm de estar sempre atentos para que nada esteja parado, lá nas montanhas. Aqueles caras do Talibã estão sempre em movimento e são muito espertos. Eles sabem bastante sobre a capacidade americana, mas não tudo. E certamente entendem a vantagem de se manter em movimento, de vila em vila, caverna em caverna, jamais permanecendo num lugar por tempo suficiente para serem pegos com seus arsenais de explosivos.

Nosso chefe sênior, Dan Healy, era extraordinário na busca de boas tarefas para nós, nas quais teríamos uma chance acima da média de encontrarmos nossa caça. Ele passava horas debruçado sobre aquelas listas, verificando um terrorista conhecido, onde passava o tempo, onde havia sido visto pela última vez.

O chefe Healy vasculhava as provas fotográficas, verificando mapas, gráficos, concluindo quais seriam os lugares onde poderíamos ter uma chance real de vitória para pegar o homem principal sem travar uma batalha de rua. Ele tinha uma pequena lista pessoal dos principais suspeitos e de onde os encontrar. E até junho ele tinha muitos registros dos inúmeros métodos usados pelo mais importante do Talibã e seu acesso ao TNT.

E o nome de um homem lhe saltou aos olhos. Por motivos de segurança, vou chamá-lo de Ben Sharmak e me restringir a dizer que ele é o líder de uma tropa talibã significativa, um homem das montanhas conhecido por realizar incursões dentro das cidades e também por ser diretamente responsável por inúmeros ataques fatais aos *marines* americanos, sempre com bombas. Sharmak

era uma figura sombria, de cerca de quarenta anos. Comandava talvez uns 140 ou 150 combatentes armados, mas era um homem instruído, treinado em táticas militares e sabia falar cinco línguas. Também era tido como um dos mais íntimos associados de bin Laden.

Mantinha suas tropas em movimento, morando nas amistosas vilas pashtuns ou acampando ao redor de suas periferias, aceitando a hospitalidade, depois seguindo viagem até o próximo local de reunião, sempre recrutando ao longo do caminho. Esses homens da montanha eram inacreditavelmente difíceis de rastrear, porém até eles precisam descansar, comer e beber, e talvez até se lavar, e precisam das comunidades dos vilarejos para fazer tudo isso.

Quase todas as manhãs, o chefe Healy repassava a lista dos alvos potenciais para Mikey, nosso oficial de equipe, e eu. Geralmente nos dava uma lista com uns vinte nomes e possíveis localizações, e nós fazíamos um resumo com os caras que achávamos poder perseguir. Dessa forma, criamos uma galeria de patifes e fazíamos as escolhas de nossas missões conforme a quantidade de informações que tínhamos da inteligência. O nome Ben Sharmak sempre aparecia e, com a mesma frequência, as estimativas do tamanho de sua tropa cresciam.

Finalmente, houve uma reunião sobre a possível Operação Redwing, que envolvia a captura ou morte desse personagem altamente perigoso. Mas ele sempre foi ardiloso. Primeiro, estava ali, depois acolá, como o maldito Pimpinela Escarlate. E as fotos disponíveis eram só dos ombros para cima, com pouca qualidade e muito granuladas. Mesmo assim, tínhamos uma boa noção da aparência do filho-da-puta e, diante disso, essa parecia ser mais uma operação de VR (vigilância e reconhecimento), como qualquer outra – ficar acima do alvo, aproximar-nos furtivamente, fotografá-lo e, se possível, agarrá-lo.

Tínhamos um conjunto de informações da inteligência muito decente sobre ele, sugerindo que a CIA e provavelmente o FBI também estivessem extremamente interessados em sua captura ou morte. E, conforme as reuniões prosseguiram, Ben Sharmak parecia se tornar cada vez mais importante. Havia novos relatos de uma tropa com no mínimo oitenta e máximo de duzentos homens, e isso constituiu uma operação muito volumosa. E o chefe Healy decretou que eu e meus três companheiros do Pelotão Alfa éramos os caras exatos para realizá-la.

Não era esperado que pegássemos esse bando enorme de matadores de olhos arregalados. Na verdade, era esperado que fôssemos mais silenciosos do que jamais fôramos em nossas vidas. “Apenas encontre esse bastardo, pegue sua

localização e a proporção de sua tropa, depois passe por rádio, para que uma tropa aérea vá pegá-lo.” Simples, certo?

Se soubéssemos que ele estaria preparando uma evacuação imediata da vila onde residia, então, deveríamos pegá-lo sem demora. Para isso, seríamos eu e o Axe. As probabilidades eram que eu só teria uma chance para acertar Sharmak, só uma vez para encurralá-lo e apertar o gatilho, provavelmente a uma distância de centenas de metros. Eu só sabia de uma coisa: era bom não errar, pois as aparições de Webb e Davis, sem contar cada um dos outros SEALs, certamente surgiriam para me esfolar. Afinal, foi precisamente para isso que eles me treinaram.

E caso alguém esteja se perguntando, eu não teria qualquer escrúpulo em botar uma bala na cabeça desse bastardo. Ele era inimigo declarado dos Estados Unidos da América, um fanático que já assassinara muitos de meus colegas dentre os *marines* americanos. Também era o tipo de terrorista para quem não haveria nada melhor do que elaborar um novo ataque em terras americanas. Se eu tivesse a chance, ele não teria qualquer piedade de minha parte. Eu sabia o que era esperado de mim. Sabia que o chefe da equipe queria esse sujeito eliminado e, ao pensar naquilo, orgulhei-me em ser considerado, junto com meus colegas, o homem para a tarefa. Como sempre, faríamos tudo para não decepcionar ninguém.

Todos os dias checávamos com o escritório da inteligência para verificar quais novos dados havia sobre Sharmak. O chefe Healy estava em cima do caso, trabalhando com o oficial da operação, nosso comandante, comandante Pero. O problema era sempre o mesmo: onde estava o nosso alvo? Ele era pior do que Saddam Hussein, desaparecendo, evadindo-se diante dos olhos inquiridores dos satélites, mantendo sua identidade e localização secretas até mesmo dos inúmeros informantes da CIA que estavam próximos.

Claro que não fazia sentido uma incursão montanha adentro, armados até os dentes e com câmeras, a menos que tivéssemos absoluta certeza de seu paradeiro. O Talibã era uma séria ameaça aos voos de baixa altitude em aeronaves militares, e os pilotos de helicópteros sabiam estar em perigo constante de serem alvejados, mesmo em operações noturnas. Esses homens das montanhas tinham tanta destreza com os lançadores de mísseis, quanto com os AK-47.

Existe a necessidade de um imenso *backup* para uma operação desse porte: transporte, comunicações, apoio aéreo disponível, sem mencionar munição, alimento, água, suprimentos médicos, granadas de mão e armamento, sendo que

tudo é carregado conosco.

A certa altura, ainda no começo, tivemos uma posição bem definida da operação “Redwing em curso!”. E os preparativos estavam todos em andamento quando o negócio todo foi abortado. Arremetida um! Eles o haviam perdido novamente. Tinham dados e motivos para acreditar que sabiam seu paradeiro. Mas não era nada concreto. Os caras da inteligência estudavam os mapas e o terreno, as áreas prováveis, faziam estimativas e arriscavam palpites. Eles achavam que o tinham num lugar, mas não suficientemente próximo para realmente posicioná-lo numa vila, ou acampamento, sem contar a precisão necessária para que um atirador disparasse um tiro.

O pessoal da inteligência estava esperando uma chance e, enquanto isso, eu e os caras fazíamos outras operações de VR, provavelmente a Operação Goat Rope, ou algo assim. Acabáramos de regressar de uma dessas quando ficamos sabendo que surgira uma chance na caçada por Ben Sharmak. Foi muito súbito e imaginamos que uma de nossas fontes surgira com algo. O chefe Healy tinha mapas e estudos do terreno em andamento, e parecia que partiríamos novamente.

Fomos chamados para a reunião: o tenente Mike Murphy, o oficial Matthew Axelson, oficial Shane Patton e eu. Ouvimos os dados e exigências e ainda a considerávamos apenas mais uma operação. Mas no último minuto houve uma grande mudança. Eles decidiram que Shane deveria ser substituído pelo oficial Danny Dietz, um cara de trinta e quatro anos que eu conhecia há muito tempo.

Danny era um cara baixo (bem, comparado a mim) e muito musculoso, do Colorado, mas morava com Maria, sua extraordinariamente linda esposa, a quem todos conhecíamos como Patsy, bem perto da base de Virginia Beach. Eles não tinham filhos, mas tinham dois cães, ambos tão duros quanto ele, um buldogue inglês e um *bullmastiff*.

Danny esteve comigo na escola SDV, em Panama City, na Flórida. Ambos estávamos lá em 11 de setembro. Ele era bem envolvido com ioga e artes marciais e era um amigo muito próximo de Shane. Acho que aqueles deuses da praia e a mística dos homens de ferro têm algo em comum. Fiquei contente em ter Danny na equipe. Ele era um pouquinho reservado, mas, lá no fundo, era um cara muito engraçado e meigo. Mas não era bom negócio chateá-lo. Danny Dietz era como um tigre enjaulado e um ótimo SEAL.

Agora parecia que a Operação Redwing voltara a receber sinal verde. A equipe de quatro homens estava montada. Os dois atiradores seríamos eu e Axe; os dois observadores seriam Mikey e Danny. O controle de comando ficaria com Mikey. As comunicações seriam comigo e Danny. E o tiro final no alvo seria

meu ou de Axe, qualquer um de nós como observador, dependendo da situação.

O plano era ficarmos uns quatro dias por lá e nos escondermos acima de onde acreditávamos ser a residência de Sharmak, provavelmente sem podermos nos deslocar mais que um palmo, permanecendo mortalmente imóveis num lugar mortal – no alto das colinas.

Em momento algum deixaríamos de ficar cuidadosamente ocultos, observando esses homens da montanha muito bem armados, especialistas de uma vida inteira no terreno local, aguardando nossa chance de metralhar seu líder. Não dá pra ser muito mais perigoso que isso.

Na verdade, estávamos no helicóptero, vestidos e organizados, prontos para partir: “Redwing em curso!”, quando a missão foi novamente abortada. “Arremetida dois!” Não que tivéssemos perdido Sharmak de vista, mas o ardiloso filho-da-mãe surgira em outro lugar.

Desembarcamos e voltamos aos nossos alojamentos. Tiramos nossas mochilas e armamentos pesados, trocamos a roupa de combate, tiramos os cremes de camuflagem de nossos rostos e voltamos a nos juntar à raça humana. O intervalo durou duas semanas e durante esse tempo realizamos algumas missões pequenas, nas passagens, e quase explodiram nossas cabeças pelo menos em duas ocasiões.

Uma vez, eu me superei ao pegar um dos mais perigosos terroristas do nordeste do Afeganistão. Eu tinha POSIDENT e, na verdade, o vi dando moleza, andando numa porcaria de uma bicicleta, ao longo de uma trilha. Não atirei nele, pois não queria entregar nosso posicionamento abrindo fogo e nem mesmo me mexendo. Estávamos esperando sua caravana completa de camelos com os explosivos, que passaria na rota a qualquer hora e queríamos tanto ele quanto sua munição. Pelo menos, eu não cometi o erro de um ex-colega que, segundo o folclore SEAL, acionou a ligação direta e deu a um bombardeiro americano a posição do terrorista. Depois ele ficou olhando a bomba de 225 kg demolir o terrorista, seu camelo e tudo que estava num raio de 45 m ao seu redor. Nessa missão, nós paramos a fila de camelos e conseguimos capturar o terrorista e descarregar os explosivos sem recorrer a uma ação tão maluca e fantasiosa.

Desculpe, esquerdistas. Mas, como se diz lá em casa, no Texas, um homem tem de fazer o que um homem tem de fazer.

E assim se passaram os dias, até a manhã de segunda-feira, 27 de junho de 2005, quando voltaram a localizar Sharmak. Dessa vez, realmente parecia bom. Ao meio-dia, os mapas detalhados e fotografias do terreno estavam espalhados diante de nós. O serviço da inteligência foi excelente, os mapas não eram ruins,

as fotos do terreno eram passáveis. Ainda não tínhamos uma foto decente de Sharmak, apenas a foto dos ombros para cima, granulada, sem nitidez. Mas havíamos localizado outros matadores lá em cima com muito menos. “Redwing em curso!”

Logo após a reunião, o chefe Dan Healy me disse, baixinho: “É isso, Marcus. Estamos indo. Vá preparar os caras”.

Dei a resposta resoluta esperada de um líder de equipe para um comandante SEAL. “Certo, chefe, estamos partindo.”

Saí da sala de reunião e segui de volta ao nosso alojamento, com muita coisa na cabeça. Não consigo explicar, mas fui tomado de dúvidas e aquela sensação de inquietude não me deixou.

Eu havia visto os mapas e eles eram claros. O que não vi era um lugar para esconderijo. Não tínhamos dados bons sobre a vegetação. Com certeza, era ruim e árido lá no topo do Hindu Kush, aproximadamente 3000 m de altitude. Você não precisa ser membro do Instituto Geográfico Real para saber que nesse país árido não nasce muita coisa. É ótimo para alpinistas, um pesadelo para nós.

A vila que estávamos vigiando tinha trinta e duas casas. Eu as contei na foto do satélite. Mas não sabíamos em qual delas Sharmak estava. Nem sabíamos se as casas eram numeradas, caso recebêssemos mais informações da inteligência enquanto estivéssemos lá em cima.

Tínhamos algumas fotos do *layout*, mas muito pouco sobre os arredores. Também possuíamos alguns números muito bons e precisos de GPS, e uma pequena lista de possíveis zonas de pouso, desnecessárias para a incursão, pois entraríamos descendo as cordas, mas crucial para a retirada.

Era certo que teríamos de derrubar algumas árvores, num nível mais baixo da montanha, de modo a termos cobertura quando saíssemos e para trazer os helicópteros com o pessoal do exército, se necessário. Montanhas áridas e sem árvores não são lugares para se conduzir pousos e decolagens, não com os fogueteiros do Talibã em volta. Principalmente os homens altamente treinados que cercam Sharmak. Ele era maldito e fatal e já provara isso, mais de uma vez, explodindo os *marines*.

Um aspecto da missão que dominava meus pensamentos quando eu caminhava de volta, para encontrar os caras, era o fato de não haver lugar para se esconder, nenhum lugar de onde vigiar. Você simplesmente não tem como realizar um reconhecimento se não consegue assumir uma boa posição. E se aqueles penhascos que cercavam a vila fossem tão áridos e pedregosos como eu desconfiava, ficaríamos tão à mostra como patos.

E era provável que houvesse de oitenta a duzentos combatentes armados mantendo uma vigília cuidadosa no entorno de seu chefe. Eu estava preocupado, não quanto ao número de nosso inimigo, mas com os problemas de nos mantermos ocultos para completar a missão. Se só havia um número limitado de lugares onde se esconder, talvez comprometêssemos nosso ângulo da vila, sem mencionar a nossa distância.

Encontrei Mikey na barraca. Disse a ele que estávamos partindo, mostrei os mapas e as fotografias que tínhamos, e lembro de sua resposta. “Lindo. Só mais três dias de diversão e sol.” Mas vi sua expressão mudar quando ele olhou as fotos, vendo os declives íngremes, um terreno verdadeiramente terrível, uma montanha onde teríamos que rastejar de um lado para outro até acharmos cobertura.

A essa altura, Axe e Danny tinham surgido. Passamos as informações para eles e seguimos, um pouco apreensivos, para almoçar no refeitório. Comi um prato enorme de espaguete. Logo depois, fomos mudar de roupa e nos organizar. Vesti minhas calças de deserto e camiseta camuflada, mais porque a inteligência dissera que a região de pouso era razoavelmente verde e nós desceríamos por entre as árvores. Eu também tinha uma touca de atirador.

Mikey e Danny estavam com seus rifles M4 e granadas; Axe estava com o rifle Mark 12, calibre 556 e eu também tinha um. Nós todos levávamos uma pistola SIG-Sauer 9 mm. Optamos por não levar armamento pesado, a metralhadora M60, de 10 kg, e sua munição. Já estávamos carregados com equipamentos e achamos que ficaria muito pesado para subir os penhascos.

Eu também peguei alguns *claymores*, que é um tipo de dispositivo explosivo, com um arame para tropeçar e evitar que qualquer possível intruso nos surpreendesse. Eu havia aprendido uma lição muito dura quanto a isso, em meu primeiro dia, quando dois afegãos chegaram muito mais perto de mim do que deveriam e poderiam facilmente ter me liquidado.

Pegamos um rolo grande de corda de detonador para derrubar as árvores no local de pouso, quando a missão fosse concluída, ou para a incursão de uma tropa de ação. No último instante, ainda preocupado com toda a empreitada, peguei mais três pentes de rifle, o que me deu um total de onze, cada um com trinta rodadas. O padrão eram oito, mas havia algo sobre a Operação Redwing. Todo mundo estava com a mesma sensação. Todos nós levamos três pentes extras.

Eu também estava levando um ISLiD (*image stabilization and light distribuition unit*, ou unidade de estabilização de imagem e distribuição de luz),

para guiar algum helicóptero que chegasse, além do foco de mira e pilhas avulsas para tudo. Danny estava com o rádio e Mikey e Axe, com as câmeras e computadores.

Levamos comida instantânea – tiras de carne seca, miojo de galinha, barras de cereal –, além de amendoim e passas. O lote inteiro pesava uns vinte quilos, o que consideramos um peso leve para uma viagem. Shane estava lá para nos ver partir: “Tchau, caras. Infernizem”.

Com tudo pronto, fomos levados até a área dos helicópteros de operações especiais, esperando para saber se houvera mudanças. Teria sido “Arremetida três!”. A terceira vez que a Redwing seria abortada. Mas dessa vez só houve: “Rolando, em uma hora”, o que significava que sairíamos assim que escurecesse.

Soltamos a nossa carga e ficamos esperando na pista. Lembro que estava muito frio e havia picos nevados nas montanhas não tão distantes. Mikey me garantiu que lembrara de colocar na bagagem a sua pedra da sorte, um pedaço pontudo de granito que espetara suas costas por três dias, numa missão anterior, quando estávamos num esconderijo precário e não pudemos nos mover nem um centímetro. “Caso você queira enfiar na bunda”, completou ele, “para lembrá-lo de casa.”

E nós aguardamos, na companhia de outros grupos que também estavam de saída naquela noite. A tropa de reação rápida estava indo para Asadabad, ao mesmo tempo. Havíamos feito um trabalho completo de reconhecimento fotográfico de Asadabad, que eles estavam levando. A deserta base russa ainda estava lá, e Asadabad, capital da província de Kunar, permanecia uma área perigosa. Foi ali, é claro, que os mujahedins afegãos haviam cercado a base quase inteira, para depois assassinar todos os russos alistados. Era o começo do fim dos soviéticos, em 1989, e ficava a apenas uma cadeia de montanhas adiante do lugar para onde estávamos indo.

Por fim, as hélices começaram a girar nos helicópteros. Aparentemente, as partes móveis da Operação Redwing, tão suscetíveis à mudança, ainda estavam no lugar. E veio o chamado: “Redwing em curso!”, pegamos nosso equipamento e subimos a bordo do Chinook 47, para a incursão a quarenta e cinco minutos de distância, ao nordeste. “Acho que aquele filho-da-puta do Ben Sharmak ainda está onde achamos”, disse Mikey.

Fomos acompanhados por outros cinco caras que iam para Asadabad, e o outro helicóptero decolou primeiro. Depois deixamos a pista, seguimos sobrevoando a base e assumindo nossa rota correta. Agora estava escuro e eu passei um tempo olhando para o chão, em lugar de olhar pela janela. Cada um à

sua maneira, Mikey, Axe, Danny e eu, deixou claro que não tinha um bom pressentimento sobre aquilo. E eu não sei descrever o quanto aquilo foi incomum. Sempre seguimos para as áreas de operação cheios de entusiasmo, da forma como treinamos: “Pode mandar ver, estamos prontos!”.

Nenhum SEAL jamais admitirá estar com medo de alguma coisa. Mesmo que estivéssemos, nunca diríamos. Abrimos a porta e vamos para o lado de fora enfrentar o inimigo, quem quer que seja. Aquilo que sentíamos naquela noite, independente do que fosse, não era medo do inimigo, embora eu reconheça que pode ter sido medo do desconhecido, pois estávamos realmente incertos quanto ao terreno que encontraríamos.

Quando chegamos à região da operação, o helicóptero fez algumas incursões falsas, com várias milhas de distância entre uma e outra, chegando bem baixo, sobrevoando lugares onde não tínhamos intenção de ficar, nem perto. Se os afegãos estavam vendo, devem ter ficado muito confusos – até nós ficamos! Descendo, recuando, voltando a descer, saindo. Tenho certeza de que, se os caras de Sharmak estivessem por lá, eles não teriam a menor ideia de onde estávamos, se estávamos ou como nos localizar.

Finalmente, estávamos a caminho de nossa zona de pouso. E veio a última chamada. “Redwing em curso!” O controlador de pouso estava dando as coordenadas: “Dez minutos… Três minutos… Um minuto… Trinta segundos!… *Vamos embora!”*.

A rampa estava abaixada, estávamos com a porta traseira aberta, o atirador estava pronto, com a metralhadora M60, em caso de emboscada. Estava um breu lá fora, não havia lua, e as hélices faziam aquele som conhecido, *vum-vum-vum*, ao vento. Até então, ninguém havia atirado em nós.

A corda serpenteava na traseira da aeronave, em direção ao solo, posicionada estrategicamente de modo a não se emaranhar em nossas armas, conforme saíamos. Naquele instante, ninguém falava. Carregados com nossas armas e equipamento, entramos em fila. Danny saiu primeiro, rumo à escuridão, depois Mikey, depois Axe. Cada um de nós agarrou a corda e escorregou para baixo, rapidamente, usando luvas para evitar queimadura. Foi uma descida de aproximadamente seis metros e soprava um vento forte e cortante.

Chegamos ao solo e nos espalhamos, distanciando-nos uns vinte metros uns dos outros. Estava muito frio e o vento das hélices batia contra nós, levantando a poeira, tornando aquilo bem pior. Não sabíamos se estávamos sendo observados pelos tribais, mas isso era plenamente possível naquela terra de rebeldes sem lei. Ouvimos o rugir dos motores do helicóptero aumentar enquanto subia. Depois

ele sumiu, mergulhando na escuridão, rapidamente ganhando velocidade e altitude, deixando para trás essa escarpa abandonada. Por quinze minutos, permanecemos imóveis na paisagem, em silêncio absoluto. Não houve um movimento sequer, nenhuma comunicação entre nós. E só havia o som das montanhas. Bem abaixo, podíamos ver dois pontos de fogo, ou talvez lampiões, queimando, a aproximadamente 1,5 km. Eu torci para que fossem pastores de cabras.

Os quinze minutos se passaram. À minha esquerda havia uma montanha imensa, apontando para o céu. À direita, havia um agrupamento de grossas árvores. Ao nosso redor havia tocos baixos de árvores e uma folhagem cerrada.

Estávamos bem abaixo do lugar onde seria nossa ação e era enervante, pois qualquer um poderia se esconder por ali. Não conseguíamos ver coisa alguma e nem tínhamos ideia se havia alguém em volta. Há dezesseis anos, não muito longe dali, eu imaginei que essa tivesse sido a mesma sensação que os recrutas russos sentiram, antes de lhes cortarem a garganta.

Finalmente, ficamos de pé. Fui até o Danny e disse a ele que pegasse o equipamento de comunicação e avisasse aos controladores que havíamos pousado. Depois subi a colina, até onde Mikey e Axe estavam com a corda grande que, absurdamente, havia sido cortada e largada do helicóptero.

Isso foi um grande erro. Aquela equipe do helicóptero deveria ter levado a corda. Só Deus sabe o que achavam que íamos fazer com ela, e só fiquei contente porque Mikey a encontrara. Se não encontrasse, ela ficaria ali perdida no chão e poderia facilmente ser encontrada por um tribal que passasse, sobretudo se tivessem ouvido a chegada do helicóptero. Aquela corda poderia ter entoado os sinos de nossa morte, indicando com certeza que a águia americana havia pousado.

Nós não tínhamos uma pá e Mikey e Axe tiveram que cobrir a corda com galhos, sementes e folhagem. Enquanto terminavam isso, abri a comunicação com o helicóptero de artilharia AC-130, que eu sabia estar lá em cima, em algum lugar, nos monitorando. Passei a mensagem sucintamente:

“Atirador Dois Um, aqui é o Penumbra Três, preparando para o deslocamento.”

“Entendido.”

Foi a última vez que falei com eles. E agora estávamos reunidos para a nossa jornada – aproximadamente 6,5 km. Nossa rota havia sido planejada previamente, perto da borda da montanha, que se estendia num ângulo agudo e fechado. Os pontos do trajeto estavam marcados em nosso mapa e os números

GPS, detalhando a posição precisa do satélite, estavam claros, numerados, 1, 2 e 3.

Aquilo era a única coisa certa. Porque o terreno era absolutamente terrível, a noite sem lua estava um breu e nossa rota ao longo da encosta da montanha era tão íngreme que chegava a ser um milagre que não despencássemos e quebrássemos o pescoço. Estava chovendo forte e fazia um frio gélido. Em alguns minutos, estávamos absolutamente encharcados, como na Semana Infernal.

Seguíamos bem devagar, escalando, escorregando, tropeçando e procurando onde encaixar os pés, as mãos, qualquer coisa. Todos nós caímos na montanha, na primeira meia hora. Mas para mim era pior, porque os outros três eram alpinistas experientes e bem menores e mais leves. Eu era mais lento por causa do meu tamanho e toda hora ficava para trás. Eles descansavam enquanto eu os alcançava e, quando eu chegava lá, Mikey sinalizava para seguir em frente. Nada de descanso para Marcus. “Vá se foder, Murphy”, disse eu, sem o menor bom humor.

Na verdade, as condições eram tão ruins que seria uma péssima ideia descansar. Em cinco minutos, você poderia congelar ali, encharcado até a pele. Então, seguimos adiante, sempre subindo, mantendo o calor de nossos corpos o mais alto possível. Mas estava terrível. Não parando nenhuma vez, baixando a cabeça e passando embaixo das árvores e galhos, segurando, se pudéssemos, tentando não cair.

No final, chegamos ao topo do penhasco e encontramos uma trilha recém-usada. Era óbvio que os talibãs passaram por ali recentemente e em grande número, o que eram boas-novas para nós. Isso significava que Sharmak e seus homens não poderiam estar muito longe.

No topo, subitamente nos deparamos com um descampado plano, de grama alta, e a lua saiu, rapidamente. A pastagem se estendia à nossa frente, como se algum paraíso tivesse sido aceso, com uma luz fraca. Todos nós paramos na trilha, pois foi extremamente bonito.

Mas um inimigo bem poderia estar à espreita naquela grama, então, imediatamente, nós nos abaixamos, mantendo silêncio. Axe tentou encontrar um caminho pela grama, em seguida tentou abrir seu próprio caminho. Mas não conseguiu. A pastagem era muito densa e quase o cobria. Logo depois, ele voltou e nos disse, poeticamente, sob aquele luar asiático, naquelas terras seculares, perto do teto do mundo: “Cara, tá foda”.

À nossa direita ficava o vale profundo, em algum lugar abaixo, onde nossa

vila-alvo estava localizada. Já havíamos chegado ao ponto 1 da trilha, e nossa opção era continuar em movimento, ao longo dos flancos da escarpa. Subitamente, uma imensa neblina desceu do alto da montanha, até abaixo de nós, no vale.

Lembro-me de olhar para baixo, vendo as nuvens acesas com o luar, tão puras. Aquilo fazia parecer que podíamos caminhar de uma montanha para a outra. Com os OVN (óculos de visão noturna), era uma vista espetacular, uma vista talvez do céu, ambientada numa terra de vibrações infernais e ódio ardente.

Enquanto estávamos lá em cima, admirando nossos arredores, Mikey concluiu que acabáramos de passar o ponto 1 e, de alguma forma, precisávamos prosseguir no curso ao norte, embora não pela grama alta. Espalhamo-nos e Danny encontrou uma trilha que passava por trás da montanha, mais ou menos onde queríamos ir. Mas não foi fácil, porque, àquela altura, a lua desaparecera e voltara a chover de maneira infernal.

Já deveríamos ter andando uns oitocentos metros daquele terreno, que era a pior coisa com que havíamos nos deparado durante a noite inteira. Então, inesperadamente, pude sentir o cheiro de uma casa e esterco de cabra, mesmo através da chuva; uma casa rural afegã. Quase havíamos entrado pelo quintal da frente. E agora tínhamos que ser muito cautelosos. Abaixamo-nos, rastejando, passando pela vegetação alta, mantendo-nos fora de vista, bem perto da escarpa.

Por mais terrível que estivesse, aquelas condições eram perfeitas para uma operação SEAL em território inimigo. Sem óculos de visão noturna como os nossos, de jeito algum as pessoas poderiam nos ver. A chuva e o vento certamente teriam levado qualquer um a buscar abrigo, e, quem ainda estivesse acordado, provavelmente achava que só algum lunático estaria lá fora num tempo daqueles. E estavam certos. Nós quatro tomamos tombos feios, provavelmente um a cada cem metros. Estávamos cobertos de lama, como aspirantes da fase dois do BUD/S. Era verdade. Só um lunático, ou um SEAL, podia andar por lá desse jeito.

Não dava para enxergar quase nada. Na verdade, nada além da casa. Depois, de forma bem repentina, clareou novamente, bem forte, e tivemos que passar rapidamente para a sombra, já que nossa cobertura havia sido roubada por aquela luz pálida e luminosa que vinha do céu.

Seguimos em frente, afastando-nos do sítio, ainda rumando acima, pela encosta da montanha, passando por uma vegetação bem razoável. Então, todos os meus temores pessoais chegaram e nos assolaram, como uma bofetada. Saímos das árvores, diretamente para uma encosta, a escarpa principal

posicionada com uma inclinação norte.

Não havia uma árvore sequer. Nenhum arbusto. Apenas xisto molhado, lama, pequenas pedras, pedras maiores. A lua estava diretamente à nossa frente, lançando nossas sombras alongadas contra o declive.

Isso era um pesadelo, desde a primeira vez que eu vira aqueles planos, na sala de reunião: nossas quatro silhuetas refletiam sobre a montanha sem árvores, acima da vila ocupada pelo Talibã. Nós éramos o melhor sonho de um vigia afegão, não havia como não nos ver. Éramos o pior pesadelo de Webb e Davis, como atiradores descobertos, no descampado, encurralados pelo holofote da natureza, sem lugar algum onde nos escondermos.

“Mas que merda”, disse Mikey.

7
UMA AVALANCHE DE TIROS

Pra cima de nós, montanha abaixo, de todos os ângulos. Axe estava no flanco esquerdo, tentando interromper a trilha, atirando sem parar.
Mikey abria fogo… gritando… "Marcus, sem chance agora, parceiro, *mata tudo!*"

Recuamos pela trilha por que viéramos, em direção às sombras lançadas pelas árvores. Não ficava longe do ponto 2 do caminho, e fizemos uma leitura GPS bem ali. Mikey passou as funções de navegação para Axe e eu suspirei. Subir e descer por aqueles penhascos íngremes era realmente muito duro para mim, mas Matthew Axelson, aerodinâmico especialista e alpinista conseguia saltar como um maldito antílope. Eu os lembrei desses dois fatos correlatos e meus três companheiros de equipe começaram a rir.

Por algum motivo mais conhecido como nosso Rei do jogo Trivial Pursuit, ele nos liderou pelo outro lado do cume da montanha e pelo vale abaixo, que se espalhava num ângulo fechado, eliminando totalmente o caminho curvo e traçando uma linha reta, diretamente ao ponto 3. Tudo ótimo, no capricho, exceto pelo fato de isso significar uma caminhada de descida íngreme de 1,6 km, inevitavelmente seguida por outra, da mesma extensão, morro acima. Era para essa parte que eu não tinha sido moldado.

Entretanto, aquela era a nossa nova rota. Após quase cinquenta metros, eu já estava no sufoco. Se não conseguia acompanhar na descida, muito menos na subida. Eles me ouviam escorregando e xingando, lá atrás, e eu podia ouvir Axe e Mikey rindo, lá na frente. Isso não era um problema de condicionamento físico. Eu era tão bem preparado quanto eles, e de forma alguma estava sem fôlego. Eu só era grande demais para seguir alguns cabritos da montanha. Lei da natureza, certo?

Nosso caminho era ziguezagueante, pois Axe estava sempre buscando cobertura para manter-nos fora do luar, enquanto nos atracávamos à montanha, abrindo caminho rumo ao ponto 3. Alcançamos o topo aproximadamente uma

hora antes do amanhecer. Nossos números de GPS estavam corretos, como planejado na base. E lá no alto, no topo dessa ponta de granito, Mikey achou um lugar onde podíamos deitar.

Ele escolheu uma posição no cume, talvez a uns vinte e cinco metros abaixo, bem no alto da escarpa. Havia algumas árvores, juntas, mas, diretamente abaixo delas, mais terreno árido. Largamos nossa carga pesada, depois de concluir a jornada de 6,5 km, e tiramos as pedrinhas de nossas botas. Elas sempre conseguem entrar.

Fisicamente, estávamos bem, sem ferimentos. Porém exaustos, depois de sete horas subindo essa porcaria dessa montanha. Sobretudo Mikey e eu, porque ambos sofríamos de insônia, especialmente na preparação de uma operação como essa, e não havíamos dormido na noite anterior. Além disso, estava um frio gélido e ainda por cima estávamos ensopados, como tudo que carregávamos conosco, apesar de ter parado de chover.

Danny estava com o rádio e informara o QG, e qualquer aeronave em patrulha, que estávamos posicionados e prontos para o trabalho. Mas isso foi ligeiramente precipitado, pois, logo depois dessa comunicação, a lua voltou a despontar e vasculhamos a área com nossos óculos de visão noturna, e não víamos coisa alguma. Nem mesmo a vila que deveríamos vigiar, à procura de Sharmak. As árvores estavam atrapalhando. E não podíamos sair delas, pois isso nos deixaria expostos no terreno, onde havia pequenos tocos de árvores, mas nenhuma cobertura. Jesus Cristo.

Essa era uma área só de tocos, talvez abandonada, mas um lugar onde muitas árvores haviam sido cortadas. Ao longe, à nossa direita, o céu noturno acima dos picos começava a clarear. O amanhecer se aproximava.

Danny e eu nos sentamos numa pedra, numa conversa profunda, tentando decifrar o quão ruim era a situação e o que fazer. Isso era o temor de todo homem-rã, uma operação onde o terreno era essencialmente desconhecido e se tornava pior do que todos poderiam sonhar. Danny e eu chegamos a uma conclusão idêntica: aquilo era uma bosta.

Mikey veio conversar, rapidamente. E todos olhávamos para a claridade do céu, no leste. O tenente Murphy, no comando, deu as coordenadas. “Sairemos em cinco minutos.” Então, mais uma vez, recolhemos nossa carga pesada e voltamos pela direção por que viéramos. Depois de quase cem metros, encontramos uma trilha do outro lado da escarpa, descemos abaixo do ponto marcado do caminho, escolhemos um local em meio às árvores, com vista para a vila, que estava a mais de 3 km de distância.

Acomodamo-nos, nos espremendo perto das árvores e rochas, tentando arranjar uma posição em que pudéssemos descansar. Dei muitas goladas na água de meu cantil, pois, para dizer a verdade, eu me sentia como uma planta dos Jardins Suspensos da Babilônia. Danny estava em sua posição de ioga, sentado de pernas cruzadas, como um maldito encantador de serpentes, com as costas na árvore.

Axe, sempre alerta, mantinha guarda, infiltrado na montanha, à minha esquerda, empunhando o rifle, apesar do silêncio. Ele provavelmente estava fazendo as palavras cruzadas do *New York Times*, que memorizara, palavra por palavra, na cabeça. Mas não estava tão tranquilo. Minha árvore acabou sendo um tipo de amoreira e, já que eu nem conseguia cochilar, passava o tempo atirando as frutinhas em Axe, por conta de seu comportamento durante a subida na montanha.

Então, outra grande névoa desceu sobre nós todos, até o vale abaixo. Mais uma vez não havia como enxergar a vila e o problema com nevoeiros era que eles sempre tendem a surgir no mesmo lugar. Estava claro que não poderíamos permanecer ali. Então, precisávamos seguir adiante de novo.

Mikey e Axe estavam olhando os mapas e vasculhando o terreno montanhoso acima de nós, com menos neblina. Danny e eu tínhamos que permanecer olhando na direção da vila com os binóculos, espiando o que houvesse para ser visto. Que era nada. Finalmente, Mikey disse que ia sair, sozinho, apenas levando seu rifle, em busca de um lugar melhor. Depois mudou de ideia e levou Axe. E eu não podia censurá-lo. Esse lugar já era arrepiante o suficiente, por nunca ser possível saber se havia alguém à espreita.

Danny e eu esperamos e o sol subia acima dos picos e começava a secar nossas roupas molhadas. Depois de talvez uma hora, os outros voltaram, e Mikey disse que eles haviam encontrado um local excelente para observar a vila, mas a cobertura era esparsa. Acho que ele imaginava haver um alto risco nessa operação, independente de qualquer coisa, por conta do terreno. Mas, se não corrêssemos o risco, era provável que ainda estivéssemos aqui no Natal.

E mais uma vez recolhemos nossas mochilas e partimos rumo ao novo esconderijo. Ficava a menos de 1 km, mas levamos uma hora nos deslocando, subindo a montanha, em direção àquele cume de granito. E, ao chegarmos lá, tive de concordar que era perfeito, provendo um ângulo magnífico da vila para os binóculos, a lente de mira e a bala. Tinha uma visão dimensional maravilhosa. Se Sharmak e sua gangue de vilões estivessem ali, nós o pegaríamos. Como Mikey observou: “Aquele cara não conseguirá chegar até a porra do cagador

comunitário sem que a gente veja”.

A resposta de Danny não era compatível com um livro de família como este, envolvendo a explosão de um dos orifícios de Sharmak.

Fiquei ali olhando nossa nova fortaleza com declives ao redor. Era perfeita, mas também altamente perigosa. Se qualquer tropa de ataque viesse pra cima de nós, principalmente à noite, não teríamos alternativa, a não ser lutar para sair. Se alguém começasse a lançar foguetes sobre nós, seríamos estraçalhados. Só havia uma saída, o caminho que fizéramos na vinda. Um estrategista habilidoso como Sharmak poderia nos bloquear aqui nesse ponto pedregoso e descampado, e teríamos de matar muita gente pra sair. E sempre havia aquele pensamento inquietante de que o camaradinha de Sharmak, bin Laden, também pudesse estar na área – com provavelmente a maior tropa da al-Qaeda que já havíamos enfrentado.

Mas, tirando isso, o lugar era perfeito, com o raio de visão mais amplo que uma equipe de vigilância poderia desejar. Apenas precisávamos nos entocar, de alguma forma, em meio ao xisto, mantendo as cabeças baixas, camuflados e concentrados. Ficaríamos bem, contanto que ninguém nos visse. Mas eu ainda tinha uma sensação muito inquietante. Assim como os outros.

Comemos alguma coisa, bebemos mais água, depois deitamos de bruços, silenciosamente, enquanto o sol secava nossas roupas. Agora estava mais quente que o inferno, e eu estava deitado embaixo de um tronco caído, encaixado na curva, perto da madeira, com meus pés para trás. Mas, infelizmente, eu estava em cima de um tipo de urtiga, que estava me deixando maluco. Claro que não podia mexer nem um músculo. Poderia haver binóculos nos mirando, naquele exato momento.

Eu olhava pelos binóculos. Murph estava a quase cinquenta metros de distância, posicionado acima de mim, em meio às pedras. Axe estava à minha direita, agachado sobre um tronco velho e oco. Danny estava mais abaixo, à esquerda, na última das árvores, com o rádio, abaixado. Ele era o único de nós com alguma sombra para se esconder do sol escaldante. Meio-dia se aproximava e o sol estava vindo direto do sul, bem alto, quase diretamente acima de nós.

Não conseguíamos enxergar de baixo para cima. E certamente não havia nenhum humano no mesmo nível ou acima de nós. Ao menos, não nessa montanha dos SEALs. Só tínhamos que esperar, totalmente imóveis, calados, concentrados, quatro disciplinas em que todos éramos especialistas.

Fazia um silêncio mortal lá em cima, tão silencioso quanto a noite. E o silêncio era interrompido pela troca de algumas palavras elegantes entre os

SEALs, geralmente dirigidas à posição privilegiada de Danny, sob a sombra, fora do sol opressor da montanha. E também não eram palavras profissionais, sem encanto e compreensão.

"Ei, Danny, quer trocar de lugar?"

"Vá se foder."

Esse tipo de coisa. Nada mais. Não se ouvia nenhum outro som pelo ar da montanha. Mas, subitamente, eu ouvi um som que veio do lado sudoeste de minha árvore caída. O som inconfundível de passos, logo acima de mim. Jesus Cristo! Tive sorte de não precisar trocar de calça.

E igualmente súbita foi a aparição de um cara de turbante, carregando uma porra de um machado. Ele deu um salto do toco, logo acima de mim. Eu quase desmaiei de susto, pois não estava esperando. Virei-me, peguei meu rifle e o apontei direto para ele, o que achei poderia ao menos desencorajá-lo de me decapitar. Ele estava mais estarrecido que eu e largou o machado.

Então vi o Axe, em pé, mirando o rifle diretamente para o turbante do cara. "Você certamente o viu", eu estrilei. "Por que diabos não me disse? Eu quase tive um ataque do coração."

"Só não queria fazer barulho", disse Axe. "Eu o mantive na mira até que chegasse ao seu tronco. Um movimento em falso e eu o mataria, bem ali."

Eu disse para o cara se sentar, junto ao toco. Depois, aconteceu uma coisa ridícula. Umas cem cabras apareceram, com sininhos nos pescoços, trotando, montanha acima, se aglomerando ao redor do local onde estávamos. Depois, lá do alto, vieram mais dois caras. Todos nós ficamos cercados pelos bodes. E eu gesticulei para que eles se juntassem ao colega, no chão, junto ao tronco. Os afegãos, não os bodes.

Finalmente, Mikey e Danny vieram andando em meio ao rebanho e logo viram o que estava acontecendo. Assim como eu, eles notaram que um deles era apenas um garoto, de uns catorze anos. Tentei perguntar se eles eram do Talibã, e todos sacudiram as cabeças, o mais velho dizendo, em inglês: "Talibã, não, Talibã, não…".

Eu dei uma das minhas barras de cereal para o garoto, que me olhava carrancudo. Ele a colocou numa pedra, ao seu lado, sem dizer obrigado, nem acenar a cabeça agradecendo. Os dois adultos nos olhavam, deixando óbvio que não gostavam nem um pouco de nós. É claro, eles estavam imaginando que diabos estávamos fazendo em seu sítio, com armamento suficiente para conquistar uma província inteira do Afeganistão.

A pergunta era: o que fazer agora? Era óbvio que eles eram pastores de

cabras, da zona rural montanhosa. Ou, como está escrito nas páginas da Convenção de Genebra, civis desarmados. A decisão militar rigorosamente correta ainda seria matá-los sem maiores discussões, porque não tínhamos como saber suas intenções.

Como poderíamos saber se eles eram ligados a algum grupo da milícia do Talibã, ou jurados por algum pacto de sangue a informar os líderes talibãs sobre qualquer coisa suspeita que encontrassem nas montanhas? E olhe, nós certamente éramos suspeitos.

A verdade era que, se esses três afegãos fossem correndo encontrar Sharmak e seus homens, nós estaríamos seriamente encrencados, encurralados ali naquela escarpa montanhosa. A decisão militar estava clara: esses caras não podiam sair dali vivos. Eu só fiquei em pé, olhando para suas barbas imundas, sua pele rude, as mãos enrugadas e rostos muito, muito zangados. Esses caras não gostavam da gente. Eles não demonstravam qualquer sinal de agressividade, mas também não queriam saber de amizade.

Axelson era nosso residente acadêmico e nosso rei dos conhecimentos gerais. E Mikey lhe perguntou o que achava que devíamos fazer. “Acho que devemos matá-los, pois não podemos deixá-los partir”, disse ele, com a lógica pura e simples de seu intelecto nato.

“E você, Danny?”

“Eu realmente não tô nem aí quanto ao que faremos”, disse ele. “Quer que eu os mate, eu mato. É só dizer. Eu só trabalho aqui.”

“Marcus?”

“Bem, até agora, eu presumira que matá-los fosse nossa única opção. Eu gostaria de ouvir o que você acha, Murph.”

Mikey estava pensativo. “Ouça, Marcus. Se nós o matarmos, alguém logo encontrará os corpos. Para começar, essas porras dessas cabras vão ficar por aí. E, quando esses caras não chegarem em casa para o jantar, seus amigos e parentes vão sair à sua procura, principalmente por causa desse garoto de catorze anos. O principal problema são as cabras. Porque não podem ser escondidas e é isso que as pessoas irão procurar.

“Quando encontrarem os corpos, os líderes do Talibã vão cantar para a mídia afegã. A mídia nos EUA vai se agarrar a isso e escrever coisas sobre a brutalidade das forças armadas americanas. Pouco depois disso, seremos acusados de assassinato. Do assassinato de pastores afegãos desarmados.”

Tenho de admitir que não tinha pensado nas coisas exatamente dessa forma. Mas havia uma verdade terrível nas palavras de Mikey. Será que eu estava com

medo desses caras? Não. Estava com medo de seus possíveis amigos do Talibã? Não. Estava com medo da mídia liberal, lá nos EUA? Sim. E subitamente pensei nos muitos anos na cadeia civil americana, ao lado de assassinos e estupradores.

E ainda assim… como membro das forças especiais americanas altamente treinado, no fundo de minha alma de guerreiro, eu sabia que era loucura deixar que esses pastores partissem. Tentei imaginar o que as grandes figuras militares do passado teriam feito. Napoleão? Patton? Omar Bradley? MacArthur? Teriam tomado a decisão militar fria de executar esses caras porque se mostravam um perigo claro e eminente para seus homens?

Se esses afegãos dessem com a língua nos dentes sobre nós, todos poderíamos ser mortos, bem ali, naquela montanha pedregosa e escaldante, a quilômetros e quilômetros de casa, anos-luz de alguma ajuda. A força potencial contra nós era grande demais. Deixar esses caras irem embora era um suicídio militar.

Tudo que sabíamos era que Sharmak tinha entre 80 e 200 homens armados. Lembro-me de pegar o número do meio, 140, e me perguntar o que achava das chances de quatro homens contra 140. São 35 para 1. Não é muito. Eu olhei para Mikey e disse a ele: “Murph, precisamos de um conselho”.

Nós dois nos viramos para o Danny, que mexia no sistema de comunicação, tentando conseguir uma conexão com o QG. Víamos que ele estava ficando muito frustrado, como todos os operadores ficam, quando não conseguem se conectar. Ele prosseguia tentando, e logo chegamos à conclusão de que o maldito rádio estava pifado.

“Esse troço precisa de pilha nova?”, perguntei a ele.

“Não. Está funcionando, mas ninguém responde pra essa porra.”

Os minutos se passavam. Os pastores estavam sentados, quietos, Axe e Murph empunhavam seus rifles, apontados para eles, Danny agia como se quisesse atirar o sistema de comunicação no maldito precipício.

“Eles não respondem”, disse ele, com os dentes cerrados. “Não sei por quê. É como se não houvesse ninguém lá.”

“Tem de haver alguém lá”, disse Murph, e pude ouvir a ansiedade em sua voz.

“Bem, mas não tem”, disse Danny.

“É a boa e velha lei de Murphy”, eu disse. “Não você, Mikey, aquele outro babaca, o rei da cagada.”

Ninguém riu. Nem eu. E a ficha caiu: estávamos por nossa conta e precisávamos tomar nossa própria decisão.

Mike Murphy disse, baixinho: “Temos três opções. Nós, basicamente, não queremos atirar nesses caras, por causa do barulho. Então, número um, podemos matá-lo silenciosamente e jogar os corpos no penhasco. É uma queda de uns trezentos metros. Número dois é matá-los bem aqui, cobri-los da melhor forma que pudermos, com pedras e terra.

“De algum modo, caímos fora e não dizemos nada. Nem quando a história vier à tona, sobre os pastores afegãos assassinados, e alguma porra de uma manchete por lá, que diga: ‘SEALS Sob Suspeita’.

“Número três, nós os soltarmos e mesmo assim sumimos, caso o Talibã venha procurar.”

Ele nos encarou. Eu me lembro como se tivesse sido ontem. Axe disse, firmemente: “Não somos assassinos. Independentemente do que fizermos. Estamos em serviço em território inimigo, mandados para cá por nossos comandantes. Temos o direito de fazer tudo que pudermos para salvar nossas vidas. A decisão militar é óbvia. Deixá-los ir seria errado”.

Se isso chegasse a uma votação, como poderia, Axe recomendaria a execução dos três afegãos. Em minha alma, eu sabia que ele estava certo. Não poderíamos soltá-los, de jeito algum. Mas o meu problema era que eu tenho outra alma. Minha alma cristã. E ela estava pesando sobre mim. Algo sussurrava em minha mente, que seria errado executar, a sangue-frio, esses homens desarmados. E a ideia de fazer isso e depois encobrir nossos rastros e fugir, sorrateiramente, parecia ainda mais errada.

Para ser honesto, eu ficaria mais feliz em acertá-los de frente. Depois deixá-los. Seriam apenas três caras que estavam no lugar errado, na hora errada. Baixas da guerra. E apenas teríamos de nos defender quando nossa mídia e nossos políticos, nos EUA, tentassem nos enforcar com uma acusação de assassinato.

Nenhum de nós gostava das opções sorrateiras. Dava pra ver isso. Acho que todos éramos cristãos e, se estávamos pensando como cidadãos americanos cumpridores da lei, seria muito difícil para nós desempenharmos a decisão militar imperativa, aquela que passava por cima, a decisão que qualquer grande comandante teria tomado: esses caras jamais poderiam sair dali vivos. As possíveis consequências disso eram inaceitáveis. Sob o aspecto militar.

O tenente Murphy disse: “Axe?”

“Sem chance.” Todos sabíamos o que ele queria dizer.

“Danny?”

“A mesma coisa que antes. Não faz diferença o que vocês decidem. Apenas me digam o que fazer.”

“Marcus?”

“Eu não sei, Mikey.”

“Bem, deixe-me dizer mais uma vez. Se matarmos esses caras, temos que ser corretos sobre isso. Relatar o que fizemos. Não podemos sair disso escondidos. Apenas para que vocês entendam, os corpos serão encontrados, o Talibã irá usar isso ao máximo. Eles levarão o fato aos jornais e a mídia liberal americana vai nos atacar impiedosamente. É muito provável que sejamos indiciados por assassinato. Não sei como vocês se sentem quanto a isso… Marcus, estou contigo. Diga o que vai ser.”

Eu apenas fiquei ali. Olhei novamente para aqueles afegãos roceiros e taciturnos. Nenhum deles tentou nos dizer uma palavra. Não precisavam. Suas expressões já diziam o suficiente. Não tínhamos corda para amarrá-los. Deixá-los presos para ganhar mais tempo e achar um novo posicionamento não era uma opção.

Olhei Mikey diretamente nos olhos e disse: “Temos que deixá-los ir.”

Foi a coisa mais estúpida, a decisão mais miolo-mole de sulista que tomei em toda a minha vida. Eu devia estar fora de mim. Na realidade, eu havia dado um voto que sabia ser nossa sentença de morte. Eu me transformara num maldito liberal, um borra-botas, um tolo insensato, só coração, sem cérebro, com o poder de julgamento de um coelho.

Ao menos, é como vejo agora, quando olho para trás. Talvez não naquele instante, mas todos os instantes em que estive acordado desde então. Nem uma única noite se passa sem que eu não acorde suando frio, pensando naqueles momentos nas montanhas. Jamais esquecerei. Não tenho como. O voto decisivo foi meu e isso irá me assombrar até que me enterrem em meu túmulo, no leste do Texas.

Mikey concordou. “Está certo”, disse ele, “acho que são dois votos contra um, já que Danny se abstém. Temos que soltá-los.”

Lembro que ninguém disse nada. Ouvíamos somente os sons das cabras: méééé… méééé… méééé… E o tilintar dos sininhos. Aquele era o coro de fundo apropriado para uma decisão que havia sido tomada numa porra de um mundo de conto de fadas. Não num campo de batalha, onde, gostando ou não, certamente estávamos.

Axe voltou a dizer: “Não somos assassinos. E não seríamos, independentemente de qualquer coisa”.

Mike foi solidário com seu ponto de vista. Ele apenas disse: “Eu sei, Axe, eu sei, companheiro. Mas nós fizemos uma votação”.

Eu gesticulei para que os três pastores se levantassem e, com meu rifle, sinalizei para que seguissem seu caminho. Eles não acenaram a cabeça nem sequer deram um sorriso de agradecimento. E certamente sabiam que podíamos muito bem tê-los matado. Eles se viraram na direção do terreno elevado, atrás de nós.

Posso vê-los agora. Colocaram as mãos atrás das costas, daquele jeito particular que os afegãos fazem, e saíram correndo, subindo, e as cabras ao nosso redor foram trotando se juntar a eles. De algum lugar, surgiu um cachorro marrom sarnento, que tristemente se juntou ao garoto. Aquele cão era um lembrete horrendo de meu próprio cachorro, um labrador chocolate e robusto, fêmea, chamada Emma, que eu tinha lá no sítio, e estava sempre pulando saudável e contente.

Acho que foi quando acordei e parei de me preocupar com os malditos americanos liberais. “Isso é mau”, eu disse. “Isso é muito mau. Que porra estamos fazendo?”

Axe sacudiu a cabeça. Danny sacudiu os ombros. Mikey, para ser justo, parecia ter visto um fantasma. Assim como eu, ele era um homem que sabia quando havia cometido um grande erro. Mais estarrecedor do que qualquer coisa que já fizéramos juntos. Para onde estavam indo aqueles caras? Estávamos malucos?

As ideias passavam, aceleradas, por minha mente. Não tínhamos sistema de comunicação, ninguém a quem recorrer para um conselho. Até então, não tínhamos nada que se parecesse com nosso alvo na vila. Estávamos numa posição muito exposta e, aparentemente, não tínhamos qualquer acesso a apoio aéreo. Nem podíamos relatar isso. Pior ainda, não fazíamos a menor ideia do local para onde os pastores seguiam. Quando as coisas ficam ruins assim, não acontece uma coisa só. São todas as coisas.

Nós os observamos indo, desaparecendo montanha acima, ainda correndo, ainda com as mãos atrás das costas. E a sensação de que fizéramos algo errado deixando-os partir era penetrante. Dava para saber. Nenhum de nós conseguia falar. Parecíamos quatro zumbis, mal sabendo se caíamos de volta em nosso posto de vigilância ou partíamos imediatamente.

“E agora?”, perguntou Danny.

Mikey começou a pegar seu equipamento. “Partimos em cinco minutos”, disse ele.

Arrumamos nossas tralhas e ali, bem ao sol do meio-dia, vimos os pastores, distantes no horizonte, finalmente sumirem de vista. Segundo meu relógio, fazia

precisamente dezenove minutos que eles haviam partido e um astral melancólico nos envolveu.

Partimos montanha acima, seguindo as pegadas dos bodes e seus condutores. Andávamos o mais rápido que podíamos, mas levamos entre quarenta minutos e uma hora até cobrirmos o mesmo território, naquele solo íngreme. Lá no alto, já não os víamos. Cabras da montanha, homens da montanha. Era tudo a mesma porcaria e eles se deslocavam como foguetes pelas passagens.

Olhamos em volta, em busca da trilha através da qual havíamos chegado, a encontramos e regressamos àquele ponto inicial que havíamos abandonado devido ao ângulo de visão ruim da vila e a neblina densa. Tentamos passar um rádio e ainda não conseguíamos obter comunicação com a base.

Nossa estratégia ofensiva desmoronara. Mas seguíamos rumo ao que era provavelmente a melhor posição defensiva que havíamos encontrado desde que chegáramos ali, perto da encosta da montanha, talvez uns quarenta metros do topo, com cobertura das árvores, e um meio decente de nos ocultarmos. Naquele instante, sentíamos que precisávamos nos manter estritamente em defensiva, dar um tempo e torcer para que o Talibã não tivesse sido alertado ou, se tivesse, que estivéssemos bem escondidos para que eles não nos encontrassem. Éramos excelentes na prática de manter a posição rasteira e nos escondermos.

Caminhamos ao longo da encosta e sou obrigado a dizer que o lugar parecia bem diferente em plena luz do dia. Mas suas virtudes ainda estavam lá. Mesmo do alto da escarpa, seria impossível nos verem.

Descemos e assumimos precisamente as nossas antigas posições. Ainda prosseguíamos com nossa missão, mas estávamos em alerta máximo quanto aos combatentes talibãs. Abaixo de mim, talvez uns trinta metros à minha direita, Danny entrou embaixo de sua árvore da ioga, de pernas cruzadas, ainda parecendo um encantador de serpentes. Eu me posicionei embaixo da antiga amoreira, onde reapliquei meu creme de camuflagem e me misturei com a paisagem.

Abaixo de mim, à esquerda, na mesma distância de Danny, estava Axe, com o rifle mais pesado. Mikey agora estava logo abaixo, talvez uns dez metros, abrigado junto a uma rocha. Acima de nós havia um declive, depois uma área plana que em seguida subia abruptamente. Eu havia tentado olhar para baixo, daquele ponto, assim como Murph, e concordamos que realmente não dava para ver nada sobre o pequeno cume que nos protegia.

Por um instante, estávamos a salvo. Axe ficou com o escopo por vinte

minutos, depois eu o peguei pelos vinte seguintes. Nenhum movimento na vila. Agora já fazia mais de uma hora e meia que soltáramos os pastores. E ainda estava quieto e tranquilo, quase sem vento. E, Cristo, como estava quente.

Mikey estava mais perto de mim e subitamente sussurrou: “Caras, eu tenho uma ideia”.

“O que, senhor?”, perguntei, subitamente formal, como se a situação exigisse algum respeito pelo homem que finalmente precisava assumir o comando.

“Vou até a vila e ver se posso pedir um telefone emprestado!”

“Lindo”, disse Axe. “Veja se pode me arranjar um sanduíche.”

“Claro”, disse Mikey. “O que vai ser? Cocô de mula ou bosta de cabra?”

“Sem maionese”, rosnou Axe.

As piadas não eram ótimas, eu sei. Mas, empoleirados lá em cima daquela montanha afegã, equilibrando-nos para nos defendermos de um exército inimigo, eu as achava quase hilárias.

Imagino que fosse um sinal de nervosismo, como contar uma piada em seu leito de morte. Mas aquilo demonstrava como nos sentíamos naquele momento; não absolutamente bem, mas animados o suficiente para seguirmos com nosso trabalho e ainda lançarmos um comentário leve ocasional. Parecendo mais com nosso velho jeito de ser, certo? De qualquer forma, eu disse que ia fechar os olhos só por um tempinho, puxei meu capacete camuflado sobre os olhos e tentei dar uma desligada, apesar do coração disparado que eu não tinha como acalmar.

Mais uns dez minutos se passaram. Subitamente, eu ouvi Mikey fazer seu conhecido som de alerta… *Ssst! Ssst!* Levantei meu capacete e instintivamente olhei à esquerda, para o local onde eu sabia que Axe estaria dando cobertura ao nosso flanco. E ele estava bem ali, rígido, em posição de disparo, apontando o rifle direto para o cume da montanha.

Eu me virei e olhei direto atrás de mim. Mikey estava de olhos arregalados para o alto do morro, dando as coordenadas, instruindo Danny para pedir ajuda imediata do QG, se conseguisse fazer a conexão do rádio funcionar. Ele viu que eu estava em cima, olhou fixo para mim, apontou direto para o alto, gesticulando para que fizesse o mesmo.

Ajustei meu Mark 12 em posição de disparo, recuei a cabeça alguns centímetros e olhei para cima. Perfilados no alto do morro, havia entre oitenta e cem combatentes talibãs fortemente armados, cada um deles com um AK-47, apontando para baixo. Alguns carregavam granadas disparadas por foguetes. À direita e à esquerda, eles começavam a descer rumo aos nossos flancos. Sabia

que podiam ver além de mim, mas não a mim. Eles não podiam ter visto Axe ou Danny. Eu não tinha certeza se haviam visto Mikey.

Meu coração foi ao estômago. E amaldiçoei aqueles filhos-da-puta daqueles pastores de cabra, e a mim mesmo por não executá-los, quando todo livro de conduta militar me ensinara a fazer o contrário. Sem mencionar meus instintos enfurecidos, que haviam me mandado concordar com Axe e que os executasse. E os liberais que fossem para o inferno numa charrete de jegue, e levassem com eles essa porra toda de direitos humanos ou qualquer conversa fiada que os deixasse felizes. Querem nos indiciar por assassinato? Bem, então fodam-se e vão em frente. Mas, pelo menos, nós estaríamos vivos para responder. Isso aqui é que era foda.

Recostei-me na minha árvore. Ainda tinha certeza de que eles não haviam me visto, mas sua intenção era fechar o cerco em nossos dois flancos. Dava pra ver isso. Olhei em volta e diretamente acima de mim. O alto do vale estava forrado de homens armados. Achei que havia mais que antes. Não havia escapatória subindo direto, nem qualquer possibilidade de deslocamento à esquerda, ou à direita. Na verdade, eles nos haviam encurralado, *caso* tivessem nos visto. Eu ainda não tinha certeza.

E, até então, nem um tiro havia sido disparado. Voltei a olhar para o alto do morro, para uma única árvore acima do meu lado esquerdo, a vinte metros, provavelmente. E achei ter visto um movimento. Depois foi confirmado, primeiro um turbante, depois um AK-47, com o cano apontado para a minha direção, mas não diretamente para mim.

Segurei o rifle mais firme e o desloquei ligeiramente na direção da árvore. Quem estivesse ali não podia me ver, pois eu estava num local excelente, bem escondido. Fiquei totalmente imóvel, quero dizer totalmente mesmo, como uma estátua de mármore.

Verifiquei Mikey, que também não se movera. Então, olhei novamente para a árvore e, dessa vez, aquele turbante dera a volta. Um guerreiro talibã de barba e olhos negros olhava diretamente para mim. O cano de seu AK-47 estava apontado direto para minha cabeça. Será que ele teria me visto? Abriria fogo? O que será que os liberais achariam de minha posição? Acho que não dava tempo de saber. Eu dei um tiro e explodi sua cabeça.

E, naquele instante, as portas do inferno se abriram. O Talibã desencadeou uma avalanche de tiros pra cima de nós, montanha abaixo, de todos os ângulos. Axe estava no flanco esquerdo, tentando interromper a trilha, atirando sem parar. Mikey abria fogo, por cima de minha cabeça, com tudo que tinha. Danny atirava

neles, tentando mirar com uma mão e desesperadamente procurando contato com o rádio, na outra.

Pude ouvir Mikey gritando: “Danny, Danny, pelo amor de Deus, faça essa porra desse troço funcionar… Marcus, sem chance agora, parceiro, *mata tudo!”*.

Mas agora o fogo inimigo parecia se concentrar em nossos dois homens de flanco. Eu via a terra e as pedras voarem por todo lado, ao nosso redor. O som ensurdecedor dos AK-47 preenchia totalmente o ar. Eu via os caras do Talibã caindo ao longo do cume. Ninguém consegue atirar como nós. Fiquei exatamente onde estava, em minha posição original, e ainda parecia estar levando menos tiros do que os outros. Mas, nos minutos seguintes, eles identificaram a minha localização e o volume de artilharia em cima de mim foi crescendo. Isso era ruim. Muito ruim.

Eu via que Axe estava ganhando seus alvos com mais rapidez que eu, pois ele estava com uma mira telescópica. Eu também deveria ter, mas, por algum motivo, não a encaixara.

Naquele instante, nós quatro estávamos à toda. Sabíamos conduzir uma artilharia como essa, mas precisávamos diminuir o número de inimigos, varrer alguns daqueles bastardos bem rapidinho, aumentar nossas chances. Para eles, ficava difícil nos pegar vindo diretamente de cima, o que significava que nossos flancos eram o nosso perigo. Eu consegui ver dois deles abrindo caminho na descida, à direita e à esquerda.

Axe acertou um deles, mas na direita estava ruim. Eles disparavam freneticamente, mas, graças a Deus, erravam. Acho que nós também. E, subitamente, eu estava recebendo um fogo intenso. As balas explodiam no tronco da árvore, batiam nas pedras e ao meu redor. De alguma forma, havia balas vindo das laterais.

Eu chamei Mikey, abaixo: “Nós podemos enfrentá-los, mas precisamos arranjar um lugar novo”.

“Entendido”, ele gritou de volta. Assim como eu, ele podia ver a velocidade com que os inimigos avançavam no ataque. Estávamos atirando por cinco ou seis minutos, mas, cada vez que o cume acima de nós parecia esvaziar, ele voltava a encher. Era como se eles tivessem reforço em algum lugar do outro lado do pico, apenas esperando para vir para a linha de frente. Para qualquer lado que olhássemos, eles tinham toneladas de caras tentando matar quatro SEALs.

A essa altura, nossas opções eram inexistentes. Ainda não podíamos subir ao topo da montanha, pois eles nos matariam como cães. Estávamos enquadrados em três lados e jamais houve um segundo sequer de trégua nos

disparos. Não víamos nem metade deles e não conseguíamos saber de onde as balas estavam vindo. Eles tinham todos os ângulos sobre nós.

Os quatro simplesmente continuávamos a largar o dedo, detonando, vendo-os cair, enfiando novos pentes, de alguma maneira detendo-os. Mas isso era impossível. Tínhamos que sair desse declive e eu precisava me aproximar de Mikey para combinarmos alguma estratégia e, com sorte, salvarmos nossas vidas.

Comecei a me mexer, mas Mikey, como oficial brilhante que era, já analisara a situação e deu a coordenada: "*Recuar!*".

Recuar estava mais para *pular* – da porra da montanha, isso sim; uma queda quase em pé, logo atrás de nós, Deus sabe por que distância abaixo. Mas uma ordem é uma ordem. Agarrei meu equipamento e dei um passo ao lado, tentando ziguezaguear pelo declive. Mas a gravidade decidiu por mim, e eu caí, dando uma cambalhota inteira à frente, de alguma forma caindo de costas, ainda rolando rápido, os tornozelos batendo no chão.

Ao menos eu achei que estava indo rápido, mas Murphy vinha logo atrás de mim. Dava pra ver que era ele por causa de seu emblema vermelho de bombeiro da Cidade de Nova York, que ele usava desde o 11 de Setembro. Na verdade, foi só o que vi.

"Te vejo lá embaixo!", gritei. Mas nessa hora eu bati numa árvore e Mikey passou voando, como uma bala. Agora eu estava descendo mais devagar e tentei dar um passo, mas caí novamente, e lá fui eu, agora alcançando Mikey, batendo, girando, como se fôssemos bolinhas de fliperama.

À nossa frente, havia um aglomerado de árvores e um declive um pouco menos íngreme, e eu soube que era nossa última esperança, antes de despencarmos rumo ao vazio. Eu tinha que agarrar alguma coisa. Qualquer coisa. Assim como Mikey, e eu o via à frente, agarrando os galhos, arrancando-os, e ainda rolando para baixo.

Numa fração de segundo, eu soube que nada podia nos salvar e com certeza quebraríamos a coluna e o pescoço, e depois o Talibã nos mataria sem piedade, como era de se esperar. Mas, naquele instante, caindo em meio às árvores numa velocidade que parecia de 150 km por hora, minha mente estava à toda.

Quase tudo havia sido arrancado de mim ao longo da queda, tudo exceto minha munição e as granadas – todas as minhas mochilas, o material médico, comida, água, equipamento de comunicação, telefone. Até perdera meu capacete com a bandeira do Texas pintada. Eu preferia morrer amaldiçoado a ver algum filho-da-puta de um terrorista usando aquilo.

Eu vira o rádio de Mikey sendo arrancado, conforme tombávamos abaixo. E isso não era nada bom. A alça de minha arma havia rasgado e meu rifle voou. O problema era que o terreno por trás das árvores era totalmente desconhecido para nós, pois não podíamos vê-lo lá de cima. Se pudéssemos, jamais teríamos pulado; o solo era curvo em cima, depois fazia uma volta embaixo, invertida, como uma porra de uma pista de salto de esqui.

Eu voei por cima daquela curva e caí a oitenta nós, batendo primeiro de costas, e os pés. Dei duas cambalhotas completas no ar e aterrissei em meus pés, ainda descendo a ribanceira como um foguete. Naquele instante eu soube que havia um Deus.

Antes de tudo, eu parecia não estar morto, o que se igualava ao feito de Jesus andando sobre a água. Porém, ainda mais impressionante, era o fato de ver que meu rifle estava a menos de dois palmos de minha mão direita, como se Deus, em pessoa, tivesse vindo a mim para me dar esperança. *Marcus*, eu O ouvi dizer, *você vai precisar disso.* Ao menos, eu acho que O ouvi. Na verdade, juro por Deus que O ouvi. Porque isso, sem qualquer dúvida em minha mente, era um milagre. E eu nem tivera tempo de fazer minhas preces.

Eu não sabia que distância nós havíamos caído, mas tinha de ser duzentos ou trezentos metros. E ainda descíamos muito rápido. Vi Mikey à frente e honestamente não sabia se ele estava vivo ou morto. Era apenas uma pessoa, colidindo contra a terra e as pedras. Se não tivesse quebrado todos os ossos do corpo, isso também seria um milagre.

Eu? Eu estava arrasado demais para sentir dor e ainda via meu rifle virando ao meu lado. Aquele rifle nunca ficou a mais de dois palmos de distância, ao longo de toda essa queda mortal. E eu sei que isso tudo foi guiado pela mão de Deus, pois não havia outra explicação.

Chegamos à parte mais baixa, ambos aterrissando com um impacto incrível, como se tivéssemos pulado de um arranha-céu. Aquilo foi um tranco e tanto e eu puxava o ar, ofegante, tentando calcular o quanto estava ferido. Meu ombro direito doía, minhas costas doíam, num dos lados de meu rosto parecia que a pele tinha sido arrancada, e eu estava coberto de sangue e todo machucado.

Mas consegui ficar em pé, o que, na verdade, foi má ideia, pois os foguetes começaram a aterrissar bem perto e eu caí de novo. Eles explodiam mais ou menos inofensivamente, mas levantavam nuvens de poeira, xisto e tiravam fragmentos de madeira das árvores. Mikey estava ao meu lado, talvez a uns cinco metros de distância e nos levantamos do chão.

Ele ainda estava com o rifle preso à alça. O meu estava caído aos meus pés.

Eu o peguei e ouvi Murphy gritar em meio às explosões: “Você está bem?”.

Virei-me para ele e vi que seu rosto estava totalmente preto de poeira. Até a porra do dente tava preto. “Você tá uma merda, cara”, eu disse a ele. “Se ajeita!”

Apesar de tudo, Mikey riu, depois eu notei que ele havia tomado um tiro durante a queda. Havia sangue escorrendo de seu estômago. Mas, nessa hora, houve uma explosão enorme de uma das granadas, muito perto, perto demais. Nós dois rodopiamos na poeira esvoaçante e logo atrás de nós havia dois troncos grandes, caídos.

Eles estavam cruzados nas pontas, como um par de pauzinhos gigantes de comer comida japonesa, de frente para a montanha, e nos viramos simultaneamente e corremos para nos abrigar. Entramos atrás dos troncos, a salvo da saraivada de tiros por um momento. Ambos ainda estávamos armados e prontos para lutar. Peguei o lado direito e Mikey o esquerdo, mantendo guarda na aproximação do flanco.

Agora podíamos vê-los bem, descendo pelos flancos do penhasco pelo qual acabáramos de despencar. Eles se moviam muito rápido, embora nem de perto com a velocidade com que descêramos. Mikey tinha uma boa posição de tiro em relação a eles e a minha não era ruim. Abrimos fogo diretamente sobre eles, derrubando um por um, conforme se aproximavam. O problema era que eram muitos e parecia não fazer diferença quantos matávamos, eles simplesmente continuavam vindo. Lembro-me de pensar que a estimativa de duzentos estava mais próxima da verdade do que a de oitenta.

E isso devia ser trabalho de Sharmak. Porque esses caras não eram atiradores peritos, estavam usando rifles de forma bem incorreta, mas, ainda assim, seguiam regras militares para esse tipo de abordagem. Desceram avançando pelas laterais do campo de batalha, tentando cercar os flancos do inimigo, sempre na tentativa de fechar um cerco de 360° ao cobrirem o alvo. Nós certamente estávamos retardando a sua programação, mas não os detínhamos.

O fogo nunca parou, nem por cinco minutos. Eles mantiveram a artilharia incessante, disparando saraivadas, mesmo quando não podiam ver seu alvo. Vieram com tudo para cima de nós, descendo até os troncos, e aumentaram o poder de fogo com granadas arremessadas por lança-foguetes. Esses caras não estavam sendo liderados por um louco histérico. O comando era de alguém que entendia da estrutura do que estava fazendo. Entendia bem. Bem demais. O filho-da-puta. E agora eles nos haviam cercado atrás dos troncos e, como sempre, as balas voavam, mas, de alguma forma, nós levávamos a melhor na troca de tiros.

Mikey ignorava seu ferimento e lutava como um oficial SEAL deve fazer, inflexível, firme, de olhos fixos e profissional. Eu via os caras caindo pelo flanco esquerdo, conforme vinham correndo em nossa direção. Do meu lado, mais à direita, o solo era ligeiramente mais plano, com árvores, e não parecia haver tantos deles. Cada vez que aparecia um, eu derrubava.

Provavelmente estava claro para eles que eu e Mikey não podíamos ser desalojados, já que os troncos grandes nos davam cobertura. E foi quando eles partiram para sua maior ofensiva com os foguetes. Aqueles troços malditos, traçando aquela fumaça branca conhecida, eram disparados em nossa direção, vindo mais de cima da montanha. E aterrissavam na frente e ao lado, mas não atrás, e levantavam uma nuvem de terra, pedras e fumaça que chovia sobre nós, roubando nossa visão.

Abaixamos nossas cabeças e eu perguntei a Mikey onde diabos estavam Axe e Danny e, é claro, nenhum de nós dois sabia. Tudo que sabíamos era que eles estavam no alto da montanha e ainda não haviam pulado como havíamos feito.

"Acho que Axe deve ter se mantido firme, lutando da esquerda", disse ele. "Danny tem mais chance de fazer contato pelo rádio lá em cima, do que teria aqui embaixo."

Arriscamos uma olhada acima, através da escuridão da fumaça, e vimos uma figura despencando pela montanha, logo à esquerda de onde havíamos caído. Sem dúvida era o Axe, mas será que ele sobreviveria àquela queda? Ele estava na primeira colina antes das árvores e, um segundo depois, voou por cima da curva igual a uma pista de esqui, desabando pela escarpa quase vertical. O declive o salvou, como havia feito comigo e Mikey, da forma como uma montanha íngreme salva um saltador de esqui, possibilitando que ele prossiga na descida em alta velocidade, sem uma colisão final com o solo plano.

Axe chegou inteiro, atordoado e desorientado. Mas o Talibã agora podia vê-lo, e eles abriram fogo sobre ele, deitado no chão. "*Corra, Axe… bem aqui, companheiro, corra*!", gritou Murph, a plenos pulmões.

E Axe logo recobrou os sentidos, com as balas voando ao seu redor, e ele chegou ao nosso esconderijo, aterrissando de costas. É inacreditável o que você pode fazer quando a sua vida é ameaçada dessa forma.

Ele assumiu a ponta esquerda, enfiou um pente novo e começou a lutar, sem pestanejar, defendendo nosso ponto mais vulnerável ao ataque do inimigo. Nós três simplesmente continuávamos disparando, torcendo e rezando para que eles diminuíssem em volume, que tivéssemos causando um rombo em seu ataque.

Mas não parecia isso. Aqueles caras pareciam um enxame atirando. E o barulho era ensurdecedor.

A pergunta era: onde estava Danny? Será que aquele pequeno leão da montanha ainda estava lutando, ainda tentava fazer contato, enquanto combatia as tropas de Sharmak? Ainda estaria tentando o QG? Nenhum de nós sabia, mas a resposta logo chegaria. Lá do alto, à direita do penhasco principal, houve um movimento súbito e incomum. Alguém estava caindo, e tinha de ser Danny.

O corpo oscilante passou pelas árvores e rodopiou acima do salto de esqui, cambaleando, girando, até a parte mais baixa, onde aterrissou, com uma batida seca e horrível. Da mesma forma como havia sido com todos nós. Mas Danny não se mexia, só ficou ali deitado, atordoado, ou morto. E o folclore da irmandade despontou entre mim e Mikey: *nenhum SEAL jamais será deixado sozinho para morrer no campo de batalha. Nenhum SEAL*.

Larguei meu rifle saí de trás do tronco, numa arrancada. Mikey veio logo após. Axe continuou atirando, para nos dar cobertura, conforme nos abaixamos e corremos, atravessando o solo plano, até a base do penhasco. Mikey ainda estava sangrando na barriga e eu me sentia como se tivesse quebrado a coluna, bem embaixo das costas, na base de minha espinha.

Chegamos até o Danny juntos, o levantamos e levamos de volta, para trás dos troncos, até o lugar mais seguro por ali. Eles disparavam contra nós, lá de cima, atravessando o terreno fatal, mas ninguém foi ferido e, de alguma forma, contra todas as probabilidades, ainda estávamos na batalha, todos inteiros, exceto pelo tiro que acertara Mikey.

Como médico-residente, eu poderia ter ajudado, mas todas as minhas coisas haviam sido arrancadas durante a queda, e não havia tempo para nada, exceto atirar naqueles bastardos que empunhavam os AK-47 e esperar que eles desistissem. Ou, pelo menos, que seus foguetes acabassem. Podiam machucar alguém com aquilo. Os putos.

Bem ali, eu estava confiante de que nós conseguiríamos. O solo atrás de nós era uma descida bem aguda, mas logo abaixo estava a nossa vila-alvo, que ficava num terreno plano, com casas fortes. Cobertura. Era tudo de que precisávamos, com nosso inimigo apanhado em terra plana. Ficaríamos bem. Nós íamos pegá-los.

Danny reagiu, endireitou a cabeça e tentou levantar. Mas seu rosto estava contraído. Ele estava sentindo muita dor. Foi quando vi o sangue escorrendo de sua mão.

“Fui ferido, Marcus, você pode me ajudar?”, perguntou ele.

“Todos nós fomos feridos”, respondeu Mikey. “Você consegue lutar?”

Olhei para a mão direita de Danny. Seu polegar havia sido arrancado. E eu o vi cerrar os dentes e acenar a cabeça, afirmativamente, com o suor escorrendo por seu rosto sujo de preto. Ele ajustou seu rifle, colocou outro pente com a palma da mão e assumiu seu lugar no centro de nossa linha de fogo. Depois se virou na direção do inimigo. Ele era um cão de raça, olhando montanha acima, e abriu fogo com tudo que tinha.

Danny, Mikey e Axe arregaçavam o flanco esquerdo, enquanto eu segurava o direito. O tiroteio continuava feroz de todos os lados, mas sentíamos que havia mais afegãos mortos pela esquerda do que pela direita. Murph gritou: “Vamos ganhar terreno acima, por esse lado”. E, detonando nossos quatro canhões, tentamos sair correndo pelo flanco esquerdo, firmando o pé no declive íngreme, talvez até lutar morro acima, se conseguíssemos matar um número suficiente deles.

Mas eles também queriam a posição acima e reforçaram o flanco direito, descendo a ladeira, qualquer coisa que pudessem fazer para impedir que assumíssemos pela direita. Provavelmente matamos mais de cinquenta deles, e nós quatro continuávamos lutando. Acho que eles perceberam isso, pois estavam preparados para lutar até o último homem, para segurarem a nossa esquerda, direita deles.

Havia muitos deles e escorregávamos para trás, descendo a inclinação, conforme os combatentes de turbante se aproximavam de nós, fazendo-nos recuar por terem um número imensamente maior e muito mais poder de fogo. Quando soltaram outra bateria de foguetes, não tivemos outra opção a não ser recuar e voltar para trás dos troncos cruzados, antes que eles nos arrancassem as cabeças.

Só Deus sabia o tamanho do lança-foguetes que eles estavam usando. Mas nós estávamos apenas descobrindo que tipo de tropa Sharmak e seus homens realmente compunham: treinados, fortemente armados, destemidos e estrategicamente em cima da pinta. Não exatamente o que havíamos esperado, ao pousar em Bagram.

Ali atrás dos troncos, continuamos a derrubá-los pelos flancos, sempre que conseguíamos disparos livres. Mas, novamente, o avanço inflexível das tropas de Sharmak descendo a escarpa sobre nós era simplesmente opressor. Não tanto pelo volume de fogo, mas por sua investida descendo pela esquerda e direita de nosso posicionamento.

Os troncos nos davam cobertura pela frente e não eram tão ruins a noventa

graus. Mas, quando eles passavam disso, disparando de uma posição ligeiramente atrás de nós, de ambos os lados – bem, essa havia sido a razão pela qual saltamos daquela altura, para começar, arriscando nossos pescoços, sem saber quando ou se aterrissaríamos em solo razoável.

Não éramos em número suficiente para a proteção de nossos flancos. Estávamos ocupados demais defendendo a nossa posição contra um ataque de ofensiva direta. Imagino que os pastores lhes tivessem dito que éramos apenas quatro e Sharmak rapidamente calculou que fôssemos fracos pelas pontas.

Acho que uma dúzia de SEALs os teria destruído, mas isso seriam dez ou doze para um. Éramos apenas quatro e, provavelmente, trinta e cinco para um. Situação conhecida no meio militar como “estar com o saco na parede”. Principalmente agora, pois não conseguíamos chamar a cavalaria do QG.

Ali estava uma versão do século XXI da última posição do general Custer, o Little Bighorn com turbantes. Mas eles ainda não nos haviam pegado. E, se eu fizesse do meu jeito, jamais pegariam. Eu sabia que nós quatro pensávamos exatamente assim. No entanto, a nossa única opção era chegar ao terreno mais plano. E não havia nenhum aqui em cima. Só havia um caminho a seguirmos. Para trás e para baixo, descendo direto.

Mike Murphy fez a chamada. “Eles vão nos matar se ficarmos aqui! Pulem, puta-que-pariu, pulem!”

E, mais uma vez, nós quatro seguramos nossos rifles, levantamos, encaramos bravamente as balas e seguimos direto para o precipício. Atiramo-nos no vazio, Mikey foi primeiro, depois eu, depois Axe, depois Danny. A queda deve ter sido de nove a doze metros, rumo a um punhado de arbustos, ao longo de um pequeno córrego.

De jeito algum estávamos na base dessa pequena escarpa, mas, ao menos, voltáramos a ficar num terreno plano, sem ter que nos manter à beira de um precipício. Eu caí direto em cima do Mikey, depois Axe e Danny caíram em cima de nós dois. Nem havia tempo para soltar uns palavrões.

Nós nos espalhamos e voltamos a assumir nossa posição de artilharia, novamente nos preparando para detonar o inimigo e afastá-lo de nossos flancos, onde eles certamente começariam sua nova investida no próximo estágio da batalha. Eles desciam as rochas à nossa direita e eu tentava me assegurar de que nenhum deles conseguisse chegar à parte mais baixa. Meu rifle parecia estar pegando fogo e eu só continuava a carregá-lo, atirando, mirando e disparando, desejando muito ainda ter meu capacete do Texas.

Tentávamos assumir uma posição decente, entre as rochas, abrindo caminho

rumo ao descampado. Mas agora estávamos sob fogo. O Talibã nos vira e mandava uma chuva de balas para baixo, disparando de uma posição privilegiada, do alto. Recuamos perto das pedras e Danny foi acertado outra vez.

Eles o acertaram na base das costas e a bala saiu pela barriga. Ele ainda estava atirando. Só Cristo sabe como, mas ele estava. A boca de Danny estava aberta e havia sangue pingando. Havia sangue por toda parte. Estava quente e o mau cheiro era inconfundível, o odor de pólvora pesava no ar, e o barulho, que não cedera desde que eles abriram fogo, era ensurdecedor. Nossos ouvidos estavam ecoando das explosões como se estivéssemos usando fones de ouvido.

E eles voltaram a lançar as granadas. Vimos a fumaça branca riscando o ar. Vimos que vinham, descendo aquele declive sinuoso pelas pontas, direto em nossa direção. E, quando explodiram, o estouro foi sufocante, ecoando das pedras de granito que nos cercavam, por três lados.

Era como se o mundo estivesse explodindo ao nosso redor, com os fragmentos de rocha voando, alguns bem grandes, soltando-se das paredes pedregosas; as balas ricocheteavam; a poeira em redemoinho nos encobria, sufocava, escurecia tudo.

Murph estava tentando reavaliar a situação, desesperadamente procurando tomar a decisão certa, apesar de nossas opções limitadas. E, cá pra nós, as opções não haviam mudado muito desde que eu havia disparado um tiro no meio dos olhos daquele cara. Naquele instante, não estávamos cercados pelos flancos; nosso inimigo estava muito à frente. Ou seja, bem acima. No alto. E isso é ruim.

Acho que a mais antiga estratégia militar do mundo é ganhar o terreno mais alto. Em minha experiência, nenhum comandante talibã jamais ordenou aos seus homens que fizessem qualquer coisa, exceto lutar pelo lugar mais elevado. Ora, e como tinham isso agora. Se estivéssemos num milharal, não seria nada perigoso, pois as balas bateriam no chão e ali ficariam. Mas estávamos num canto de paredes de granito e tudo batia e voltava, a zilhões de quilômetros por hora, o que é mais ou menos a definição de um ricochete. Tudo, as balas e os fragmentos, zunia de volta, daquelas pedras. Para nós, parecia que o Talibã obtinha um resultado duplo a cada tiro. Se errassem a bala, era bom que olhássemos pelo ricochete.

E por quanto tempo mais poderíamos prosseguir sob esse bombardeio, sem sermos mortos, era pura adivinhação. Murph e Danny haviam tomado a luta da esquerda e ainda estavam atirando, ainda acertavam bem. Eu atirava para o alto, procurando acertá-los ao saírem das rochas e Axe se infiltrara numa boa posição, em meio às pedras, detonando os turbantes que vinham.

Tanto Murph quanto eu torcíamos por uma diminuição do poder de fogo, o que significaria que teríamos matado um bom número deles. Mas aquilo nunca chegava. O que chegavam eram reforços. Os reforços do Talibã. Grupos de caras que se aproximavam, substituindo seus mortos, se juntando à linha de frente dessa tropa imensa, em seu solo natal, armados até os dentes, e *ainda* incapazes de matar qualquer um de nós.

Tentamos levar a luta até eles, concentrando-nos em seus pontos mais fortes, levando-os a reforçar a linha de batalha. Não havia três caras que lutassem com mais coragem do que meus companheiros naquelas montanhas. E quase cercados como estávamos, ainda acreditávamos que poderíamos acabar derrotando nosso inimigo. Ainda tínhamos munição de sobra.

Mas Danny foi novamente atingido. Um tiro varou o pescoço e ele caiu ao meu lado. Ele soltou seu rifle e caiu no chão. Eu me estiquei para pegá-lo e arrastá-lo para mais perto da rocha, mas ele conseguiu se reerguer, tentando me dizer que estava bem, apesar de ter sido atingido quatro vezes.

Agora Danny não conseguia falar, mas não se entregava. Ele se apoiou numa pedra, para cobertura, e novamente abriu fogo contra o Talibã, sinalizando que podia precisar de mais um pente, conforme seu sangue derramava. Eu só fiquei ali, em pé, por um instante, impotente, lutando contra as lágrimas, testemunhando um tipo de valor que jamais tivera o privilégio de ver. Que cara. Que amigo.

Murph gritou meu nome. “O único jeito é descer, garoto”, como se eu não soubesse. E gritei de volta: “Entendido, senhor”.

Eu sabia que ele se referia à vila e era verdade. Aquela era nossa chance. Se conseguíssemos entrar numa daquelas casas e nos alojar nela, seria difícil nos tirar. Quatro SEALs atirando de uma cobertura concreta geralmente conseguem dar conta do trabalho. Tudo que tínhamos a fazer era persuadir o Talibã, lá embaixo. Porém, se nos minutos seguintes as coisas não melhorassem muito, talvez não conseguíssemos.

8
A ÚLTIMA BATALHA PELO CUME DE MURPHY

O chão tremeu. As poucas árvores balançaram. O barulho foi o pior do dia todo… Era um esforço gigantesco do Talibã para acabar conosco. Fomos ao chão… para evitar os escombros fatais, fragmentos de rochas e de granadas.

O tenente Mikey Murphy berrou a ordem, pela terceira vez na batalha. Mesma montanha. Mesmo comando. *"Recuar! Axe e Marcus primeiro!"*

Novamente, ele, na verdade, queria dizer pulem! E já estávamos ficando acostumados àquilo. Axe e eu corremos até a beirada, enquanto Murphy e Danny, enfiados nas pedras, abriam fogo para cobrir nossa fuga. Eu não tinha ideia se Danny conseguiria voltar a se mexer, com todos aqueles ferimentos.

Bem ali, estendido no alto do precipício havia um tronco de árvore, com um pedaço oco por baixo, como se tivesse sido gasto pela chuva. Axe, que era o cara de raciocínio mais rápido que eu já conhecera, seguiu direto para a parte oca, pois o tronco de árvore lhe daria cobertura, conforme ele mergulhasse rumo ao diabo que houvesse depois da borda do maldito precipício.

O esguio Axe bateu no solo como um dardo, rapidamente deslizou para o buraco do tronco e rumo ao espaço. Eu bati no chão como um boi texano longhorn e saí derrapando, até ir parar emperrado, embaixo do toco. Não conseguia ir para a frente, nem para trás. *Me fodi*. Mas que coisa chata, hein?

A essa altura, o Talibã já me via. Eu era o único que eles podiam ver e ouvi a saraivada de balas pipocando ao meu redor. Um tiro acertou a árvore, bem à minha direita. O restante veio perfurando a terra e levantando nuvens de poeira. Tentei me erguer perto do toco. Tentei com toda a minha força, mas não conseguia deslocar aquela merda. Eu estava preso.

Tentava olhar para trás, imaginando se Mikey não estaria me vendo e pudesse tentar um resgate, quando, subitamente, vi a trilha branca de fumaça do foguete vindo na direção da montanha. O foguete colidiu com o tronco da árvore, bem ao meu lado e explodiu com um estrondo, conforme eu tentava

freneticamente desviar dele. Não sei dizer o que houve a seguir, mas a explosão partiu o tronco em dois e me livrou, ao me arremessar direto por cima da beirada.

Acho que eram aproximadamente uns quatro metros de descida e Axe já assumia a posição de fogo, quando aterrissei ao seu lado. Considerando que eu acabara de ser arremessado da beira de um despenhadeiro como uma porra de uma bala humana de canhão, acho que tive muita sorte de ainda estar de pé. E ali, bem ao meu lado, estava meu rifle, colocado pela Mão do Próprio Deus.

Eu o peguei e ouvi novamente a Sua voz. Mas, dessa vez, não houve barulho, só um segundo de silêncio em minha mente, em meio a todo aquele caos e maldade desse esforço monstruoso pela supremacia, aparentemente conduzido em nome do Profeta Sagrado Muhammad.

Eu não estava bem certo se algum deles teria aprovado. Não conheço muito de Muhammad, mas, por tudo que é sagrado, acho que meu Deus não queria que eu morresse. Se Ele tivesse sido indiferente à minha situação, certamente não teria tomado tanto cuidado com a minha arma, certo? Pois, de que outra maneira ela ainda estaria comigo, eu jamais saberei.

Até agora, aquele rifle já enfrentara três batalhas isoladas, em três lugares diferentes, sendo arrancado duas vezes das minhas mãos, tendo voado de um precipício por uma granada poderosa, caído quase trezentos metros montanha abaixo e, de alguma forma, ainda estava ao meu lado, ao alcance da mão. Um acaso feliz? Acredite no que você quiser. Minha fé permanecerá inabalável.

De qualquer forma, eu o peguei e fui para trás das pedras, onde Axe agora estava sob a artilharia inimiga. Mas ele estava bem posicionado e reagindo, detonando pela esquerda, flanco pelo qual lutou tão desesperadamente, por tanto tempo. Na verdade, fora por quarenta minutos, mas pareciam ser dez anos, e nós dois continuávamos em frente.

Assim como Mikey e Danny, que, de alguma maneira, conseguiram cair para o declive mais baixo, próximo ao córrego, onde o ataque talibã não estava tão intenso. Ainda. A propósito, estávamos com uma aparência chocante, principalmente Danny, que estava coberto de sangue, da cabeça aos pés. Axe estava bem, apesar de muito machucado, e Mikey estava encharcado do sangue que saía de seu ferimento no estômago; não tão mal quanto Danny, porém nada bonito.

Quando aquela granada me arremessou por cima do penhasco, ela provavelmente teria me matado, mas meu único ferimento era um nariz quebrado, que aconteceu quando bati no chão, semi-inconsciente. Para ser

honesto, doía de forma infernal, como minhas costas, e eu estava com a roupa toda ensanguentada. No entanto, eu não havia sido alvejado gravemente como meus dois companheiros de equipe.

Axe mantinha os tribais a distância, calmamente debruçado sobre uma rocha, disparando morro acima, como um verdadeiro guerreiro de elite em combate.

Nada de pânico, com firmeza total, atirando com precisão, poupando sua munição, sem errar nada. Eu estava perto dele, numa situação parecida, e nós dois acertávamos bem. Subitamente, apareceu um cara do nada, pouco acima de nós, e eu o matei, a uma distância de uns trinta metros.

Mas estávamos novamente encurralados. Ainda havia cerca de oitenta desses maníacos descendo em nossa direção, e isso era um bocado de inimigos. Não sei qual seria sua proporção de mortos, pois tanto Mikey quanto eu havíamos calculado que Sharmak mandara uns 140 homens para essa luta. Seja lá quantos fossem, nós ainda estávamos ali, e eu não tinha certeza de quanto tempo Danny ainda continuaria em frente.

Mikey trabalhava ao meu lado e disse, com o velho humor Murphy: “Cara, mas isso tá uma bosta”.

Eu me virei para encará-lo: “Vamos morrer aqui nesta porra, se não tomarmos cuidado”.

“Eu sei”, disse ele.

E a batalha comia. O tiroteio maciço de um inimigo muito determinado contra nossa *expertise* mais precisa, mais bem treinada, com concentração superior e mais *know-how* de guerra. Mais uma vez, centenas de balas ricocheteavam ao nosso redor. E, novamente, o Talibã prosseguiu com as granadas, explodindo o terreno à nossa volta. Presos entre as pedras, continuávamos a lutar, mas Danny estava muito encrencado e eu temia que ele pudesse perder a consciência.

Foi quando ele voltou a ser atingido, bem na base do pescoço. Eu olhei, aterrorizado, vendo Danny cair, esse cara maravilhoso, marido de Patsy, meu amigo há quatro anos, um cara que sempre fora o último a entrar quando recuávamos, um cara que sempre nos deu fogo de cobertura, até que não pôde mais aguentar.

E agora lá estava ele, deitado no solo, com o sangue derramando de seus cinco ferimentos. E eu deveria ser um porra de um SEAL médico, e não podia fazer merda nenhuma por ele sem que todos morressem. Larguei meu rifle e subi na rocha, correndo em campo aberto, para pegá-lo. Está certo, está certo. Nada

de conversa fiada de herói. Eu chorava como um bebê.

Danny estava ensopado de sangue, ainda consciente, ainda tentando disparar seu rifle no inimigo. Mas ele estava com o rosto para baixo. Eu lhe disse para ir devagar, que estávamos bem, enquanto o desvirava. “Venha, Dan, vamos ficar bem.”

Ele acenou a cabeça e eu soube que ele não conseguia falar e provavelmente não falaria mais. O que lembro é que ele não largava seu rifle. Eu o suspendi pelos ombros e o coloquei numa posição quase sentado. Então, peguei-o por baixo dos braços e comecei a arrastá-lo andando de costas, na direção do abrigo. E você acredita que aquele pequeno leão de aço ainda abriu fogo no inimigo mais uma vez, deitado de barriga para cima, disparando, enquanto eu o arrastava?

Havíamos percorrido uns oito metros quando o que eu temia aconteceu. Ali estava eu, indefeso, tentando andar de costas, com as duas mãos ocupadas, quando, subitamente, um guerreiro talibã surgiu das pedras, à nossa direita. Ele estava acima de nós, olhando para baixo, com um sorriso no rosto, apontando o AK-47 direto para minha cabeça.

Nenhum de nós o viu a tempo de revidar. Eu só fiz uma rápida oração e o encarei. Foi precisamente quando Axe mandou duas balas no meio dos olhos do tribal e o matou instantaneamente. Não tive tempo para agradecer-lhe, porque as granadas não paravam de chegar e eu só tentava arrastar o Danny para um lugar seguro. E, assim como Axe, Danny continuava lutando.

Eu o levei até as pedras, a alguns metros de Mikey. E estava claro que o inimigo já quase conseguira nos cercar pela quarta vez, hoje. A julgar pela direção, dava para ver a rota dos disparos e dos foguetes. Danny ainda estava vivo e querendo lutar, e Mikey agora lutava ombro a ombro com Axe, e estavam fazendo um grande estrago.

Eu ainda achava que tínhamos uma chance de escapar, porém, mais uma vez, a única opção era descer, na direção daquela vila, rumo ao solo plano. Lutar morro acima, como estávamos fazendo, desde o começo dessa batalha, segundo as palavras de nosso oficial de missão, estava uma bosta.

Eu gritei, bem alto: “*Axe, andando!*”. Ele teve tempo de responder: “*Entendido!*”. Antes de o acertarem no peito. Eu vi o rifle caindo de suas mãos. Ele tomou à frente e deslizou pela pedra, onde estivera apoiado, indo até o chão.

Eu simplesmente congelei. Isso não podia estar acontecendo. Matt Axelson, um cara da família, melhor amigo de Morgan, parte de nossas vidas. Comecei a gritar seu nome, sem parar, irracionalmente. Dentro de mim, eu achava que

Danny estava morrendo e tudo que podia ver era uma mancha de sangue na terra vermelha onde Axe estava caído. Por um breve instante, achei que estava perdendo a cabeça.

Então, Axe esticou o braço, pegou o rifle e se levantou. Ele ajustou a arma, pegou outro pente, enfiou na culatra e voltou a abrir fogo, com o sangue escorrendo do peito. Manteve a mesma posição de fogo, inclinado sobre a rocha. Demonstrava a mesma atitude de um SEAL firme, com *know-how*, a mesma solidez formidável, olhando por sua mira, vasculhando o terreno com aqueles olhos azuis brilhantes.

Quando Axe se levantou, foi o ato mais corajoso que já vi. Exceto por Danny. Exceto por Mikey, ainda nos comandando, depois de ser alvejado com uma bala em seu estômago, bem no começo da batalha.

E agora Murph estava engendrando uma forma de descermos a escarpa. Ele escolhera a rota e chamara Axe para segui-lo abaixo. E as balas continuavam a chover ao nosso redor, conforme o Talibã iniciou sua perseguição. Mikey e Axe estavam uns setenta metros à frente, e eu arrastava Danny ao longo do caminho, enquanto ele fazia tudo que podia para ajudar, tentando andar, tentando nos dar fogo de cobertura.

“Tudo bem, Danny”, eu ficava dizendo. “Nós só precisamos alcançar os outros. Vai ficar tudo bem.”

Bem ali, uma bala o atingiu no alto do rosto. Ouvi acertar em cheio e me virei para ajudá-lo, e o sangue do ferimento de sua cabeça jorrava sobre nós dois. Gritei seu nome. Mas era tarde demais. Ele já não estava mais lutando contra aquela dor terrível. E não podia me ouvir. Danny Dietz morreu bem ali, em meus braços. Eu não sei com que velocidade os corações se partem. Mas aquilo quase partiu o meu.

E os tiros não cessaram. Arrastei Danny, tirando-o do campo aberto, por talvez um metro e meio, depois me despedi dele. Eu o abaixei, e tive que deixá-lo, ou morreria bem ali, com ele. Mas uma coisa eu sabia, com certeza. Eu ainda tinha meu rifle e não estava sozinho. Nem Danny, um católico devoto. Eu o deixei com Deus.

Agora eu tinha que voltar para ajudar a minha equipe. Foi a coisa mais difícil que fiz na minha vida.

Até hoje tenho pesadelos com isso, um sonho arrepiante, no qual Danny ainda está falando comigo e há sangue por toda parte, e tenho que me afastar sem sequer saber o motivo. Sempre acordo aos prantos, e isso sempre irá me assombrar. É como se jamais fosse sumir.

E agora eu podia ouvir Murph me chamando. Agarrei meu rifle, abaixei-me e escorreguei de cima da pedra, depois comecei a correr em sua direção e de Axe, enquanto eles davam cobertura, atirando incessantemente, mirando o reduto dos talibãs, talvez a uns quarenta metros atrás.

Cheguei à beirada, corri em direção a uma árvore, quase cegamente, bati e voltei, deslizei pela rampa, que não era muito funda, e aterrissei de cabeça, em frente à porra do córrego. Como qualquer homem-rã que se preza, fiquei muito puto por ter enchido a bota de água. Detesto isso.

Finalmente os alcancei. Axe estava sem munição e eu lhe dei outro pente. Mikey queria saber onde estava Danny e eu tive de dizer que Danny tinha morrido. Ele ficou horrorizado, completamente chocado, assim como Axe. Embora Mikey não tivesse dito, eu sabia que ele queria voltar para pegar o corpo. Mas nós dois sabíamos que não havia tempo, nem motivo. Não tínhamos para onde levar um companheiro abatido e não poderíamos seguir essa luta carregando um corpo.

Danny estava morto. E, estranhamente, fui o primeiro a me recompor. Subitamente, eu disse: “O negócio é o seguinte. Temos que descer essa porra dessa montanha, ou vamos todos morrer”.

E, como se os talibãs tivessem tomado a decisão por nós, lá estavam eles novamente, se aproximando, tentando fazer um cerco de 360° ao nosso redor. E estavam fazendo. A artilharia agora vinha de baixo. Podíamos ver os tribais subindo, e tentei contá-los, como vinha tentando há quase uma hora.

Achei que agora só havia uns cinquenta, talvez sessenta, mas as balas continuavam voando. As granadas ainda explodiam perto, levantando nuvens de fumaça e terra, junto com fragmentos de pedra que voavam. Eles nunca fizeram uma pausa no fogo que mandavam para cima de nós.

Nesse instante, mais uma vez abaixado atrás das rochas, nós três podíamos olhar para baixo e ver a vila, a dois quilômetros de distância e ela continuava a ser nosso objetivo.

Novamente, eu disse a Mikey: “Se ao menos conseguíssemos descer até lá e arranjássemos uma cobertura, nós os conduziríamos todos ao terreno plano”.

Eu sabia que não estávamos em bom estado. Mas ainda éramos SEALs. Nada podia nos tirar isso. Ainda estávamos confiantes. E jamais nos entregaríamos. Se chegasse a isso, lutaríamos até a morte, com nossas facas, contra as armas deles.

“Foda-se a rendição”, disse Mikey. E ele não precisou explicar mais nada, nem pro Axe, nem pra mim. A rendição seria uma desgraça para a nossa

comunidade, como tocar o sino à beira do moedor e colocar seu capacete na linha. Ninguém que tivesse ido tão longe, nessa terra de ninguém, nas montanhas afegãs, sonharia em desistir.

Lembre da filosofia dos SEALs: “Jamais desistirei… Minha nação espera que eu seja fisicamente mais duro e mentalmente mais forte do que meus inimigos. Se eu cair, vou me levantar, todas as vezes. Recorrerei a cada milímetro de força restante para proteger meus companheiros de equipe… jamais estou fora de combate”.

Aquelas palavras mantiveram muitos homens corajosos ao longo dos anos. Ela foram gravadas na alma de todos os SEALs. E estavam em nossas mentes.

Mikey subitamente disse, acima do furor da batalha: “Lembre, irmão, jamais estamos fora”.

Eu concordei, sério. “São só mil metros de terreno plano. Se ao menos conseguirmos chegar até lá, temos uma chance.”

O problema era que não conseguiríamos chegar até lá, pelo menos não naquele instante. Porque, mais uma vez, estávamos imobilizados. E diante do mesmo dilema: a única escapatória era descer, mas nossa única estratégia de defesa era subir. Mais uma vez, tivemos que sair daquele patamar, nos distanciando dos ricochetes. Recuar o flanco esquerdo.

Tentávamos lutar a batalha do nosso jeito. Mas, apesar de continuarmos seguindo adiante, estávamos muito esgotados. Eu liderei o caminho de volta às rochas, detonando, atirando em qualquer um que visse. Mas eles logo perceberam isso e realmente estavam descarregando em cima de nós, mandando as granadas russas de lança-foguetes. Elas desciam direto pelo flanco direito deles, à nossa esquerda.

O chão estremeceu. As poucas árvores balançaram. O barulho foi o pior do dia todo. Até as paredes de pedra dessa pequena valeta sacudiram. A correnteza espirrou por cima das margens. Era um esforço gigantesco do Talibã para acabar conosco. Fomos ao chão, caindo sobre o solo pedregoso, de cabeças baixas, para evitar os escombros mortais, fragmentos de rochas e de granadas. Assim como antes, eles não mataram ninguém com esse bombardeio estrondoso e, também como já havia ocorrido, esperaram até que a poeira baixasse e voltaram a abrir fogo.

Acima de mim, eu via a linha das árvores. Não estava tão perto, porém mais perto que a vila. Mas o Talibã sabia nosso objetivo e, à medida que tentamos lutar para seguirmos adiante, eles nos fizeram recuar, sob fogo intenso.

Contra todas as probabilidades, havíamos tentado, e simplesmente não

conseguíramos. Eles voltaram a nos obrigar a recuar. E nós descemos, dando uma volta patética e regressando ao lugar onde estávamos. Porém, mais uma vez fomos parar num bom lugar, em boa posição defensiva, bem protegidos pela frente da rocha, nos dois lados. Novamente tentamos levar a luta até eles, escolhendo nossos alvos e levando-os para trás, agora ganhando algum território na direção da vila.

Eles gritavam diante de nós e a batalha se aproximava do combate a curta distância. Nós gritávamos de volta e continuávamos atirando. Mas ainda havia muitos deles. Então, eles assumiram um posicionamento melhor e acertaram Mikey Murphy no meio do peito.

Ele veio em minha direção, pedindo outro pente. Então vi Axe cambaleando até mim, com a cabeça esticada para a frente, o sangue escorrendo por seu rosto, descendo por um ferimento horrendo na cabeça.

“Eles me acertaram, irmão”, disse ele. “Os bastardos me acertaram. Você pode me ajudar, Marcus?” O que eu podia dizer? O que eu podia fazer? Eu não podia ajudar, exceto tentando combater o inimigo. E Axe estava à minha frente, bem na minha linha de fogo.

Tentei ajudá-lo a entrar atrás de uma rocha. E me virei para Mikey, que agora estava obviamente muito ferido. “Dá pra se mexer, companheiro?”, perguntei a ele.

E ele apalpou o bolso, em busca do telefone celular, que não se atrevera a usar para não delatar nossa posição. E o tenente Murphy caminhou para campo aberto. Andou até mais ou menos o centro, com o tiroteio ao seu redor e sentou-se numa pequena pedra e começou a apertar os números do QG.

Eu podia ouvi-lo falando. “Meus homens estão sob fogo pesado… estamos sendo triturados. Meu pessoal está morrendo aqui… precisamos de ajuda.”

E nessa hora Mikey levou um tiro nas costas. Eu vi o sangue descendo por seu peito. Ele caiu de frente, soltando o telefone e seu rifle. Mas se recompôs e pegou os dois de volta, novamente se sentou, e mais uma vez levou o telefone ao ouvido.

Eu o escutei falando novamente. “Entendido, senhor. Obrigado.” Depois se levantou e cambaleou para o nosso posicionamento ruim, que mantinha guarda à esquerda, e Mikey simplesmente voltou a abrir fogo contra o inimigo.

E ele os acertava, depois de ter feito aquela última ligação desesperada para a base, aquela que podia nos salvar, se eles conseguissem mandar ajuda a tempo, antes que fôssemos massacrados.

Só eu soube o que Mikey fez. Ele entendia que só tínhamos uma chance

realista, e essa era pedir ajuda. Também sabia que só havia um lugar de onde poderia fazer o telefone celular funcionar: no descampado, longe das paredes dos penhascos.

Sabendo do risco, compreendendo o perigo, com total conhecimento de que a ligação telefônica poderia lhe custar a vida, o tenente Michael Patrick Murphy, filho de Maureen, noivo da bela Heather, adentrou a tempestade de balas.

Seu objetivo era claro: fazer essa última tentativa para salvar seus companheiros de equipe. Ele fez a ligação, conseguiu a conexão. Relatou nosso posicionamento aproximado, a força de nosso inimigo e o quanto a situação era séria. Quando o acertaram, imagino que mortalmente, ele prosseguiu falando.

Entendido, senhor. Obrigado. Será que um dia essas palavras irão se apagar de minha memória, mesmo que eu viva cem anos? Será que um dia as esquecerei? Você esqueceria? E houvera, algum dia, um SEAL tão grandioso, comandante de uma equipe, um oficial que lutasse até o fim, e talvez, em seu último passo, arriscasse tudo para salvar seus homens restantes?

Duvido que tenha existido alguém melhor do que Mikey, tranquilo sob o fogo cruzado, sempre pensando, destemido quanto a uma ordem de comando, por mais que parecesse impossível. Depois, o último e heroico ato. Não um gesto. Um ato de valor supremo. O tenente Mikey era uma pessoa maravilhosa e um SEAL muito, muito bom. Se lhe construíssem um memorial, tão alto quanto o edifício Empire State, isso não seria alto o bastante para mim.

Mikey ainda estava vivo e seguiu em frente, mantendo-se à esquerda. Fiquei à direita. Nós dois atirávamos cuidadosamente, com precisão. Eu ainda tentava ganhar um pouco de terreno acima. Mas o exército reduzido do Talibã estava determinado para que eu não conseguisse e, a cada vez que eu tentava avançar, mesmo que alguns metros acima, eles me faziam recuar. Mikey também ainda continuava tentando subir mais e ele até ganhou um pedaço do caminho, entrando na fenda da rocha em que eu estava. Era um bom ponto de ataque, porém fraco para a defensiva. E eu sabia que essa certamente seria a última investida de Mikey.

Naquele instante, Axe passou por mim meio tonto, na tentativa de se manter atrás da rocha. Então vi o ferimento, na lateral de sua cabeça, que quase fora arrancada. E eu gritei: “*Axe! Axe!* Vamos, meu velho camarada. Abaixe aqui, aqui embaixo.”

Eu estava apontando para o lugar em meio às pedras, onde ele poderia encontrar proteção. E ele tentou erguer a mão, num gesto de confirmação de que me ouvira. Mas não conseguiu. E continuou andando, lentamente, inclinado à

frente, já sem segurar seu rifle. Ele estava só com a pistola, mas eu sabia que ele não conseguiria segurar, mirar e disparar. Ao menos seguia para se abrigar, embora ninguém pudesse sobreviver a um ferimento daqueles na cabeça. Eu sabia que Axe estava morrendo.

Mike ainda estava atirando, mas, subitamente, eu o ouvi gritar meu nome, um berro de arrepiar até os ossos: "*Ajude-me, Marcus! Por favor, me ajude!*". Ele era meu melhor amigo no mundo inteiro, mas estava a trinta metros acima da montanha e eu não podia chegar até ele. Eu mal conseguia andar e, se me movesse dois metros de minha posição de abrigo, eles me acertariam cem balas.

Entretanto, dei a volta nas pedras e, tentando abrir fogo para lhe dar cobertura, forçando os bastardos a recuarem, provendo-lhe mais um fôlego, até que eu pudesse achar um jeito de subir até lá sem ser triturado.

E durante todo o tempo ele ficou gritando, chamando meu nome, me implorando para ajudá-lo a continuar vivo. E não havia nada que eu pudesse fazer, exceto morrer com ele. Mesmo então, com apenas dois pentes restantes, eu *ainda* acreditava que podia pegar aqueles filhos-da-puta de turbante e, de alguma forma, salvar Axe e ele. Eu só queria que Mikey parasse de gritar, que sua agonia cessasse.

Mas, com intervalos de segundos, ele me chamava novamente. E, a cada vez que acontecia, eu sentia como se tivesse levado uma facada. As lágrimas brotavam em meus olhos, descontroladamente, não pela primeira vez no dia. Eu teria feito qualquer coisa por Mikey, teria dado minha própria vida por ele. Mas minha morte, ali, em meio àquelas rochas, não o salvaria. Eu só o salvaria permanecendo vivo.

Então, da mesma forma repentina como haviam começado, os gritos pararam. Houve silêncio por alguns momentos, como se esses guerreiros talibãs tivessem entendido que Mikey havia morrido. Eu me movi ligeiramente à frente e olhei lá para cima, a tempo de ver quatro deles descendo e disparando vários tiros em seu corpo caído.

Os gritos haviam parado. Para todos, exceto para mim. Ainda ouço Mikey, toda noite. Ainda ouço seus gritos acima de todas as coisas, até acima da morte de Danny Dietz. Durante várias semanas eu pensei que estava perdendo a razão, pois nunca conseguia deixar aquilo de lado. Houve uma ou duas ocasiões em que, em plena luz do dia, eu me vi colado na parede, com as mãos cobrindo os ouvidos.

Sempre achei que esses problemas psiquiátricos fossem sofridos por outras pessoas, gente comum, não por SEALs. Agora conheço sua realidade. Também

duvido que voltarei a dormir uma noite inteira.

Danny estava morto. Agora Mikey estava morto. E Axe estava morrendo. Naquele instante, éramos apenas nós dois. Ainda. Resolvi caminhar até onde Axe estava escondido e morrer ali, com ele. Eu sabia que provavelmente não haveria saída. Ainda havia cerca de cinquenta inimigos, talvez caçando apenas a mim.

Levei uns dez minutos atirando para trás, esporadicamente, tentando mantê-los no lugar… só para garantir. Eu atirava pensando na chance remota de sobrevivência, que de alguma maneira a ligação telefônica de Mikey pudesse trazer os caras até aqui a tempo de um resgate de último minuto.

Quando cheguei até Axe, ele estava sentado num buraco e arranjara uma bandagem temporária para a lateral de sua cabeça. Olhei para ele, imaginando para onde haviam ido aqueles olhos azuis. Os olhos em que agora eu via meu próprio reflexo, eram vermelho-escuro, as órbitas preenchidas pelo ferimento horrendo em seu crânio.

Sorri para ele, pois sabia que nós não caminharíamos mais juntos. Ao menos, não nesta terra. Axe não teria muito tempo. Mesmo se estivesse no melhor hospital da América do Norte, não teria muito tempo. A vida se esvaía dele e eu podia ver aquele superatleta poderoso ficando cada vez mais fraco, a cada segundo que passava.

“Ei, cara”, eu disse, “você tá todo fodido!” E tentei, penosamente, arrumar a bandagem.

“Marcus, eles nos pegaram feio, cara”, disse ele, com dificuldade, como se tentasse se concentrar. Depois ele disse: “Fique vivo, Marcus. E diga a Cindy que eu a amo”.

Aquelas foram suas últimas palavras. Apenas fiquei ali sentado e era onde planejava ficar, bem ali, com Axe, para que ele não estivesse sozinho quando chegasse o fim. Eu já estava pouco me fodendo com o que me acontecesse. Silenciosamente, fiz as pazes com Deus, e lhe agradeci por ter me protegido e por salvar meu rifle, o qual, por algum motivo, eu ainda tinha. Não tirei os olhos de Axe, que agora estava semiconsciente, mas ainda respirava.

Junto com os outros dois, Axe sempre fora um herói para mim. Ao longo desse conflito breve, porém brutal, ele lutou como um tigre ferido. Como Audie Murphy, como o sargento York. Eles atiraram em seu corpo, aleijaram seu cérebro, mas não seu espírito. Isso, eles nunca conseguiram.

Matthew Gene Axelson, marido de Cindy, atirou no inimigo até não poder mais segurar seu rifle. Ele tinha acabado de fazer vinte e nove anos. E, em seus

momentos finais, eu não tirei os olhos dele. Acho que ele já não podia mais me ouvir. Mas seus olhos estavam abertos e ainda estávamos juntos e eu me recusava a deixá-lo morrer sozinho.

Naquele instante, eles devem ter nos visto. Porque uma daquelas supergranadas russas aterrissou próximo e explodiu me erguendo no ar, de lado, para fora do buraco, voando por cima do maldito barranco. Eu perdi a consciência antes de chegar lá embaixo e, quando voltei a mim, estava num buraco diferente, e meu primeiro pensamento foi ter ficado cego pela explosão, pois não conseguia ver nada.

No entanto, depois de alguns segundos, recobrei a razão e percebi que estava de cabeça para baixo, na porcaria do buraco. Eu ainda estava enxergando e alguns membros ainda funcionavam, mas minha perna esquerda parecia paralisada, assim como a direita, apesar de um pouco menos. Só Deus sabe quanto tempo levei para ziguezaguear, sair para o terreno plano e ir cravando as unhas na terra e me arrastando, até achar abrigo atrás de uma pedra.

Meus ouvidos estavam zunindo, creio que por conta da explosão da granada. Olhei para cima e vi que caíra de uma altura e tanto, mas estava desorientado demais para estimar o quanto. A principal diferença de agora e quando eu estava sentado com Axe era que os tiros haviam parado.

Se eles haviam encontrado Axe, que não teria sobrevivido à explosão, não se dariam ao trabalho de continuar atirando. Obviamente não tinham me encontrado, e eu seria bem difícil de localizar, de cabeça para baixo dentro de um buraco. Mas, de qualquer forma, ninguém parecia estar procurando. Pela primeira vez, em talvez uma hora e meia, aparentemente, eu não estava sendo caçado ativamente.

Fora o fato de não conseguir ficar de pé, eu tinha outros dois sérios problemas. O primeiro foi a perda total das minhas calças. Elas tinham sido arrancadas, na explosão. O segundo era o estado da minha perna esquerda, que eu mal podia sentir e estava horrenda, sangrando intensamente e cheia de fragmentos de granada.

Eu não tinha bandagens, nenhum medicamento. Não conseguira fazer nada por meus companheiros de equipe e não podia fazer nada por mim, exceto tentar ficar escondido. Não era uma situação promissora. Eu estava bem certo de ter quebrado as costas e provavelmente meu ombro; havia quebrado o nariz e meu rosto estava um estrago total. Não conseguia ficar de pé, muito menos andar. Pelo menos uma das pernas estava arrasada e talvez a outra também. Eu estava paralisado nas duas coxas e a única forma que conseguia me mexer era me

arrastando, de bruços.

Como era de se esperar, eu estava tonto. E, em meio a esse nevoeiro pessoal da guerra, ainda havia mais um milagre para que eu reconhecesse. A menos de dois palmos de onde eu estava deitado, meio escondido na terra e no xisto, estava meu rifle Mark 12 e ainda tinha um pente e meio. Rezei antes de pegá-lo, pois achei que poderia ser apenas uma miragem e, quando eu tentasse segurá-lo… bem, ele simplesmente fosse sumir.

Mas não sumiu. E senti o ferro frio, no ar quente, quando meus dedos o seguraram. Fiquei novamente ouvindo, à espera da voz Dele. Rezei outra vez, implorando por Sua orientação. Mas não houve som algum e tudo que eu sabia era que tinha de sair para a direita, onde estaria seguro, pelo menos, por enquanto.

Deus não falou comigo de novo. Mas também não havia me esquecido. Eu sabia disso. Ah, como eu sabia disso.

Também sabia outra coisa. Pela primeira vez, eu estava totalmente sozinho. Ali, naquela terra comandada pelo Talibã, naquelas montanhas hostis, não havia nenhum companheiro de equipe comigo, e meu inimigo estava por toda parte. Será que eles teriam ouvido os pastores? Que éramos quatro, e agora só tinham três corpos? Ou achavam que eu tinha me despedaçado na explosão do último foguete russo?

Eu não tinha as respostas para essas perguntas, só esperança. Com absolutamente ninguém a quem recorrer, nada de Mikey, nem Axe, nem Danny, precisava enfrentar a batalha final sozinho, talvez solitário, talvez desolado, talvez contra as piores probabilidades. Mas eu não ia desistir.

Eu só tinha um Companheiro de Equipe. E Ele, como sempre, agia de formas misteriosas. Mas eu era cristão, e Ele, de alguma forma, me salvara de mil balas dos AK-47, naquele dia. Ninguém me acertara, o que já estava totalmente além da compreensão.

E ainda acreditava que Ele não queria que eu morresse. E ainda faria o melhor para sustentar a honra dos SEALs da Marinha americana, como imaginava que eles desejariam. Nada de rendição. Foda-se isso.

Quando achei ter recobrado inteiramente meus sentidos e olhei meu relógio, eram exatamente 13 h 42, horário local. Por alguns minutos não houve tiros e comecei a achar que eles presumiam que eu estivesse morto. Errado, Marcus. Os AKs do Talibã voltaram a abrir fogo e, subitamente, havia balas voando por todo lado, exatamente como antes.

Meu inimigo vinha em minha direção, vindo do terreno mais abaixo, por

ambos os lados, abrindo fogo rapidamente, porém sem precisão. Suas balas acertavam a terra em grande escala, a maioria delas, graças a Deus, longe de mim.

Claro que eles achavam que eu ainda estava vivo, mas também estava claro que ainda não haviam me localizado. Conduziam um tipo de reconhecimento atirando, tentando me fazer sair, detonando todo o terreno, na esperança de que alguém me acertasse. Ou, melhor ainda, que eu saísse com as mãos para o alto, para que aqueles assassinos bastardos pudessem cortar minha cabeça e se deleitar com uma de suas pequenas idiossincrasias, antes de dizerem àquela estaçãozinha diabólica de TV al-Jazeera como haviam se dado bem.

Acho que já mencionei meu ponto de vista quanto à rendição. Carreguei outro pente em meu rifle milagroso e, de alguma forma, rastejei para fora desse pequeno monte, em meio a uma chuva de balas, rumo à lateral da montanha. Ninguém me viu. Ninguém me acertou. Enfiei-me dentro de uma fenda rochosa, com as pernas para fora, num monte de arbustos.

Havia pedras imensas, dos dois lados, me protegendo. Eu julgava estar numa brecha de aproximadamente 4,5 m, na montanha. Não era uma caverna, nem mesmo uma caverna rasa, pois tinha uma abertura acima de mim. Pedras e areia caíam, continuamente, conforme os guerreiros do Talibã se movimentavam, acima de minha posição. Mas essa fenda provia cobertura e camuflagem sensacionais. Até eu sabia que seria muito difícil de encontrar. Eles precisariam de muita sorte, mesmo com a nova ação de varrer o território com artilharia pesada, para me fazer sair.

Meu ângulo de visão era diretamente para cima. Percebi que não podia me mexer, nem mudar de posição, pelo menos não durante a luz do dia. E era imperativo que eu escondesse o sangue que escorria dos machucados do meu corpo. Dei uma olhada nos ferimentos. Minha perna esquerda ainda sangrava muito, e enchi os machucados de lama. Ambas as pernas estavam dormentes. Eu não ia a lugar algum. Pelo menos, por um bom tempo.

Não tinha *kit* médico, nem mapas, nem compasso. Tinha as minhas balas e a minha arma e uma boa visão da montanha, direto à frente, sobre os penhascos, até a montanha seguinte. Estava sem calças e sem meus companheiros, mas ninguém podia me ver. Eu estava bem alojado, com as costas coladas na parede.

Acomodei-me numa posição relativamente confortável, verifiquei meu rifle e o coloquei ao longo de meu corpo, apontando para a frente. Se um número razoável deles me descobrisse, acho que logo me juntaria a Danny, Axe e Mikey. Mas não antes de matar um monte. Eu sabia que estava em posição perfeita de

ação defensiva militar, protegido por todos os lados, vulnerável apenas por um ataque frontal, e isso teria que ser por muitos.

Ainda ouvia os tiros e eles se aproximavam. Definitivamente, estavam vindo para esse lado. Apenas pensei: *Não se mexa, não respire, não faça qualquer som*. Acho que, nesse momento, entendi que estava inteiramente sozinho pela primeira vez. E o Talibã estava me caçando. Eles não estavam à caça de um pelotão SEAL. Estavam caçando apenas a mim. Apesar de meus ferimentos, eu sabia que tinha que ficar bem no fundo. E começava a perder a noção do tempo. Mas fiquei imóvel. Na verdade, não me mexi nem um centímetro, durante oito horas.

Conforme o tempo passava, eu podia ver os caras do Talibã, do outro lado do despenhadeiro, correndo para cima e para baixo, parecendo centenas, simplesmente procurando, varrendo as montanhas que conheciam tão bem, à minha procura. Eu voltava a sentir minhas pernas, mas sangravam muito, e sentia muita dor. Acho que a perda de sangue começava a me deixar meio tonto.

E também estava morto de medo. Foi a primeira vez, em minha carreira de seis anos como SEAL, que realmente senti medo. A certa altura, no fim da tarde, achei que todos estavam partindo. Do outro lado do vale, a encosta da montanha se esvaziou, todos correram à direita, um mar deles, todos seguindo na mesma direção. Ao menos era isso que parecia para mim, olhando pelo meu estreito campo de visão.

Agora sei o que eles estavam fazendo. Enquanto eu estava deitado, ali, no vão da rocha, não fazia a menor ideia de que diabos estava acontecendo. Mas agora vou recontar, da melhor forma, segundo o que fiquei sabendo, sobre o que acontecia em outro lugar, numa das tardes mais tristes, com o mais chocante massacre no alto da Hindu Kush, o pior desastre que já acometeu os SEALs, em qualquer conflito, em mais de quarenta anos de história.

A primeira coisa a lembrar é que Mikey tivera êxito ao contatar a força de resgate, em Asadabad, a algumas cadeias de montanha de distância de onde eu ainda estava. A última ligação, aquela feita de seu telefone celular, que de fato lhe custara a vida, fora bem-sucedida. Segundo todos os relatos, suas palavras assombrosas – *Meu pessoal está morrendo aqui… precisamos de ajuda* – percorreram a base como uma rajada de fogo. *SEALs estão morrendo!* Isso é um alarme máximo de emergência, que beira o frenesi.

O tenente-comandante Kristensen, nosso comandante em exercício, soou o alarme. A decisão de soar ou não fica sempre a critério do comandante da força de resgate. Eric levou um centésimo de segundo para fazê-lo. Imagino a visão de

nós quatro – seus parceiros, amigos e companheiros de equipe, Mikey, Axe, Danny e eu, lutando por nossas vidas, feridos, possivelmente mortos, cercados por uma imensa tropa de tribais afegãos sedentos de sangue – passando por sua mente, enquanto reunia os garotos rumo às estações de ação.

E a visão da perda terrível estava diante dele, ao soltar o telefone, ordenando que os homens do Regimento Aéreo de Operações Especiais (Special Operations Aviation Regiment, ou SOAR), os lendários Night Stalkers, preparassem o imenso helicóptero militar MH-47, bem ali, na pista. Foi o mesmo que decolara logo antes de nós, no dia anterior, aquele que seguimos, rumo à nossa área de operação.

Os caras que já apresentei assumiram suas posições, desesperados para ajudar, levando a maior quantidade possível de munição que coubesse em suas mochilas, pegando rifles e correndo para o Chinook, que já estava com as hélices girando. Os caras de minha Equipe SDV 1 estavam instantaneamente ali. Os oficiais James Suh e Shane Patton chegaram ao helicóptero primeiro. Depois, subindo a bordo, veio a massa humana, o chefe sênior Dan Healy, o homem que havia planejado a Operação Redwing, que parecia ter tomado um tiro ao sair do alojamento.

Depois vieram os caras da Equipe SEAL 10, tenente Mike Mc-Greevy Jr., de Nova York, o chefe Jacques Fontan, de Nova Orleans, os primeiros-oficiais Jeff Lucas, do Oregon, e Jeff Taylor, de West Virginia. Finalmente, ainda gritando para os garotos que eles precisariam de todas as armas que pudessem levar, veio o tenente-comandante Eric Kristensen, o homem que talvez melhor soubesse que aqueles oito SEALs no helicóptero estavam prestes a se arriscar numa incursão diurna fatal, nas passagens montanhosas, adentrando as mandíbulas do inimigo imensamente mais numeroso.

Kristensen sabia que não precisava ir. Na verdade, talvez ele não devesse tê-lo feito e, em vez disso, ficado em seu posto central de controle e comando. Nessa hora, tínhamos o comandante da tropa de resgate, no mínimo, um pouquinho não ortodoxo. Mas Eric Kristensen era um SEAL até a raiz dos cabelos. E o que ele sabia, acima de todas as outras coisas, era que tinha ouvido um pedido desesperado de ajuda. De seus irmãos, de um homem que ele conhecia bem, em quem confiava.

De forma alguma Eric deixaria de atender àquele chamado. Nada nesta terra de Deus o convenceria a não ir. Ele devia saber que nós mal conseguíamos nos aguentar, rezando para que a ajuda chegasse. Afinal, éramos apenas quatro. E todos sabiam, com certeza, que havia no mínimo cem homens do Talibã.

Eric entendia a natureza estupenda do risco e nem pestanejou. Apenas pegou seu rifle e munição e correu para embarcar na aeronave, gritando para que todos se apressassem… *"Vamos embora, pessoal! Vamos logo!"* Era o que ele sempre dizia quando estava sob pressão. Claro, ele era um oficial de comando, e dos melhores. Porém, mais que isso, ele era um SEAL, uma parte da irmandade forjada com sangue. Até mais importante, ele era um homem. E naquele momento ele estava atendendo a um chamado urgente e desesperado, vindo do coração de sua própria irmandade. Só havia uma destinação para onde Eric Kristensen seguiria, direto para as montanhas, com as armas resplandecentes, com ou sem comando.

Dentro do MH-47, os homens do 160º SOAR esperavam, silenciosamente, como haviam feito tantas vezes antes, nessas operações de arrepiar os cabelos, geralmente à noite. Eles eram liderados por um homem magnífico, o major Steve Reich, de Connecticut, com os oficiais-chefes Chris Scherkenbach, de Jacksonville, Flórida, e Corey J. Goodnature, de Clarks Grove, Minnesota.

O sargento-chefe James W. Ponder estava lá, com os primeiros-sargentos Marcus Muralles, de Shelbyville, Indiana, e Mike Russell, de Stafford, Virginia. O grupo deles era completado pelo sargento Shamus Goare, de Danville, Ohio, e o sargento Kip Jacoby, de Pompano Beach, Flórida. Sob qualquer comparação, esta era uma tropa de combate de arrasar.

O plano era que a equipe de resgate descesse de corda, da mesma forma e, quando chegou a chamada dos "Trinta segundos!", imagino que os caras de liderança tenham ficado na rampa traseira. O que ninguém sabia era que o Talibã tinha um tipo de *bunker* por lá e, quando o MH-47 se inclinou para a incursão e as cordas caíram para a descida, o Talibã detonou uma granada com lança-foguetes direto pela rampa aberta.

Ela passou direto pelas cabeças dos líderes do grupo e causou uma enorme explosão junto dos tanques de combustível, transformando o helicóptero num inferno, na traseira e no meio. Vários caras voaram, caindo, alguns em chamas, numa queda de dez metros. Eles colidiram com a encosta da montanha e desceram rolando. O impacto foi tão violento que nosso pessoal de busca e resgate encontrou, mais tarde, canos das armas partidos em dois, em meio aos corpos.

O piloto do helicóptero lutava para manter o controle, sem saber da carnificina que ocorrera atrás dele, mas certamente ciente das chamas intensas ao redor e acima dele. Claro que não havia nada que ele pudesse fazer. O imenso MH-47 simplesmente caiu do céu, numa colisão de grande impacto na lateral da

montanha, balançou, depois capotou com força brutal, repetidamente, se despedaçando ao longo de uma trilha de duzentos metros de destruição.

Não havia sobrado nada, exceto ferro-velho, quando nossos caras foram até lá para investigar. E, claro, nenhum sobrevivente. Meus companheiros mais próximos da Equipe SDV1, James, o chefe Dan e o jovem Shane, todos se foram. Ainda bem que eu não sabia disso ali, deitado naquela fresta. Não tenho certeza se conseguiria lidar com isso. Foi simplesmente um massacre. Semanas depois, eu tomei um baque quando vi as fotografias, principalmente porque era eu que todos eles estavam tentando resgatar.

Como expliquei, na hora, eu não sabia nada disso. Só sabia que alguma coisa acontecera, fazendo com que todo o Talibã ficasse muito alvoroçado. E logo vi aeronaves americanas sobrevoando o despenhadeiro diante de mim, helicópteros Apache A-10 e AH-64. Alguns passaram tão perto que pude ver os pilotos.

Peguei meu rádio PRC-148 de dentro do bolso do colete e tentei fazer contato. Mas eu não conseguia falar. Minha garganta estava cheia de terra, minha língua estava colando no céu da boca, e eu não tinha água. Estava totalmente impossibilitado de transmitir. Mas sabia que estava em contato, pois podia ouvir a aeronave falando. Então, acionei a sinalização de alarme de emergência e transmiti por rádio.

Eles captaram. Eu sei, porque pude ouvir, claramente. “Ei, você está ouvindo esse sinal?” “É, nós captamos… mas não temos mais nenhuma informação.” Então, eles simplesmente voaram para longe, em direção à minha direita, para onde agora eu sei que o MH-47 havia seguido.

O problema era que os talibãs costumam roubar esses rádios, quando conseguem, e sempre usam para enganar os helicópteros americanos e fazê-los descer. Na época, eu não tinha conhecimento disso, mas agora fica óbvio para mim, os pilotos estavam extremamente apreensivos em atender a um sinalizador americano, pois não sabiam quem estaria usando o sinalizador, e podiam ser alvejados.

E acabariam sendo, de qualquer forma, o que me trazia pouco consolo, ali deitado na lateral da montanha, só meio vivo, sangrando sem parar, impossibilitado de falar. E agora começava a escurecer e eu estava totalmente sem opções. Imaginava que minha única chance fosse atrair a atenção de um dos pilotos que estivessem voando pelo penhasco, em intervalos bem regulares.

Meu fone de cabeça havia sido arrancado durante a queda na montanha, mas eu ainda tinha os fios. E, de alguma forma, conectei duas de minhas luzes

químicas, que acendem quando partidas ao meio e as fixei nos fios do defunto rádio. Depois fiz um estilingue caseiro ao redor de minha cabeça, como um tipo luminoso de sinal, no primeiro momento em que vi o helicóptero na área.

Eu também tinha uma luz infravermelha que podia acender e o laser do meu rifle, que removi e apontei para o voo regular americano que passava. Jesus Cristo! Eu era um sinal de angústia ambulante. *Tinha de haver alguém observando aquelas montanhas. Alguém tem que me ver*. Eu estava usando esse procedimento apenas quando avistava o helicóptero. E logo o meu otimismo se transformou em melancolia. Ninguém estava prestando atenção. Do ponto onde eu estava deitado, parecia que havia sido abandonado para morrer.

A essa altura, com o sol se pondo atrás das montanhas, eu já recobrara quase toda a sensibilidade das minhas pernas. E isso me deu esperanças de conseguir andar, embora soubesse que a dor podia ser forte. Eu estava ficando perigosamente sedento. Não conseguia tirar a terra entalada de minha garganta. Fazia tudo para conseguir respirar; falar, nem pensar. Precisava encontrar água e tinha que dar o fora dessa armadilha mortal. Mas só depois que o véu noturno envolvesse as montanhas.

Sabia que precisava sair dali, primeiro, pela água, depois, por minha segurança, porque parecia que ninguém iria me encontrar. Lembro-me das últimas palavras de Axe. Elas ainda ecoam claramente em minha cabeça: “Fique vivo, Marcus. E diga a Cindy que eu a amo”. Por Axe, Danny e, acima de tudo, Mikey, eu sabia que tinha de ficar vivo.

Vi os últimos raios de sol lançando sombras gigantes sobre as montanhas e penhascos à minha frente. E, quase com certeza, vi o brilho prateado do cano de um AK-47, diretamente do outro lado, na mesma direção, sobre a encosta do outro penhasco, talvez a 150 metros. Reluziu duas vezes sob o sol poente, o que dava a entender que o filho-da-puta que o segurava estava fazendo uma varredura na parte dianteira de minha montanha, logo depois da fenda, dentro da qual eu ainda estava deitado, imóvel.

E agora eu podia ver o tribal em questão. Ele estava ali, em pé, de mangas arregaçadas, vestindo um colete xadrez azul e branco, segurando seu rifle de guarda baixa, com aquele modo peculiar dos afegãos, podendo erguê-lo à posição de disparo a qualquer momento. A única conclusão era que ele estava à minha procura.

Eu não sabia quantos de seus camaradas estariam a uma distância que ele pudesse chamá-los. Mas sabia que, se ele tivesse uma visão clara do outro lado do penhasco e acabasse me achando, eu já era. Seria difícil não ver e ele

continuou olhando, mas não ergueu o rifle. Ainda.

Esse não era um risco que eu estava disposto a correr. Meu rifle estava carregado e pronto. Haveria pouco barulho para atrair a atenção de mais gente. Então, com muito cuidado, mal me atrevendo a respirar, ergui o Mark 12 à posição de disparo e mirei no homenzinho no cume distante. Ele estava bem no meio da minha mira telescópica.

Apertei o gatilho e o acertei direto no meio dos olhos. Só tive tempo de ver o sangue descer por sua testa, depois o vi despencar da beirada, caindo no abismo. Ele deve ter caído sessenta metros, gritando por todo o trajeto. Eu não me comovi de forma alguma, e agradeci a Deus por ser um a menos.

Quase imediatamente, dois de seus colegas correram para o mesmo lugar onde ele estivera em pé, diretamente em minha direção, do outro lado. Estavam vestidos mais ou menos da mesma forma, exceto pelas cores diferentes de seus coletes. Ficaram ali, olhando o penhasco no qual o primeiro homem havia caído. Ambos carregavam AKs, segurando-os em posição de disparo, mas não totalmente erguidas.

Achei que podiam ir embora, mas ficaram ali, e agora olhavam com cuidado, do outro lado do precipício que separava a minha montanha da deles. De onde eu estava, eles pareciam estar olhando para mim, vasculhando a encosta da montanha em busca de qualquer sinal de movimento. Eu sabia que não faziam a menor ideia se seu parceiro havia levado um tiro, simplesmente caído ou cometido suicídio.

No entanto, acho que seu instinto era a primeira opção. E, naquele instante, eles estavam tentando descobrir precisamente quem havia atirado nele. Permaneci imóvel, mas aqueles olhos negros estavam olhando diretamente para mim e percebi que, se ambos abrissem fogo sobre o meu reduto, as chances de ser atingido por uma bala de AK-47 eram de boas a excelentes. Eles tinham que rodar. Os dois.

Mais uma vez, ergui meu rifle e centralizei a mira no talibã tribal armado. Meu primeiro tiro matou o da direita, instantaneamente, e eu o vi tombar da beirada. O segundo, agora compreendendo que havia um inimigo à solta, ergueu a arma e olhou para o penhasco onde eu ainda estava deitado de barriga para cima.

Eu o acertei direto no peito, depois disparei um segundo tiro, caso ele ainda estivesse respirando e pudesse gritar. Ele caiu de frente, sem qualquer som e foi se juntar aos dois companheiros, lá no fundo do vale. O que me deixou sozinho e, até então, sem ser descoberto.

Apenas algumas horas antes, Mikey Murphy e eu fizéramos um julgamento que custara três vidas, as vidas dos melhores SEALs que eu já conhecera. Ali, deitado na borda do rochedo, cercado de guerreiros talibãs hostis por todos os lados, eu não podia me dar ao luxo de cometer outro erro. De alguma forma, pela graça de Deus, eu havia sido poupado das consequências do primeiro, conseguira chegar até aqui no alto, desde aquele monte de granito que deveria receber o nome de Mikey, nosso soberbo líder. A batalha pelo Cume de Murphy.

De agora em diante, todas as decisões que eu tomasse envolveriam minha vida ou morte. Eu precisava lutar pelo meu caminho de fuga e não ligava a mínima para quantos talibãs teria de matar para conseguir isso. O ponto-chave era o fato de que eu não podia cometer outro erro. Não podia correr riscos.

O lado distante do abismo continuava em silêncio, conforme o sol desaparecia, por trás dos altos picos da Hindu Kush que ficavam a oeste. Calculei que o Talibã provavelmente teria dividido seu grupo de busca nessa região, em particular, e que eu já teria me livrado da metade. Em algum lugar por lá, no silêncio mortal do crepúsculo, era quase certo haver mais três, procurando pelo americano sobrevivente do pelotão original, composto por quatro homens que haviam causado tanto estrago em suas tropas.

O ruído amistoso dos Apaches americanos se foi. Ninguém estava à minha procura. E, de longe, meu maior problema era a água. Fora o fato de ainda estar sangrando e não poder ficar em pé, a sede estava se tornando desesperadora. Minha língua ainda estava colada com terra e poeira, e eu ainda não conseguia falar. Perdera minha garrafa d'água na montanha, durante a primeira queda com Mikey, e agora já fazia nove horas desde que bebera algo.

Eu também ainda estava encharcado por conta da queda no rio. Compreendia que estava meio tonto pela perda de sangue, mas tentava me concentrar. E a conclusão a que eu chegava era de que precisava ficar em pé. Se alguns daqueles talibãs viessem em minha direção pela esquerda, única forma de me abordar, e se eles tivessem algum tipo de iluminação, eu seria como um coelho diante dos faróis de alguém.

Meu reduto me servira bem, mas agora tinha de sair dali. Quando os corpos daqueles três caras fossem encontrados, na primeira hora do amanhecer, essa montanha seria varrida pelo Talibã. Eu me arrastei para me levantar e fiquei ali de pé, de cuecas, congelando no ar frio da montanha. Testei minha perna direita. Não estava tão ruim. Depois testei a esquerda e doía como o diabo. Tentei tirar um pouco do xisto e da terra de onde eu colocara a lama, sobre o machucado, mas os estilhaços de granada espetavam para fora de minha coxa e, a cada vez

que eu tocava em algum, eu quase passava pelo teto. Quer dizer, se houvesse um teto.

Um dos meus principais problemas era não ter onde me segurar no terreno. Claro que sabia que a montanha tinha outro vale atrás de mim e que eu estava encurralado diante do penhasco, sem ter para onde ir, exceto para cima. O que, a partir do ponto onde me encontrava, mal conseguindo mancar, era uma tarefa bem assustadora. Testei minha perna esquerda outra vez e, pelo menos, não tinha piorado.

Mas minhas costas doíam de maneira infernal. Nunca imaginei quanta dor um cara pode sentir por conta de três vértebras fissuradas. Claro que também não sabia que tinha essa lesão. Conseguia mexer meu ombro direito, apesar de um rompimento no rotador, o que também não sabia ter. E meu nariz quebrado latejava um pouco, mas isso era coisa de criança comparado ao resto. Eu sabia que um lado do meu rosto estava ralado pela queda da montanha e havia um corte grande em minha testa, que doía um pouco.

Porém, meu pensamento dominante era a sede. Eu só me sentia ligeiramente confortado pela proximidade dos córregos da montanha, ali em cima. Precisava achar um, rápido, tanto para limpar meus ferimentos quanto para beber. Dessa forma, teria uma chance de gritar pelo rádio e avisar o helicóptero americano ou a aeronave de guerra, pela manhã.

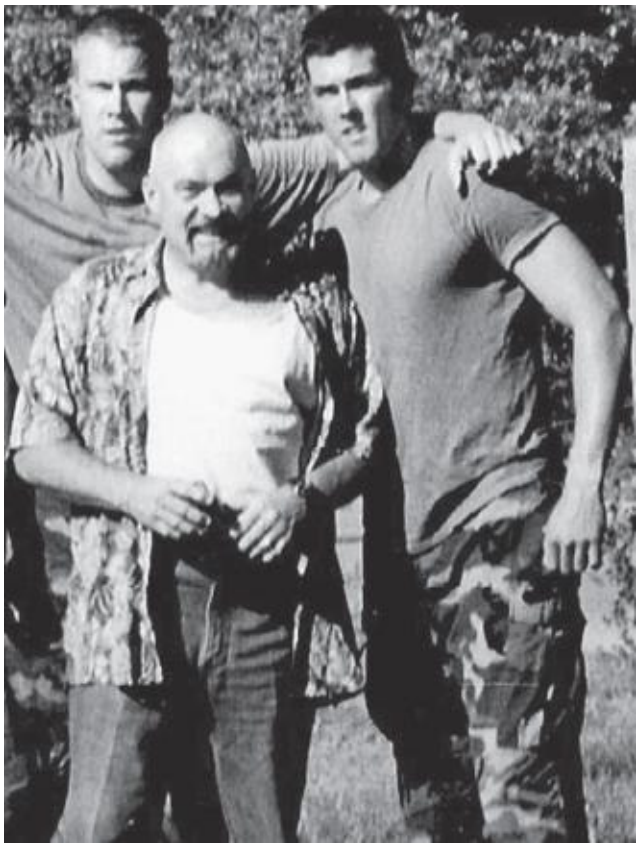
Juntei minhas coisas, rádio, estroboscópio e o laser e recoloquei tudo no colete. Chequei meu rifle, que ainda tinha umas vinte balas no pente, e eu tinha mais um pente cheio no peito.

Então, saí do meu reduto, rumo à mais absoluta escuridão e silêncio mortal do Hindu Kush. Não havia lua e agora começava a chover, o que significava que não haveria lua no futuro próximo.

Testei novamente a minha perna. Ela segurava meu peso sem ceder. Tateei ao redor da rocha imensa, que estivera protegendo meu flanco esquerdo durante todo o dia. Depois, com alguns pequenos passos tímidos, eu saí, rumo à montanha.



Estou velejando nas águas calmas da enseada daqui. Aquela é a bandeira americana tremulando acima do meu ombro direito. Acho que isso é raro. A maioria das pessoas acha que eu a levo em meu coração. *Foto de Suzanne Robinson*.



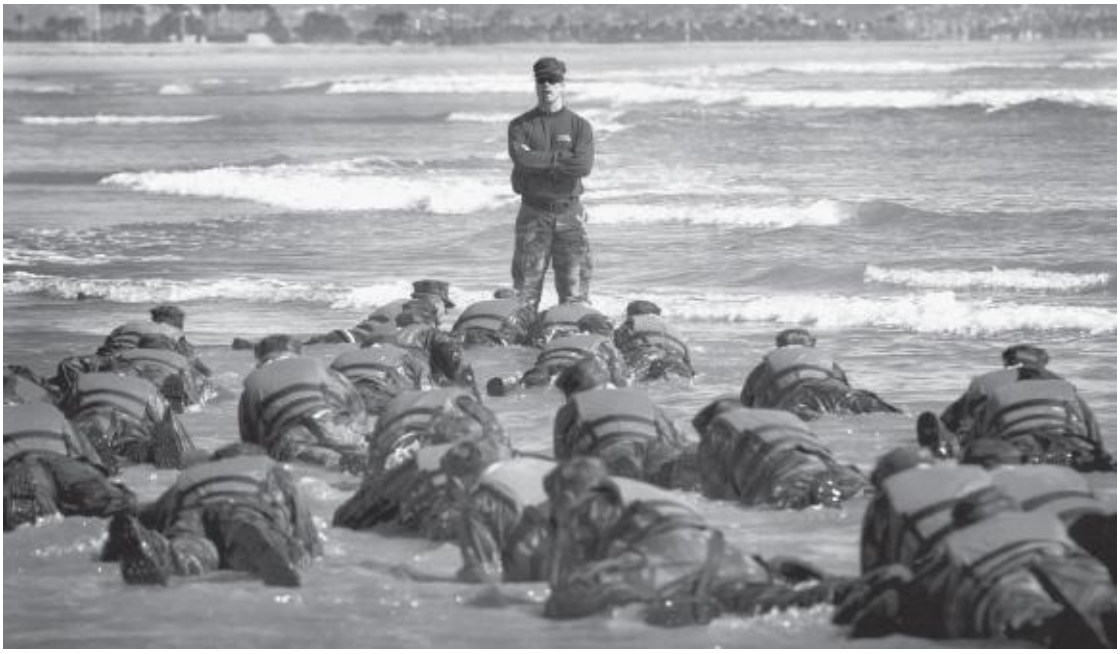
O cara à minha frente é Billy Shelton, o homem de ferro que triturou, treinou e quase matou Morgan e eu, ao nos preparar para sermos SEALs. Eu com um bom amigo, Tommy Richardson, *ranger* do exército, outro protegido de Shelton. *Foto do sargento-chefe Daniel Marshall*.



Aquele barco carregado de SEALs, ao fundo, de alguma forma terá de alcançar terra firme e ser colocado sobre essas rochas, depois será arrastado até a praia. É fácil identificar o instrutor – o que está seco, à esquerda, gritando como um maluco: “Devagar demais! Que lambança! Olhem o perigo! Mais força!”. *Foto da Marinha americana, de Eric S. Logsdon, imediato de 2ª classe*.



Aguentando o tranco. Essa é uma turma de treinamento BUD/S começando o trabalho na praia com um tronco pesado – levantando, arrastando, correndo com ele. Fácil, certo? Pesa apenas o mesmo que um poste. *Foto da Marinha americana, de Eric S. Logsdon, imediato de 2ª classe*.



Esse é um treinamento SEAL, no auge da desumanidade. É conhecido como o rolar na areia, precedido pelo mergulho. A água é congelante. O instrutor é impiedoso. “Se você quiser desistir agora mesmo, garoto, vá em frente, toque aquele maldito sino.” *Foto da Marinha americana, de Eric S. Logsdon, imediato de 2ª classe*.



Oficial de equipe Matthew Axelson, vestindo traje de combate, pronto para encarar o inimigo. Ele manteve nosso flanco esquerdo na montanha por duas horas, sob uma artilharia assassina. Foi alvejado duas vezes, gravemente, mas continuou lutando. *Cortesia de Cindy Axelson*.



Matthew Axelson com Cindy, sua esposa. Suas últimas palavras foram: “Diga a Cindy que eu a amo”. *Foto de Jarrett D. Broughton*.



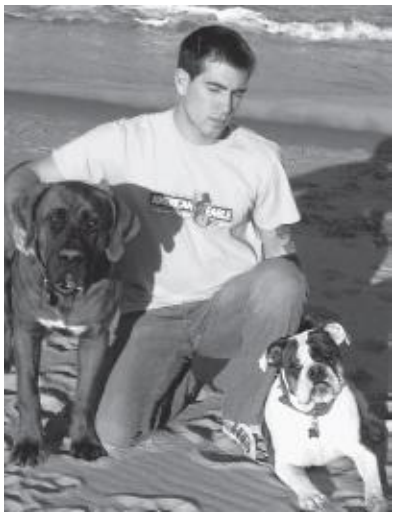
O tenente Michael Murphy. Se lhe construíssem um monumento da altura do edifício Empire State, para mim, ainda não seria alto o suficiente. *Cortesia de Daniel J. Murphy, Esq*.



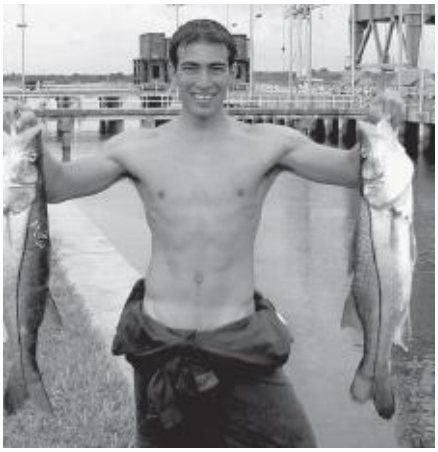
O tenente Murphy e sua noiva, Heather Duggan. Eles planejavam se casar em novembro de 2005. *Cortesia de Daniel J. Murphy, Esq.*



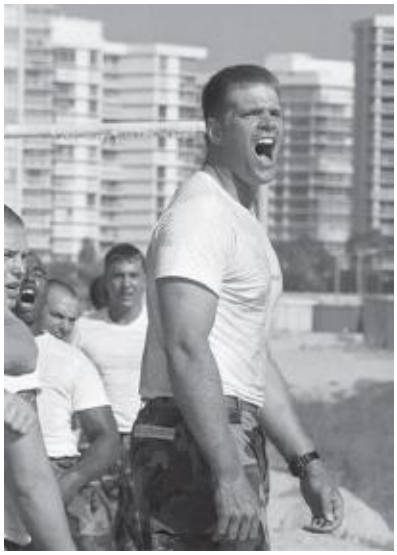
O oficial de equipe Danny Dietz nos deu fogo de cobertura durante a tarde toda. Mortalmente ferido, ele mais uma vez abriu fogo contra o inimigo, morro acima. *Cortesia de Maria Dietz.*



Meu grande amigo Danny Dietz, em Virginia Beach, com seu cão *bullmastiff* e seu buldogue inglês. Eles eram quase tão valentes quanto Danny, mas nem tanto. Ninguém foi mais valente do que Danny. *Cortesia de Maria Dietz.*



No alto da montanha, ou no nível do mar, Danny Dietz era o mestre de seu meio. Alpinista, pescador e guerreiro – ele era o melhor. *Cortesia de Maria Dietz*.



Eric Kristensen era um SEAL até o último fio de cabelo e sabia distinguir um problema grave ao ouvi-lo. “Eles precisam de todas as armas que puderem conseguir!”, ele gritou. “Vamos, pessoal! Vamos logo!” *Cortesia de Suzanne Kristensen.*



O tenente comandante Eric Kristensen, oficial de comando da Equipe SEAL 10. Ele não precisava ir, mas largou tudo, pegou seu rifle e correu para o helicóptero com o restante, atendendo ao nosso pedido desesperado de ajuda. *Cortesia de Suzanne Kristensen*.



O chefe oficial de equipe Dan Healy, o homem de ferro SEAL, estrategista que morreu com sua equipe quando o helicóptero de resgate foi atingido por uma granada disparada com lança-foguetes pelo Talibã, nas montanhas afegãs. *Cortesia do Setor de Imagens da Marinha, Pearl Harbor*.



Shane Patton foi substituído no último minuto, na Equipe SEAL para a Operação Redwing. Ele ficou na porta e se despediu de todos nós, desejando-nos sorte. Mas, quando sua ajuda foi solicitada, Shane foi o segundo homem a entrar no helicóptero de resgate. Menos de duas horas depois, ele estava morto, com a explosão do helicóptero nas montanhas. *Foto da DCI Photography, Randy Adger*.



Lá no alto é árido e seco. É raro encontrar esconderijo para um observador SEAL – mas nós geralmente chegamos bem perto, se acharmos que o Talibã pode estar instalado. *Foto da Marinha americana, por*

PHCM(SW) Terry Cosgrove.



As tropas especiais americanas deslocando-se em fila única, pelas montanhas de picos nevados do nordeste do Afeganistão. *Foto da Marinha americana, de Tim Turner, fotógrafo e imediato de 1ª classe*.



O SEAL fortemente armado, à esquerda, não sou eu, mas poderia ser. Eu frequentemente ficava de guarda na montanha solitária do Afeganistão, olhando aquelas passagens, em alerta para um comboio talibã se aproximando.

Foto da Marinha americana, de Tim Turner, fotógrafo e imediato de 1ª classe.



Ainda bem que nem todos os aldeões afegãos são hostis a nós. Aqui estão dois membros das tropas especiais americanas interrogando os locais, e muitos deles ficavam felizes em ajudar.

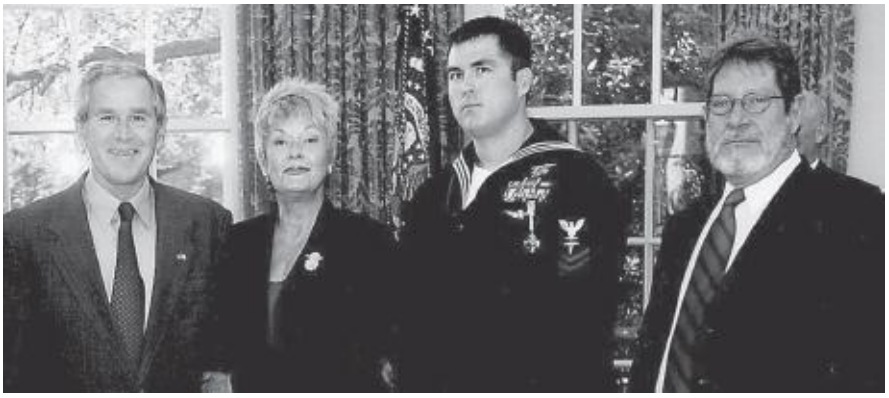
Foto da Marinha americana, de Tim Turner, fotógrafo e imediato de 1ª classe.



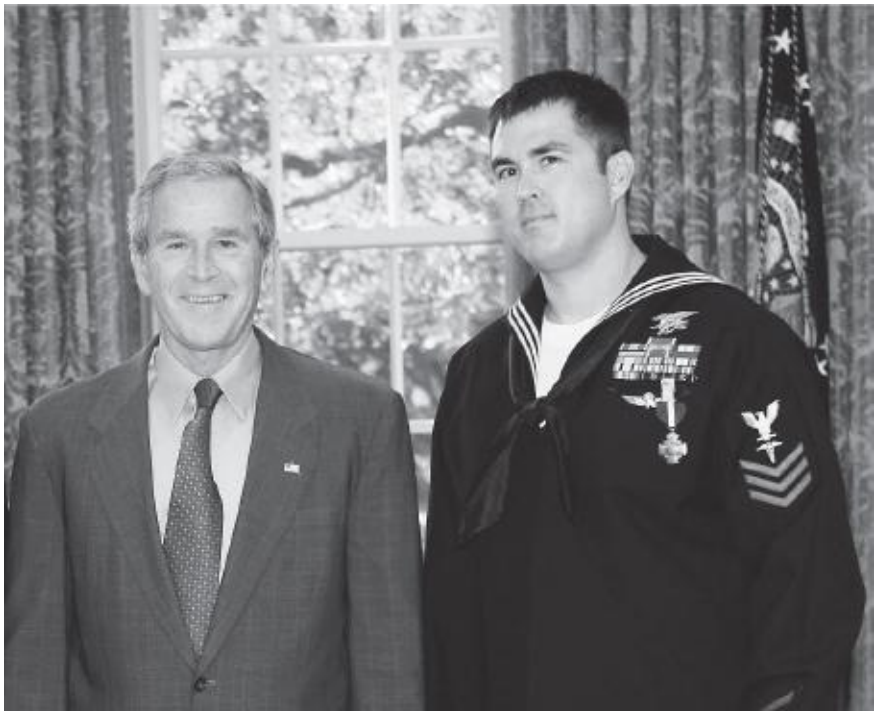
Uma pequena porção da multidão que manteve vigília em nosso sítio. Na hora do almoço, chegavam a serem servidas trezentas refeições. Ninguém realmente sabia de onde a comida vinha, simplesmente não parava de chegar. “Deus sabe que era como os pães e peixes”, segundo minha mãe.
Cortesia de Holly Luttrell.



Dia e noite, durante uma semana, essas pessoas permaneceram lá, recusando-se a deixar meus pais, enquanto todos achavam que eu estava morto. Um pequeno grupo se reuniu para essa foto, cinco minutos depois que o comando SEAL ligou de Coronado para avisar que os relatos de minha morte foram imensamente exagerados.
Foto do sargento-chefe Daniel Marshall.



Quatro texanos no Salão Oval: o presidente com minha mãe, meu pai e eu. “Nossa”, disse o presidente Bush, “é ótimo começar o dia com texanos”.
Cortesia da Casa Branca.



Dei tudo por meu país no campo de batalha e fiquei honrado em fazê-lo. Aqui, eu estou ombro a ombro com o meu comandante supremo.
Foto da Casa Branca, de Eric Draper.



O momento de maior orgulho de minha vida. Meu comandante supremo prende a Cruz Naval em meu uniforme, logo abaixo do meu Tridente SEAL, no Salão Oval, em 18 de julho de 2006.
Foto da Casa Branca, de Eric Draper.

9
EXPLODIDOS, ALVEJADOS, DADOS COMO MORTOS

Bem ali, atrás de mim, ouvi passos leves de perseguidores armados… lá estavam dois deles, logo acima de mim, nas pedras. Procurando. Eu só tinha uma fração de segundo para agir, pois eles estavam em cima, com os AKs erguidos… vamos às granadas.

Mesmo no breu noturno, eu podia sentir a sombra da montanha recaindo sobre mim. Na verdade, eu achava que podia vê-la, um tipo de força sombria, mais sombria do que tudo, mais escura do que as paredes rochosas sobre as quais me amparava.

Sabia que era uma distância dos infernos até o topo, e teria que me deslocar de lado, como um caranguejo do delta, se quisesse chegar lá. Isso também levaria a noite toda, mas, de alguma forma, eu tinha que chegar até lá, até o topo.

Eu tinha duas razões primordiais para a minha estratégia. Primeiro, lá em cima seria plano, portanto, se resultasse num outro combate, eu teria uma boa chance. Nenhum cara atiraria em mim de cima. Todo SEAL gosta da chance de ganhar uma luta em terreno plano.

A segunda questão era o pedido de ajuda. Ainda não tinham construído nenhum helicóptero para pousar com segurança em despenhadeiros afegãos. O único lugar dentro da área montanhosa onde um MH-47 poderia descer era num dos recôncavos planos abaixo, onde os aldeões cultivavam plantação. Quer dizer, bagulho.

E não haveria qualquer chance de eu ficar por perto de alguma vila. Eu ia subir, até as planícies mais altas, onde um helicóptero poderia entrar e sair. E a recepção do meu rádio também seria melhor lá em cima. Só me restava esperar que os americanos ainda estivessem vasculhando as montanhas, em busca dos Redwings desaparecidos.

Enquanto isso, achei que podia estar morrendo de sede e minha garganta seca me empurrava para diante, para a água e talvez a segurança. Então, dei

meus primeiros passos, achando que talvez fosse escalar cerca de trinta metros, direto para cima. Mas eu havia percorrido uma extensão bem maior, no trajeto em ziguezague que tivera de fazer para subir a montanha.

Comecei minha escalada na escuridão, me deslocando diretamente para cima. Enfiei o rifle no cinto, a fim de ter as duas mãos livres para me segurar, mas, antes de completar os primeiros seis metros, seguindo ligeiramente à direita, levei um escorregão brabo, o que foi uma experiência muito assustadora. A inclinação era quase vertical, descendo direto ao fundo do vale.

Em minhas condições, eu provavelmente não teria sobrevivido à queda e, de alguma forma, me salvei de cair uns três metros. Depois retomei a subida, cravando as unhas para me levantar, agarrando-me a qualquer coisa que pudesse servir como um escavador mecânico. Seria preciso uma serra elétrica para me fazer soltar daquela escarpa. Tudo que eu sabia era que, se caísse, provavelmente capotaria muitos metros até minha morte. O que era bom para a concentração.

Então, continuei em frente, escalando mais de lado, agarrando as pedras, arbustos, qualquer coisa que pudesse segurar. De vez em quando, eu deslocava alguma coisa ou quebrava um galho que não suportava meu peso. Acho que devo ter feito mais barulho do que o exército talibã já teria feito naquelas manobras na montanha.

Eu já seguia por algumas horas quando senti ter ouvido algo, atrás de mim. Eu digo *senti*, pois, quando se está atuando na absoluta escuridão, sem qualquer sinal, tudo fica intensificado, todos os seus sentidos, particularmente audição e olfato. Sem mencionar o sexto sentido, o mesmo possuído por uma cabra, antílope ou zebra, aquele que alerta os animais pastando, vulneráveis, sobre a presença de um predador.

Eu não estava tão vulnerável. E certamente não estava pastando. Mas estava bem ali, na Central Predadora. Aqueles bastardos tribais cortadores de pescoço estavam no meu cangote, pelo que eu sabia, se aproximando de mim.

Fiquei deitado quieto, imóvel, sobre a montanha. Depois ouvi novamente, um som nítido do estalar de um graveto ou galho. Calculei que fosse a uns duzentos metros atrás de mim. Ali, minha audição estava num tipo de pico, no meio daquela região rural alta e supersilenciosa. Eu teria ouvido um peido suave de um bode a dois quilômetros de distância.

Depois ouvi novamente. Não o bode, mas o galho. Porra! Ainda não havia lua e eu não conseguia ver nada. Mas não seria assim para os talibãs. Há anos eles vinham roubando equipamentos dos russos, depois dos americanos. Tudo que possuíam era roubado, exceto pelo que bin Laden lhes comprara. E seus

estoques certamente incluíam alguns pares de óculos de visão noturna. Afinal, os russos foram os pioneiros a lançar esse tipo específico de equipamento, e sabíamos que os mujahedins haviam roubado tudo deles, quando o exército soviético finalmente se retirou.

A presença de um afegão invisível era má notícia para mim, e ainda mais para o que me sobrava de confiança. Pensar que havia um grupo de matadores ali, me perseguindo pelas montanhas, capazes de me ver quando eu não podia vê-los… bem, isso era uma merda para qualquer homem.

Decidi forçar e torcer para que eles não resolvessem abrir fogo. Quando eu chegasse ao topo, iria enfrentá-los. Assim que pudesse ver os bastardinhos. Ao primeiro sinal de luz, eu assumiria minha posição embaixo de alguns arbustos, onde ninguém pudesse me ver, depois lidaria com eles, assim que estivessem ao meu alcance. Enquanto isso, eu estava com sede e pensava que poderia morrer antes que essa hora chegasse.

Eu estava tentando de tudo. Quebrava os galhos mais finos e sugava, para tentar tirar líquido. Chupava a grama, quando encontrava alguma, torcendo por algumas gotas de orvalho. Até tentei torcer minhas meias, apenas para sentir o molhado. Não há nada tão terrível quanto morrer de sede. Acredite em mim, passei por isso.

À medida que a noite avançava, comecei a ouvir as aeronaves americanas sobrevoando as montanhas, geralmente voando alto. E, numa das vezes que ouvi, eu estava com meus fios e a luz, tentando transmitir um sinal, o melhor que podia. Mas ninguém me ouvia. Ocorreu-me que ninguém acreditaria que eu estivesse vivo. E esse pensamento era horrível. Seria bem difícil me achar ali em cima, mesmo que toda a base de Bagram estivesse me procurando, nessas montanhas intermináveis. Mas, se ninguém acreditasse que eu ainda estava respirando, bem, esse provavelmente seria o meu fim. Tive uma sensação de puro desolamento. Pior que isso, eu estava tão enfraquecido e com tanta dor que me dei conta de que jamais conseguiria chegar até o alto da montanha. Na verdade, eu poderia conseguir, mas minha perna esquerda, estourada com aquela granada russa, não aguentaria a escalada. Teria que seguir de lado, me esforçando para atravessar a face íngreme da montanha, às vezes para baixo, às vezes para cima, e torcer para ter uma chance.

Ainda estava perdendo sangue e ainda não conseguia falar. Mas conseguia ouvir e ouvia meus perseguidores, às vezes chamando um ao outro. Lembro-me de pensar que era muito estranho, porque eles normalmente se deslocam em silêncio absoluto. Lembra dos pastores? Eu só ouvi o primeiro quando ele já

estava a um metro e meio de mim. Eles são assim, pisam devagar, são esguios e andam leves, sem quase nada – nem água.

Quando aqueles afegãos viajam, eles só carregam suas armas e munição e mais nada. Um cara carrega a água para todos; outro leva a munição extra. E isso deixa a tropa livre para se deslocar com rapidez, suavemente. São homens natos de trilhas, capazes de seguir rastros pelos terrenos mais difíceis, e conseguem chegar até você.

É claro que se presume o silêncio caso estejam perseguindo alguém como eles. Mas tentar seguir um grandalhão de mais de 100 kg como eu, derrapando e escorregando, caindo e quebrando galhos, causando pequenas avalanches no terreno – eu devia ser o sonho de todo perseguidor afegão. Até eu percebia que minha chance de me livrar deles era zero.

Talvez aqueles chamados entre eles não fossem exatamente comandos. Talvez fossem gargalhadas diante de minhas terríveis habilidades de alpinista. Esperem até amanhecer, eu pensava. Essa brincadeira logo se igualaria. Isso se eles não me matassem primeiro, no escuro.

Continuei contornando a montanha. Lá embaixo, eu podia ver as luzes de algumas lanternas, e achei que via uma luz flamejante de uma fogueira. Aquilo deveria ser o fundo do vale e me deu a primeira dica do terreno, mas não era muita coisa. Na verdade, me deu a impressão de que o solo onde eu estava pisando era plano, mas não era. Parei, por um minuto, para ver se havia mais alguma coisa lá embaixo, no vale, qualquer sinal adicional do inimigo, mas ainda não dava para ver nada além das lanternas e do fogo, tudo a 1,5 km abaixo.

Eu me recompus e dei um passo à frente. Naquela fração de segundo, percebi que adentrara o vazio. Simplesmente caí da montanha, direto para baixo, em queda livre pelo ar, não sobre o solo. Bati na lateral da montanha com um impacto impressionante, que me tirou o ar dos pulmões. Depois, saí rolando em meio a algumas árvores, tentando me agarrar a alguma coisa que diminuísse minha velocidade.

Mas eu estava me deslocando com muita rapidez, ganhando velocidade. Caí num declive menos forte por alguns metros e isso me desacelerou. Finalmente parei à beira de outro precipício, que senti, em vez de ver. E fiquei ali deitado, uns vinte minutos, tentando pegar ar, morrendo de medo de ter ficado paralisado.

Mas não estava. Eu conseguia me levantar. Ainda estava com meu rifle, embora tivesse perdido o estroboscópio. E, de alguma forma, precisava regressar ao meu ponto mais alto. Quanto mais baixo eu me posicionasse nessa montanha, menos chance teria de ser resgatado. Eu tinha que subir, portanto, parti

novamente.

Escalei, escorreguei, penei por mais duas horas, até que achei estar mais ou menos no ponto de onde caíra da montanha. Agora eram duas horas, e eu já estava prosseguindo há um bom tempo, talvez seis ou sete horas. A dor se tornava diabólica, mas, de certa forma, eu estava aliviado, pois ainda sentia a perna esquerda.

O exército talibã ainda continuava a me perseguir. Eu os ouvia, mais alto, conforme chegava mais acima, como se estivessem esperando por mim. Certamente eram uma tropa maior agora do que algumas horas antes. Eu podia ouvi-los por toda parte, mais e mais gente procurando por mim, cães latindo, talvez a uns oitocentos metros atrás.

A essa altura, eu podia ouvir o rio, que sabia se tratar do mesmo em que caíra na tarde anterior. O mesmo rio em cujas margens estavam meus três companheiros mortos. Por mais sedento que estivesse, não podia ir procurar aquelas águas gélidas que desciam a encosta da montanha. Aquela era a única água dessa terra que eu não podia beber, água do rio que corria ao lado dos corpos de Mikey, Danny e Axe. Eu teria que achar outro.

Sem compasso, só meu relógio, tive que recorrer à navegação pelas estrelas, que, piedosamente, estavam no céu, depois de ter passado uma camada grossa de nuvens. Avistei a Ursa Maior e segui a curva de suas estrelas por todo o ângulo direito, onde os formatos fazem um arco para cima, apontando direto para a Estrela Polar. Aquela era a Estrela do Norte. Nós aprendemos isso no BUD/S.

Se eu seguisse diretamente em sua direção e me mantivesse a minha esquerda, a um ângulo reto, isso seria o oeste, o sentido que estava seguindo. Acho que a essa altura eu podia estar tendo alucinações, aquela sensação tão estranha de não conseguir distinguir a realidade de um sonho.

Como a maioria dos SEALs, eu já passara por isso antes, no final da Semana Infernal. Mas, agora, começava a ficar tonto. Eu era um animal caçado e sozinho na natureza, e tentava fingir que meus companheiros ainda estavam vivos. Inventei um tipo de formação em que Danny escalava pelo meu flanco direito, Axe subia pelo esquerdo e Mikey dava as coordenadas, de trás.

Eu fingia que eles estavam ali, que só não podia vê-los. Acho que estava chegando ao fim da linha. Mas ficava lembrando a mim mesmo da Semana Infernal. Dizia a mim mesmo que aquilo era apenas uma repetição da Semana Infernal. Eu conseguira passar antes e podia passar agora. Independentemente do que esses bastardos mandassem pra cima de mim, eu poderia aturar. Já havia passado por isso. Podia estar perdendo algumas fichas, mas ainda era um SEAL.

No entanto, não podia negar o fato de que também estava começando a desanimar. Por enquanto, meus perseguidores estavam quietos, e subitamente me deparei com uma árvore imensa, e dois troncos grandes bem embaixo. Arrastei-me para debaixo de um deles e descansei por um tempo, deitado, sentindo pena de mim mesmo.

Em minha cabeça, eu tocava, repetidamente, os versos do clássico "American Soldier", de Toby Keith. Lembro que fiquei ali deitado, cantando em silêncio, para mim mesmo, a parte que diz que eu posso morrer… "Vou levar essa cruz com honra."

Cantei essa música a noite toda. Não posso lhe dizer o quanto aquilo significou para mim. Posso lhe dizer que são pequenas coisas como essa, a letra de uma canção, que lhe dão força para seguir adiante. Entretanto, o fato era que eu não tinha a menor ideia do que fazer.

Ocorreu-me que eu podia simplesmente me acomodar e fazer daquele ponto a minha última parada. Mas logo descartei isso como estratégia. Em minha mente, eu ainda estava comprometido com o pedido de Axe: "Fique vivo, Marcus. E diga a Cindy que eu a amo". Mas eu realmente ia adiantar muito, para Cindy Axelson, se acabasse morto, em pedaços, nessa montanha abandonada? E quem um dia saberia o que meus companheiros haviam feito? Com a bravura que lutaram? Não. Era tudo comigo. Eu tinha que sair e contar nossa história.

Estava confortável e muito, muito cansado, mas a sede me levou adiante. Dane-se isso, resolvi, e me arrastei novamente para cima e continuei andando, cambaleando, aproveitando ao máximo o terreno mais plano. Começava a clarear por volta das seis horas. Eu sabia que, dali a seis horas, o sol estaria no sul, mas lá, o sol era muito alto, quase diretamente acima, e tornava a navegação muito mais difícil. Lembro-me de pensar em que raio de lugar estaria da próxima vez que avistasse a amistosa Estrela Polar.

Quase imediatamente eu me vi numa trilha. Dava pra ver, pelo aspecto socado do solo, que ela era bem utilizada, o que significava que eu teria de seguir com imenso cuidado. As trilhas frequentemente percorridas sempre conduziam às pessoas, e não tardaria para que eu visse uma casa adiante, talvez umas três ou quatro. A essa distância, era difícil dizer.

Meu primeiro pensamento foi uma torneira ou um poço. Teria que entrar numa dessas residências rústicas e, de alguma forma, me livrar de seus ocupantes. Então, poderia limpar meus ferimentos e beber. Mas, quando fui me aproximando, pude ver que eram quatro casas, bem próximas umas das outras. Para pegar água, eu provavelmente teria que matar vinte pessoas e isso era muito

pra mim. Preferi seguir adiante, rezando para achar um rio ou um córrego da montanha sem muita demora.

Bem, não achei. O sol ia alto e estava ficando mais quente. Prossegui por mais quatro ou cinco horas, e as alucinações foram piorando. Eu ficava perguntando a Mikey o que deveríamos fazer. Minha boca e garganta simplesmente tinham colado. Mal conseguia mover minha língua seca, que agora estava firmemente presa no céu de minha boca. Eu temia mexê-la, achando que arrancaria a pele. Não sei descrever a sensação. Precisava arranjar água.

Cada osso do meu corpo gritava por descanso, mas sabia que, se parasse, e talvez dormisse, eu morreria. Precisava seguir em frente. Era estranho, mas a sede que me matava também me dava forças para prosseguir nessa marcha longa e desesperada.

Lembro-me de pensar que não haveria água assim, tão alto, e resolvi descer um pouquinho, onde tinha esperança de encontrar uma cascata por entre as rochas, da forma como ocorre por lá. Naquele instante, o sol estava me queimando, muito quente, e, acima de mim, os cumes altos ainda estavam nevados. Alguma coisa tinha que estar derretendo, pelo amor de Cristo. E toda a água tinha que estar indo para algum lugar. Eu só precisava encontrá-la.

Nessas áreas mais baixas, eu me deparei com uma linda floresta verde, tão linda que imaginei ser uma miragem. Havia samambaias, gramados, sempre-vivas, um aroma de verde, uma montanha viçosa. Jesus Cristo, tinha que haver água ali, em algum lugar.

Eu parava com frequência, ouvindo atentamente, em busca do som de um córrego. Mas só havia o silêncio, aquele silêncio impiedoso do alto das montanhas, onde não há estradas na paisagem, nem máquinas para poluir o ar. Onde não há automóveis, nem tratores; nada de televisão, nem rádio, nem mesmo eletricidade. Nada, apenas a natureza, da forma como tem sido há milênios, nessa terra de magnífica beleza e ódio atroz.

Não me entenda mal. Os declives ainda eram muito íngremes, e eu estava trilhando meu caminho por entre a floresta. Na maior parte do tempo, eu simplesmente me arrastava, sobre as mãos e os joelhos, tentando abrandar a dor de minha perna esquerda. Para ser honesto, realmente pensei que agora podia estar chegando ao fim. Estava muito desanimado, imaginando se poderia apagar, implorando ao meu Deus que me ajudasse.

> *Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, Não temerei mal nenhum, porque tu estarás comigo e o teu bordão e o teu*

cajado me consolam…

Esse é o Salmo 23, claro. Pensamos nele como o salmo dos SEALs. Ele é repetido em todos os nossos eventos religiosos e funerais. Funerais demais. Eu sei de cor. E me agarrava a essa mensagem, de que nem sequer na morte eu seria abandonado.

Prepara-me uma mesa na presença dos meus adversários, Unges-me a cabeça com óleo; meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão, todos os dias de minha vida;
E habitarei a casa do Senhor para todo o sempre.

Era tudo que eu tinha, apenas um chamado triste a um Deus que estava comigo, mas cujos caminhos se tornavam incertos para mim. Eu havia sido salvo, mais ou menos da morte certa, e ainda estava armado com meu rifle. Mas não sabia mais o que fazer, exceto continuar tentando.

Deixei a trilha e mais uma vez segui para o alto, rumando novamente para o terreno elevado. Estava me esforçando para escutar o som da água, que sabia estar ali, em algum lugar. Eu me encontrava numa escarpa íngreme, me segurando a uma árvore com a mão direita, inclinado na encosta do penhasco. Será que algum dia ouviria o som de um córrego descendo a montanha, ou estaria destinado a morrer ali em cima, onde nenhum americano jamais me encontraria?

Continuei recitando o Salmo 23 em minha cabeça, repetidamente, tentando impedir o meu colapso. Estava com medo, congelando de frio, sem abrigo ou roupas adequadas, e só continuava a recitar…

O Senhor é meu pastor, nada me faltará.
Ele me faz repousar em pastagens verdejantes.
Leva-me para junto das águas de descanso;
Refrigera-me a alma; guia-me pelas veredas da justiça,
Pelo amor ao seu nome…

Eu estava nessa parte da oração quando ouvi a água, pela primeira vez. Não pude acreditar. Havia um riacho logo abaixo de mim, talvez até uma pequena queda d’água. Nesse ar puro da montanha, em meio a esse silêncio impressionante, havia água corrente. Eu precisava encontrar um caminho até ela.

Acho que, naquele instante, eu soube que não morreria de sede, independentemente do que me acontecesse. Simplesmente foi um daqueles momentos que fazem sua vida passar em sua frente. Pensava em minha casa, minha mãe e meu pai, meus irmãos e amigos. Será que alguém saberia de mim? E o que tinha acontecido? Talvez pensassem que eu estava morto. Talvez alguém lhes tivesse dito que eu estava morto. E, durante alguns segundos, fui tomado por uma tristeza enorme, pelos corações partidos, pela tristeza dilacerante do que isso significaria para minha mãe, a senhora que sempre me disse que eu era o anjinho da mamãe.

O que eu não sabia nessa hora, mas descobri depois, era que todos pensavam que eu estava morto. Lá em casa, agora, seria o começo da madrugada de quarta-feira, 29 de junho, e, várias horas antes, uma estação de televisão havia falado sobre uma equipe SEAL de reconhecimento, com quatro homens, numa missão nas montanhas do nordeste do Afeganistão e todos haviam sido mortos na operação. Meu nome estava entre os quatro.

A estação, assim como o restante da mídia mundial, também anunciara a perda da aeronave MH-47, com todos a bordo, oito SEALs e oito membros do SOAR 160, Night Stalkers. O que totalizava vinte membros da força especial mortos, a maior catástrofe de todos os tempos. Minha mãe desmoronou.

No meio da noite de terça, as pessoas haviam começado a chegar ao sítio, gente local, nossos amigos, gente que queria estar com minha mãe e meu pai caso pudessem fazer algo para ajudar. Eles chegavam em caminhões, carros, caminhonetes e motocicletas, uma fila de famílias que diziam a mesma coisa. *Só queremos ficar com vocês*.

Do lado de fora da casa principal, o quintal da frente parecia um estacionamento. Até a meia-noite, havia setenta e cinco pessoas presentes, incluindo Eric e Aaron Rooney, da família dona de uma das maiores construtoras do leste do Texas; David e Michael Thornberry, gente local, do setor de petróleo, com seu pai, Jonathon; Slim, Kevin, Kyle e Wade Albright, meus amigos de infância.

Lá estavam Joe Lord; Andy Magee; Cheeser; Big Roon; meu irmão Opie e seu amigo Sean; Tray Baker; Larry Firmin; Richard Tanner; Benny Wiley, treinador do Texas Tech, em Lubbock. Esses caras durões, todos estiveram comigo, no ensino fundamental.

Outro de nossos magnatas da construção, Scott Whitehead, apareceu. Ele nem sequer nos conhecia, mas queria estar lá. Acabou sendo uma grande força

para minha mãe. Ainda telefona para ela todos os dias. O sargento-chefe Daniel, altamente condecorado pelo exército, apareceu totalmente uniformizado, bateu à porta da frente e disse ao meu pai que gostaria de ajudar da forma que pudesse. Ele ainda aparece quase todos os dias, só para ver se minha mãe está bem.

E, claro, lá estava Morgan, meu irmão gêmeo, que chegou ao sítio a toda velocidade, se recusando terminantemente a aceitar o "fato" noticiado de que eu estava morto. Meu outro irmão, Scottie, chegou lá primeiro, porém, não sendo um irmão gêmeo idêntico, só podia saber aquilo que lhe diziam, não o que as ondas telepáticas lhe diziam. Ele estava quase tão devastado quanto minha mãe.

Meu pai entrou na Internet para verificar se havia mais notícias ou algum comunicado oficial do quartel-general SEAL do Havaí, minha base. Tudo que ele descobriu foi a confirmação da queda do MH-47 e dos quatro SEALs desaparecidos em combate. No entanto, um dos jornais havaianos estava relatando a morte de nós quatro. E, naquele momento, acho que ele acreditou que era verdade.

Pouco após duas da madrugada, no Texas, os SEALs começaram a chegar ao sítio, vindo de Coronado. O tenente John Jones (JJ), em companhia do chefe Chris Gothro vieram de avião, com o contramestre Teg Gill, um dos homens mais fortes que conheço. O tenente David Duffield chegou de Coronado logo depois, com John Owens e Jeremy Franklin. O tenente Josh Wynn e o tenente Nathan Shoemaker vieram de Virginia Beach. Meu parceiro de artilharia, Justin Pitman, fez sua jornada, vindo da Flórida. Devo ressaltar que nada disso foi planejado ou organizado. Eles simplesmente vieram, e eram estranhos se misturando aos amigos, unidos, imagino, pelo pesar da perda de um irmão.

E lá, para cumprimentar a todos, junto com minha mãe e meu pai, estava a figura poderosa de Billy Shelton. Ninguém jamais o vira às lágrimas. Geralmente é assim com caras durões.

O chefe Gothro imediatamente disse aos meus pais que não dava a mínima para o que a mídia dizia. Não havia confirmação de que nenhum dos quatro homens da equipe SEAL estivesse morto, embora fosse provável que não tivessem sobrevivido. Ele sabia sobre a última ligação de Mikey: *Meu pessoal está morrendo aqui*. Mas não havia qualquer certeza quanto a isso. Ele disse a minha mãe que tivesse fé, disse a ela que nenhum SEAL estava morto até que houvesse um corpo.

Foi quando Morgan chegou e disse a todos, de cara, que eu estava vivo e fim de papo. Ele disse que havia estado em contato comigo, sentira a minha presença. Achava que eu podia estar ferido, mas não morto. "Mas que droga, eu

sei que ele não está morto", disse ele. "Se ele estivesse, eu saberia."

A essa altura, já havia 150 pessoas no quintal da frente e os xerifes locais tinham, de alguma forma, isolado o sítio. Ninguém podia entrar na propriedade sem passar por esses guardiões. Havia carros de polícia estacionados ao longo da estrada de terra que conduz à casa. Alguns oficiais estavam do lado de dentro da cerca, rezando, em pequenos serviços religiosos conduzidos por dois sacerdotes navais na madrugada. Só para garantir, eu acho.

Em algum horário antes da cinco da manhã, minha mãe atendeu a porta da frente e viu o SEAL tenente Andy Haffele, com sua esposa, Kristina, ali, em pé. "Nós queríamos ajudar, do jeito que fosse possível", disse Andy. "Acabamos de chegar do Havaí."

"Havaí!", disse minha mãe. "Mas isso é do outro lado do mundo!"

"Marcus salvou minha vida, uma vez", disse Andy. "Eu tinha que vir. Sei que ainda há esperança."

Não posso explicar o quanto tudo isso significou para minha mãe. Ela oscilava entre a esperança e o absoluto desespero. Mas sempre disse que jamais esquecerá Andy e a longa viagem que ele e Kristina fizeram para estar com nossa família.

Imagino que tudo começou com visitas da vizinhança, intercaladas com as chegadas mais profissionais, do pessoal da SPECWARCOM. Mas acabaria se tornando uma vigília. Ninguém ia embora, eles simplesmente foram ficando, dia após dia, noite após noite, rezando a Deus para que eu estivesse vivo.

Quando penso nisso, todos esses meses depois, fico um tanto impressionado: tanto amor, tanto carinho, tanta gentileza com meus pais. E penso nisso, todos os dias, e ainda não faço ideia de como expressar minha gratidão, exceto dizendo que sei que a porta de nossa casa estará sempre aberta para todos eles, independentemente da hora ou da circunstância, por todos os dias de minha vida.

Enquanto isso, de volta à maldita montanha, sem saber dessa reunião imensa, que ainda estava aumentando, em minha casa, eu ouvia a água distante. Agarrado a uma árvore, me esticando, imaginando como chegar até lá, sem me matar no processo. Foi quando o atirador talibã me acertou.

Senti a pontada entrando em minha carne, no alto da parte de trás de minha coxa esquerda. Cristo, aquilo doeu. Realmente doeu. E o impacto da bala do AK fez com que eu girasse e me derrubou numa cambalhota de costas, caindo da porra da montanha. Quando bati no chão, bati com força, mas virado para baixo,

o que acho não ter sido muito bom para meu nariz quebrado e abriu mais o rasgo da minha testa.

Depois comecei a rolar, escorregando muito rápido, descendo o declive íngreme, sem conseguir encontrar algo para me segurar, o que também daria na mesma. Porque esses bastardos do Talibã abriram fogo contra mim. Havia balas voando para todo lado, batendo e zunindo no solo ao meu redor, ricocheteando das rochas, batendo contra os troncos das árvores. Jesus Cristo, isso era como estar no Cume de Murphy, tudo outra vez.

Mas é muito mais difícil atingir um alvo em movimento do que você possa imaginar, sobretudo um que está na velocidade em que eu estava, sem controle, disparado por entre as pedras e as árvores. E eles não acertavam. Finalmente, acabei parando numa área mais plana e, claro, meus perseguidores não haviam feito a jornada de descida com a mesma rapidez que eu. Eu tinha aberto uma boa distância à frente deles e, para minha perplexidade, não tinha me machucado tanto. Acho que passei direto por todos os obstáculos e a terra embaixo de mim era fofa. Além disso, ainda estava com meu rifle, o que, em minha mente, era um milagre maior do que o de Nossa Senhora de Lourdes.

Comecei a me arrastar, buscando cobertura atrás de uma árvore, tentando descobrir a posição de meu inimigo. Eu via um cara, o que estava mais perto, simplesmente em pé, apontando para mim, gritando para outros dois que estavam mais à direita. Antes que eu pudesse tomar qualquer decisão, ambos abriram fogo sobre mim novamente. Eu não tinha muita chance de acertá-los, pois eles estavam a cerca de cem metros acima da encosta da montanha e as árvores os protegiam.

O problema era que eu não conseguia ficar em pé apropriadamente, e mirar o rifle era um problema, portanto, decidi dar um tempo, ficando de quatro, e esperar um local melhor para pegá-los. Eu me arrastei, não rápida, mas constantemente, sobre aquele terreno horrível, cheio de morrinhos e valetas. Não poderia estar num terreno melhor para um fugitivo, que era o meu caso, exceto pelo fato de não conseguir descer andando pelas brechas, e certamente não podia descer aqueles declives íngremes de quatro, já que não era um leopardo da neve.

Então, a cada vez que eu chegava a um daqueles pequenos precipícios, simplesmente me atirava, torcendo por uma aterrissagem razoável. Rolei muito, num trajeto longo, acidentado e doloroso. Mas evitei tomar outro tiro no rabo.

Segui em frente por cerca de quarenta e cinco minutos, me arrastando, rolando e caindo, me mantendo fora do alcance de meus perseguidores, ganhando terreno nas quedas, perdendo-o depois, quando eles me alcançavam. E

em nenhum lugar daquela rota serpenteada morro abaixo encontrei um local decente para me livrar dos atiradores que estavam me caçando. As balas continuavam voando e eu me mantinha em movimento. Mas, finalmente, cheguei a um terreno mais plano, ao redor de rochas grandes. Decidi que essa seria a última investida de Marcus. Ou a deles. De um jeito ou de outro. Apesar de não saber exatamente quantos eram.

Lembro-me de ter pensado: *E agora, que diabos Morgan faria para sair dessa?* E aquilo me deu força, a força maciça do meu irmão, sete minutos mais velho. Decidi que, nessa posição, ele esperaria até ver os olhos deles. Sem erro. Então, me arrastei para trás de uma rocha grande, verifiquei meu pente, depois segurei meu Mark 12. E esperei.

Eu os ouvi chegando, mas não até estarem bem perto. Eles não estavam juntos, o que era enervante, pois eu não tinha como saber quantos eram no total. Mas agora podia ver o observador, o cara que literalmente estava me rastreando, não tentando me acertar; ele nem carregava um rifle. Sua função era me localizar e depois chamar os outros para atirarem. Sujeitinho descarado.

Mas é o jeito afegão. Esse tal de Sharmak era excelente em delegar. Um dos caras carregava a água, outro, a munição extra, e os atiradores não perdiam tempo vasculhando o terreno. Eles tinham um especialista para fazer isso.

Esse especialista, em particular, não estava tendo muito trabalho em me rastrear, provavelmente porque eu estava deixando um rastro como um urso ferido, marcando todo o solo e sangrando como um porco alvejado, tanto na testa quanto na coxa, tingindo todo o xisto.

Eu me deslocava cuidadosamente, de joelhos, sobre a rocha, agora com o rifle erguido, e havia um observador talibã em pé, na minha frente, a menos de três metros de distância – mas ele não tinha me visto.

Naquele instante, atirei e o deixei morto. E a força da bala o arremessou para trás, com o sangue escorrendo de seu peito. Acho que o acertei direto no coração e o ouvi cair no chão. Mas, simultaneamente, bem ali, atrás de mim, ouvi passos de perseguidores armados. Virei-me e lá estavam dois deles, logo acima de mim, nas pedras. Procurando. Eu só tinha uma fração de segundo para agir, pois eles estavam em cima, com os AKs erguidos. Porra! Eu podia pegar um, mas não os dois.

Peguei uma de minhas granadas, puxei o pino e atirei direto neles. Acho que dispararam alguns tiros, mas não a tempo de me acertar, antes de caírem de costas na rocha. Isso era bem de perto, não havia nem dois metros entre nós. Eu só implorava ao Senhor que fizesse minha granada explodir, e aconteceu,

detonando os dois afegãos, partindo as pedras, mandando uma chuva de terra e areia. E eu? Só fiquei de cabeça baixa e esperei rezando para que não houvesse mais deles.

Foi por aí que comecei a apagar um pouquinho. Não pela explosão da granada, mas uma situação de apagamento, de maneira geral. Tudo estava começando a pegar, enquanto eu estava deitado ali, em meio aos escombros que caíam do céu, e comecei a me sentir horrível, tonto, incerto, trêmulo. Acho que fiquei ali atrás das pedras por um tempo, antes de me aventurar a sair, ainda me arrastando, tentando ver se os outros caras do Talibã estavam me seguindo. Mas não havia nada.

Era óbvio que eu precisava sair dali, porque a explosão da granada teria atraído alguma atenção, em algum lugar. Fiquei ali sentado mais alguns minutos, maravilhado com o silêncio, e pensei no mundo. E a conclusão a que cheguei foi que eu precisava aprender a lutar, tudo de novo. Não como um SEAL, mas como um afegão das montanhas. Ao menos se eu pretendesse continuar vivo.

A última hora tinha me ensinado algumas grandes lições. A principal foi que eu tinha que adquirir habilidade para lutar sozinho, em contraste direto com tudo que já aprendera. Como você sabe, os SEALs lutam em equipes, apenas em grupo, cada homem depende diretamente das ações precisamente corretas dos outros. É assim que procedemos, lutando como uma equipe de quatro, ou dez, ou até vinte, mas sempre como uma unidade, sempre cobrindo, sempre nos deslocando para cobrir um vácuo ou preparar o caminho. É isso que nos torna ótimos.

Mas, lá em cima, sendo caçado, totalmente sozinho – isso era inteiramente outra jogada. E primeiro eu tinha de aprender a me deslocar como um afegão das montanhas, me ocultando, me mantendo fora de vista, sem fazer qualquer som, nem causar tumulto. Claro que tínhamos aprendido tudo isso na Califórnia, mas não da forma enfatizada que era exigida aqui, contra um inimigo nativo ainda mais oculto e silencioso do que nós.

Ficar me arrastando de quatro não ia me ajudar. Eu tinha de me concentrar, me colocar na posição militar correta, antes de dar o bote em minha presa. Precisava conservar a minha munição, me certificar de que mataria, antes de agir e, acima de tudo, tentar me manter sem ser visto, sem me trair ao rastejar como um urso ferido que eu era.

Resolvi que, da próxima vez que atacasse meu inimigo, seria com nossa força mortal habitual, sempre assegurando o elemento surpresa. Essas são as táticas que invariavelmente fazem os verdadeiramente cruéis, como os

mujahedins, a al-Qaeda e, de agora em diante, eu, ganhar os conflitos.

Eu me levantei, ficando sobre as mãos e os joelhos. Ouvi, atentamente, como um cão de caça ávido, virando minha cabeça de lado, na direção do vento. Nada. Som algum. Talvez eles tivessem achado que eu estivesse morto. De qualquer forma, saí dali.

Perdi a contagem da distância, mas dava a impressão de terem sido de cinco a seis quilômetros, me arrastando, descansando, rezando, esperando, tentando fazer o melhor, exatamente como na Semana Infernal. Acho que apaguei duas ou três vezes. Mas, finalmente, ouvi a queda d'água. Ouvi o barulho sob o sol da tarde, derramando de uma pedra alta, caindo dentro de uma piscina funda, antes de escorrer para os níveis mais baixos do córrego.

Não sei como eu cheguei ao topo da queda d'água, talvez uns seis metros acima da piscina. Era realmente muito bonita, o sol brilhava sobre a superfície e por toda a sua volta, sobre as árvores na montanha, bem acima do vale, na beirada do qual havia uma vila afegã, bem abaixo de mim, talvez a 1,5 km.

Pela primeira vez, em muito tempo, desde que conseguia me lembrar, ninguém estava tentando me caçar. Eu não ouvia nada, não via ninguém e tudo parecia tranquilo. Eu havia eliminado o grupo de busca, pois, se houvesse mais alguém me espreitando, eu teria ouvido, acredite. Eu podia ainda não me deslocar como um tribal, mas já tinha desenvolvido a audição de um.

Estava sem água há tanto tempo que achei que mais um minuto não faria diferença, então, peguei a mira telescópica de meu rifle para olhar a vila abaixo, a partir desse ponto de vantagem excelente. Forcei-me a levantar, me apoiando numa pedra, com a mão esquerda, logo acima da água.

A vista dali era extraordinária e eu podia enxergar a vila inteira, suas casas no alto, perto da montanha, construídas diretamente na encosta rochosa por caras que obviamente eram artesãos. Era como se fosse tirado de um livro de criança, como a casa da bruxa malvada ou algo assim, casinhas feitas numa montanha de rochas açucaradas.

Guardei a mira e, sem me atrever a olhar o estado de minha perna esquerda, dei um passo à frente, tentando encontrar um lugar de onde eu pudesse começar a deslizar para baixo, de costas, até a piscina de água gélida. Foi quando minha perna esquerda finalmente cedeu. Talvez fosse por causa do local que acabara de receber o tiro, ou as partes que haviam sofrido o impacto da explosão, ou apenas os tendões, que já não suportavam o esforço. Mas a perna dobrou e me lançou à frente, bruscamente.

Eu me entortei e caí, escorregando no terreno coberto de xisto e areia,

ganhando velocidade rapidamente, cambaleando, com as pernas para o ar, às vezes enterrando as pontas de minhas botas, tentando cravar os pés, qualquer freio seria bom. Passei direto por aquela piscina mais baixa e continuei caindo. Nem consigo imaginar a que velocidade eu ia, mas podia ver que era uma longa jornada até lá embaixo, e não conseguia parar.

Adiante, havia um broto de árvore e eu o agarrei na passagem, tentando me segurar em qualquer coisa que pudesse me fazer desacelerar. Meus dedos se fecharam ao redor do caule fino, tentando segurar, mas eu estava descendo rápido demais e acabei passando por cima, aterrissando de costas. Por um instante, achei que estava morto.

Não fazia muita diferença se eu estava morto ou vivo, meu corpo surrado simplesmente prosseguiu por quase trezentos metros, girando e caindo, até chegar ao fundo da escarpa. Aterrissei sem fôlego, com o sangue escorrendo sobre meu rosto, do corte que havia em minha testa, e fiquei ali, morrendo de pena de mim.

Você provavelmente não vai acreditar nisso, mas meu rifle estava ali, ao meu lado, e mais uma vez a sede me salvou. Em vez de simplesmente ficar ali deitado, como um amontoado ensanguentado sob o sol da tarde, pensei naquela água logo acima de mim. Ao menos estava, quando passara por ela momentos atrás.

Sabia que precisaria escalar de volta ou morreria. Então, agarrei meu rifle e comecei a me arrastar rumo à bebida que poderia me devolver a vida. Eu me arrastava pelo terreno, e estou certo de que a essa altura você consegue entender que alpinista terrível eu sou. Só posso alegar que era o declive. Era terrivelmente íngreme, não vertical, mas quase. Um ótimo alpinista provavelmente teria levado todo o seu equipamento para poder escalá-lo.

Não tenho certeza em que sou pior, subir ou descer. Mas foram sessenta metros até a água. Levei mais duas horas. Apaguei duas vezes, mas cheguei lá, mergulhei a cabeça, apenas para libertar minha língua e garganta. Depois lavei meu rosto em brasa, limpei o corte da testa e tentei remover o sangue, para lavar a negritude de minha perna. Não dava para saber se a bala ainda estava alojada ali.

Tudo que eu sabia era que precisava beber um pouco d’água e depois tentar chamar atenção para chegar até um hospital. Do contrário, eu achava que não sobreviveria. Decidi subir alguns metros até o local onde a água caía de uma pedra, para dentro de uma pequena piscina. Abaixei a cabeça e bebi. Foi a água mais doce que já provei.

E eu estava realmente me deliciando quando percebi que havia três caras em pé, logo acima de mim, dois deles com AKs. Por um instante, pensei que era alucinação. Parei de beber. E lembro que estava falando comigo mesmo, apenas murmurando, oscilando entre a realidade e o sonho.

Então, percebi que um deles estava gritando comigo, berrando algo que eu deveria entender, mas, em meu estado de confusão, simplesmente não compreendia. Eu estava como um animal gravemente ferido, pronto para lutar até o fim. Não entendia nada, não era uma mão amiga, nem a possibilidade de decência humana. A única sensação à qual eu podia reagir era a ameaça. E tudo era uma ameaça. Eu estava encurralado. Amedrontado. Subitamente, temendo morrer. Pronto para atacar qualquer coisa. Esse era eu.

O único pensamento que eu tinha era: *Vou matar esses caras… apenas me dê uma chance*. Afastei-me da piscina e segurei meu rifle em posição. Depois comecei a me arrastar sobre as pedras, o tempo todo esperando a saraivada de balas de AK entrando em mim, para me liquidar.

Mas "ponderei" que não teria chance. Eu teria de arriscar ser morto por esses caras, antes de conseguir revidar. Lembro-me vagamente de que o primeiro sujeito ainda estava berrando, literalmente gritando comigo. Qualquer coisa que estivesse gritando, parecia irrelevante. Mas ele parecia o pai revoltado de um dos muitos tribais afegãos que haviam sido tirados do campo de batalha pelos homens da Equipe SEAL 10. Provavelmente por mim.

Conforme eu seguia, lenta e dolorosamente, até as rochas maiores, passou por minha cabeça que, se esses caras realmente quisessem me acertar, já o teriam feito. Na verdade, eles poderiam fazê-lo a qualquer hora que quisessem. Mas o Talibã já me perseguia há tempo demais. Tudo que eu queria era cobertura e uma posição justa de onde pudesse atirar de volta.

Soltei a trava de segurança de meu rifle e continuei me arrastando, direto para um canto sem saída, cercado de rochas enormes por todos os lados. Pronto. Essa seria a última tacada de Marcus. E, lentamente, eu me virei, para ficar outra vez de frente para meus inimigos. O problema era que, então, meus inimigos meio que se espalharam. Os três caras estavam acima de mim, me cercando, um à esquerda, outro à direita e um diretamente acima. Cristo, eu pensei. Só tenho mais uma granada de mão. Isso é mau. Muito mau.

Depois notei que piorava ainda mais. Havia mais três caras acima, todos armados com AKs pendurados nas costas. E eles estavam espalhados demais e, de alguma forma, haviam subido mais e se posicionado na minha retaguarda. Ninguém atirava. Ergui meu rifle e apontei para o que estava gritando. Tentei

mirá-lo, mas ele se movimentou rapidamente para trás da árvore, o que significava que eu estava mirando o nada.

Virei-me e tentei localizar os outros, mas o sangue em minha testa ainda escorria e atrapalhava minha visão. Minha perna estava tingindo o xisto de vermelho. Eu já não sabia que diabos estava acontecendo, exceto que estava em algum tipo de luta, que obviamente estava prestes a perder. O segundo grupo de três caras estava descendo as pedras, atrás de mim, com rapidez e facilidade, logo acima.

O cara atrás da árvore agora estava no descampado e ainda gritava comigo, com o rifle abaixado, parecendo exigir a minha rendição. Mas eu nem podia fazer isso. Sabia que precisava desesperadamente de ajuda ou ia sangrar até morrer. Então, fiz o que jamais achei que faria, em toda a minha carreira. Baixei meu rifle. Derrotado. Todo o meu mundo girava fora de controle. Eu lutava para evitar apagar outra vez.

Só fiquei ali deitado na terra, sangrando, ainda segurando meu rifle, de certa forma desafiador, mas incapaz de lutar. Eu não tinha mais forças, estava prestes a perder a consciência e me esforçava para entender o que aquele tribal tentava dizer, berrando tanto.

"Americano! Tudo bem! Tudo bem!"

Finalmente entendi. Esses caras não queriam me fazer mal. Só haviam se deparado comigo. Não estavam me perseguindo e não tinham a intenção de me matar. Era uma situação à qual eu não estava acostumado, ao longo dos últimos dias. Mas a visão dos pastores de cabras de ontem ainda estava em minha mente.

"Talibã?", perguntei. "São do Talibã?"

"*Não Talibã!*", gritou o homem que eu achava ser o líder. E ele correu até a beirada, com a mão na garganta, dizendo mais uma vez: "*Não Talibã!"*

De onde eu estava deitado, aquilo parecia um sinal de "Morte ao Talibã". Certamente ele não estava indicando ser um deles, e nem parecia um. Tentei lembrar se os pastores de cabras haviam dito "Não Talibã". E estava quase certo de que não. Isso era bem diferente.

Mas eu continuava confuso e tonto, incerto, e continuava perguntando: "Talibã? Talibã?"

"Não! Não! Não Talibã!"

Acho que, se eu estivesse em plena forma, teria aceitado isso vários minutos atrás, antes da última tacada de Marcus. Mas agora eu estava pifando. Vi o líder caminhar para mim. Ele sorriu e disse que seu nome era Sarawa. Era o médico da vila e, de alguma forma, se comunicava com um inglês rústico. Tinha

trinta e poucos anos, era barbudo, alto para um afegão, com uma testa larga de intelectual. Lembro-me de ter pensado que ele não parecia muito com um médico, não daquele jeito, circulando pela beirada da montanha, como um rastreador nativo.

Mas havia algo sobre ele. Também não parecia um membro da al-Qaeda. A essa altura, eu já tinha visto muitos guerreiros talibãs, e ele não se parecia com nenhum deles. Não havia arrogância nem ódio em seus olhos. Se não estivesse vestido como o protagonista de *Assassinato no passo do Khyber*, poderia ter sido um professor de faculdade americano a caminho de uma passeata pela paz.

Ele ergueu a larga camisa branca para me mostrar que não tinha nenhuma arma ou faca escondida. Depois abriu os braços à frente, o que acho ser o sinal internacional para dizer: "Estou aqui na amizade".

Não tive outra escolha a não ser confiar nele. "Preciso de ajuda", eu disse, expressando a frase que deve ter dado mais ênfase ao óbvio. "Hospital, água."

"Hã?", disse Sarawa.

"Água", repeti. "Preciso de água."

"Hã?", disse Sarawa.

"Água", gritei, apontando para a piscina.

"*Ah*!", exclamou ele. "*Hidratar!"*

Mesmo fraco, não pude deixar de rir. Hidratar! Quem era essa porra doida desse cara, que só sabia palavras compridas?

Ele gritou para um garoto que tinha uma garrafa. Acho que ele foi enchê-la com água fresca do córrego. E a trouxe de volta para mim, e eu virei na garganta, bebendo, sem parar, duas garrafas cheias.

"Hidratar", disse Sarawa.

"É isso mesmo, companheiro", confirmei.

A essa altura, começamos a falar naquela língua da terra de ninguém, quando um não sabe uma palavra na língua do outro.

"Levei um tiro", eu disse a ele, e mostrei meu ferimento, que ainda não tinha parado de sangrar.

Ele o examinou e acenou a cabeça, sério, como se entendesse ser verdade que eu precisava urgentemente de atenção médica. Só os céus sabem como a minha perna estava infeccionada. Toda aquela terra, lama e xisto que eu pusera sobre ela não podiam ter feito muito bem.

Eu lhe disse que também era médico, pensando que isso pudesse ajudar, de alguma forma. Sabia que provavelmente haveria uma retribuição selvagem se uma vila não ligada ao Talibã abrigasse um fugitivo americano, e rezava para

que eles simplesmente não me deixassem ali.

Eu desejava muito ainda ter meu equipamento médico comigo, mas isso fora perdido há muito tempo na montanha, com Mikey, Axe e Danny. De qualquer forma, Sarawa parecia acreditar que eu era médico, embora parecesse igualmente certo de onde eu vinha. Com uma sucessão de sinais e poucas palavras, transmitiu-me que sabia tudo sobre a luta na montanha. E ficava apontando diretamente para mim, como se quisesse confirmar que sabia inteiramente que eu era um dos combatentes.

O telégrafo tribal dos arbustos aqui em cima deve ser fantástico. Eles não têm qualquer meio de comunicação, nem telefones, carros, nada. Somente uns aos outros, pastores de cabras circulando na encosta da montanha, passando as informações necessárias. E ali estava Sarawa, que provavelmente estaria a quilômetros de distância de toda a ação, me informando sobre a batalha que eu ajudara a lutar no dia anterior.

Deu-me um tapinha confortante no ombro, depois se retirou para um tipo de conferência com seus colegas de vila, enquanto eu falava com o garoto.

Ele só tinha uma pergunta e teve muita dificuldade para fazê-la, tentando conseguir que um americano entendesse. No fim, peguei o sentido da coisa: *Você é o maluco que caiu da montanha? Muito longe, muito rápido, muito engraçado. Todos da minha vila o viram fazer aquilo. Piada muito grande. Há! Há! Há!*

Jesus Cristo! Quero dizer, Muhammad! Ou Alá! Quem mandava, por aqui. Esse garoto era de uma vila bem animada.

Sarawa voltou. Eles me deram mais água. E olhou novamente meu ferimento. Não parecia nem um pouco feliz. Mas havia coisas mais importantes a serem discutidas do que o meu estado.

Claro que não percebi isso. Mas a decisão que Sarawa e seus amigos estavam tomando envolvia grandes responsabilidades e, possivelmente, consequências imediatas: tinham que decidir se me abrigariam. Se iam me aceitar, abrigar e alimentar. Mais importante, me defender.

Aquele era o povo pashtun. E a maioria dos guerreiros que lutava sob a antiga bandeira do Afeganistão e um vasto número de combatentes da al-Qaeda de bin Laden eram membros dessa tribo milenar, da qual quase treze milhões residiam ali, no Afeganistão.

Aquela essência de ferro da facção Talibã, aquela determinação inflexível e ódio mortal aos infiéis eram decididamente pashtuns. As ações do Talibã ao redor daquela montanha só se davam com a aprovação silenciosa e a permissão subentendida dos pashtuns, que lhes concediam alimento e abrigo. De maneira

geral, as duas comunidades, os guerreiros e a população montanhesa, estavam irrevogavelmente ligadas. Os mujahedins que lutaram contra os russos eram, predominantemente, pashtuns.

Deixa pra lá o "Não Talibã". Eu conhecia o histórico. Esses caras podiam ser aldeões pacíficos por fora, mas os laços tribais de sangue eram feitos a ferro e fogo. Diante de um exército talibã enfurecido exigindo a cabeça de um americano armado, em serviço, você, em princípio, não apostaria um tostão nas chances do americano.

No entanto, havia algo que eu não sabia. Nós estávamos falando sobre *lokhay warkawal* – uma inflexível porção da história da lei tribal pashtun era baseada na hospitalidade. A tradução literal de *lokhay warkawal* era dar proteção, guarida a um indivíduo.

Eu cheguei a mencionar isso quando descrevi o histórico tribal pashtun bem no começo. Mas essa é a parte que realmente conta. É onde o *lokhay warkawal* entra no contexto. Bem aqui, enquanto estou deitado no chão, sangrando até a morte, e os tribais estão discutindo meu destino.

Para um americano, principalmente um em terríveis condições como eu me encontrava, o conceito de ajudar um homem ferido, talvez mortalmente, é apenas uma rotina. Você faz o que pode. Para esses caras, o conceito envolvia responsabilidades bem mais onerosas. *Lokhay* significa não apenas prover abrigo, mas um compromisso indestrutível de defender aquele homem ferido até a morte. E não apenas a morte do principal homem da tribo, ou a família que assumiu o compromisso original de dar abrigo. Significa a vila toda.

Lokhay quer dizer que a população inteira daquela vila lutará até o último homem, unida pela honra de proteger o indivíduo que convidou para compartilhar sua hospitalidade. E isso não é algo para papear quando as coisas ficam difíceis. Não é um ponto de negociação. Isso é estritamente inegociável.

Portanto, enquanto eu estava ali, deitado, pensando que aqueles bastardos cruéis sem coração iam me deixar morrer, eles discutiam um fato bem maior, uma questão de vida ou morte. As vidas com as quais estavam preocupados não tinham nada a ver com a minha. Olhe, rapaz, aquilo era *Lokhay* com L maiúsculo. Sem baboseiras.

Pelo que eu pensava, eles estavam decidindo quanto a meter uma bala em minha cabeça e poupar a todos muita confusão. Mas, a essa altura, eu estava apagando, meio dormindo, meio alerta, e a distinção era mínima. Sarawa ainda estava falando. É claro que me ocorreu que aqueles homens seriam simplesmente iguais aos pastores de cabras, espiões leais ao Talibã. Podiam

facilmente me receber e depois mandar seus mensageiros mais velozes informar aos comandantes locais que estavam comigo, e eu podia ser recolhido e executado a qualquer hora que quisessem.

Eu desejava fervorosamente que não fosse o caso. E, apesar de entender que Sarawa era um cara legal, eu não tinha como saber a verdade sobre ele; ninguém tinha, não sob aquelas circunstâncias. De qualquer forma, não havia muito que eu pudesse fazer, exceto, talvez, atirar em todos eles, e que chance imensa eu teria de escapar. Mal podia me mexer.

Então, apenas esperei pelo veredicto. Continuei pensando: *O que Morgan faria? Será que há alguma saída? Qual é a decisão militar correta? Tenho alguma opção?* Não que desse para notar. Minha melhor chance de viver era tentar fazer amizade com Sarawa, tentar, de alguma forma, cair nas graças de seus amigos.

Pensamentos desconexos passavam pela minha cabeça. E quanto a todas aquelas mortes que haviam ocorrido nas montanhas? E se alguns daqueles caras perdidos na batalha contra os SEALs fossem filhos, irmãos, pais ou primos? Como se sentiriam em reação a mim? Um militar americano armado e uniformizado, participante de várias batalhas que detonaram afegãos em suas próprias terras tribais?

Eu, era óbvio, não tinha resposta alguma, nem podia saber o que eles estavam pensando. Mas não podia ser coisa boa. Disso eu sabia.

Sarawa voltou. Ele ordenou que dois homens me levantassem, cada um deles me dando apoio por baixo de cada braço, para me erguerem do chão. Ordenou que também levantassem minhas pernas.

Quando se aproximaram de mim, peguei minha última granada e cuidadosamente puxei o pino, que mantive em posição para ser detonado. Eu a segurava numa das mãos, perto do peito. Os tribais não perceberam. Tudo que eu sabia era que, se eles tentassem me executar ou me amarrar para convidar seus colegas assassinos talibãs, eu largaria aquele troço no meio do chão e levaria uma porrada deles junto comigo.

Eles me levantaram. E lentamente começaram a me conduzir para baixo, rumo à vila. Naquele momento, eu não entendi, mas essa foi a maior chance que tive, desde que começara a batalha pelo Cume de Murphy. Esses pashtuns tribais amistosos haviam decidido me conceder o *lokhay*. Haviam se comprometido a me defender contra o Talibã, até que não houvesse mais ninguém vivo.

10
UM FUGITIVO AMERICANO ENCURRALADO PELO TALIBÃ

Depois encontrei um pedaço de rocha pontudo no chão da caverna e, ali, dolorosamente deitado sobre meu lado esquerdo, passei duas horas entalhando as palavras do conde de Monte Cristo na parede de minha prisão: *Deus me dará justiça*.

Sarawa e seus amigos não tentaram tirar meu rifle. Ainda. Eu o levava comigo numa das mãos, enquanto eles me carregaram lentamente na descida da trilha íngreme rumo à vila de Sabray, a uma distância de aproximadamente duzentos metros, com talvez trezentas casas. Na outra mão, eu tinha a minha última granada, sem pino, pronta para levar nós todos à eternidade. Era pouco depois de 16 h e o sol ainda ia alto.

Passamos por dois grupos locais e ambos reagiram com um óbvio espanto, diante de um americano armado e ferido, segurando seu rifle, mas recebendo ajuda. Eles pararam e olharam, e nas duas vezes eu fixei o olhar no de um deles. A cada vez que ele olhava de volta, o duro olhar de puro ódio era muito familiar. Era sempre igual, o mesmo olhar de asco pelo infiel, sem disfarce.

É claro que eles estavam confusos. O que não chegava a ser surpreendente. Que diabo, até eu estava confuso. Por que Sarawa estava me ajudando? O preocupante era que Sarawa parecia estar remando contra a maré. Essa era uma vila cheia de islâmicos fanáticos que queriam ver americanos mortos. Ali em cima, naquelas montanhas sem lei, foi o local onde nasceu o plano de esmagar as torres gêmeas de Nova York.

Ao menos, esses eram os meus pensamentos. Mas subestimei a decência humana essencial dos membros mais influentes dessa tribo pashtun. Sarawa e muitos outros eram caras legais que não queriam me fazer mal. Nem eram submissos à sede de sangue de alguns de seus companheiros da montanha. Só queriam me ajudar. Mais tarde eu viria a entender isso.

As expressões hostis e precavidas dos pastores de cabras eram típicas, mas

não refletiam a visão da maioria. Continuamos descendo, até a casa do topo de Sabray. Eu digo do topo porque as casas eram construídas uma quase em cima da outra, chegando bem perto da face íngreme da montanha. Quero dizer, você poderia dar um passo para fora da trilha e caminhar direto em cima do telhado de uma casa.

Era preciso descer mais para chegar à porta da frente. Já lá dentro, você ficava mais ou menos no subterrâneo, num tipo de caverna feita pelo homem, de barro e pedras, com chão de terra, obviamente construída por artesãos. Havia escadas de rochas descendo a outro nível, onde ficava outro cômodo. No entanto, essa era uma área a ser evitada, pois era ali que os pastores mantinham as cabras. E, onde há cabras, há cocô de cabra. Por todo lado. O cheiro é cruel e se espalha pela casa inteira.

Chegamos ao lado de fora de uma casa e tentei lhes dizer que ainda estava morrendo de sede. Lembro que Sarawa me deu uma mangueira de jardim, com grande ostentação, como se fosse um cálice de ouro, e se virou para ir abrir uma torneira em algum lugar. Eu recoloquei o pino em minha granada de mão, um processo que desagrada muito os militares americanos, e a enfiei, com segurança, em meu colete de batalha, que eu ainda vestia.

Agora tinha novamente as duas mãos livres e a água estava bem gelada, com um gosto fabuloso. Então, arranjaram uma caminha de armar na casa e arrumaram para mim, quatro deles me ergueram e me pousaram cuidadosamente nela, sob a supervisão de Sarawa.

Acima, eu podia ver os aviões americanos passando, rasgando o céu sobre as montanhas. Exceto eu, todos apontavam para eles. Eu apenas olhava meio saudoso, imaginando quando viriam me buscar.

A essa altura, toda a população de Sabray estava ao redor da minha cama, olhando, enquanto Sarawa começou a trabalhar. Ele limpou os ferimentos de minha perna, confirmando o que eu suspeitara, não havia bala alojada na coxa esquerda. Na verdade, ele localizou o buraco por onde a bala havia saído. Cristo! Eu estivera sangrando nos dois lugares, não era de se admirar que quase não tivesse mais sangue.

Depois ele pegou um pequeno instrumento cirúrgico e começou a puxar os estilhaços de metal da minha perna. Passou um bom tempo tirando todos os fragmentos da granada que conseguiu encontrar. Aliás, isso doía como o inferno. Mas ele seguia em frente. Depois limpou tudo de novo, aplicou um creme antisséptico e colocou uma bandagem.

Só fiquei ali deitado, totalmente exausto. Logo depois, acho que por volta

das seis horas, eles voltaram e me levaram para dentro, com quatro deles carregando a cama. Deram-me roupas limpas, a melhor coisa que aconteceu depois da primeira água que bebi. Eram roupas afegãs macias, uma blusa solta e calças largas, incrivelmente confortáveis. Eu me senti quase humano. Na verdade, deram-me duas trocas de roupas, idênticas, brancas para o dia, pretas para a noite.

O único percalço veio quando eu estava me trocando, tirando a roupa americana surrada da batalha, na verdade apenas meu colete, e vestindo as roupas tribais. Eu ainda estava com uma dor dos infernos no ombro, e eles tiveram que me dar uma mão. E, quando viram a extravagante tatuagem que tenho nas costas – a metade de um tridente SEAL (Morgan tem a outra metade) –, eles quase desmaiaram.

Acharam que fosse algum tipo de emblema tribal de guerra, e eu imagino que seja. Depois pensaram que eu poderia ser a encarnação do diabo, e tive que ficar dizendo que era médico, qualquer coisa que os fizesse deixar de acreditar que eu era um guerreiro das forças armadas americanas, um homem que exibia um símbolo poderoso de vodu nas costas, o qual certamente era diabólico e decididamente os varreria do mapa. Felizmente, consegui ganhar com aquele argumento, mas eles ficaram bem satisfeitos ao me verem vestido e puxaram a manga para cobrir a parte superior do braço, onde o desenho ainda era parcialmente visível.

Quando começaram a ir embora, eles já estavam sorrindo, e eu me tornara o dr. Marcus até o restante de minha visita na vila, e imagino que muito além.

Minha última solicitação foi ser levado até o banheiro coletivo para urinar, e eles me levaram, mas fizeram com que eu adotasse a posição afegã tradicional para essa operação. Lembro que caí para trás, o que fez com que todos rissem sem parar.

Eles me levaram de volta para minha cama, ainda rindo, e eu subitamente percebi, horrorizado, que haviam retirado o meu rifle. Exigi que me dissessem onde estava, mas explicaram que tiveram de levá-lo, *lokhay*, ou nada de *lokhay*, porque, se os talibãs chegassem a entrar ali, não acreditariam que eu era um médico ferido, não com um rifle de atirador como aquele. *Lokhay* ou nada de *lokhay*.

A essa altura, eu não os entendia e, de qualquer forma, havia pouco que pudesse fazer quanto a isso. Então, apenas afastei aquilo de minha mente. E fiquei ali deitado, na luz fraca, até que finalmente me deixaram totalmente sozinho.

Eu havia bebido água e comera um pouco do pão chato que eles assam no Oriente. Ofereceram-me uma tigela cheia de leite morno de cabra, no qual eu deveria molhar o pão. Mas a combinação foi, sem dúvida, o pior sabor que eu já experimentara. Quase vomitei e pedi que levassem o leite, dizendo-lhes que era contra a minha religião! Consequentemente, mandei pra dentro o pão duro, a seco. Mas estava grato e tentava deixar isso claro. Nossa, eu poderia estar morto, no alto da montanha. Não fosse por eles, estaria.

E agora, mais uma vez, eu estava sozinho. Olhava à minha volta, pela primeira vez observando os meus arredores. Um tapete grosso afegão forrava o chão e havia almofadas coloridas perto da parede. Havia enfeites entalhados na parede, mas nenhuma fotografia. As janelas tinham vidro e eu podia ver que, abaixo dessa casa, havia outros telhados cobertos de palha. Eles decididamente eram construtores habilidosos, mas eu estava incerto quanto à procedência do material bruto, as pedras, o vidro, a palha.

Dentro do meu quarto havia uma caixa grande, trancada, de madeira. Fiquei sabendo que ali dentro eram guardados os pertences mais valiosos de todos os membros da casa. E não era muito. Confie em mim. Eu descobri por quê. A temperatura caiu, do calor diurno, para quase zero grau à noite.

Também percebi que havia um antigo fogão de ferro, no canto do quarto, onde, depois fiquei sabendo, eles assavam pão todos os dias. O sistema ali em cima era que duas casas principais, como aquela, assassem o pão para todas e depois o pão era distribuído. Fiquei ali deitado, pensando para onde ia toda a fumaça quando eles acendiam o fogão, já que não havia chaminé. Mas essa descoberta ainda estava por vir. Resposta: lugar algum. Aquela fumaça de lenha ficava dentro do meu quarto.

Fiquei meio adormecido, com meus ferimentos ainda latejando, mas, certamente, não estavam infeccionando. *Hooyah*, Sarawa! Certo?

A porta da minha nova residência era bem grossa, mas não tinha um bom encaixe. Ela impedia que o vento e a chuva entrassem, mas os caras tinham que dar um solavanco forte para abri-la. Eu já percebera isso e sabia que ninguém poderia entrar no quarto sem me acordar; então, não havia necessidade de dormir em estado de alerta.

No entanto, o que aconteceu a seguir me pegou de surpresa. A porta se abriu com um chute que quebrou o silêncio. Abri os olhos a tempo de ver oito guerreiros talibãs entrando no quarto. O primeiro veio direto até minha cama e me deu um tabefe no rosto, com toda a sua força. Aquilo realmente me deixou injuriado e ele teve muita sorte por eu não poder me mexer e estar ali como

prisioneiro. Se ele pensasse em colocar as mãos em mim quando eu estivesse em forma, eu lhe arrancaria a porra da cabeça. Bestinha.

Eu sabia que eram talibãs por conta de sua aparência, com barbas muito bem aparadas e cuidadas, dentes, mãos e roupas, todos limpos. Eram bem alimentados e sabiam falar um inglês truncado. Nenhum deles era muito grande, talvez uma média de 1,75 m e todos usavam aqueles antigos cintos de couro soviéticos, os que têm uma estrela vermelha no centro da fivela. Usavam roupas afegãs, mas cada um deles estava com um colete de cor diferente. Cada homem portava uma faca e uma pistola russa presa ao cinto. Tudo feito em Moscou. Tudo roubado.

Não havia nada em que eu pudesse colocar as mãos para me defender. Eu não tinha rifle, nem granada, só meu distintivo particular de coragem, a Estrela Solitária do Texas em meu braço e peito. Precisava de um pouco dessa coragem, porque esses bastardos caíram em cima de mim, chutando minha perna esquerda, socando meu rosto e tronco, me dando uma surra dos diabos.

Eu não ligava muito. Como fui treinado, consigo engolir essa merda. De qualquer forma, não havia um único deles com um soco decente. Na verdade, eram garotos de muita sorte, porque, em circunstâncias normais, eu teria arremessado qualquer um deles direto pela porcaria da janela. Minha maior preocupação era que eles resolvessem me dar um tiro ou me amarrar e me levar para algum lugar na fronteira com o Paquistão, para me filmar, depois cortar minha cabeça diante das câmeras.

Se por um segundo eu pensasse que essa era sua intenção, o negócio ficaria muito ruim para todo mundo. Eu estava ferido, mas não tanto quanto demonstrava e estava formulando um plano de retirada. Acima de mim, nas vigas, eu via uma barra de ferro de aproximadamente 1,20 m, bem ali, de bobeira. Será que eu conseguiria pegá-la se ficasse em pé? Sim.

Numa situação de vida ou morte, eu agarraria aquilo, escolheria cuidadosamente o mais violento entre eles e o atravessaria com a barra. Ele nunca mais iria se levantar. Depois, eu partiria para dentro dos outros dois da frente, pegando-os inteiramente de surpresa. Ao mesmo tempo, usando a barra de ferro eu acuaria o grupo inteiro no canto, conforme a estratégia padrão de combate SEAL, tornando impossível que qualquer um pudesse me atacar, puxar uma faca ou sair.

Provavelmente teria que esmagar o crânio de outros dois, antes de usar aquelas pistolas russas para liquidar qualquer um que ainda estivesse vivo. Será que eu conseguiria? Acho que sim. Meus companheiros da Equipe SEAL 10

ficariam muito decepcionados comigo se eu fracassasse.

Minha posição de retirada estratégica teria sido matar todos, pegar suas armas e munição, depois me posicionar em barricada, na casa, até que os americanos viessem me buscar.

O problema era onde tudo isso me levaria, em curto prazo? Qual era o sentido de ser o SEAL valentão, da forma como alguns dos caras seriam? A casa estava cercada por mais talibãs, todos de AK. Eu vi os guardas entrar e depois voltar a sair. Alguns dos escrotinhos estavam bem do lado de fora da janela. De qualquer forma, toda a área da vila de Sabray estava cercada pelo Talibã. Sarawa me dissera isso, e eu não entendia o motivo por ter sido deixado sozinho… a menos que eles soubessem… a menos que fossem doutrinados… a menos que eu realmente estivesse nas mãos de guerreiros talibãs de folga.

Mas os caras ao lado da minha cama não estavam de folga. Eles estavam no meu pé, exigindo saber por que eu estava ali, o que os aviões americanos estavam fazendo, se os Estados Unidos estavam planejando atacá-los, quem estava a caminho para vir me resgatar (boa pergunta, certo?). Eu sabia que, naquele momento, ser discreto era, de longe, o melhor a fazer, pois meu objetivo era simplesmente tentar continuar vivo, não entrar numa briga de faca com os tribais, ou, pior, tomar um tiro.

Continuei dizendo que era médico e que estava ali para ajudar nossos feridos. Também lhes contei uma mentira enorme: que era diabético. Eu não era membro das forças especiais e precisava de água, o que eles ignoraram. O principal problema, estranhamente, era minha barba, pois eles sabiam que o exército americano não permitia barba. Só as forças especiais permitem.

Consegui persuadi-los de que precisava ir até lá fora, e eles me deram uma única oportunidade, uma última e desesperada tentativa para escapar. Mas eu não conseguia me mover com rapidez suficiente e eles simplesmente me arrastaram de volta para dentro, e me bateram com mais força que antes. Quebraram os ossos do meu punho. Aquilo doeu e, desde então, eu já tive que fazer duas cirurgias corretivas.

A essa altura, eles já estavam com os lampiões acesos, talvez três, e o quarto estava bem iluminado. E a inquisição prosseguiu por talvez seis horas. Gritando e batendo, berrando e chutando. Eles me disseram que todos os meus amigos estavam mortos e que já haviam cortado suas cabeças e eu seria o próximo. Disseram que haviam derrubado um helicóptero americano e matado todo mundo. Tinham um tom desafiador, gritando, se gabando que acabariam matando todos os americanos que estivessem no país deles e… *Nós vamos matar*

vocês todos! Morte a Satã! Morte ao infiel!

Eles frisavam, com grande alegria, que eu era o principal infiel e tinha poucos instantes de vida. Dei uma olhada de lado para a barra de ferro, talvez a minha última esperança. Mas não lhes disse nada, mantive a minha guarda, continuei dizendo que era apenas um médico.

A certa altura, veio um dos garotos da vila, de talvez dezessete anos. Eu estava bem certo de que ele estava num dos grupos pelos quais eu passara, a caminho dali. Ele tinha o que agora chamo de *o Olhar*. Aquela expressão de deboche irado de mim e de meu país.

Os caras do Talibã o deixaram vir e assistir, enquanto me batiam. Ele realmente gostava, e pude ver que eles o consideravam "um dos seus". Ele foi autorizado a ficar sentado na cama, enquanto chutavam a bandagem da minha coxa esquerda. Ele simplesmente adorava. Ficava passando a mão na garganta e rindo: "Talibã, hein?… Talibã!". Jamais me esquecerei de seu rosto, seu sorriso, seu olhar triunfante. E eu ficava só olhando para aquela barra de ferro. O garoto, também, teve muita sorte.

Então, meus interrogadores encontraram a mira a laser do meu rifle e a minha câmera, e quiseram tirar fotos uns dos outros. Eu lhes mostrei como usar o laser para tirar as fotos, mas ensinei ao contrário, e disse a eles que olhassem para o feixe de luz a olho nu. Acho que o último favor que fiz foi cegar a porra da cambada toda! Porque aquele feixe teria queimado a retina. Desculpem, caras. Isso é o *show business*.

Logo depois disso, devia ser por volta de meia-noite, uma nova figura entrou no quarto, com dois acompanhantes. Eu soube que esse era o ancião da vila, um homem pequeno, de barba, que impunha um respeito colossal. Os talibãs imediatamente se levantaram e deram um passo para o lado, conforme o velho caminhou até o local onde eu estava deitado. Ele se ajoelhou e me ofereceu água, numa pequena xícara de prata, deu-me pão, depois levantou-se e se virou para os talibãs.

Não tenho certeza do que ele estava dizendo, mas depois descobri que ele os estava proibindo de me levar. Acho que eles sabiam disso antes de chegar, do contrário, provavelmente, a essa altura, eu já teria ido. Mas não havia engano quanto à autoridade em sua voz. Era uma voz baixa e tranquila, calma, firme, e ninguém falava quando ele estava falando. Ninguém interrompia. Lei tribal, eu acho. Quando ele saiu, seguiu pela noite de postura ereta, o tipo de postura adotada por homens que não estão habituados a ser desafiados. Era possível identificá-lo a um quilômetro de distância, mais ou menos como um instrutor

Reno afegão. Cristo! E se ele pudesse me ver agora?

Por volta da uma hora, após a partida do idoso da vila, seis horas depois que eles haviam chegado, os talibãs subitamente decidiram partir.

Seu líder, o chefe que falava, era um sujeito magro e quase um palmo mais alto que o restante. Ele os conduziu para o lado de fora e eu os ouvi indo embora, se deslocando lentamente pela trilha que saía de Sabray rumo às montanhas. Mais uma vez, fui deixado sozinho, sangrando muito, bem machucado, eternamente grato ao ancião da vila, mergulhando numa espécie de sono meio acordado, assustado, realmente temendo que aqueles bastardos, de alguma forma, voltassem para me pegar.

Bum! Subitamente, a porta se abriu outra vez. Quase pulei para fora da minha roupa afegã noturna, tamanho o susto. Eles teriam voltado? Com o equipamento de execução? Será que eu poderia levantar e lutar pela minha vida de novo?

Mas dessa vez era Sarawa. E tive que perguntar a mim mesmo, quem era ele, realmente? Teria dado uma dica a alguém? Seria a favor dos talibãs? Ou eles simplesmente teriam vindo me buscar e invadido, quando ninguém estava vendo?

Eu ainda não havia sido informado quanto ao conceito do *lokhay*. Possivelmente porque eles não tinham meio de me informar e, de qualquer forma, eu não tinha outra escolha a não ser confiar neles. Era minha última chance de sobreviver.

Sarawa carregava um pequeno lampião, acompanhado por alguns de seus amigos. Eu sentia a presença, mas não conseguia realmente vê-los, no breu absoluto, não em minhas condições e sob aquela luz trêmula.

Três dos homens da vila me ergueram do chão e carregaram em direção à porta. Lembro-me de ver suas silhuetas refletidas nas paredes de barro, figuras sombrias e sinistras, de turbante. Honestamente, era como se fosse algo tirado das *Mil e uma noites*. O grande Marcus sendo levado por Ali Babá e seus quarenta ladrões para encontrar a porra do gênio. É claro que eu não tinha como saber que eles estavam agindo segundo as ordens diretas do ancião da vila, que lhes dissera para me tirar dali caso o Talibã decidisse me levar à força, ignorando as regras milenares.

Já lá fora, apagaram a luz e montaram sua formação. Dois caras seguindo na frente, com rifles AK-47, e um cara atrás, também carregando um AK. Os mesmos três caras que haviam me carregado antes, incluindo Sarawa, começaram a andar rumo à saída da vila, descendo pela trilha. Percorremos um

longo caminho, seguindo por mais de uma hora, talvez duas. E eles andavam incansavelmente, como homens da selva ou beduínos.

No fim, seguimos por uma nova trilha, descendo até um rio – acho que era o mesmo onde eu os encontrara –, perto da queda d'água, num nível mais alto. Eu devia estar um peso morto absoluto e, não pela primeira vez, fiquei impressionado com a força que tinham.

Quando chegamos ao rio, eles pararam e ajustaram a forma como estavam me segurando. Depois entraram direto no rio e, quase em silêncio absoluto, atravessaram me carregando, na escuridão daquela noite sem lua. Eu podia ouvir a água, mas nada além disso, enquanto eles passavam, suavemente. Do outro lado, não perderam o passo e agora começavam a subir uma ladeira íngreme, em meio às árvores.

Era um lugar lindo durante o dia. Eu já o vira e, mesmo naquela noite fria, podia sentir o isolamento do verde-escuro, com o peso das samambaias e arbustos. Finalmente chegamos ao que parecia uma caverna, no fundo da encosta montanhosa. Eles me abaixaram no chão e tentei falar, mas eles não conseguiam enxergar os meus sinais e entender minhas palavras, então, me deu um branco. Mas consegui fazer com que Sarawa entendesse que eu sofria de diabetes e precisava de água o tempo todo. Acho que o horror de morrer de sede continuava vívido em minha mente, e ali eu sabia que não teria como chegar sozinho ao rio.

Carregaram-me até o fundo da caverna e me puseram ali. Acho que era por volta de quatro horas, quando chegamos lá. Era quinta-feira, 30 de junho. Deixaram-me sem comida, mas arranjaram um recipiente com água, na verdade, uma garrafa antiga de Pepsi, o objeto de vidro com o cheiro mais medonho do planeta. Acho que deve ter sido usado para guardar bosta de cabra na vida anterior. Era tudo que eu tinha, uma garrafa do esgoto, mas cheia de água.

Temi encostá-la nos lábios, receando pegar tifo. Eu a segurei acima do rosto e deixei que o conteúdo caísse dentro de minha boca, como fazem aqueles espanhóis que cuidam de gado.

Eu não tinha nem comida nem arma, e Sarawa e os caras estavam de saída. Estava aterrorizado, receando que jamais voltassem e simplesmente tivessem tomado a decisão de me abandonar. Sarawa falou que voltaria em cinco minutos, mas eu não tinha certeza se podia acreditar nele. Apenas fiquei ali, deitado no chão rochoso, no escuro, sozinho, tremendo de frio, incerto do que aconteceria a seguir.

No restante daquela noite, eu desmoronei. Finalmente perdi a cabeça e

chorei convulsivamente, de puro medo, sem resistir a mais nada. Achei que não aguentaria mais. Reno me desceria o cacete, com certeza. Esperava que fosse no lado direito, não no esquerdo.

Eu continuava a pensar em Morgan, tentando desesperadamente me comunicar com ele, tentando fazer com que minhas ondas mentais se sintonizassem com as suas, implorando a Deus que o deixasse me ouvir. E logo começou a clarear. Sarawa já se fora há mais de duas horas. Jesus Cristo! Eles haviam me deixado ali para morrer. Morgan não sabia onde eu estava, nem se eu estava vivo ou morto, e meus companheiros SEALs já teriam me dado como morto.

Meu cérebro estaria disparado, mas o fato de ser subitamente atacado por uma tribo de formigas afegãs pretas e imensas realmente chamou minha atenção. Eu podia ter desistido, mas nem fodendo eu ia ser comido vivo por essas putinhas. Eu me ergui e dei nelas com minha garrafa de Pepsi.

Depois encontrei um pedaço de rocha pontudo no chão da caverna e, ali, dolorosamente deitado sobre meu lado esquerdo, passei duas horas entalhando as palavras do conde de Monte Cristo na parede de minha prisão: *Deus me dará justiça*.

Eu já não tinha certeza se ainda acreditava nisso. Ele estivera fora de contato há um bom tempo. Mas eu ainda estava vivo. Ainda. E talvez houvesse ajuda a caminho. Ele age de formas misteriosas. No entanto, agora, até meu rifle se fora, assim como a maior parte de minha esperança.

Eu estava quase começando a adormecer novamente, talvez pouco antes da oito horas, quando o lugar pareceu tomar vida. Pude ouvir os sininhos em volta do pescoço das malditas cabras, e elas pareciam estar acima de mim. Quando a areia e as pedras começaram a cair, percebi que não havia teto em minha caverna. Estava a céu aberto e podia ouvir o ruído dos bodes caminhando para algum lugar, e a areia continuava a cair de cima.

A boa notícia era que aquilo enterrou as formigas, mas eu estava tentando fazer com que parasse de cair em meus olhos, protegendo-os com as mãos, e meu punho direito doía como os diabos, por causa das coronhadas da arma do talibã. Subitamente, para meu absoluto terror, vi o cano de um AK-47 dando a volta na rocha que protegia meu lado esquerdo. Eu não podia me esconder, nem podia usá-la como cobertura, e certamente não podia reagir.

O cano continuou vindo, depois o resto do rifle, as mãos, o rosto – o rosto de um de meus amigos de Sabray, sorrindo alegremente. Eu estava em tamanho estado de choque que nem consegui chamá-lo de doido varrido, o que ele era.

Mas ele me trouxe pão e aquele leite de cabra, e encheu minha garrafa de água. Aquela, do esgoto.

Meia hora depois, veio Sarawa, cinco horas depois da hora que dissera que viria. Olhou meu ferimento à bala e me deu mais água. Depois posicionou um guarda na entrada de minha caverna sem teto. O guarda tinha trinta e poucos anos e, assim como o restante, era magrinho e barbudo. Ele sentou-se numa pedra acima da entrada, com o AK-47 pendurado no ombro.

Deitado no chão, eu pegava no sono, mas de vez em quando acordava e me inclinava à frente, para ver ser o guarda ainda estava lá. Seu nome era Norzamund e sempre sorria de forma muito amistosa e acenava para mim. Mas não podíamos conversar, não palavras comuns. Ele veio uma vez, para encher a minha garrafa e eu tentei fazer com que compartilhasse a dele comigo. Sem jogo.

Então, ergui a medonha garrafa de Pepsi e virei a água direto na boca. Depois a arremessei ao fundo da caverna. Na outra vez que Norzamund trouxe água, ele foi lá no fundo e achou o maldito troço e o encheu novamente.

Eu estava sozinho, no fim da tarde, e vi os pastores de cabra vindo, algumas vezes. Não acenavam, nem faziam qualquer contato, mas também não delataram a minha posição. Se o tivessem feito, acredito que eu não estaria ali. Mesmo agora, não tenho certeza se o *lokhay* tem efeito para um cara que tenha deixado a vila.

Norzamund me deixara um pouco de pão fresco, pelo que fiquei grato. Ele foi para casa logo depois que escureceu e durante várias horas não vi ninguém. Tentei ficar calmo e racional, porque parecia que Sarawa e seus homens estavam tentando me salvar. Até o ancião da vila estava totalmente do meu lado. A propósito, isso nada tinha a ver com o meu charme. Tinha estritamente a ver com o *lokhay*.

Fiquei ali sozinho por toda aquela noite. E 30 de junho se transformou em 1º de julho. Olhei meu relógio por volta de meia-noite, então eu soube quando isso aconteceu. Tentava não pensar em minha casa, nem na minha mãe e no meu pai, evitando a autopiedade, mas sabia que eram aproximadamente 15 h no Texas e eu imaginava se alguém tinha a mais vaga ideia do quanto eu estava encrencado e de minha imensa necessidade de ajuda.

★★★

O que eu decididamente não sabia era que agora havia mais de duzentas pessoas no sítio. Ninguém ia embora. Era como se eles estivessem desejando que

uma situação desesperadora se tornasse esperançosa, como se suas preces por mim pudessem, de alguma forma, ser atendidas, como se a presença deles pudesse, de algum jeito, me proteger da morte, como se acreditassem que, permanecendo ali, ninguém anunciaria que eu havia sido morto em combate.

Minha mãe disse que estava presenciando um milagre. Ela e meu pai estavam servindo três refeições diárias para cada pessoa naquele sítio, e ela não sabia de onde vinha a comida. Mas a comida não parava de chegar, em caminhões enormes, de alguns distribuidores de alimentos, que vinham com bifes e frango para todos, talvez duzentas refeições de cada vez. Sem cobrar. Restaurantes locais mandavam coisas, frutos do mar, massa, hambúrgueres. Mandavam comida chinesa para cinquenta, depois sessenta. Chegaram ovos, linguiça e bacon. Meu pai disse que a churrasqueira nunca parava.

Todos estavam ali para ajudar, incluindo a família Herzogg, grandes criadores de gado, frequentadores da igreja, patriotas, prontos para ajudar um amigo necessitado. A sra. Herzogg apareceu com as filhas e, sem perguntar nada, passou a limpar o local. E faziam isso todos os dias.

Os sacerdotes da Marinha fizeram com que todos recitassem o Salmo 23, da mesma forma como eu estava fazendo. Nos cultos ao ar livre, todos se levantavam e solenemente cantavam o hino naval:

Pai Eterno, forte a salvar,
Cujo braço se estende,
Até o fundo do mar,
E seus próprios limites os têm a guardar…

E, é claro, sempre terminavam com o verso exclusivo dos SEALs, o eterno hino do SPECWARCOM:

Pai Eterno, fiel amigo,
Seja veloz em atender aqueles que enviamos,
Na irmandade e urgente confiança,
Em missões ocultas perigosas,
Oh, ouça-nos a clamar,
Pelos SEALs em voo, em terra, ou no mar.

As pessoas simplesmente dormiam onde podiam. Temos uma grande casa de hóspedes, na entrada da propriedade, e as pessoas iam para lá. Os SEALs entravam na casa e dormiam onde podiam, nas camas, nos sofás, em poltronas,

qualquer lugar. E, a cada três horas, havia um telefonema, direto do campo de batalha, no Afeganistão. Era sempre igual: “Nenhuma novidade”. Ninguém deixava minha mãe sozinha, mas ela estava fora de si, de tanta preocupação.

Conforme o mês de junho passou para julho, muitos começavam a perder a fé e a achar que eu estava morto. Exceto por Morgan, que não conseguia acreditar nisso, e ficava dizendo que ele estivera em comunicação mental comigo. Eu estava ferido, porém vivo. Disso ele tinha certeza.

Os SEALs também nem consideravam a possibilidade de que eu estivesse morto. Ele está perdido em combate. Era o que acreditavam. E, até que alguém lhes dissesse o contrário, era o que aceitariam. Ao contrário da estúpida estação de televisão, certo? Achavam que podiam dizer o que quisessem, sendo ou não verdade, causando um trauma emocional em minha família, numa proporção que só uma comunidade próxima como a nossa poderia entender.

★★★

Enquanto isso, de volta à caverna, Norzamund voltou com outros dois caras, quase me matando de susto de novo. Eram aproximadamente quatro horas de sexta-feira, 1º de julho, e estavam sem lanterna. Comunicavam-se com sussurros e sinais, para fazerem silêncio. Mais uma vez, eles me ergueram e me carregaram abaixo, descendo a colina, até o rio. Tentei jogar fora a garrafa fedorenta, mas eles a encontraram e pegaram de volta. Acho que devia estar havendo uma grande escassez de garrafas de água no Hindu Kush. De qualquer forma, eles procuraram aquela garrafa como se fosse um diamante raro.

Atravessamos o rio e chegamos à escarpa, de volta à vila. Pareceu levar um tempo bem longo, e uma hora eu acendi a luzinha do meu relógio, e eles quase ficaram loucos de fúria: *Não! Não! Não! Dr. Marcus. Talibã! Talibã!*

Claro que eu não sabia do que eles estavam falando. A luz era pequenina, mas eles ficavam apontando para ela. Logo percebi que a luz era um perigo para todos nós, que a vila de Sabray estava cercada pelo Talibã, que esperava sua chance para vir me capturar ou matar. Meus carregadores armados tiveram a mesma criação pashtun e sabiam que a menor centelha de luz, não importava o quão pequena, era incomum ali na montanha e poderia facilmente atrair a atenção de um vigia alerta.

Desliguei aquela merdinha imediatamente. E um dos meus caras, que estava caminhando na frente com seu AK, falava um pouco de inglês. Ele veio até mim e sussurrou: “Talibã vê a luz, eles atiram em você, dr. Marcus”.

Finalmente, chegamos ao alto e pude entender a palavra *helicóptero*. E, bem

ali, achei que alguém poderia estar vindo me resgatar. Mas foi só alarme falso. Não veio nada. Eu me estiquei numa rocha e, pouco antes do amanhecer, Sarawa pegou seu *kit* médico e foi cuidar de minha perna. Removeu as ataduras encharcadas de sangue, lavou os ferimentos, aplicou pomada antisséptica e colocou ataduras novas. Depois, para meu espanto, ele arranjou uma insulina para a diabetes que eu não tinha.

Acho que eu mentia melhor do que pensava. E, obviamente, tive que tomar. Olha as coisas que faço por meu país. Inacreditável, certo?

Eles me colocaram numa casa próximo ao topo da vila e, logo depois que cheguei, encontrei meu primeiro amigo de verdade, Muhammad Gulab, de trinta e três anos, filho do ancião da vila e chefe policial residente. Todos o chamavam de Gulab e sua posição na comunidade era muito sólida. Ele deixou claro que o Talibã não me levaria enquanto ele estivesse envolvido na questão.

Era um cara extremamente legal, e nós nos tornamos bons amigos, ou o mais próximo que se pode ser quando a barreira do idioma é quase intransponível. Tentávamos nos comunicar mais sobre as famílias e eu entendi que ele tinha uma esposa e seis filhos e só Deus sabe quantos primos e tios. Transmitir que eu tinha um irmão gêmeo idêntico foi difícil, então me contentei em dizer que era só um irmão, mais porque Gulab pensava que Morgan fosse eu. Como tanta gente pensara, ao longo dos anos.

Gulab tinha um amigo com ele que também era um homem sólido, simplesmente apontado como um homem de guarda. Revezando, nunca me deixavam sozinho. A essa altura, eu já sabia o motivo. A vila inteira havia ficado muito constrangida quando os talibãs entraram ali, armados até os dentes, para conduzir o interrogatório, apesar do desejo das pessoas. Aqueles guerreiros estiveram prestes a causar a máxima retribuição sob as leis do *lokhay*, o que teria obrigado a vila a entrar em guerra até o último homem, por minha causa.

Eu ainda não compreendia totalmente as implicações do *lokhay*, mas sabia que era importante que eu não fosse entregue. E agora eu tinha um guarda em tempo integral em meu quarto. Isso não impedia que outros visitantes entrassem, e o primeiro que recebi, naquela manhã, em minha nova casa, foi um menininho, de talvez oito ou nove anos.

Ele se sentou na beirada da cama e tentou me ensinar uma oração muçulmana: *La La e La La – Muhammad del La su La La*. Eu logo aprendi e repeti com ele. Ele vibrou, bateu palmas e riu, e saiu correndo pela porta para juntar uma porção de outros garotos. Gulab tentou me informar que a repetição daquela oração significava que eu agora era um muçulmano. E quase

imediatamente o primeiro menininho entrou correndo pela porta, com todos os seus amiguinhos, uns vinte, todos empolgados com o novo texano convertido.

Tentei explicar que era médico e eles logo entenderam isso, e começaram a repetir, sem parar: “Olá, Dr. Marcus”, rindo muito e se jogando para os lados, como fazem as crianças. Dava pra ver que eles realmente gostavam de mim e eu peguei uma caneta hidrográfica emprestada de um deles e escrevi o nome de cada um, em inglês, em seus braços. Depois deixei que escrevessem seus nomes no meu braço.

Trocamos palavras para orelhas, nariz e boca. Depois água (*uba*) e caminhar (*ducari*), palavras que achei úteis. No fim, eles foram embora, mas outros tribais locais vieram falar com Gulab e eu comecei, com seu incentivo, a conversar com os caras que caminhavam com as cabras, os homens que entendiam sobre as distâncias. Lentamente, ao longo do dia, concluímos que havia uma pequena base americana a pouco mais de três quilômetros de distância.

Apontaram para fora da janela, diretamente para uma montanha que parecia fazer parte da cadeia montanhosa. Posicionava-se altiva, acima de nós, uma imensa parede de granito que faria um pastor de cabras recuar. “Ali, dr. Marcus, no lado mais longe”, um deles conseguiu dizer. E, se eu nem conseguia chegar até a janela, até a montanha, então, nem pensar. Portanto, deixei aquele plano em compasso de espera, por enquanto.

Estavam se referindo à vila de Monagee, no distrito de Manrogai, onde eu sabia que havia um posto militar americano. Mas agora estava fora de questão. Eu não poderia chegar lá, nem em qualquer outro lugar, até que minha perna melhorasse. Apesar disso, os pastores de cabras tinham boas informações sobre o terreno e as distâncias até as várias vilas e bases americanas. Esses caras caminham pelas montanhas como meio de vida. Conhecimento local. Isso é um fator-chave para todos os SEALs em serviço, principalmente um que estava planejando um tipo de fuga, como eu.

Com os pastores de cabra e a partir da cena do campo de batalha original, onde os outros haviam morrido, naquela noite terrível de 28 de junho, tive a possibilidade de calcular que percorrera mais de onze quilômetros, seis andando e cinco rastejando. Onze quilômetros! *Nossa!* Eu não podia acreditar nisso. Mas esses pastores conheciam sua terra. E, como todo mundo, eles sabiam tudo sobre a batalha do Cume de Murphy, onde ela se dera e onde haviam ocorrido grandes perdas sofridas pelo Talibã… “Você atira, dr. Marcus? Você atira?”

Eu? Atirar? Nunca. Sou apenas um médico tentando cuidar dos meus

pacientes. Mas eu estava muito orgulhoso de ter percorrido onze quilômetros pela montanha, nas condições surradas em que me encontrava, depois da batalha.

Peguei minha caneta esferográfica e marquei as distâncias, desenhei mapas, fiz diagramas das montanhas, tudo em minha coxa direita. Quando ela ficou muito escrita, tentei usar a esquerda. (Merda! Aquilo doeu. Doeu mesmo!).

Ao meio-dia, os garotos voltaram para rezar, trazendo com eles vários adultos, claramente ávidos para conhecer o novo americano convertido, não mais um infiel. Rezamos juntos para Alá, ajoelhados – em meu caso, dolorosamente – no chão. Depois disso, todos apertamos as mãos e acho que eles me deram as boas-vindas em suas preces. É claro que não disse nada a eles, mas, enquanto rezava, fiz uma prece ao meu próprio Deus, imaginando, respeitosamente, se Ele não deixaria que eu tivesse meu rifle de volta, sem muita demora.

Todos eles voltaram para as preces da tarde, às 17 h e, novamente, quando o sol se pôs. Os menininhos, meus primeiros amigos, tiveram que ir para a cama logo depois disso, mas lembro que todos eles vieram me abraçar antes de sair. Por ainda não terem aprendido a dizer “até logo” ou “boa noite”, repetiam sua primeira frase americana, ao deixarem o quarto: “Olá, dr. Marcus”.

As crianças mais velhas, jovens adolescentes, tinham permissão para ficar e conversar comigo por um tempo. Gulab os ajudava a se comunicarem e éramos amigos quando nos despedimos. O problema era que agora eu estava ficando doente e começava a me sentir realmente mal, não apenas as dores pelos ferimentos, mas um tipo de gripe, só que um pouco pior.

Quando as crianças finalmente partiram, recebi a visita do próprio ancião da vila. Ele me trouxe pão, deu-me água fresca, depois sentou-se por umas três horas, enquanto discutimos, da melhor forma possível, como eu poderia chegar à base americana. Estava claro que eu era um grande problema na vila. Eles já estavam recebendo ameaças do Talibã, que informava à população da vila o quanto era urgente que me entregassem, imediatamente.

O velho senhor me disse isso, mas dava para ver que eu não estava na menor condição de viajar e que simplificaria a questão se um membro de sua tribo pashtun fizesse a jornada, a pé, até a maior base americana, em Asadabad, e os informasse quanto ao meu paradeiro. Naquele momento, eu não fazia a menor ideia de que ele próprio estava se preparando para fazer a jornada de cinquenta a sessenta quilômetros, sozinho, pelas montanhas.

Ele me pediu que escrevesse uma carta para que a levasse a Asadabad. Escrevi: *Este homem me deu abrigo e comida e precisa ser ajudado a todo custo*. Naquele momento, eu tinha a impressão de que faríamos a jornada juntos,

possivelmente com um acompanhante e alguns caras que ajudassem a me carregar. A hora da partida foi marcada para 19 h 30, logo após a prece noturna.

Mas eu entendera mal. O velhinho não tinha intenção de viajar comigo, ponderando, corretamente, que eu seria um incômodo muito maior na trilha sobre as montanhas do que se ficasse ali deitado. Além disso, o Talibã descobriria que nós partíramos e ficaríamos altamente suscetíveis a uma emboscada. Eu nunca mais o vi, para agradecer-lhe por sua gentileza.

Esperei a tarde inteira e metade da noite, para que ele viesse e mandasse me levar. Mas, é claro, ele não veio. Não pela primeira vez, lembro de ter ficado profundamente decepcionado, por não haver planos mais definidos para a minha partida.

A certa altura, durante a noite, os líderes tribais vieram e tiveram uma reunião em meu quarto. Apenas se sentaram no chão e conversaram, mas me trouxeram novamente aquela pequena xícara de prata que eu usara, na primeira casa. E serviram várias xícaras daquele chá *chai* que eles bebem e parece não ser muito plantado ali no alto. A cerimônia incluía doces, que você pode comer enquanto toma o chá. E aquilo tinha um sabor ótimo, depois de minha dieta forçada com aquele pão achatado e muito, muito assado.

Gulab ficou comigo e estava mais alegre que nunca, mas ele também não podia responder às perguntas sobre seu pai ou seus planos imediatos. Acho que os líderes tribais pensavam ser melhor que eu não soubesse – informações secretas, ao estilo pashtun. O trabalho do ancião era de fornecer somente a informação necessária. Eu já estava me acostumando a ficar de fora. Quero dizer, da porcaria do círculo fechado de todos, isso sim.

Gulab passou boa parte da noite tentando me explicar os meandros complexos que unem as tribos pashtun e a al-Qaeda, ainda trabalhando em conjunto com o exército talibã. Os Estados Unidos estavam muito empenhados em tentar tirar todos eles do Afeganistão, há quatro anos, com um sucesso apenas limitado.

Os partidários do *jihad* parecem ter algum tipo de controle das lealdades tribais, usando uma série de táticas ao estilo mafioso. Às vezes, presentes, às vezes, dinheiro, às vezes, prometendo proteção, às vezes, com ameaças diretas. No entanto, a verdade era que nem a al-Qaeda nem o Talibã podiam funcionar sem a cooperação das vilas pashtuns. E, frequentemente, no âmago das comunidades, há antigos laços de família e jovens que simpatizam com a mentalidade de guerra dos chefes do Talibã e da al-Qaeda. Garotos que mal saíram do ensino fundamental – brincadeira, eles não têm escolas de ensino

fundamental lá em cima – são atraídos pelo romantismo dos cortadores de gargantas que declararam que lutarão contra o exército americano até que não sobre ninguém.

Acho que existe algo muito fascinante nisso, para alguns garotos. Potenciais recrutas talibãs são vistos em qualquer vila. Vi dúzias deles, jovens demais para trazerem tanto ódio e assassínio nos olhos e corações. Cristo, um daqueles pequenos bastardos havia sentado em minha cama, instigando oito homens armados a me torturarem. Legal. Ele não devia ter mais do que dezessete anos.

Mas há outro lado nisso. Era óbvio que Sabray era governada sabiamente, pelo pai de Gulab. E havia um senso de lei e ordem e disciplina naquela terra essencialmente sem lei. A al-Qaeda é proprietária efetiva de grandes extensões de terra na província de Kunar, que fora meu lar durante a maior parte daqueles três meses. E isso ocorre mais por conta do terreno.

Quero dizer, de que maneira se impõe um governo nacional em um lugar como esse? Sem estradas, eletricidade ou serviço postal, o mínimo de comunicação, onde a indústria principal é o leite de cabras e o ópio, a principal empresa de água é o córrego da montanha e boa parte das cargas é transportada por carroças de mulas, incluindo o ópio. Nem se iluda, nunca vai acontecer.

A al-Qaeda circula em plena luz do dia, na maior parte do tempo fazendo o que bem entende, até surgirmos e enxotarmos os merdinhas para a fronteira do Paquistão. Onde eles ficam uns dez minutos, até lançarem sua incursão seguinte rumo a essas montanhas, regidas por seus ancestrais há séculos.

Hoje em dia há menos presentes e mais medo. O Talibã tem um perfil cruel, cujos instintos quanto a matar seus inimigos pouco se modificaram nos últimos dois mil anos. A essa altura, eles já deveriam ter ameaçado muito meu amigo Gulab e seu pai, mas, pelo que vejo, não tiveram êxito. Simplesmente existe algo inflexível quanto a eles, uma determinação austera de seguir leis milenares dos pashtuns – leis que ainda provam ser fortes demais até mesmo para o Talibã e a al-Qaeda.

Mas, de minha perspectiva, naquela salinha enfumaçada de uma das casas do alto de Sabray, conversando com o policial da vila, não é bem assim que corre a maré. E, até que os Estados Unidos decidam manejar algum tipo de apoio, ali no alto, ao governo eleito pelo povo, em Cabul, não vejo nenhuma mudança significativa tão cedo. O inimigo está preparado para ir até onde for preciso para obter a vitória, aterrorizando seu próprio povo e, se necessário, recorrendo a práticas bárbaras contra seus inimigos, incluindo a decapitação e mutilação das pessoas.

Não temos permissão para lutar com eles nesses termos. Nem gostaríamos. No entanto, podemos lutar de uma forma bem mais impiedosa, se pararmos de nos preocupar em fazer que todos nos amem. Se fizéssemos isso, provavelmente teríamos ganhado, em aproximadamente uma semana, tanto no Afeganistão, quanto no Iraque.

Mas não somos autorizados a fazer isso. E acho que é melhor que nos acostumemos às consequências, permitindo que os liberais americanos esperneiem até a nossa derrota final. Acredito que seja esse o nome a ser dado, quando você tem que arrumar as malas e ir para casa, quando uma guerra lutada sob seus próprios termos "civilizados" é invencível.

Somos mais valentes, mais bem treinados, mais organizados, mais bem armados, com acesso a um armamento que não pode ser combatido. As forças armadas americanas representam a maior força de guerra que o mundo já viu, e estamos sempre apanhando de um monte de ladrões assassinos ilegais que precisam ser exterminados.

Olhe para mim, nesse momento, em minha história. Impotente, torturado, alvejado, explodido, com meus melhores amigos todos mortos, e tudo porque tememos os liberais em nosso país, receando fazer o que era preciso para salvar nossas vidas. Com medo dos advogados civis americanos. Eu só tenho um conselho: se você não quer entrar numa guerra onde as coisas dão errado, onde as pessoas erradas às vezes são mortas, onde gente inocente às vezes tem que morrer, então fique fora dela, para começar.

Porque isso é o que acontece. Em todas as guerras, ao longo de todos os anos da história. Injustiças terríveis, a morte de pessoas que não mereciam morrer. A guerra é isso. E, se você não pode lidar com isso, não a faça.

Enquanto isso, eu estava ali, empacado na casa, esperando que o ancião aparecesse, quando ele já estava a quilômetros de distância, andando pelas montanhas, percorrendo quase sessenta quilômetros rumo a Asadabad. Uma vez, fui até o lado de fora, quando ninguém estava olhando, e tentei encontrá-lo. Mas ele parecia ter desaparecido. Nem naquele momento eu podia sonhar que o próprio homenzinho havia seguido, a pé, para Asadabad.

Não dava realmente para saber, mas eu sentia que algo estava deixando os caras nervosos. E por volta de dez ou onze horas, naquela noite, nós nos deslocamos. Eles haviam acabado de me trazer água fresca e pão, o que consumi gratamente, depois fui instruído a arrumar minhas coisas e partir. A essa altura, a minha perna estava um pouquinho melhor, embora doesse, mas, com algum auxílio, eu conseguia andar.

Seguimos caminho pela escuridão, descendo até outra casa e saímos da trilha, subindo no telhado. Tínhamos um tipo de lençol e nós três deitamos juntos, para nos aquecermos. Estava muito, muito frio, mas acho que eles pressentiam algum perigo, caso continuássemos no ponto antigo. Talvez suspeitassem de alguém na vila, ou estivessem preocupados que alguém pudesse delatar meu paradeiro ao Talibã. Mas, o que quer que fosse, aqueles caras não correriam riscos. Se os atiradores do Talibã invadissem a minha antiga casa, eles não me encontrariam.

Eu estava ali em cima, naquela porcaria daquele telhado, amontoado com Gulab e seu companheiro, morrendo congelado, mas seguro. E, mais uma vez, eu me surpreendia com o silêncio, o silêncio da montanha. Não havia um único som em toda a vila de Sabray e, para um ocidental, isso é algo bem difícil de imaginar.

Gulab e seu amigo não emitiam qualquer som. Eu mal podia ouvi-los respirando. Quando fazíamos qualquer coisa, eles me diziam *shhhhh*, mesmo quando eu achava que estava sendo silencioso como um túmulo. Ali em cima é outro mundo. Tão silencioso que desafia a lógica dos ouvidos ocidentais. Talvez seja por isso que ninguém jamais conseguiu conquistar aquelas montanhas dos tribais afegãos.

Dormi e acordei ao longo da noite, ali em cima do telhado. Uma vez, eu me atrevi a mudar de posição e você acharia que liguei um alarme de incêndio, pela reação dos meus novos amigos. "*Shhhhhh, dr. Marcus… Quieto*." Aquilo simplesmente demonstrava o quanto eles estavam apreensivos, como estavam nervosos em relação aos assassinos do exército talibã.

Ao amanhecer, arrumamos as coisas e voltamos para a casa. Eu queria dormir mais um pouco, mas havia uma árvore do lado de fora da janela que dava vista para a descida da montanha e, naquela árvore, morava o galo mais barulhento do mundo inteiro. Aquele cretino poderia acordar um cemitério. E ele não estava nem aí com o amanhecer, a alvorada, e tudo mais. Ele botava pra quebrar a partir de meia-noite e não parava mais. Houve várias vezes que, se eu tivesse que jogar a moeda para escolher Sharmak ou o galo, facilmente teria poupado Sharmak.

Os chefes da tribo voltaram por volta das sete horas, para fazer as preces matinais em meu quarto. Claro que eu os acompanhei, recitando as partes que havia aprendido e, quando os adultos saíram, a porta foi escancarada e um monte de crianças entrou gritando: "Olá, dr. Marcus".

Eles nunca batiam, simplesmente entravam correndo, me agarrando, me

abraçando. E era assim ao longo do dia. Sarawa deixara seu *kit* médico em meu quarto e eu cuidava dos cortes e arranhões dos garotos, e eles me ensinavam mais coisas em sua língua. Eram ótimos. Jamais os esquecerei.

Até aquela manhã de sábado, 2 de julho, eu ainda estava sentindo muita dor; meu ombro, minhas costas e a perna estavam me matando. Gulab sabia disso e mandou um ancião da vila ir me ver. Ele chegou com um saco plástico cheio de fumo de ópio, que parece massa verde de pão. Deu-me o saquinho e pegou um punhado do troço, colocou em meu lábio e esperou.

Estou aqui para lhe dizer, aquilo foi um milagre. A dor lentamente desapareceu, completamente. Foi a primeira vez que eu experimentava drogas e adorei! Aquele ópio me restaurou, me libertou. Eu me senti melhor do que já me sentira desde que havia caído da montanha. Com aquelas preces muçulmanas e agora me tornando um devoto do bagulho local, eu estava entrando na vida de um camponês afegão. *Hooyah*, Gulab, certo?

O velho deixou o saco comigo e aquilo me ajudou a passar pelas horas seguintes, mais do que posso dizer. Quando você convive com muita dor, por vários dias, o alívio é maravilhoso. Pela primeira vez, entendi o poder daquela droga, que é, obviamente, a que o Talibã e a al-Qaeda usam para abastecer os homens-bomba, antes de se explodirem e levarem junto tudo que está nos arredores.

Não há nada heroico quanto aos homens-bomba. A maioria é simplesmente de garotos bobos, depois de lavagens cerebrais, totalmente doidões.

Do lado de fora da casa, pude ver os helicópteros americanos voando acima, os Black Hawk 60 e os MH-47, obviamente procurando alguma coisa. Esperançosamente, por mim. Pelo que o Talibã dissera, eu sabia que um dos helicópteros havia sido abatido, mas, obviamente, não sabia quem estava a bordo, nem que oito dos meus companheiros do Pelotão Alfa estavam mortos, incluindo Shane Patton, James Suh e o chefe Healy.

Também não sabia que os corpos de Mikey, Danny e Axe não haviam sido encontrados, e que os helicópteros estavam circulando a área, tentando encontrar qualquer vestígio dos quatro que haviam sido mandados, originalmente, para a malfadada Operação Redwing. A tripulação não sabia se algum de nós estaria vivo ou morto. E, lá nos EUA, a mídia oscilava entre mortos e desaparecidos, dependendo do que gerasse a melhor história do dia, eu acho. Isso não ajudava muito no leste do Texas, posso dizer.

De qualquer forma, quando vi aqueles helicópteros, saí correndo para o lado de fora. Tirei a camisa e a sacudi acima de minha cabeça: "*Aqui estou,*

pessoal! Estou bem aqui. Sou eu, Marcus! Bem aqui, pessoal!”.

Mas eles simplesmente se afastaram, me deixando como um abandonado, do lado de fora da casa, tentando colocar a camisa e novamente imaginando se alguém algum dia viria me resgatar.

Durante todo o tempo, eu compreendia o dilema para os militares americanos. Quatro SEALs, lutando por suas vidas, haviam feito a última comunicação de que estavam morrendo lá em cima. Desde então, não houvera mais sinal, nem qualquer sinal de nós quatro.

Sob a ótica militar, havia várias possibilidades, sendo que a primeira era de que todos estivéssemos mortos. A segunda era de que ainda estivéssemos vivos. A terceira era de que fôssemos sobreviventes, ou que houvesse ao menos um sobrevivente, que estaria em algum lugar, possivelmente ferido, nesse território íngreme, onde quase não há possibilidade de fazer um pouso seguro de qualquer aeronave.

Acho que a última possibilidade seria de que havíamos sido feitos prisioneiros e que em breve surgiria algum bilhete de pedido de resgate, exigindo uma enorme quantia a ser paga, em espécie, ou uma transmissão pela televisão, mostrando-nos como prisioneiros e depois sendo executados.

A última opção era improvável quando se tratava de SEALs. Habitualmente, não somos capturados. Ou matamos nosso inimigo ou ele nos mata. SEALs não erguem as mãos, nem acenam bandeiras brancas. Ponto final. O posto de comando em Asadabad, ou Bagram, sabia disso.

Eles não estariam esperando um comunicado de algum talibã dizendo que SEALs haviam sido capturados. Há um antigo mote SEAL que diz: Nunca presuma que um homem-rã está morto, a menos que encontre seu corpo. Todos sabem disso.

Excluindo a possibilidade de todos estarem mortos, o cenário mais provável era que um ou mais Redwing estivesse ferido, sem comunicação e incapaz de estabelecer contato. O problema era a localização. Onde estaria? Como poderia ser encontrado?

Basicamente, o Talibã não estava dizendo nada; portanto, eles não tinham prisioneiros. Da mesma forma, os SEALs desaparecidos não diziam nada. Mortos? Provavelmente. Feridos em combate e ainda se mantendo nas montanhas, sem contato? À medida que os dias iam passando, isso se tornava o menos provável.

A essa altura, Gulab me disse que seu pai partira a pé para Asadabad, sozinho. Todas as minhas esperanças estavam depositadas nos passos suaves

daquele homem pequenino, porém tão poderoso.

11
RELATOS MUITO EXAGERADOS DE MINHA MORTE

Ele literalmente me puxou até que eu ficasse de pé… depois… Ele estava correndo e tentando me fazer acompanhá-lo, gritando, sinalizando, repetidamente: *Talibã! O Talibã está aqui! Na vila! Corra, dr. Marcus, pelo amor de Deus, corra!*

Gulab agora se tornara a figura principal de minha vida. Era ele quem dava as coordenadas de segurança, se certificando de que eu tivesse comida e água e, em minha mente, era o elo entre nós e seu pai, o ancião que avançava lentamente por entre as montanhas, rumo a Asadabad.

O policial afegão não demonstrava qualquer sinal de estresse, mas me revelou que uma carta fora recebida mais cedo, do comandante das forças talibãs. Era uma exigência por escrito para que os camponeses de Sabray entregassem o americano, imediatamente.

A exigência vinha do oficial do exército talibã do nordeste, o "comodoro Abdul", braço direito de Sharmak, e um sujeito que, basicamente, via a si mesmo como um tipo de Che Guevara do Oriente. Sua reputação aparentemente crescia, como um líder em emboscadas e oficial especialista em trazer novos recrutas através das passagens.

Eu nunca soube, mas não me surpreenderia em saber que ele tivesse estado na linha de frente do exército que confrontara a equipe no cume, embora não houvesse dúvidas de que a estratégia havia sido planejada pelo homem mais importante, Sharmak, que já fizera muito estrago.

No entanto, eles não perturbaram Gulab. Ele e o pai tinham respondido que não fazia diferença o quanto o Talibã queria o americano, não iam tê-lo. Quando Gulab me contou, fez um gesto muito corajoso e determinado. E passou um tempo tentando me convencer de sua posição pessoal: *Eles não podem me amedrontar. Minha vila está bem armada e temos nossas próprias leis e direitos. O Talibã precisa de nosso apoio muito mais do que precisamos do dele*.

Ele era um homem nobre e confiante, ao menos na superfície. Mas percebi que ele não deixava nada ao acaso diante da possibilidade da chegada do Talibã. Acho que foi por isso que acabamos dormindo no telhado.

Também não tinha o menor interesse em recompensa. Ofereci meu relógio, em retribuição por sua imensa decência para comigo. Implorei-lhe que aceitasse meu relógio, pois era tudo que eu tinha a oferecer. Mas ele sempre se recusou a aceitá-lo. Quanto a dinheiro, de que valeria? Não havia nada em que gastar. Não havia lojas e a cidade mais próxima ficava a quilômetros e quilômetros de distância, uma jornada que tinha de ser feita a pé.

Alguns garotos mais irônicos pediram dinheiro, adolescentes de talvez dezesseis ou dezessete anos. Mas eles estavam planejando ingressar no Talibã e deixar Sabray, para lutar pela "liberdade". Gulab me disse que não tinha qualquer intenção de partir. E eu compreendia aquilo. Ele era parte da formação da vila. Um dia seria o mais velho da vila. Sua família ia crescer ali. Era tudo que ele conhecia, tudo que sempre quisera. Esse lindo canto do Hindu Kush era o lugar ao qual ele pertencia. De que serviria dinheiro para Muhammad Gulab, de Sabray?

Os últimos garotos deixaram o meu quarto e eu estava ali deitado, contemplando o mundo, quando um chute na porta quase a arrancou das dobradiças. Ninguém chuta uma porta daquela forma, exceto algum membro do Talibã num ataque. Foi tudo que pude imaginar. Mas, por ali, onde as portas não se encaixam, uma boa batida com a sandália é a única forma de fazer a filha-da-puta abrir, em vez de machucar o ombro.

Mas o choque súbito de uma porta sendo chutada a um metro e meio de sua cabeça é uma experiência enervante. E até hoje sou neurótico por causa disso. Porque o som da batida na porta foi o que ouvi antes de ser torturado. Isso às vezes domina meus sonhos. Acordo suando, com uma tremenda batida ecoando em minha mente. E, independentemente de onde eu esteja, preciso olhar a fechadura da porta antes de voltar a dormir. Há vezes em que isso se torna muito inconveniente.

De qualquer forma, não era o Talibã. Era apenas o meu pessoal abrindo a porta, que devia ter sido fechada com muita força pelos garotos. Meu coração pegou no tranco e meu quarto permaneceu quieto até o meio da manhã, quando a porta foi aberta com uma batida violenta *bum!* que sacudiu a porcaria da montanha, imagine o quarto. E, mais uma vez, eu quase pulei para fora da minha roupa afegã. E dessa vez eles estavam gritando comigo. Eu não conseguia entender o que era, mas algo acontecera, as coisas estavam agitadas. Jesus

Cristo! Eu precisava acalmar o grupo. Havia adultos e crianças, todos misturados, e eles gritavam a mesma coisa: *"Paraquedas! Paraquedas! Paraquedas! Dr. Marcus, venha, rápido!"*.

Fui até lá fora, o tempo todo com dor, olhando para o céu. Resolvi tomar outra dose daquele ópio assim que voltasse, mas, por agora, todos os olhos estavam voltados para o alto, direto no céu azul-claro, sem nuvens. O que poderíamos ver? O que tivesse caído, estava no chão e fiquei ali tentando fazer com que eles entendessem que eu precisava saber se houvera um homem na ponta daquele paraquedas e, se positivo, quantos paraquedas eram. Será que essa seria uma zona para que meus companheiros aterrissassem para vir me buscar?

O desfecho disso também deu em nada. Os tribais simplesmente não conseguiam me entender. Pude detectar que foram as crianças a avistarem o paraquedas, ou os paraquedas, e elas estavam simplesmente perplexas. Todas as horas de estudo que fizéramos juntos não resultaram em nada.

Houve uma súbita conferência e a maioria dos adultos levantou e saiu. Voltei para dentro. Eles voltaram, uns quinze minutos depois, e trouxeram todo o meu equipamento, que fora escondido dos olhos do Talibã. Devolveram-me o rifle e a munição, meu colete com a pochete, meu rádio PRC-148, cujo fone de ouvido eu perdera. Ele ainda tinha uma pilha fraca e podia operar na sinalização de emergência.

Eu tinha consciência de que, se pegasse o touro pelos chifres e fosse lá para fora com esse equipamento de comunicação, voltaria a ser um sinal vivo que os americanos poderiam captar, ao passar de helicóptero. Por outro lado, o Talibã, escondido nas colinas, dificilmente deixaria de me detectar. Achei isso um ligeiro dilema.

Mas os caras do rearmamento de Sabray também me trouxeram o meu laser e a câmera descartável. Peguei meu rifle e o segurei como se acaricia uma amante depois do regresso. Essa era a arma que Deus me concedera. E, pelo que eu podia ver, ainda queria que eu tivesse. Percorrêramos, juntos, um longo caminho, e eu provavelmente merecia algum tipo de prêmio por alpinismo, talvez o Grand Prix Hindu Kush, concedido ao Guia Expedicionário Marcus. Desculpe, esqueça isso tudo. Quero dizer o Grand Prix do Tombo, concedido ao Guia Expedicionário Marcus, o Cambaleante.

Lá fora, vesti meu colete, travei e carreguei o rifle e me preparei para qualquer coisa que pudesse estar à nossa espera. Mas, ao receber o colete de volta, eu ainda tinha algo a fazer com os garotos. Ali dentro estava meu caderno e tínhamos a caneta esferográfica da vila.

Voltei com eles para casa e cuidadosamente desenhei dois paraquedas numa folha. No primeiro, desenhei um homem pendurado. No segundo, desenhei uma caixa. Mostrei os dois desenhos às crianças e perguntei: Qual deles? E uns vinte dedinhos apontaram para o paraquedas com a caixa.

Lindo. Eu tinha auxílio da inteligência. Algum tipo de suprimento havia sido despejado. E como os tribais locais não usam aeronaves nem paraquedas, esses suprimentos tinham de ser americanos. Eles também só podiam ter como alvo os remanescentes de minha equipe. Todos os outros estavam mortos. Eu era o remanescente.

Perguntei aos garotos exatamente em que local os paraquedas haviam deixado cair a caixa e eles simplesmente apontaram a montanha. Depois saíram correndo para lá, acho que para tentar me mostrar. Fiquei em pé, do lado de fora, vendo-os correr, ainda meio confuso. Será que meus companheiros teriam me encontrado, de alguma forma? Teria o ancião chegado a Asadabad? De qualquer modo, era uma coincidência e tanto que os americanos tivessem despejado suprimentos a apenas algumas centenas de metros de onde eu estava escondido. As montanhas eram infinitas e eu podia estar em qualquer lugar.

Voltei para dentro da casa para descansar minha perna e conversar um pouco com Gulab. Ele não vira o lançamento do paraquedas e não fazia ideia da distância já percorrida por seu pai. Em minha cabeça, eu sabia o que todo soldado na ativa sabe, que o exército de Napoleão avançava 1,5 km, rumo a Moscou, a cada quinze minutos. São 6 km por hora, certo? Dessa forma, o ancião da vila devia ter chegado lá em onze horas.

Exceto por dois fatores: (1) ele tinha uns duzentos anos e (2) pelo que eu podia ver, a montanha que ele estava atravessando era um morro ligeiramente mais íngreme do que o Monumento de Washington. Se o velhinho da vila conseguisse chegar para o ramadã de 2008, eu já teria sorte.

Uma hora depois, novamente *bum!* Aquela maldita porta abriu como uma bomba. Até Gulab deu um pulo. Mas não tão alto quanto eu. E lá vieram as crianças, acompanhadas por um grupo de adultos. Elas carregavam um documento branco que parecia uma bola de neve numa mina de carvão, só que ali a palavra lixo simplesmente não existe.

Eu o peguei e percebi que era um panfleto de instruções para um telefone celular. *“Onde diabos vocês pegaram isso?”*, eu lhes perguntei.

“Bem ali, dr. Marcus. Bem ali fora.” Todos estavam apontando para a encosta da montanha e eu não tive dificuldade em entender a tradução.

“Paraquedas?”, perguntei.

“Sim, dr. Marcus. Sim. Paraquedas.”

Eu os mandei lá para fora novamente, tentando deixar claro que eu precisava que eles procurassem na encosta, por algo parecido com aquilo, qualquer coisa que pudesse ter caído do paraquedas.

Meu pessoal não despeja panfletos de telefones celulares, mas podia estar tentando me lançar um celular e o panfleto veio junto. De qualquer forma, eu não poderia encontrá-lo por minha conta, então, tive que pedir a eles que o fizessem por mim. Gulab ficou, mas os outros foram com os garotos, como uma multidão de fãs de golfe atrás da bola de Tiger Wood.

Gulab e eu nos acomodamos. Tomamos uma xícara de chá com um pouco daqueles doces deliciosos, depois nos espalhamos nas almofadas. Subitamente, *bum!* A porta quase caiu. Derramei chá no tapete e lá vinham todos, novamente.

Dessa vez, haviam encontrado uma pilha de rádio 55-90 e uma refeição (instantânea). Os caras deviam pensar que eu estava faminto. Correto. Mas a pilha não servia no meu rádio PRC-148, o que foi uma droga, pois, se servisse, eu poderia ter enviado um sinal direto ao céu, acima da vila. Do jeito que as coisas estavam, eu não tinha certeza se o fraco sinal do meu rádio chegaria muito além dos telhados.

Eu não precisava mais interrogar as crianças. Se houvesse mais alguma coisa na montanha, eles teriam achado. Obviamente não havia. O que tivesse sido lançado, o Talibã teria pegado antes deles. A única boa notícia era que havia telefone, ou telefones celulares, e eles provavelmente tentariam usá-los. E todo o sistema de vigilância americano da província de Kunar estaria ouvindo, pronto para localizar a chamada.

Mas depois notei algo que fez meu sangue ferver. Quase todos os garotos estavam machucados. Eles tinham hematomas nos rostos, lábios cortados e narizes sangrando. Aqueles cretinos haviam batido em meus garotos, socaram seus rostos, para fazer com que parassem de pegar as coisas que haviam caído. Não há limites para essa gente, até onde vão para ganhar essa guerra.

E nunca vou esquecer o que fizeram aos garotos de Sabray. Passei o resto do dia fazendo curativos, todos aqueles garotinhos corajosos, tentando não chorar. Quase acabei com todo o suprimento da caixa de medicamentos de Sarawa. Sempre que ouço a palavra *talibã*, penso primeiro naquele dia.

Sob uma ótica mais estratégica, realmente parecia que os militares americanos achavam que havia ao menos um SEAL vivo ali. A questão era: e agora? Ninguém queria arriscar mandar outro helicóptero MH-47, já que o Talibã parecia ter se tornado bem hábil em derrubá-los. Só para constar, eles

tinham muita prática, desde a época em que usavam aqueles antigos mísseis Stinger para derrubar os russos do céu.

E todos sabíamos que o ponto de perigo era a aterrissagem, quando a rampa estava abaixada, pronta para uma inserção. Era nessa hora que os homens das montanhas miravam seus RPGs direto na traseira, para explodirem dentro da área do tanque de combustível. E acho que os tripulantes americanos nunca podiam ter certeza quanto a qualquer vila afegã, quem podia estar ali, que tipo de armamentos poderiam ter, e o quanto eram hábeis ao usá-los.

Eu sabia que precisariam de um grupo aéreo muito bom para primeiro sentir o terreno, depois entrar para me pegar. Estava desesperado para lhes dar algum tipo de guia. Liguei o sinalizador do meu rádio para transmitir pela janela aberta. Não fazia ideia de quanto tempo ainda havia de funcionamento da pilha, então, apenas liguei, apontei para o alto e deixei ali no parapeito da janela, torcendo para ter minha localização captada por qualquer voo da força aérea ou pelos Night Stalkers.

Para minha surpresa, a reação americana aconteceu muito mais rápido do que eu esperava. Naquela tarde. A força aérea americana entrou detonando, despejando bombas de meia tonelada na encosta da montanha, abaixo da vila, exatamente onde o Talibã pegara as coisas deixadas pelo paraquedas.

As explosões foram incríveis. Em minha casa, bem, achei que toda a edificação estivesse caindo. Pedras e pó choviam dentro do quarto. Uma das paredes amparou uma grande falha na estrutura, conforme explosões repetidas sacudiam a montanha do topo à base. Lá fora, as pessoas gritavam e as bombas batiam e explodiam; telhados de palha voavam; havia uma tempestade de poeira. Mães e crianças corriam em busca de abrigo, os tribais estavam completamente perdidos. Todos já tinham ouvido falar do poder de fogo americano, mas jamais haviam visto dessa forma.

Na verdade, nenhuma das bombas, acho que por estratégia, atingiu Sabray. Mas passaram perto. Muito perto. Todas ao redor do perímetro. Aquilo devia ter servido como uma grande lição. Uma lição bem simples. Se você permitir que o Talibã e a al-Qaeda montem acampamento dentro ou ao redor de sua vila, isso não vai ser bom.

No entanto, isso não foi muito consolo para o povo da vila, que tentava arrumar a bagunça, refazer as paredes e telhados, acalmar as crianças assustadas, cuja maioria tivera um dia muito ruim. Tudo por minha causa. Olhei o lado de fora, para a devastação ao meu redor, e senti uma profunda tristeza. E Gulab entendeu o que eu estava sentindo. Ele veio até mim e passou o braço à minha

volta e disse: “Ah, dr. Marcus, Talibã muito mau. Nós sabemos. Nós lutamos”.

Jesus. Era tudo de que eu precisava. Uma batalha novinha em folha. Nós dois entramos na casa e sentamos um pouco, tentando traçar um plano para mim, que causasse a menor quantidade possível de problemas aos camponeses de Sabray.

Parecia evidente que minha presença ali estava causando um comportamento cada vez mais ameaçador por parte do Talibã, e a última coisa que eu queria era causar dor e infelicidade àquela gente que me abrigara. Mas agora as minhas opções eram escassas, apesar de parecer que os americanos estavam vindo em meu rastro. Um dos principais problemas era que o pai de Gulab não fizera contato conosco, pois não havia meio. E não tínhamos como saber se ele conseguira chegar à base militar.

O Talibã provavelmente não estava muito empolgado com o bombardeio disparado pelas forças armadas americanas e talvez tivesse muitas baixas ali nas montanhas. Eu e Gulab achamos que a palavra *vingança* poderia não estar longe dos lábios dos odiosos muçulmanos fanáticos e eu poderia ser o alvo mais conveniente.

Isso representava um grande problema e provavelmente a perda de vida das pessoas de Sabray. O próprio Gulab estava sob pressão, já que recebera a ameaça do Talibã. Ele tinha esposa, filhos e muitos parentes em quem pensar. No fim, a decisão foi tomada por si só. Era óbvio que eu precisava partir, apenas para evitar que a vila se transformasse num campo de batalha. O *lokhay* funcionara bem, mas nós dois nos perguntávamos se o folclore da tribo seria mantido indefinidamente, diante do Talibã incomodado e de combatentes feridos da al-Qaeda.

O bombardeio americano na encosta da montanha reavivara minhas esperanças e expectativas. Afinal, aqui estavam meus caras, arrebentando esses tribais milenares, pegando pesado com artilharia de alta tecnologia. Isso tem que ser bom, certo?

Mas nem tudo é bom. A retaliação contra mim e meus protetores era o imperativo em minha mente. Acho que foi o barão mão de ferro do petróleo John Paul Gettty que uma vez observou que, para cada sinal positivo existente no mundo, há, em algum lugar, um sinal negativo. Ele estava certo.

A pergunta era: para onde eu deveria ir? E, ali, minhas opções eram muito limitadas. Eu jamais conseguiria concluir a longa caminhada até a base de Asadabad e, de qualquer forma, isso parecia insano, já que o ancião da vila estaria lá, ou quase chegando. E o único local de refúgio próximo era o posto

americano de Monagee, a pouco mais de 3 km de distância, passando pela montanha íngreme.

Eu não morria de amores pelo plano, nem os caras que precisariam me ajudar nessa jornada. Mas até agora, pelo que eu e Gulab víamos, não havia mais nada que pudéssemos fazer, exceto nos prepararmos para um ataque do Talibã, e eu realmente não queria fazer ninguém passar por isso. Principalmente as crianças.

Dessa forma, resolvemos que eu deveria caminhar com ele e outros dois, subindo a montanha, até a vila de Monagee, que parece um nome irlandês, mas é estritamente pashtun e presta colaboração aos militares americanos. O plano era esperar o tempo suficiente depois de escurecer e então sair, sorrateiramente, subindo as pastagens por volta de 23 h, passando ocultos, por debaixo dos narizes dos vigias talibãs, que provavelmente estariam dormindo.

Eu só torcia para que minha perna aguentasse a jornada. Havia perdido muito peso, mas ainda era um cara grande para ser meio carregado por dois tribais afegãos magrinhos, cuja maioria não passava de 1,70 m, com cerca de 55 kg colados aos ossos. Mas Gulab não parecia muito preocupado, e nós nos acomodamos para esperar as longas horas de escuridão, até as onze, quando partiríamos.

A noite caiu bruscamente, como ocorre ali nos picos, depois que o sol se esconde por trás deles. Não acendemos nenhum lampião, para não dar pistas ao Talibã. Apenas ficamos ali sentados, no escuro, bebericando chá e esperando o momento oportuno para partir.

Subitamente, do nada, começou uma tempestade colossal. A chuva caía com força, uma chuva abundante que se deslocava de lado sobre a montanha. Era uma chuva que raramente se vê, daquele tipo que geralmente caracteriza os tufões e fica sendo reprisada no canal da meteorologia.

Ela desceu com tudo sobre a vila de Sabray. Todas as janelas e portas foram batidas, bem fechadas, pois essa era uma chuva das monções, e se aproximava, vindo direto do sudoeste. Ninguém colocava o pé para fora de casa, pois aquele vento e a chuva levariam qualquer um, varrendo-o de cima da montanha.

Lá fora, os arbustos grandes e a água desciam em cascata pela trilha principal da vila. O som dava a impressão de que estávamos no meio de um rio, a água escorrendo com força diante da porta. É claro que uma área como essa não tem como ser inundada, não ali em cima, por causa do declive tão íngreme que não retém a água. Mas molha tudo.

Tínhamos um telhado seguro, de barro e pedras, mas fiquei imaginando se

algumas casas abaixo estariam firmes. Tudo ali era comunitário, incluindo a cozinha, portanto, acho que todos estavam simplesmente juntos, nas casas não danificadas, fora da chuva.

Acima de nós, os cumes das montanhas eram acesos por raios bifurcados de um azul gélido, um néon elétrico no céu. Os trovões estrondavam pelo Hindu Kush. Gulab e eu nos aproximamos da parede grossa de pedra, no fundo do cômodo, porque nossa própria casa não era vedada à entrada de água. Mas a chuva não estava passando pelas fendas das pedras e do barro. Nosso canto estava seco, mas estávamos ensurdecidos e deslumbrados pela atrocidade da natureza rugindo do lado de fora.

Esse nível de tempestade pode ser enervante, mas, quando dura tanto tempo quanto essa, você se acostuma à sua fúria. Toda vez que eu olhava pela janela, os relâmpagos reluziam e estouravam acima dos picos. Mas, de vez em quando, eles iluminavam o céu atrás da cadeia de montanhas e aquilo parecia a visão mais assustadora que já se viu, como se a bruxa malvada do Kush estivesse prestes a sair voando pelo céu em sua vassoura.

Ver as trovoadas de frente, nuas e violentas, era uma coisa. Mas raios ocultos da visão, transformando o céu num azul estranho e eletrizado, faziam a paisagem não parecer desta terra, com cumes negros diante do universo. Era uma visão proibida para um guerreiro ferido, mais habituado às grandes planícies do Texas.

Mas fui me acostumando lentamente e finalmente peguei no sono, esticado no chão. Nosso horário de partida de 23 h veio e foi, e a chuva continuava a cair. Meia-noite chegou e, com ela, uma nova data no calendário, domingo, 3 de julho, que, nesse ano, seria o ponto central do fim de semana de 4 de julho, hora de comemoração por todos os Estados Unidos, ou ao menos em grande parte, exceto naqueles lares pesarosos pelas perdas dos membros das forças especiais.

Enquanto eu estava sentado, esperando a chuva passar, o astral em minha casa, no sítio, segundo minha mãe, era muito depressivo. Eu já estava desaparecido há cinco dias. A multidão no quintal da frente já somava mais de trezentas pessoas. Eles não iam embora, mas começavam a ficar muito sérios.

Ainda havia um cordão de isolamento da polícia ao redor da propriedade. Os xerifes locais se juntaram a juízes e à polícia estadual, que provia acompanhamento especial à frente e atrás dos SEALs, durante suas duas corridas diárias de treinamento.

Participando das preces diárias havia bombeiros, trabalhadores da

construção, fazendeiros, donos de livrarias, engenheiros, mecânicos, professores, dois capitães de barcos de pesca. Havia vendedores, agentes funerários, advogados de Houston e locais. Todos eles lutando contra a minha possível morte, da melhor forma que sabiam.

Minha mãe diz que o lugar todo ficava aceso a noite inteira, pelas luzes dos carros. Alguém trouxera até cabines montáveis e, para as pessoas, não parecia haver sentido em ir a lugar algum. Não até que soubessem se eu ainda estava vivo. Segundo minha mãe, elas estavam separadas em grupos, um fazendo preces a cada hora, outros cantando hinos, outros bebendo cerveja. As senhoras locais, que conheciam Morgan e eu a vida toda, não conseguiam conter as lágrimas. Todas elas só estavam ali por um motivo, consolar meus pais se o pior fosse anunciado.

Não sei muito de outros estados, pois minha experiência na Califórnia foi estritamente no complexo do SPECWARCOM. Mas, em minha opinião, aquela vigília de quase uma semana, ocorrida daquela forma tão improvisada pelo povo do Texas, diz muito sobre essa gente, sua compaixão, generosidade e seu amor pelos vizinhos acometidos pela tristeza.

Meus pais não conheciam todos, mas ninguém esquece do motivo de sua visita. Eles só queriam ajudar da forma que pudessem, só queriam estar ali, pois um dos seus havia sido perdido num campo de batalha distante.

E, à medida que o fim de semana avançava, não havia listras e estrelas tremulando. Acho que eles não tinham certeza se deveriam hastear a bandeira a meio mastro. Meu pai diz que era claro que as pessoas estavam começando a ficar desanimadas – a regularidade do sinal telefônico de Coronado: “Nenhuma novidade”. A perversidade da mídia ao anunciar coisas do tipo: “A esperança pelos SEALs desaparecidos está se esvaindo… parece que os primeiros relatos sobre a morte dos quatro será provada… A família do Texas está em pesar pela perda… A Marinha ainda se recusa a confirmar as mortes dos SEALs…”.

Não dá pra entender. Como militares, se não sabemos algo, dizemos que não sabemos e ficamos de boca calada até sabermos. Alguns charlatões altamente bem pagos da mídia acham absolutamente normal arriscar um palpite da verdade e dizem a alguns milhões de pessoas que um fato está sacramentado, sem ter certeza.

Bem, espero que estejam orgulhosos de si mesmos, porque quase partiram o coração da minha mãe e, se não fosse pela autoridade do tenente oficial sênior Chris Gothro, acho que ela poderia ter tido um colapso nervoso.

Naquela manhã, ele a encontrou na casa, chorando recolhida, e exatamente

naquele momento o chefe Gothro interviu. Ele a levantou e ordenou que ela o olhasse nos olhos. “Ouça, Holly”, disse ele. “Marcus está desaparecido em combate. Só isso. Desaparecido quer dizer o que a palavra diz. Significa que não podemos localizá-lo neste momento. Não significa que ele esteja morto. E ele não estará morto até que eu lhe diga que está, entendeu?”.

“Não temos um corpo. Mas temos uma ação se deslocando em terra. Neste instante não podemos dizer de quem se trata, ou quantos são. Mas ninguém, eu repito, ninguém no SPECWARCOM acredita que ele esteja morto. Eu quero que você entenda isso, claramente.”

As palavras severas de um profissional devem ter feito cair a ficha. Depois disso, minha mãe se refez, confortada por Morgan, que ainda alegava que ele estava em contato comigo e, independentemente do que estivesse acontecendo, eu não estava morto.

A essa altura, eram trinta e cinco SEALs na propriedade, incluindo o comandante Jeff Bender, o relações-públicas do almirante Maguire e um incentivo fantástico para todos. Trey Vaughn, capelão naval SEAL, foi o pilar espiritual de força. Todos queriam falar com ele, que lidou com tudo com otimismo e esperança. Quando o astral começava a ficar mórbido e havia gente demais em prantos, ele pedia que agissem de forma positiva. “Parem de chorar agora mesmo… precisamos de vocês… precisamos de suas preces… e Marcus precisa de suas preces. Porém, acima de tudo, precisamos de sua energia. Nada de desistir, ouviram?” Ninguém jamais esquecerá o Trey Vaughn.

Também havia dois capelões navais do comando local, que surgiram do nada. O chefe Bruce Misex, chefe de recrutamento de Houston, que me conhecia há muito tempo, chegou e não foi mais embora. Conforme os dias passavam, carregamentos de frutos do mar começaram a chegar dos portos do golfo, para o sul: camarão fresco, lampreias e outros peixes brancos. Uma senhora levava uma quantidade imensa de *sushi*, diariamente. E as famílias que haviam passado gerações no Sul mantinham a forte tradição de trazer travessas cobertas, com frango e bolinhos, para um funeral.

Meu pai achou que era um pouco prematuro, mas havia muita gente para alimentar e ele assumiu o controle da comida. Todos estavam gratos por tudo. Ele disse que era estranho, mas não havia qualquer comentário de ninguém quanto a ir para casa. Eles apenas ficariam ali, para o que desse e viesse.

Enquanto isso, de volta à porcaria da tempestade, mais de 13 kg mais magro do que quando partira para essa missão, eu estava dormindo como uma

criança. Gulab disse que às três horas já chovia há quase seis, sem diminuir. Eu estava fora do mundo. Pela primeira vez, em uma semana, dormia profundamente, alheio ao clima, alheio ao Talibã.

Dormi a noite toda e acordei com a luz do dia, depois da chuva. Olhei meu relógio e depois para Gulab. Eu deveria estar em Monagee, pelo amor de Cristo, por que ele não havia se certificado de que isso acontecesse? Que tipo de guia era ele, me deixando dormir além da hora?

Gulab ficou vermelho. E, já que estávamos ficando muito eficientes em nossa comunicação, ele foi capaz de me dizer que sabia que era a primeira vez que eu conseguia dormir, em tanto tempo, e achou que seria melhor me deixar. De qualquer forma, disse, não poderíamos ter saído naquele clima, pois era perigoso demais. A caminhada noturna até Monagee estava fora de questão.

De uma forma ou de outra, encarei aquilo muito mal. Na verdade, saí da casa como uma bala, tomado por outra decepção; depois de os helicópteros jamais terem vindo, o súbito desaparecimento de Sarawa enquanto eu estava na caverna, o ancião da vila partindo sem mim. E, agora, a viagem até Monagee que fora por água abaixo. Cristo. Será que eu podia acreditar numa só palavra do que essa gente dizia?

Eu dormira por tanto tempo que resolvi me deleitar com uma demorada mijada. Caminhei até lá fora, vestindo meu colete com uma expressão muito azeda, temporariamente esquecendo por completo que eu devia minha vida ao povo dessa vila. Deixei meu rifle para trás e lentamente desci a colina, que agora estava muito escorregadia, por causa da chuva.

Ao terminar essa operação, subi um pedacinho da colina e sentei na grama seca, sobretudo porque não queria ser mais rude com Gulab do que havia sido, mas também porque só queria ficar ali sentado, sozinho com meus pensamentos.

Ainda achava que a minha melhor opção seria encontrar a base militar americana mais próxima. E essa ainda era Monagee. Olhei para cima, a montanha imensa que teria de atravessar, a chuva e o orvalho agora cintilando sob o sol do começo da manhã, e acho que visivelmente recuei.

Realmente seria uma escalada e tanto, e minha perna já estava doendo, não em pensar, mas por ter caminhado cem metros; ferimentos a bala tendem a levar algum tempo para cicatrizar. Também, apesar dos esforços de Sarawa, eu sabia que a perna estava cheia de fragmentos de granada, o que não me ajudaria muito a ter uma caminhada sem dor até o cume.

De qualquer forma, apenas fiquei ali sentado, na encosta da montanha, e tentei limpar minha mente, decidir se havia alguma outra coisa que eu pudesse

fazer, além de me sentar e esperar por uma nova noite, quando Gulab e os caras pudessem me ajudar a chegar até Monagee. O tempo todo fiquei pesando a possibilidade de o Talibã chegar num ataque vingativo, em retaliação ao bombardeio de ontem.

O fato era que eu era um alvo vivo, assim como um sinalizador. Lá estava o poderoso Sharmak, com seu segundo comandante, o comodoro Abdul, e um exército imenso e treinado, todos com essencialmente nada a fazer, exceto me matar. E, se conseguissem entrar na vila e chegar à casa onde eu estava, eu teria sorte se os rechaçasse, evitando uma pequena viagem até o Paquistão, para a publicidade e a execução.

Cristo, não haveria nada no mundo que aqueles caras adorariam mais do que me pegar e anunciar às estações árabes de televisão que haviam derrotado uma das melhores equipes de SEALs americanos. Não apenas derrotado, mas que os arrasaram na batalha, esmagaram o esquadrão de resgate, explodiram o helicóptero, executaram os sobreviventes e ali estava o último.

Quanto mais eu pensava naquilo, mais insustentável se tornava a minha posição. Será que os pastores de cabra de Sabray poderiam lutar ombro a ombro para me salvar? Ou os assassinos brutais da al-Qaeda e do Talibã acabariam fazendo as coisas de seu jeito? Era estranho, mas eu ainda não assimilava o poder total do *lokhay*. Ninguém me explicara inteiramente a coisa. Eu sabia que havia algo, mas aquela lei tribal milenar ainda era um mistério para mim.

Eu olhava em volta, para os vales, mas não via ninguém fora da vila. Gulab e seu pessoal sempre se comportavam como se a própria encosta da montanha estivesse fervilhando de perigos ocultos e, mesmo não fazendo grande alarde, por outro lado, ele tinha de ser um especialista na área dos bandidos que circundava sua Sabray.

Foi assim, com crescente preocupação, que vi Gulab descer correndo o vale em minha direção. Ele literalmente me puxou até que eu ficasse de pé, depois me levou pela trilha que conduzia à parte mais baixa da vila. Ele estava correndo e tentando me fazer acompanhá-lo, gritando, sinalizando, repetidamente: *Talibã! O Talibã está aqui! Na vila! Corra, dr. Marcus, pelo amor de Deus, corra!*

Ele ergueu seu ombro direito e o colocou embaixo de meu braço esquerdo, para amparar meu peso e eu meio mancava, meio corria, quase caindo pela ribanceira. Claro que, pelos meus padrões recentes, isso parecia um passeio na praia.

Subitamente percebi que poderíamos ter que lutar, e eu deixara meu rifle na casa. Tinha minha munição e meu colete, mas não tinha nada com que atirar. E

agora foi a minha vez de gritar: “*Gulab! Gulab! Pare! Pare! Eu não estou com a minha arma*”.

Ele respondeu algo em afegão que eu acho que deve ter sido parecido com: “Mas que porra de idiota completo você se tornou”.

Mas o que o amedrontara continuava ali, e ele não tinha intenção de parar, até localizar um refúgio para nós. Abaixamo-nos e mergulhamos pelas trilhas da vila, até que ele encontrou a casa que estava procurando. Gulab chutou a porta para abri-la, bateu para fechar e me ajudou a abaixar no chão. E ali estava eu, sentado, desarmado, totalmente inútil e altamente apreensivo quanto ao que poderia acontecer na hora seguinte.

Gulab, sem dar uma palavra, abriu a porta da frente e partiu em alta velocidade. Passou pela janela como um foguete, subindo o declive, possivelmente em busca do recorde de cem metros da corrida do Hindu Kush. Só Deus sabe para onde ele estava indo.

Três minutos depois, ele chutou a porta para abri-la e entrou na casa como um tufão. Estava trazendo o meu rifle e seu AK-47. Eu ainda tinha setenta e cinco balas. Acho que ele tinha mais que isso em seu cinto. Ele me entregou meu rifle Mark 12 muito sério e simplesmente disse: “Talibã, dr. Marcus. Nós lutamos”.

Ele parecia mais sério do que eu jamais o vira. Não temeroso, apenas cheio de determinação. Lá em cima, naquela montanha, quando Sarawa me vira, tomara a decisão, junto com seus companheiros, de que o *lokhay* seria dado a mim, um americano ferido. Desde o primeiro momento, perto daquele rio montanhoso, o médico sabia perfeitamente que a situação poderia chegar a isso. Mesmo que eu não soubesse.

Foi uma decisão que afetou a todos na vila, desde o início. Acho que a maioria das pessoas aceitou e, obviamente, foi endossada pelo ancião da vila. Eu havia visto alguns rostos repletos de ódio, mas eles não eram a maioria. E agora Muhammad Gulab, chefe da lei e da ordem na vila, estava pronto a manter aquele juramento silencioso que seu povo me fizera.

Ele o fazia não por ganho pessoal, mas por um senso de honra que voltava por várias gerações no tempo, por dois mil anos de tradição *Pashtunwalai*: Você defenderá seu convidado até a morte. Eu observava Gulab cuidadosamente, conforme ele carregava um novo cartucho em seu AK. Tratava-se de um homem pronto para tudo. E eu vi aquela luz de bondade em seus olhos escuros, da forma como se vê quando alguém está realizando uma ação de bravura e abnegação.

Agradeci a Gulab e encaixei outro pente em meu rifle. Olhei pela janela,

observando o campo de batalha. Estávamos numa área quase plana e baixa, mas o ataque do Talibã seria lançado de um terreno mais alto, da forma sempre preferida por eles. Fiquei imaginando quantas outras casas em Sabray estariam abrigando homens prontos para lutar.

A situação era séria, mas não medonha. Tínhamos uma cobertura excelente e eu achava que o inimigo não sabia exatamente onde eu estava. Pelo que eu podia ver, a batalha pelo Cume de Murphy representava uma faca de dois gumes. Antes de tudo, os tribais podiam estar furiosos por conta do número dos seus que haviam sido mortos por Mikey, Axe, Danny e eu. Isso poderia até representar um homem-bomba ou um ataque tão imprudente que eles arriscariam qualquer número de combatentes só para me pegar. Eu não estava ansioso com nenhuma das opções.

Por outro lado, eles poderiam estar ligeiramente receosos diante da perspectiva de enfrentar apenas um, daquela minúscula equipe americana que varrera possivelmente cinquenta por cento de uma tropa de ataque talibã.

Claro, eles sabiam que eu estava ferido, mas também sabiam que estava bem armado pelos aldeões, mesmo se tivesse perdido meu rifle. Eu achava que eles viriam com tudo para cima de mim, que se danassem as consequências, ou chegariam com muita calma, lutando e abrindo caminho pela vila, de casa em casa, até encurralar Gulab e a mim.

Mas um ataque iminente exige um planejamento veloz e de *expertise*. Eu precisava atuar rápido e fazer com que Gulab entendesse nossas táticas. Ele logo abriu caminho à minha experiência, o que me fez pensar que nunca chegara a aceitar a história de que eu fosse um médico. Sabia que eu lutara no cume e naquele instante estava pronto para fazer o que eu dissesse.

Tínhamos duas áreas a cobrir, a porta e a janela. Não adiantaria muito eu detonar os talibãs pela janela, se um daqueles escrotinhos entrasse escondido pela porta da frente e me desse um tiro pelas costas.

Expliquei que a cobertura da entrada ficava por conta de Gulab, para que ele se certificasse de que eu teria uma fração de segundo para me virar e derrubá-los antes que pudessem abrir fogo. De preferência, gostaria que ele me avisasse com antecedência que o inimigo estava vindo. Dessa forma, poderia me encobrir na sombra e nos cantos e pegar uns seis de uma só vez, em vez de apenas derrubar o líder.

Idealmente, eu gostaria de ter um móvel pesado para colocar diante da porta da frente, só para me dar um pouquinho a mais de tempo. Mas não havia móveis, só aquelas almofadas grandes que, obviamente não eram pesadas o bastante.

De qualquer forma, Gulab entendeu a estratégia e acenou a cabeça veementemente, da forma como sempre fazia, quando tinha certeza de algo. “Certo, Marcus”, disse ele. E não deixei de perceber que ele havia deixado de lado o *dr*.

Quando a batalha começasse, Gulab cobriria a área da janela que lhe dava a melhor visualização da porta. Eu me concentraria no ataque que viesse da frente. Teria que atirar de forma constante e certeira, sem qualquer desperdício, exatamente como Axe e Danny fizeram na montanha, enquanto Mikey dava as coordenadas.

Tentei dizer a Gulab que ficasse calmo e atirasse direito, nada de histeria. Dessa forma, nós venceríamos ou, na pior das hipóteses, causaríamos um recuo desordenado dos talibãs.

Ele pareceu ligeiramente vago. Dava para ver que não estava entendendo. Então, eu disse a frase que sempre usamos antes de um conflito: “Certo, rapazes, vamos ao *rock and roll*”.

Na verdade, foi pior. Gulab achou que eu estava prestes a lhe dar aulas de dança. Teria sido engraçado, se a situação não fosse séria. Então, nós dois ouvimos os primeiros tiros, lá no alto da vila.

Eram muitos. Demais. O volume do tiroteio era absurdo, a menos que o Talibã estivesse planejando varrer toda a população de Sabray. E eu sabia que eles não considerariam isso, pois uma chacina como essa certamente colocaria fim ao apoio dos aldeões tribais ali do alto das montanhas.

Não, eles não fariam isso. Queriam a mim, mas jamais matariam outros cem afegãos, incluindo mulheres e crianças, para me pegar. O Talibã e seu bando da al-Qaeda eram impiedosamente cruéis, mas esse tal de Ben Sharmak não era burro.

Além disso, não detectei nenhum ritmo de tiros de campo de batalha. Aquilo não estava sendo conduzido com os intervalos curtos de tiros disparados por homens treinados em busca de um alvo. Vinham em saraivadas prolongadas e eu ouvia atentamente. Não havia um claro retorno do fogo e, então, eu soube o que estava acontecendo.

Esses lunáticos haviam vindo correndo, do meio das árvores para dentro da vila, disparando aleatoriamente, para o ar, sem mirar nada, da forma como costumam fazer, todos pulando e gritando: *“Morte ao infiel”*. Uns babacas.

Seu objetivo sempre é dar um susto de morte nas pessoas, e naquele momento pareciam estar conseguindo. Eu podia ouvir mulheres gritando, crianças chorando, mas nada de tiros revidados pelos tribais de Sabray. Eu sabia

precisamente como seria o som e não estava ouvindo.

Olhei para Gulab. Ele estava pronto para a ação, debruçado na janela comigo, de olho na porta da frente. Nós dois destravamos os pinos de segurança de nossas armas.

Ainda podíamos ouvir os gritos lá no alto. Os bestinhas provavelmente estavam batendo nas crianças. O que poderia ter me inspirado a subir até lá e encarar sozinho todo o exército *jihad*, mas me segurei, segurei os tiros e esperei.

Esperamos por uns quarenta e cinco minutos e depois ficou tudo quieto. Como se eles nunca tivessem estado ali. Aquela calma jamais vista da vila voltara, não havia qualquer sensação de pânico ou sinal de gente ferida. Essa eu deixei por conta de Gulab. “Talibã partiu”, disse ele, simplesmente.

“E agora, o que vai acontecer?”, perguntei-lhe. “Bagram?”

Gulab sacudiu a cabeça. “Bagram”, disse ele. Depois ele sinalizou, pela milionésima vez. “Helicóptero vem”.

Revirei os olhos para o céu. Já ouvira esse papo furado de helicóptero antes. E eu tinha novidades para Gulab. “Helicóptero não vem.”, eu disse a ele.

“Helicóptero vem”, respondeu ele.

Como sempre, eu não tinha como saber o que Gulab sabia, nem como ele teria descoberto o que estava acontecendo. Mas, naquele momento, ele acreditava que o Talibã havia entrado na casa onde eu estivera e viu que eu havia sumido. Ninguém me traíra e eles não se atreveram a realizar uma busca de casa em casa por temerem se indispor com o povo da vila e, em particular, com o ancião.

Essa gangue armada de tribais, decidida a tirar os americanos do governo, não poderia operar inteiramente sozinha, ali no alto, sob a proteção das montanhas. Sem o apoio local de sua linha de suprimento primitivo pereceria, e rapidamente perderia seus recrutas. Exércitos necessitam de alimento, cobertura e cooperação, e o Talibã só podia ir até um certo limite de provocação, antes que esses poderosos líderes aldeões decidissem que preferiam a companhia dos americanos.

Por isso haviam acabado de evacuar Sabray. Ainda cercariam a vila, esperando pela chance de me pegar, mas não arriscariam uma grande interferência no dia a dia do povo. Agora eu estava ali há cinco noites, incluindo a noite na caverna, e o Talibã havia ultrapassado as fronteiras de Sabray duas vezes, uma delas por algumas horas de violência, tarde da noite, e agora por talvez uma hora.

Gulab estava certo de que eles haviam partido, mas igualmente certo de que

não podíamos nos atrever a voltar para a casa. A essa altura, eram quase dez da manhã e Gulab se preparava para sair e me levar com ele, mais uma vez, rumo às montanhas.

★★★

No Texas, passava de meia-noite e a vigília em nosso sítio continuava. A mídia ainda transmitia sua opinião de que a equipe SEAL estava morta, e a última ligação de Coronado havia sido recebida. Ainda não havia notícias minhas. Todos eles sabiam que haveria outra ligação às quatro horas, e todos esperaram lá, naquela noite quente de julho, segundo minha mãe, com as esperanças diminuindo conforme as horas passavam.

As pessoas começavam a especular como eu poderia ter sobrevivido, se ninguém na base americana sabia onde eu estava. Mas as notícias eram muito escassas, exceto pela parte que alguns membros da mídia inventavam. E o pessoal começavam a desanimar.

Exceto, aparentemente, por Morgan e os outros SEALs, que jamais acharam que eu estivesse morto. Ao menos era o que eles diziam a todos os outros. Desaparecido em combate. Ele não está morto até que digamos que está.

Morgan continuava a dizer a todos que estava pensando em mim e eu estava pensando nele. Ele estava em contato, mesmo que ninguém mais estivesse. E o chefe sênior Gothro estava de olho em minha mãe, caso ela desmoronasse.

Mas ela se lembra dessa noite até hoje, e da forma como as pessoas iam ficando tristes a cada minuto. E como os SEALs permaneceram juntos, os capelães, oficiais, os não combatentes, alguns exigindo, outros implorando, mas todos pedindo que mantivessem a fé.

"*Marcusprecisa de vocês!"*, o capelão Trey Vaughn dizia à multidão variada. "E Deus o está protegendo e agora repitam, depois de mim, as palavras do Salmo 23. 'Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estarás comigo e o teu bordão e o teu cajado me consolam.'"

Alguns dos homens mais valentes das forças armadas americanas estavam ombro a ombro com o capelão SEAL, cada um deles pensando em mim como um velho amigo e, espero, companheiro de equipe. Cada um deles, naqueles momentos, sozinho com seu Deus. E eu estava com o meu, a meio mundo de distância.

Às quatro horas veio a ligação de Coronado. Nenhuma notícia, ainda. E os SEALs começaram todo o processo novamente, incentivando, compartilhando

seu otimismo, explicando que eu havia sido especialmente treinado para suportar tal provação. “Se há alguém que pode sair disso é o Marcus”, dizia o capelão Vaughn. “E ele sentirá a energia de suas preces – e vocês lhe darão força – *e eu os proíbo de desistirem dele – Deus o trará para casa*.”

E ali, em meio às pastagens secas do verão, cercados por milhares de cabeças de gado, as palavras do hino da Marinha dos Estados Unidos ecoavam noite adentro. Não havia vizinhos acordados. Todos, em quilômetros dos arredores, estavam em nosso quintal da frente. Minha mãe diz que todos estavam ali, naquela noite, novamente, quase trezentas pessoas. E os policiais e juízes e xerifes e outros se juntaram a minha mãe e meu pai, cantando a plenos pulmões: “Oh, ouça-nos a clamar, Pelos SEALs em voo, em terra, ou no mar…”.

De volta a Sabray. Gulab e eu estávamos prestes a partir. Agarrados aos nossos rifles, deixamos nosso pequeno reduto de barro e pedra na rua baixa e seguimos descendo a montanha. Dolorosamente, andei os quase duzentos metros e cheguei a um campo plano que havia sido preparado recentemente. Agora ele era só terra, mas havia sido revolvido e deixado pronto para uma nova plantação.

Eu já vira esse campo antes, da janela da casa dois, da qual podia ver talvez uns 350 metros montanha acima. Acho que o campo tinha aproximadamente o tamanho de dois campos de futebol americano; havia uma borda de pedras circundando toda a sua extensão. Era um local ideal para o pouso de um helicóptero, pensei, certamente a única área adequada que vira ali em cima. Era um lugar onde um piloto podia pousar um MH-47 sem arriscar colidir com as árvores, ou sair rolando por um precipício, ou pousar no meio de uma armadilha talibã.

Por alguns instantes, considerei escrever um SOS gigante na terra, mas Gulab estava ansioso e ele me amparava para sair do campo, de volta às colinas. Ali, ele encontrou um local para que eu descansasse, na lateral da trilha, onde eu podia usar um arbusto como cobertura. E aquilo ainda teve um bônus, pois o arbusto estava carregado de amoras. Eu me deitei ali na sombra, me deliciando com as amoras, que ainda não estavam maduras, mas tinham um gosto bom demais para mim.

Agora estava novamente tranquilo e meu ouvido treinado de atirador, talvez melhor do que nunca, detectou um som incomum vindo de baixo. Não foi um galho se quebrando. Não havia sombra alguma por trás de uma árvore. Nada.

Esperamos por um tempo curto, antes que Gulab se levantasse e se afastasse um pouquinho, depois ele se virou e sussurrou. “Agora vamos.” Peguei meu rifle e virei para o lado direito, pronto para me levantar, um movimento que

exigia muito esforço e concentração nessa semana.

Não sei por que aconteceu. Mas algo me disse para olhar para cima e eu pousei os olhos na colina atrás de nós. E bem ali, sentado, silenciosamente, seu olhar fixo em mim, sem qualquer expressão, estava Sharmak, o líder talibã, o homem a quem eu viera capturar ou matar.

Eu só o vira numa fotografia muito granulada e ruim, mas foi o suficiente para mim. Tive certeza de que era ele. E acho que ele sabia que eu sabia. Era um sujeito esguio, como todos eles, quarenta e poucos anos, com uma barba comprida e negra, pontilhada de ruivo. Vestia uma roupa afegã preta, um colete avermelhado e um turbante preto.

Recordo-me que ele tinha olhos verdes, repletos de um ódio que poderia derreter um tanque de guerra americano. E olhava diretamente para mim, sem dizer uma palavra. Notei que ele estava desarmado e segurei firme meu Mark 12, e lentamente o virei para ele, até que o cano ficasse mirado bem no meio de seus olhos.

Ele não estava com medo. Não recuou, nem se moveu, e tive um instinto muito forte de dar um tiro e matar aquele bastardo, bem ali, na montanha. Afinal, foi para isso que eu tinha vindo; isso, ou capturá-lo, mas essa última parte não ia acontecer.

Sharmak estava cercado por seu exército. Se eu o matasse, não duraria vinte segundos. Seus caras teriam me exterminado e a Gulab, sem contar que teriam massacrado a vila inteira, incluindo as crianças. Pensei nisso e descartei a ideia de matá-lo.

Também considerei que Sharmak claramente não estava prestes a atirar em mim. A presença de Gulab tornara aquilo um completo impasse e Sharmak não chamaria seu pessoal para atirar no filho mais velho do ancião da vila de Sabray. Da mesma forma, eu não me sentia tão inclinado a cometer suicídio. Todos evitaram atirar.

Sharmak apenas ficou ali sentado, e depois Gulab acenou a cabeça para o chefe do Talibã, que inclinou discretamente a cabeça, como um lançador de beisebol que reconhece o sinal de um apanhador. Então, Gulab caminhou lentamente para ir falar com ele, Sharmak levantou-se e eles se viraram de costas para mim, seguindo um pouco mais acima, na montanha, fora de minha visão.

Só havia um assunto que poderiam estar discutindo. Será que o povo de Sabray agora concordaria em me entregar? E eu não tinha como saber até onde Gulab e seu pai iriam para me defender.

Apenas fiquei sentado embaixo do arbusto de amoras, incerto quanto ao

meu destino, incerto quanto ao que esses tribais decidiriam. Porque cada um deles, a seu próprio modo, até agora provara ser inflexível em seus princípios. O matador implacável, um homem que via a si mesmo como o guerreiro salvador do Afeganistão, agora em conferência com o policial da vila, um homem que parecia preparado para arriscar tudo apenas para me defender.

12
DOIS-DOIS-OITO! É O DOIS-DOIS-OITO!

Em sua mente, só poderia haver um motivo possível para a ligação… Eles haviam encontrado meu corpo na montanha… E veio uma voz na linha que perguntou: "A família está reunida?".

Eles se foram por cinco minutos e voltaram juntos. Ben Sharmak ficou me encarando alguns minutos, depois se afastou, de volta ao seu exército. Gulab desceu a colina em minha direção e tentou explicar que Sharmak lhe dera um bilhete que dizia: *"Ou você entrega o americano, ou todos os membros de sua família serão mortos"*.

Gulab fez seu conhecido gesto determinado, e nós dois nos viramos e ficamos olhando o líder talibã descer em meio às árvores. E o policial da vila me estendeu a mão, me ajudou a descer o declive íngreme, sempre cauteloso com minha perna esquerda ferida, até que chegássemos num leito seco do rio.

E ali descansamos. Ficamos olhando, em busca de atiradores talibãs, mas não apareceu ninguém. Ao nosso redor, em meio às árvores, com seus AKs prontos, surgiram os rostos familiares de Sabray, prontos para nos defenderem.

Esperamos por pelo menos quarenta e cinco minutos. Depois, naquele silêncio da montanha, mais dois caras da vila chegaram. Era óbvio que eles estavam sinalizando para que partíssemos naquele instante.

Cada um deles apoiou por baixo de um braço e eles me levaram para dentro das árvores, rumo à escarpa em declive. Tenho de admitir que já não sabia o que estava se passando, para onde estava indo ou o que eu estava fazendo. Percebi que não podíamos voltar para a vila, e realmente não gostei do tom daquele bilhete que Gulab enfiara no bolso.

E ali estava eu, sozinho, com aqueles tribais, sem um plano coerente. Minha perna estava me matando, eu mal podia encostá-la no chão e os caras que me carregavam estavam segurando todo o meu peso. Chegamos a uma pequena escada de degraus de pedra esculpida na escarpa. Eles ficaram atrás, me empurrando com os ombros.

Fui o primeiro a subir o degrau e, ao fazê-lo, dei de cara com um combatente afegão armado que jamais vira. Ele estava com um AK-47, em posição de disparo e, quando me viu, ele o ergueu. Olhei para seu chapéu e havia em emblema com palavras que quase fizeram meu coração parar – BUSH PARA PRESIDENTE!

Ele era das forças especiais afegãs e fui tomado pelo pânico, pois eu estava vestido com as roupas dos tribais afegãos, idênticas aquelas usadas pelos talibãs. Mas, logo atrás dele, correndo pelo solo, vieram dois *rangers* do exército americano, de uniforme de combate, rifles erguidos, sendo o líder um cara negro, grande. Atrás de mim, com uma incrível presença de espírito, Gulab gritava meu número de classe BUD/S, que ele vira em minha tatuagem vodu de tridente: "*Dois-dois-oito! É o Dois-dois-oito!"*.

O rosto do *ranger* subitamente se acendeu, com um sorriso gigantesco. Ele deu uma olhada em meu porte de 1,94 m e disse: "Americano?", somente a tempo de que eu acenasse que sim, antes que ele soltasse um grito que ecoou pela encosta da montanha: "É o Marcus, pessoal! Nós o achamos, nós o achamos!".

E o *ranger* veio correndo em minha direção e me agarrou nos braços, e pude sentir o cheiro de seu suor, sua roupa de combate, seu rifle, o cheiro do lar, os cheiros com os quais estou acostumado a conviver. Cheiros americanos. Tentei me manter estável, sem cair, mais porque os SEALs *jamais* demonstram fraqueza diante de um *ranger*.

"Ei, bro", eu disse. "Que bom te ver."

A essa altura, a montanha estava um caos. Os caras do exército estavam aparecendo de todo lado, saindo da floresta. Vi que eles estavam bem surrados, vestindo roupas de combate, todos com barba de vários dias. Estavam cobertos de lama, descabelados e sorriam abertamente. Imaginei que estivessem por lá procurando minha equipe desde a última quarta-feira de manhã, o que era verdade. Caramba, eles estavam lá durante aquela tempestade. Não era de se admirar que estivessem tão desgrenhados.

Agora era domingo. E, Jesus, como foi ótimo ouvir a língua inglesa novamente, simplesmente as palavras do dia a dia, os vários sotaques americanos, a familiaridade. Estou lhe dizendo, quando você passa um tempo num ambiente hostil e estrangeiro, sem ninguém a quem possa explicar nada, ser salvo pelos seus compatriotas – caras valentes, confiantes, organizados, profissionais, duramente treinados, armados até os dentes, prontos para qualquer coisa, transbordando amizade – bem, é uma sensação da maior alegria possível.

Mas eu não recomendaria a preparação para tal momento.

Eles imediatamente entraram em ação. Um capitão do exército ordenou que a equipe me levasse para a floresta, para um terreno mais elevado. Carregaram-me subindo a colina e me sentaram ao lado de um cercado de cabras. Um médico alistado do Exército imediatamente começou a cuidar de meus ferimentos. Ele removeu as antigas ataduras que Sarawa me colocara, aplicou uma nova pomada antisséptica e pôs novas bandagens. Deu-me água limpa e antibióticos. Quando ele terminou, eu já me sentia quase humano.

A atmosfera era inevitavelmente animada, porque todos os caras sentiam que sua missão havia sido cumprida. Todos os americanos em combate entendem essa sensação de comemoração, refletindo, como todos nós fazemos, que muita coisa poderia ter dado errado, muito havia sido evitado devido ao nosso próprio *know-how* de campo de batalha.

Esses *rangers* e os boinas-verdes não são diferentes. De alguma forma, em centenas de quilômetros quadrados de terreno, haviam me encontrado vivo. Mas eu sabia que eles não compreendiam realmente o extremo perigo que todos corríamos. Expliquei-lhes sobre o número de guerreiros talibãs que havia por lá, quantos houvera no Cume de Murphy, a presença de Sharmak e todo seu exército, tão perto, talvez nos observando… não, esqueça isso. Muito provavelmente nos observando. Estávamos todos juntos e formaríamos uma força de combate, caso fôssemos atacados, mas éramos em número muito menor, e agora estávamos dentro do cerco do Talibã. Não apenas eu.

Relatei tudo o mais detalhadamente possível. Primeiro, para explicar que meus companheiros, Mikey, Axe e Danny, estavam todos mortos. Tive uma dificuldade maior em fazer isso, pois ainda não havia dito a ninguém. Não houvera ninguém a quem eu pudesse relatar, decididamente ninguém que pudesse entender o que aqueles caras significavam para mim e o vazio que deixariam em minha vida, pelo resto dos meus dias.

Consultei minhas coxas, onde ainda tinha anotações claras de rotas, distâncias e terreno. Mostrei-lhes as áreas onde eu sabia que o Talibã estava acampado, ajudei-os a marcar seus mapas. *Aqui, aqui e aqui, pessoal. É onde eles estão*. O fato era que os bastardos estavam por toda parte, em toda nossa volta, esperando por uma chance. Eu tinha uma sensação de que Sharmak poderia estar cauteloso quanto a bater de frente com o poder de fogo americano. Ele já tivera metade de seu exército exterminada sobre o cume por apenas quatro de nós. Agora éramos em número bem maior, reunidos ao redor dos cercados de cabras, enquanto Travis dava conta de seu recado.

Perguntei ao capitão *ranger* quantos caras ele tinha. E ele respondeu: “Estamos bem, somos vinte”.

Em minha visão isso era ligeiramente pouco, já que Sharmak poderia facilmente ter voltado à força total de sua tropa, com 150 a 200 combatentes, reforçados pela al-Qaeda.

“Temos aeronaves de artilharia, Apaches 64, a postos”, disse ele. “Qualquer coisa que precisarmos. Estamos bem.”

Mais uma vez, frisei que, sem dúvida, estávamos totalmente cercados e ele respondeu: “Entendido, Marcus. Vamos agir de acordo”.

Antes de partirmos, eu lhes perguntei como haviam me encontrado. E acabou sendo o sinal de emergência deixado na janela da pequena casa de pedra, na montanha. As equipes de voo o captaram quando sobrevoavam e depois rastrearam até a vila. Eles estavam certos de que o dono do rádio PRC-148 era alguém da equipe original dos SEALs, mas tiveram que levar em conta o fato de que poderia ter sido roubado pelo Talibã.

No entanto, nesse caso, eles não achavam que estivesse sendo operado por um tribal afegão e imaginaram que seria improvável que o sinalizador tivesse sido acionado e direcionado ao céu por caras que não tivessem a menor ideia de sua utilidade.

Assim, chegaram à conclusão de que um dos SEALs estava bem ali, na vila ou muito perto. Então, os caras simplesmente foram chegando até mim, de alguma forma passando com sua rede direto pela do Talibã. E, subitamente, lá estava eu, vestido como o segundo cara em comando de Osama bin Laden, com os braços ao redor de dois tribais, como três bêbados caindo na subida da colina, e o policial da vila gritando atrás: “*Dois-dois-oito!”*.

Liderados por Gulab, partimos para a vila e voltamos para a segunda casa, aquela em que ficáramos durante a tempestade. O Exército havia instituído um perímetro de segurança ao redor de Sabray. Carregaram-me passando por aquela imensa árvore, até o cômodo principal. Percebi que aquele galo estava bem ali, na árvore; estranhamente, ele estava quieto, mas lembrar dele me deu vontade de estourar seus miolos.

Os caras fizeram um chá e sentamo-nos para um relato detalhado. Era meio-dia em Sabray e a reunião era de um grupo muito sério de membros do Exército, de capitães para baixo, a maioria *rangers* e boinas-verdes. Antes de começarmos, fui obrigado a lhes dizer que esperava ser resgatado pelos SEALs, pois agora eu decididamente teria que aturar muito papo furado deles, me dizendo: “Está vendo, o SEAL se mete em confusão e, como sempre, precisam

mandar alguém do Exército para tirá-lo".

Isso gerou uma alegria ruidosa, mas não disfarçou minha eterna gratidão a eles e o que haviam arriscado para me salvar. Eram caras muito bons e assumiram absoluto controle da situação, da maneira mais profissional. Primeiro, passaram um rádio para a base, dizendo que eu havia sido encontrado, que meu estado era estável e não corria risco de morrer, mas, lamentavelmente, os outros três membros da equipe haviam morrido em combate. Eu os ouvi confirmando que estavam comigo em segurança, mas que estávamos numa vila afegã potencialmente hostil, cercados pelas tropas do Talibã e da al-Qaeda. Estavam solicitando a evacuação assim que anoitecesse.

O relato seguiu por um longo tempo e tentei explicar os detalhes de minhas ações dentro e fora do campo de batalha. E, durante o tempo todo, as crianças entravam correndo para me ver. Estavam por toda parte, pendurados em meu braço, com os braços ao redor do meu pescoço, falando, gritando, rindo. Os adultos da vila também vieram e eu tive que insistir que podiam ficar, principalmente Sarawa, que ressurgira, e Gulab, que nunca foi embora. Eu devia a minha vida a cada um deles.

Até então, ninguém havia encontrado os corpos de Mikey, Danny e Axe. E passamos um bom tempo revendo as fotos do satélite, para que eu apontasse precisamente os lugares onde eles haviam morrido. O pessoal do Exército tinha algumas informações sobre a batalha, mas pude acrescentar muita coisa. Principalmente explicando como havíamos recuado, sob o comando de Mikey, e nos mantivemos recuando; como jamais tivemos opção, exceto estabelecer nossa defesa descendo a montanha, sempre descendo.

Contei como Axe havia mantido nosso flanco esquerdo com tanta bravura e como Danny, depois de alvejado tantas vezes, continuou atirando, tentando manter nosso flanco direito, até seu último suspiro. E como, no final, simplesmente havia muitos deles, com poder de fogo demais, muitas granadas russas, aquelas que finalmente explodiram Axe e eu, tirando-nos da batalha.

As mortes do Talibã foram muitas, é claro. Parecia que todos sabiam disso. Acho que todos nós naquela salinha, incluindo Gulab, achávamos que o Talibã não arriscaria outro ataque frontal aos americanos. Assim, esperamos até que o sol baixasse atrás das montanhas e me despedi de todas as crianças, algumas chorando. Sarawa apenas se afastou, sorrateiramente. Nunca mais o vi.

Gulab nos conduziu até aquele campo plano na base da vila e, com o sistema de comunicação em operação, ficamos esperando. A guarda de segurança dos *rangers* estava em formação ao redor do perímetro, caso o Talibã

resolvesse uma última investida. Eu sabia que eles estavam ali e nunca tirava os olhos daquela montanha, enquanto estávamos todos sentados, cerca de vinte membros do Exército e talvez dez aldeões, os caras que estavam comigo desde o início.

Apenas ficamos sentados no escuro, encostados na parede de pedra, olhando o campo, simplesmente esperando. Bem além do horizonte, pouco depois de 22 h, pudemos ouvir o som inconfundível do grande helicóptero americano, ressoando por cima das montanhas.

Nós o vimos circulando, distante das escarpas, onde eu acreditava estarem acampadas as principais tropas do Talibã e da al-Qaeda. E, subitamente, Gulab agarrou meu braço, dizendo: "*Marcus! Marcus! Talibã!"*.

Eu olhava a escarpa acima e lá no alto, na escuridão, podia ver as luzes brancas movendo-se rapidamente, atravessando a encosta da montanha. "*Talibã, Marcus! Talibã!"* Eu podia ver que Gulab estava realmente inquieto e chamei o capitão do Exército e apontei o perigo.

Todos reagimos instantaneamente. Gulab, que estava desarmado, pegou meu rifle e ele e dois de seus amigos me ajudaram a subir o muro e pular para um lado bem mais baixo. Alguns dos aldeões corriam como loucos, subindo a colina, rumo às suas casas de pedra. Gulab, não. Ele assumiu uma posição atrás do muro, mirando meu rifle direto na direção no inimigo, na encosta.

Os caras da comunicação do Exército entraram em ação, ligando para a frota dos Estados Unidos que sabíamos estar ali perto – bombardeiros e helicópteros, prontos para atacar a montanha, caso houvesse a menor impressão de que o Talibã pudesse tentar atingir o helicóptero de resgate.

Eu achava óbvio que eles planejassem uma última ofensiva, uma última tentativa de me matar. Peguei uns óculos de visão noturna e assumi minha posição atrás do muro, tentando localizar os homens na montanha, tentando, de uma vez por todas, acabar com eles.

Ainda podíamos ver o helicóptero de resgate a distância, quando as forças armadas americanas, que já estavam até o pescoço com a porra do Ben Sharmak, finalmente mandaram ver. Vieram detonando pelos vales da montanha, mandando explosões infernais: bombas, foguetes, tudo que tinham. Foi uma tempestade de explosivos assassinos. Ninguém poderia ter sobrevivido ali.

As luzes do Talibã se apagaram naquela noite. Todas aquelas lanterninhas, seus lampiões – tudo se apagou. E eu só fiquei ali agachado, passando as informações sobre as localizações do Talibã para o cara de comunicações, ao meu lado, coisas que sou treinado para fazer. Agora eu estava em pé, com um

sorriso no rosto, vendo meu pessoal pulverizar aqueles bastardinhos que bateram nas minhas crianças e mataram meus companheiros de equipe. Eles que se fodam, certo?

Era um sorriso melancólico, admito, mas esses caras me perseguiram, me torturaram, ficaram no meu encalço, tentaram me matar quatrocentas vezes, me explodiram, quase me raptaram, ameaçaram me executar. E agora o meu pessoal estava mandado ver em cima deles. Lindo. Vi um relatório confirmando que trinta e dois membros do Talibã e da al-Qaeda morreram naquela noite. Não era o bastante.

O estrondo no alto do Hindu Kush parou. A ofensiva aérea americana havia terminado. A zona de pouso estava limpa e havia sido assegurada, e o helicóptero de resgate veio ressoando do sul.

Os boinas-verdes ainda estavam em comunicação e falavam com o piloto, no campo da vila, que tinha ópio recém-plantado. Lembro que as hélices do helicóptero faziam uma estática verde luminescente no ar noturno.

E podia ouvi-lo vindo em nossa direção, uma aparição da força americana na noite. Era um rufar compassado, ensurdecedor, estrondando mais do que ecoando, por entre os picos do Hindu Kush. Nenhum helicóptero jamais rompeu a barreira de som com mais brutalidade. O silêncio daquelas montanhas recuou diante do ataque noturno de decibéis. O chão tremeu. A poeira se revolvia numa tempestade de areia. Os motores rufavam em meio ao ar puro da montanha. Foi o som mais belo que já ouvi na vida.

O helicóptero veio lentamente e pousou a alguns metros de nós. O *loadmaster* pulou ao solo e abriu a porta principal. Os caras me ajudaram a entrar na cabine e Gulab se juntou a mim. Decolamos instantaneamente e nenhum de nós dois olhou para a escuridão lá de fora, na vila apagada de Sabray. Eu, por saber que não conseguiríamos ver nada, e Gulab, pela incerteza de quando poderia voltar a passar por ali. As ameaças do Talibã tanto a ele quanto à sua família foram muito mais sérias do que ele chegou a admitir.

Ele tinha medo de helicóptero e ficou agarrado ao meu braço durante toda a curta jornada até Asadabad. E, ali, ambos desembarcamos. Eu ia para Bagram, mas, por enquanto, Gulab deveria ficar nessa base, em seu próprio país e ajudar os militares americanos da forma que pudesse. Eu lhe dei um abraço de despedida, nesse tribal tão impenetrável que arriscara a vida por mim. Ele não parecia esperar nada em retribuição e fiz minha última tentativa para lhe dar meu relógio. Mas ele recusou, como fizera nas quatro vezes anteriores.

Nossa despedida foi dolorosa para mim, porque eu não tinha palavras em

sua língua para expressar a minha gratidão. Jamais saberei, mas talvez ele também teria dito algo a mim, se ao menos soubesse as palavras. Poderia ter sido algo afetuoso, como… bem… "Seu bastardo barulhento, você anda que nem um elefante, seu filho-da-mãe ingrato." Ou: "O que há de errado com o nosso melhor leite de cabra, seu cuzão?".

Mas não havia nada que pudesse ser dito. Eu estava indo para casa. E ele talvez nunca pudesse voltar para a sua. Nossos caminhos, que haviam se cruzado tão subitamente e com tanta intensidade, num encontro que mudara nossas vidas, estavam prestes a se separar.

Subi a bordo do imenso C-130 rumo a Bagram, de volta à minha base. Pousamos na pista às 23 h, exatamente seis dias e quatro horas desde que Mikey, Axe, Danny e eu havíamos ocupado esse mesmo local, deitados no chão, olhando os picos nevados distantes, rindo, brincando, sempre otimistas, sem sabermos da prova de fogo que nos esperava no alto daquelas montanhas. Menos de uma semana. Pareciam mil anos.

Fui saudado por quatro médicos e recebi toda a ajuda possível. Também havia um pequeno grupo de enfermeiras, ao menos uma que me conhecia de meu trabalho como voluntário no hospital. As outras ficaram estarrecidas ao me verem, mas essa enfermeira me deu uma olhada do alto da rampa e caiu em prantos.

De tão horrível que eu estava. Perdera 17 kg, meu rosto estava todo ralado pela queda da montanha, meu nariz quebrado precisava ser consertado, eu estava morrendo de dor em minha perna, meu pulso quebrado latejava horrivelmente, assim como minhas costas, como acontece quando você fissura três vértebras.

A enfermeira apenas gritou: "Oh, Marcus!", e se afastou chorando. Recusei uma maca e me apoiei no médico, ignorando a dor. Mas ele sabia. "Venha, companheiro", disse ele. "Vamos colocá-lo na maca."

Mas novamente sacudi a cabeça. Eu já havia tomado uma injeção de morfina e tentei ficar em pé sozinho. Virei-me para o médico, olhei em seus olhos e disse: "Cheguei aqui andando, vou embora andando, sozinho. Estou ferido, mas ainda sou um SEAL e eles não me liquidaram. Eu vou andando".

O médico apenas balançou a cabeça. Já conhecera muitos caras como eu e sabia que discutir não ia adiantar nada. Acho que ele entendeu que só havia um pensamento em minha mente, que era: *Que tipo de SEAL eu seria se tivesse de ser ajudado a descer de uma aeronave? Não, senhor. Não vou concordar com isso*.

Então, mais uma vez, voltei a minha base original, deslocando-me bem

devagar ao descer a rampa, em meu próprio ritmo, até tocar o solo. A essa altura, notei que outras duas enfermeiras também estavam chorando. E lembro-me de ter pensado: *Graças a Deus que minha mãe ainda não pode me ver*.

Bem ali, acho que cedi. Os médicos e enfermeiras saíram correndo para me ajudar e me colocaram na maca e dentro de uma *van*, e direto a uma cama de hospital. A hora de atos heroicos já passara. Eu havia aturado tudo que essa porra desse país podia jogar em mim, passara por outra Semana Infernal, com dez vezes a potência e agora estava salvo.

Na verdade, eu me sentia particularmente duro. A morfina não era boa como o ópio que haviam me dado. E a porra toda doía. Tinha me encontrado formalmente com o líder SEAL, o comandante Kent Pero, que estava acompanhado pelo meu médico, o coronel Carl Dickens.

Ele seguiu comigo na *van*, comandante Pero, um oficial SEAL de alta patente que sempre lembrava meu primeiro nome, desde a primeira vez que nos encontráramos. Ele sentou-se ao meu lado, pegou meu braço e perguntou como eu estava. Lembro-me de dizer a ele: “Sim, senhor, estou bem”.

Mas depois o ouvi dizer: “Marcus”. E ele balançou a cabeça. E percebi que aquele sujeito profundamente valente, chefe do meu chefe, tinha lágrimas rolando por seu rosto, lágrimas de alívio, acho, por eu estar vivo. É engraçado, mas foi a primeira vez, em muito tempo, que eu estava com alguém que realmente se importava comigo, a primeira vez, desde que Mikey, Danny e Axe haviam morrido.

E achei aquilo sufocante, e desmoronei ali dentro da *van*. Quando me recompus, o comandante Pero estava me perguntando se havia algo de que eu precisasse, pois, não importava o que fosse, ele conseguiria.

“Sim, senhor”, respondi, secando os meus olhos no lençol. “Acha que posso conseguir um *cheeseburger*?”

No instante em que cheguei a Bagram, liberaram a informação de meu resgate. Eu estava nas mãos dos militares fazia algumas horas, mas sabia que a Marinha não queria que ninguém começasse a comemorar até que estivesse bem e verdadeiramente seguro.

A ligação percorreu o mundo como um míssil guiado: Bagram – Bahrein – SATCOM para SPECWARCOM, em Coronado – com linha direta para o sítio.

A ligação habitual havia sido feita, à uma hora, e eles esperavam outra “sem notícias”, às quatro. Mas agora o telefone estava tocando às três. Cedo. E, segundo meu pai, quando o chefe Gothro foi até lá fora para chamar minha mãe, no meio da multidão, ela quase desmaiou. Em sua cabeça, só poderia haver um

motivo possível para a ligação e seria a morte de seu anjinho (que sou eu).

O chefe Gothro meio que a carregou para dentro de casa e, quando chegaram ao quarto onde o telefone estava instalado, a primeira coisa que ela viu foi Morgan e meu outro irmão, Scottie, abraçados, chorando descontroladamente. Todos achavam que conheciam os militares. Só podia haver um motivo para a ligação. Eles haviam encontrado meu corpo na montanha.

O chefe Gothro foi quem levou minha mãe até o telefone e lhe disse que, independentemente do que fosse, ela teria de enfrentar. Uma voz do outro lado da linha perguntou: “Chefe, a família está reunida?”.

“Sim, senhor.”

“Sr. e sra. Luttrell?”

“Sim”, sussurrou minha mãe.

“Nós o encontramos, senhora. Encontramos o Marcus. E ele está firme.”

Minha mãe foi caindo bem ali, no quarto. Scottie foi rápido e impediu que ela caísse no chão. O tenente JJ Jones saiu correndo pela porta, ficou em pé na varanda e pediu silêncio. Depois ele gritou: *“Eles o encontraram, pessoal! Marcus foi salvo”*.

Eles me contaram que o rugir que explodiu no meio daquelas pastagens solitárias, no interior do leste texano, podia ser ouvido em Houston, a quase cem quilômetros de distância. Morgan diz que não foi apenas um grito normal, foi espontâneo. Ensurdecedor. Todos juntos gritando, a plenos pulmões, num extravasar de alívio e prazer, para minha mãe, meu pai e minha família.

Aquilo sinalizou a conclusão de uma vigília de cinco dias, na qual foi feito um zilhão de preces por um pessoal temente a Deus; eles entendiam que, naquela fração de segundo depois do comunicado, aquelas preces haviam sido atendidas. Para eles, foi uma confirmação de sua fé, da esperança e crença indestrutíveis do capelão SEAL Trey Vaughn e todos os outros.

Imediatamente, hastearam a bandeira, e as listras e estrelas tremulavam no vento quente. E os SEALS deram os braços com a minha família, meus amigos e meus vizinhos, gente que talvez nunca mais volte a se ver, mas que agora estava irrevogavelmente ligada para o resto de seus dias. Porque, segundo minha mãe, ninguém poderia esquecer aquele breve momento que eles compartilharam, aquele instante tão esperado de libertação, quando foram postos de lado os temores.

Eu estava vivo. Acho que só precisava disso. E todos aqueles caras incríveis, com corações imensos como as pradarias do Texas, subitamente explodiram no canto: “God bless America, land that I love… (Deus abençoe a

América, terra que eu amo…)”.

Eram a sra. Herzogg e suas filhas; Billy Shelton; o chefe Gothro; minha mãe e meu pai; Morgan e Scottie; o tenente Andy Haffelle e sua esposa, Kristina; Eric Rooney; o comandante Jeff Bender; o Sargento Daniel; o tenente JJ Jones e todos os outros que eu já mencionei. Eles esperaram por isso durante cinco dias e cinco noites. E lá estava eu, a salvo, numa cama de hospital, a 128 mil quilômetros de distância, pensando neles como eles estavam pensando em mim.

E, falando nisso, naquela hora, eu estava só pensando em alguma resposta esperta para dar para o Morgan, pois eles me disseram que estava prestes a ser conectado com minha família, por telefone. Eu achava que Morgan estaria lá e, se eu pudesse arranjar algo que fosse bem esperto e casual, ele teria certeza de que eu estava bem. Claro que falar com ele não era tão importante quanto falar com a minha mãe. Morgan e eu estivéramos ligados durante todo o tempo, da forma como geralmente acontece com irmãos gêmeos.

Por volta dessa hora, me designaram um acompanhante, o oficial de primeira classe Jeff Delapenta (Equipe SEAL 10), que jamais sairia do meu lado. E, lembre-se, quase todo mundo nessa base queria vir bater um papo. Pelo menos, era isso que parecia para mim. Mas Jeff não queria nem saber. Ficava de guarda em meu quarto como um pastor alemão, dizendo que eu estava muito doente e precisava de paz e descanso e ele, PO1 Jeff, tinha que assegurar isso.

Médicos e enfermeiras, tudo bem. Comandantes SEALs de alta patente, bem… tudo bem. Mas só. Qualquer outro podia esquecer. Jeff Delapenta recusou generais! Dizia-lhes que eu estava descansando, não podia ser perturbado sob nenhuma circunstância. “Ordens expressas dos médicos… Senhor, deixá-lo entrar naquele quarto colocará minha carreira em risco.”

Conversei em particular com minha família, ao telefone, e me abstive de mencionar à minha mãe que havia contraído algum tipo de bactéria nas montanhas afegãs que atacara o meu estômago como a “Vingança de Montezuma”, que se pega no México. Juro por Deus, aquilo veio daquela porra daquela garrafa de Pepsi. Aquela porcaria poderia ter envenenado toda a população do Hindu Kush.

Mas não fez com que eu deixasse de amar aquele primeiro *cheeseburger*. E, logo que eu estava descansado, começou um intenso relato. Foi ali que fiquei sabendo de todas as ramificações do *lokhay*, que o povo de Sabray estava realmente preparado para lutar por mim até que não houvesse mais ninguém vivo. Um dos caras da inteligência me contou, em detalhes, o que eu suspeitara,

mas nunca tivera certeza.

Essas reuniões de relato revelaram dados suficientes para apontar precisamente o local onde estavam os corpos de meus companheiros. E foi muito difícil para mim. Só de olhar as fotografias, me torturando, reviver, de uma forma que ninguém poderia compreender, o lugar onde meu melhor amigo tombou, novamente imaginando se eu poderia tê-lo salvado. Será que eu poderia ter feito mais? Naquela noite, pela primeira vez, eu ouvi Mike gritar.

Em meu terceiro dia no hospital, os corpos de Mikey e Danny foram trazidos das montanhas. Não conseguiram encontrar Axe. Disseram-me isso e, mais tarde, naquele dia, eu me vesti, só de camisa e *jeans*, para que o dr. Dickens me desse uma carona até a cerimônia, uma das mais sagradas tradições SEAL, na qual damos um adeus formal a um irmão perdido.

Foi a primeira vez que alguém me via fora de meu uniforme e provavelmente receberam um grande choque. Eu estava limpo e arrumado, mas não muito como o Marcus que eles conheciam. E estava doente por conta do meu encontro brutal com aquela maldita garrafa de Pepsi.

O C-130 estava estacionado na pista, com a rampa abaixada. Havia cerca de duzentos membros militares presentes, quando os Humvees chegaram, trazendo os caixões, cada um deles embrulhado com a bandeira americana. E todos ficaram em posição de sentido, instantaneamente, sem que houvesse voz de comando, conforme os SEALs se apresentaram para receber seus irmãos. Lentamente, com imensa dignidade, ergueram os caixões ao alto, depois carregaram os corpos de Mikey e Danny, ao longo dos cinquenta metros até a rampa da aeronave.

Eu me posicionei bem na traseira e os observei cuidadosamente levando meus companheiros em seus primeiros passos de regresso aos Estados Unidos. Mil lembranças passavam ali à minha frente, como acho que ocorreria com qualquer um que tivesse estado no cume de Mikey.

Danny despencando montanha abaixo, com o polegar arrancado, ainda atirando, alvejado repetidamente, levantando, enquanto eu o arrastava para longe, erguendo seu rifle para mirar o inimigo mais uma vez, ainda atirando, desafiador, um guerreiro até o último suspiro. E lá vinha ele, naquele caixão de madeira polida.

Na frente, estava o caixão que trazia Mike Murphy, nosso oficial, que adentrara a tempestade de tiros para fazer a última ligação de seu telefone celular, aquela que o colocaria em perigo mortal, a chance que ele acreditava nos salvaria a todos.

Alvejado pelo Talibã nas costas, com o sangue escorrendo em seu peito, o telefone caiu na poeira e ele o pegou. “Entendido, senhor. Obrigado.” Houve alguém mais corajoso que ele? Lembro-me de ter ficado impressionado pela forma como ele se levantou e caminhou até mim, alto e ereto, aturando os tiros até que eles finalmente arrancaram um pedaço de sua cabeça. “Marcus, isso tá uma bosta.”

Naquele momento, ele estava certo. E está certo agora. Era uma bosta. Conforme levavam Mikey para o avião, eu tentava pensar num epitáfio para o meu melhor amigo, e só pude pensar no poema escrito pelo australiano Banjo Paterson, imagino que para um de seus ídolos, como Mikey era o meu:

> *Ele era duro, valente e de fibra – do tipo que não transmite a ideia da morte*
> *Havia coragem em seu passo rápido e impaciente;*
> *E trazia o emblema da disposição em seus olhos de brilho feroz,*
> *E, na cabeça, altivez e orgulho latente*.

Esse era precisamente o tenente Michael Patrick Murphy. Pode confiar em mim, quanto a isso. Morei com ele, treinei com ele, lutei com ele, ri com ele e quase morri com ele. Cada palavra desse poema foi escrita para ele.

E agora o estão carregando, passando pela multidão, por mim, e subitamente meus comandantes vieram e me disseram que seria apropriado que eu ficasse ao lado da rampa. Então, fui até lá e fiquei o mais ereto que minhas costas permitiam.

O capelão se aproximou da rampa e os caixões foram deslocados para diante, e ele começou, solenemente. Sei que não era um funeral, não o que suas famílias fariam em nossa terra, nos Estados Unidos. Esse era nosso funeral, momento em que nós, sua outra família, todos servindo juntos no exterior, daríamos nosso último adeus a dois grandes homens. A voz do padre era suave, perto da aeronave. Ele ficou ali falando da vida deles e pedindo a Deus um último favor: “Que a luz eterna brilhasse sobre eles…”

Fiquei olhando, enquanto setenta pessoas, SEALs, *rangers* e boinas-verdes, se aproximavam e passavam vagarosamente, entravam na aeronave, paravam, saudavam com grande solenidade, depois desembarcavam. Fiquei no solo até o último passar. Depois, também subi a rampa lentamente, até o lugar onde estavam os caixões.

Lá dentro, atrás do SEAL que estava acompanhando os caixões, vi um

combatente veterano muito valente, o oficial Ben Saunders, um dos melhores amigos de Danny, chorando descontroladamente. Ben era um garoto durão das montanhas do oeste da Virginia, especialista em trilhas e alpinista, meio espiritual em relação à terra selvagem. E agora ele estava na antepara, triste demais para sair, arrasado demais para descer os degraus. (Ele era da Equipe SDV 2, assim como Danny.)

Eu me ajoelhei perto dos caixões e dei meu adeus a Danny. Depois me virei ao que continha Mikey e coloquei meus braços ao redor e acho que disse: “Sinto muito. Sinto muito, mesmo”. Não lembro muito claramente. Mas lembro como me senti. Lembro que não sabia o que fazer. Lembro em ter pensado que os restos de Mikey logo seriam levados e como algumas pessoas iriam esquecê-lo, outras lembrariam dele ligeiramente e algumas lembrariam bem, com afeição, que eu sei.

Mas a morte de Mikey não afetaria ninguém como afetaria a mim. Ninguém sentiria sua falta da mesma forma que eu. Nem sentiria a sua dor, nem ouviria o seu grito. Ninguém encontraria Mikey na madrugada, em seus piores pesadelos, como eu. E ainda me importo com ele, e ainda me pergunto se haviam feito o suficiente por ele. Como eu faço.

Saí da aeronave e caminhei sem auxílio até o último degrau. O dr. Dickens me levou de volta até o hospital. Fiquei ali, ouvindo a decolagem do C-130, escutando seu rugir pela pista, levando Mikey e Danny rumo ao sol poente, milhas e milhas mais perto do céu.

E as palavras de mil funerais surgiam em minha mente: “O tempo não vai mudá-los, nem os anos condená-los. Iremos nos lembrar deles com o nascer e o pôr do sol”. Bem ali, em minha cama, em Bagram, Afeganistão, eu estava fazendo minha própria homenagem militar aos meus dois amigos mortos.

Minha nova preocupação era Axe. Onde estava ele? Certamente não teria sobrevivido. Mas os caras não conseguiam encontrá-lo e isso era mau. Eu mostrara o buraco onde nós dois descansávamos, aguardando a morte, enquanto o Talibã abria fogo contra nós, por trás das rochas, e finalmente nos explodiu, a céu aberto.

Eu havia sobrevivido, mas não tinha sido alvejado cinco vezes, como Axe. E sabia milimetricamente onde ele estava da última vez em que o vira. Falei novamente com os caras e o comando SEAL não ia deixá-lo ali. Eles iam voltar. Dessa vez, com a maior quantidade possível de informações mais pessoal e mais orientação local.

Sugeri que encontrassem o ancião de Sabray, se ainda morasse lá. Porque,

de todas as pessoas, era ele quem certamente poderia levá-los até o SEAL morto. Foi quando soube do pessoal da inteligência que o cavalheiro a quem eu me referia era o cabeça das três vilas que nós observávamos. Ele era um homem altamente reverenciado no Hindu Kush, pois aquela cultura não venera a juventude e a celebridade televisiva barata. Aqueles tribais louvam, acima de todas as coisas, o conhecimento, a experiência e a sabedoria.

Imediatamente o contatamos e, alguns dias depois, o mesmo velhinho, pai de Gulab, meu protetor, caminhou pelas montanhas novamente, por talvez seis ou oito quilômetros. Dessa vez ele estava liderando uma equipe SEAL, do Pelotão Alfa, que tinha vários dos meus companheiros, Mario, Corey, Garrett, Steve, Sean, Jim e James. (Sem sobrenomes. Caras de Operações Especiais na ativa, certo?)

Também havia um grupo do Pelotão Echo. Eles passaram o dia todo percorrendo a encosta da montanha íngreme e levaram água e comida extra, caso levasse mais tempo. Mas dessa vez não voltariam sem Axe. Não, senhor. Nunca deixamos ninguém sozinho.

O idoso mal falou com eles. Mas os levou ao exato local onde estava o corpo de Matthew Gene Axelson. Seu rosto havia sido desfigurado com os tiros a curta distância, daquela forma singular e antiga que o Talibã faz, quando encontra um americano ferido mortalmente. A propósito, se alguém se atrever a dizer as palavras Convenção de Genebra enquanto estou escrevendo isso, posso perder o controle.

De qualquer forma, encontraram Axe, com balas de rifle que o Talibã detonara em seu rosto enquanto ele morria, da mesma forma como haviam feito com Mikey. Mas Axe estava num lugar diferente de onde eu pensei. Sei que ambos fomos jogados para fora do buraco pela granada, pois eu caí no precipício. Mas Axe estava alguns metros adiante. Ninguém sabe como ele foi parar lá.

Axe ainda tinha três pentes para sua pistola quando a granada nos atingiu. Mas, quando o encontraram, ele estava no último. E isso só podia significar uma coisa: Axe deve ter continuado a lutar, depois de ter recobrado a consciência após a explosão, partindo para cima daqueles bastardos novamente, talvez disparando mais trinta tiros neles; provavelmente os deixou malucos. Acho que deve ter sido por isso que, quando ele sucumbiu aos seus terríveis ferimentos, eles lhe deram aquele bárbaro fim tribal.

Eu achava que Audie Murphy era o máximo do guerreiro americano. Agora não. Não mais. E isso me entristece mais do que posso dizer, pensando no que

eles fizeram, no fim. Mikey e Axe. Isso entristece demais o Morgan, ninguém pode sequer mencionar o nome de Axe sem que ele saia da sala. Acho que você teria de conhecê-lo para entender isso. Não havia muitos como Matthew Axelson.

Bem, quando trouxeram Axe, eu já tinha partido. Eles me mandaram num voo, no dia 8 de julho, no Boeing militar C-141, numa longa jornada até a Alemanha. Jeff Delapenta me acompanhou, jamais saindo do meu lado. E, lá, dei entrada no centro médico da base da força aérea, em Lanstuhl, próximo à fronteira oeste com a França, a aproximadamente noventa quilômetros a sudoeste de Frankfurt.

Fiquei lá cerca de nove dias, me recuperando e recebendo tratamento em meus ferimentos e terapia ortopédica para a coluna, ombro e punho. Mas aquele germe da garrafa da Pepsi não saía de meu estômago. Demonstrou grande resistência durante longos meses e tornou difícil que eu recuperasse meu peso. Mas superei aquilo e finalmente deixei a Alemanha para a jornada de 64 mil quilômetros de volta aos EUA. Dessa vez, o tenente Clint Burk, meu parceiro de nado no BUD/S me acompanhou, junto com o dr. Dickens. Clint e eu sempre fôramos amigos próximos, e a jornada passou bem rápido. Viajamos no C-17, um cargueiro, lá em cima, na primeira classe… bem, quase. Mas estávamos em poltronas. Foi ótimo. E, nove horas depois, pousamos em Maryland. Depois a Marinha nos arranjou uma carona no jato de um senador.

E acho que regressei com certo estilo, ao aeroporto de San Antonio, Texas, que fica a quase 320 quilômetros a oeste de Houston, descendo pela Route 10, sobre o rio Colorado. Acho que falaram algo sobre me levar para San Diego, mas, aparentemente, Morgan simplesmente disse: “Pode esquecer tudo isso. Ele vem pra casa e eu vou buscá-lo”.

Morgan, meu irmão caçula Scottie e os SEALs tenentes JJ e JT entraram na caminhonete da família e atravessaram o estado da Estrela Solitária para pegar o irmão que a mídia lhes dissera que havia morrido. Não pude acreditar quando vi todos eles ali, me esperando, quando meu jato particular pousou.

Houve algumas lágrimas de todos nós. Acho que eram lágrimas de felicidade, pois eles todos tinham vivido sob a mais sombria das ameaças, a de que jamais voltaríamos a nos ver. Tenho de admitir que a ideia também passou por minha cabeça algumas vezes.

Mas eu me lembro mais do riso. “Jesus, você está horrível”, disse Morgan. “A mãe vai ter um colapso nervoso quando te vir.” Aquilo me lembrou o que eu havia dito a Axe quando ele foi ferido fatalmente, na montanha: “Ei, cara, você

tá todo fodido”.

É apenas a forma como falamos uns com os outros. Lembre-se de que Morgan é um SEAL e suas palavras, mesmo para seu irmão gêmeo, eram repletas de humor, como todas as palavras que trocamos. Um dia, poderá ser Morgan o encurralado na montanha, e eu esperando por ele, fora de mim de tanta preocupação, temendo por sua vida. Mas eu me lembro que ele disse que me amava, assim como Scottie. E aquilo significou muito para mim.

Na ausência do comandante Pero, Scottie se apressou a buscar um saco cheio de *cheeseburgers* para a jornada de cinco horas até em casa, e fomos gargalhando pelo caminho, através do Texas; eu, diminuindo minha provação, dizendo que não fora tanto assim, o que nenhum deles acreditava. Acho que seria impossível ficar com uma aparência tão ruim quanto a minha se realmente não tivesse sido tanta coisa.

Mas nós nos divertimos e, no final, eu lhes contei um pouco do lado sério e horrendo. Morgan chorou como uma criança quando lhe contei sobre Axe. Todos ficamos muito quietos enquanto isso acontecia, pois não havia palavras que pudessem confortá-lo, nada que pudesse ser dito para aliviar sua tristeza. De meu ponto de vista, jamais haverá. É o mesmo que eu e Mikey.

Acabamos chegando ao nosso cantinho do leste do Texas. Estávamos todos juntos quando entramos de carro por aquela estrada larga, de terra vermelha, que dava no sítio, o lar que pensei que jamais voltaria a ver. Aqueles carvalhos imensos dominando o lugar e os cães do papai vindo correndo para nos encontrar, latindo que nem malucos, com a Emma sempre na frente, abanando o rabo, como se soubesse de alguma coisa que os outros não sabiam.

Como era de se esperar, minha mãe desabou em lágrimas ao me ver, pois eu ainda estava cerca de dezessete quilos mais magro do que na última vez em que ela me vira. E acho que parecia estar muito doente. Nunca contei a ela sobre a maldita garrafa cheia de tifo da Pepsi. Havia muita gente das redondezas aguardando para me cumprimentar.

Na época, eu não sabia que aquelas pessoas haviam formado o alicerce da vigília de cinco dias que ocorrera na propriedade, enquanto eu estava desaparecido. Uma vigília para a qual ninguém havia sido convidado e ninguém sabia que os outros estariam lá; uma vigília que nasceu da pura amizade e preocupação, que começou com a profecia melancólica e esperanças tênues, mas terminou com a terra iluminada pelo sol e as preces atendidas. Eu mal pude acreditar quando ouvi o que tinha acontecido.

Ainda assim, ali, à minha frente, estava a prova viva do amor que esses

texanos tiveram por mim e pelo que eu tentava fazer por meu país. E veio na forma de uma casa de pedras novinha em folha, erguida numa nova parte asfaltada do quintal, talvez a seis metros da casa principal. Tinha dois andares, com uma varanda larga no andar de cima, ao redor dos quartos, com um chuveiro alto, parede de pedras, feito especialmente para mim. Por dentro, a casa estava perfeitamente decorada, acarpetada e mobiliada, com uma imensa televisão plasma.

"Como é que isso veio parar aqui?", perguntei à minha mãe. E o que ela me disse, me deixou pasmo. Aquilo começara com uma visita, depois que a vigília havia terminado, de um texano maravilhoso, dono de terras, chamado Scott Whitehead. Ele era apenas um dos tantos que vieram ver meus pais e expressar sua felicidade por eu ter sido encontrado. Aliás, ele não conhecia minha família.

E antes de partir ele explicou que tinha um amigo muito próximo, dono de uma construtora de Houston, e perguntou se havia algo que Marcus pudesse gostar, quando voltasse para casa.

Minha mãe explicou que eu sempre quisera um pequeno espaço só para mim, onde eu poderia… bem… ficar *relax*, como o falecido Shane Patton sem dúvidas diria. E talvez uma pequena ampliação de meu quarto térreo fosse legal. Ela estava pensando em algo barato que talvez ela e o papai pudessem pagar.

Disse ela que o que aconteceu a seguir foi a chegada dos dois maiores caminhões que ela já vira na vida, acompanhados por uma escavadeira mecânica, alguns arquitetos e engenheiros e só Deus sabe o que mais. Então, diz minha mãe, uma equipe de trinta caras, trabalhando vinte e quatro horas por dia, em turnos, me construíram uma casa em três dias!

Scott Whitehead disse que estava orgulhoso por ter feito um pequeno favor a um grande texano (Cristo! Acho que ele estava falando de mim). E ainda liga para minha mãe todos os dias, só para ver se estamos todos bem.

De qualquer forma, Morgan e eu nos mudamos para lá, deixando um espaço para a quantidade de SEALs que vinham nos ver. E eu fiquei em casa com a família, descansando por duas semanas, tempo em que minha mãe travou uma dura batalha com o germe da garrafa de Pepsi, tentando fazer com que eu ganhasse algum peso.

Os rapazes de Scott Whitehead haviam pensado em tudo. Eles até ligaram o telefone da casa com a minha nova residência, e a primeira ligação que recebi foi uma grande surpresa. Atendi ao telefone e a voz disse: "Marcus, aqui é o George Bush. Eu fui o quadragésimo primeiro".

Jesus! Era o quadragésimo primeiro presidente dos Estados Unidos. Eu

soube disso imediatamente. O presidente Bush mora em Houston.

"Sim, senhor", respondi. "Eu sei exatamente quem é o senhor."

"Bem, só liguei para dizer o quanto nós todos estamos orgulhosos de você. E meu filho está muito orgulhoso e quer que você saiba que os Estados Unidos estão muito orgulhosos de você, de sua bravura em combate."

Minha nossa, de cara dava para ver que ele era um militar. Eu sabia sobre seu histórico como piloto de bombardeiros-torpedo no Pacífico, na Segunda Guerra Mundial, derrubado pelos japoneses, condecorado com a Flying Cross. O homem que indicou o general Colin Powell como presidente da Joint Chiefs (agência que presta consultoria ao presidente sobre questões militares). Vencedor da guerra do Golfo.

Você está brincando! "Sou o George, quadragésimo primeiro, ligando para dizer que estou orgulhoso de você!" Aquela realmente me quebrou. Ele disse que, se eu precisasse de alguma coisa, independentemente do que fosse, devia ligar para ele. Depois me deu seu telefone. Que tal? Eu, Marcus? Quero dizer, Jesus, ele não precisava fazer isso. Os texanos não são as pessoas mais legais do mundo? Talvez você não ache, mas aposto que entende o que quero dizer.

Fiquei vibrando pela ligação do presidente Bush. E lhe agradeci, sinceramente. No final, eu apenas disse: "Se precisar, pode deixar que vou ligar, senhor. Sim, senhor."

Por volta de meados de agosto, ainda na Marinha americana, tive que voltar para o Havaí (Equipe SDV 1). Durante as minhas duas semanas lá, recebi uma visita do chefe de operações navais, almirante Mike Mullin, vindo direto do Pentágono.

Ele me pediu que fosse até o escritório do oficial de comando e me promoveu ali mesmo, me tornando um tenente oficial de primeira classe, sem papo furado.

Ele é o cabeça da Marinha. E aquela foi a maior honra que eu já havia recebido. Foi um momento que jamais esquecerei, ali, em pé, na presença do almirante Mullin. Ele me disse que estava muito orgulhoso de mim. E não dá para ir muito mais longe que isso. Eu quase tive um troço.

Talvez os civis possam não entender por que uma honra como essa significa o mundo para todos nós; aquele reconhecimento sagrado de que você serviu bem ao seu país, de que cumpriu seu dever e, de alguma forma, atendeu às mais altas expectativas.

Embora isso possa parecer um ritual estranho numa tribo de país estrangeiro, meio como o *lokhay*, provavelmente, espero que você entenda o que

quero dizer.

De qualquer forma, ele me perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer por mim e lhe disse que só havia uma coisa. Eu trazia comigo o emblema do Texas, que usara no peito, ao longo do meu serviço no Afeganistão, lutando contra o Talibã e a al-Qaeda. É o emblema que traz a Estrela Solitária. Ele estava queimado por causa da explosão da última granada, e ainda havia respingos de sangue, embora eu tivesse tentado limpar. Mas eu o embrulhei em plástico e dava para ver a Estrela do Texas claramente. E perguntei se o almirante Mullin poderia dá-lo ao presidente dos Estados Unidos.

Ele respondeu que certamente o faria e que acreditava que o presidente George W. Bush ficaria honrado em tê-lo.

"Você gostaria de mandar uma breve carta ao presidente, para acompanhar o emblema da batalha?", perguntou o almirante Mullin.

Mas eu lhe disse que não. "Ficaria grato se o senhor apenas lhe desse isso, senhor. O presidente Bush é texano. Ele entenderá."

Eu também tinha outro pedido a fazer, mas me restringi aos meus superiores diretos. Eu queria voltar ao Bahrein e reencontrar meu pessoal da Equipe SDV 1, e finalmente trazê-los para casa, após a conclusão de nossa missão.

"Parti com eles e quero voltar com eles", eu disse, e meu bom amigo Mario, oficial encarregado pelo Pelotão Alfa, achou que seria apropriado. E, em 12 de setembro de 2005, eu voei de volta ao Oriente Médio, pousando na base aérea americana na ilha de Muharraq, mesmo lugar de onde eu havia partido com Mikey, Axe, Shane, James e Dan Healy, rumo ao Afeganistão, cinco meses antes. Eu era o único que havia sobrado.

Eles me levaram de carro até a estrada, de volta à base americana, na ponta nordeste do país, na periferia oeste da capital do Bahrein, Manama. Seguimos de carro até a região central da cidade, passando pelos lugares onde as pessoas deixavam claro o ódio que sentiam por nós e admito que dessa vez havia um certo receio em minha alma. Agora eu sabia o que era o ódio dos jihadistas.

Eu estava reunido com meu pessoal e fiquei no Bahrein até o final de outubro. Então, todos voltamos ao Havaí, enquanto me preparava para outra jornada árdua, a que prometera a mim mesmo e aos meus amigos que haviam partido, em minhas preces, e prometera às famílias. Eu pretendia ver todos os parentes e explicar a conduta exemplar demonstrada por todos os seus filhos, maridos e irmãos, na linha de frente de batalha, contra o terror mundial.

De certa forma, suponho que estivesse preenchendo uma parte minha, que

eu perdera ao ver todo o pesar transbordando, conforme meus companheiros de equipe voltavam, um a um, do Afeganistão. Eu havia perdido os funerais, cuja maioria ocorreu antes de meu regresso. E as homenagens póstumas, impecavelmente conduzidas pela Marinha, aos meus camaradas falecidos.

O funeral do tenente Mikey Murphy, por exemplo, em Long Island, Nova York, foi enorme. Eles fecharam estradas inteiras, estradas movimentadas. Havia cartazes pendurados pela via expressa, na Long Island Expressway, em memória do SEAL que pagara o preço máximo na luta contra os combatentes da al-Qaeda.

Havia escolta policial para o cortejo e milhares de pessoas comuns apareceram para prestar suas últimas homenagens a um filho local, que dera tudo por seu país. E eles nem sequer sabiam um quarto do que ele havia dado. Ninguém sabia. Exceto eu.

Vi uma fotografia do enterro, ao lado do túmulo. A cerimônia aconteceu sob uma chuva torrencial, todos estavam ensopados, os SEALs, com seus rostos petrificados, de uniforme de gala, solenes, imóveis sob a tempestade, enquanto baixavam Mikey no silêncio eterno da sepultura.

Todos os corpos haviam vindo em voos com acompanhantes SEALs uniformizados mantendo guarda ao lado do caixão coberto pela bandeira americana. Como eu já falei, mesmo na morte, jamais deixamos alguém para trás.

Fecharam o aeroporto Internacional de Los Angeles para a chegada do avião que trazia James Suh. Pousos e decolagens foram proibidos enquanto a aeronave fazia a aproximação para pouso. Nada, até que o acompanhante tivesse trazido o caixão até o carro funerário.

O estado do Colorado quase fechou para a chegada do corpo de Danny Dietz, pois a história de seu heroísmo na montanha havia, de alguma maneira, vazado para a imprensa. Mas, como os bons cidadãos de Long Island, o povo do Colorado jamais soube nem um quarto do que aquele guerreiro poderoso fizera diante do inimigo, em nome de nossa nação.

E realmente fecharam toda a cidade de Chico, no nordeste da Califórnia, quando Axe chegou. É uma cidade pequena, situada a cerca de 120 quilômetros ao norte de Sacramento, com seu próprio aeroporto municipal. O acompanhante foi encontrado por uma guarda de honra que carregou o caixão diante de uma imensa multidão, e o funeral, um dia depois, parou tudo, causando terríveis engarrafamentos.

Simplesmente eram apenas pessoas que tentavam prestar sua última homenagem. O mesmo acontecia em todos os lugares. Fico com a impressão de

que, independentemente de quanta hostilidade seja direcionada a nós pela imprensa liberal, o povo americano simplesmente não acredita. Eles ficam corretamente orgulhosos das forças armadas dos Estados Unidos da América. Possuem um entendimento nato daquilo que fazemos. E, não importa a quantidade de veneno sobre nossa alegada brutalidade, desrespeito à Convenção de Genebra e abuso dos direitos humanos dos terroristas, isso não irá mudar a forma como a maioria das pessoas pensa.

Duvido que qualquer editor da mídia fosse ganhar uma recepção como os SEALs ganharam, embora esses combatentes tenham obtido seus momentos de ápice na privacidade impingida do Hindu Kush. Talvez a mídia tenha oferecido ao público americano um cálice envenenado e depois eles mesmos acabaram bebendo.

Alguns membros da mídia pensam que podem fazer uma lavagem cerebral no público, a qualquer hora que desejarem, mas eu sei que não podem. Aqui, não. Não nos Estados Unidos da América.

Em nossa longa jornada para visitar os parentes, certamente fomos recebidos apenas com ternura, amizade e gratidão, como representantes da Marinha americana. Acho que nossa presença naqueles lares espalhados por todo o país demonstrou, de uma vez por todas, que as lembranças daqueles homens amados sempre serão guardadas com carinho, não apenas pelas famílias, mas pela Marinha em que eles serviram. Porque a Marinha dos EUA se preocupa profundamente com essas questões. Acredite em mim, eles realmente se preocupam.

No momento em que sugeri aos meus superiores que os membros restantes do Pelotão Alfa deveriam fazer a jornada, a Marinha ofereceu seu apoio e imediatamente concordou que todos nós deveríamos ir, e que pagaria por cada dólar que a viagem custasse.

Chegamos de volta a San Diego e alugamos três caminhonetes. Depois dirigimos até Las Vegas, para encontrar a família do meu assistente, Shane Patton, que morreu na explosão do helicóptero, na montanha. Chegamos no Dia dos Veteranos. Fizeram-nos convidados de honra na cerimônia fúnebre. Foi muito triste para mim. O pai de Shane havia sido um SEAL e ele entendia o quanto eu conhecia seu filho. Fiz o melhor que pude.

Então, pegamos um voo até Nova York, para ver a mãe e a noiva de Mikey, e depois segui para Washington, D.C., para ver os pais do tenente comandante Eric Kristensen, nosso comandante em exercício, o SEAL veterano e oficial de comando que largou tudo que estava fazendo naquela tarde e saiu correndo para

o helicóptero, junto com o pessoal, enfiando um pente em seu rifle e dizendo a eles que Mikey precisava de todas as armas que pudesse conseguir. Acho que foi com Eric que Mikey falou, quando fez aquela última e fatal ligação telefônica.

Eu disse ao almirante Kristensen, seu pai, que Eric sempre foi um herói para mim, como era para todos aqueles que morreram com ele na montanha. Nosso comandante foi enterrado na Academia Naval Americana, em Annapolis.

Depois, seguimos para o cemitério nacional de Arlington, para visitar os túmulos do tenente Mike McGreevy Jr., e do oficial de primeira classe Jeff Lucas, de Corbett, Oregon. Ambos morreram no helicóptero e foram enterrados lado a lado, em Arlington, da forma como morreram no Hindu Kush.

A seguir, pegamos um voo, atravessando o país para visitar a imensa família do oficial James Suh. Todos foram ao cemitério fazer uma prece para um dos caras mais populares do pelotão.

O chefe Dan Healy está enterrado no cemitério militar em Point Loma, San Diego, não muito longe de Coronado. Todos fizemos a jornada até o norte da Califórnia para ver sua família. Depois fomos de carro até Chico, e contei a Cindy, esposa de Axe, sobre a coragem com que ele lutou, o herói que era, e que suas últimas palavras para mim, foram: “Diga a Cindy que a amo”.

Danny Dietz era do Colorado e foi enterrado lá. Mas sua família morava em Virginia, próximo à base de Virginia Beach. Fui ver sua linda esposa de cabelos escuros, Patsy, e tentei o melhor para explicar o papel essencial que ele tivera em nossa equipe e a forma como, no final, ele tombou lutando com a coragem máxima de um homem que já servira as forças armadas americanas.

Mas um pesar como o que Patsy sentia é muito difícil de abrandar. Sei que ela sentia que sua perda despedaçara sua vida de forma irrevogável, mas tentaria recompô-la. Estava com os dois cachorrões de Danny e, antes que eu saísse, ela disse: “Eu simplesmente sei que jamais haverá outro homem como Danny”.

Não tenho dúvida alguma quanto a isso.

Conforme o ano foi terminando, meus ferimentos melhoraram, mas permaneceram e fui mandado de volta a Coronado. Deixei a Equipe SDTV 1 e ingressei na Equipe SEAL 5, na qual fui designado oficial de liderança do Pelotão Alfa. Como todos os pelotões SEAL, há o oficial responsável, o chefe encarregado e o de liderança é que o administra. Eles até me deram uma mesa e o oficial em comando, o comandante Rico Lenway, instantaneamente se tornou um pai para mim, assim como o chefe Pete Naschek, um supercara e veterano de tudo quanto é lugar.

Mas foi uma época de muita reflexão para mim, voltando a Coronado, onde

eu não vivera desde o BUD/S, sete anos antes. Voltei até a praia onde aprendi a realidade da vida de um SEAL e o que era esperado que eu tolerasse; o frio, o frio congelante e a dor; a habilidade de obedecer a uma ordem instantaneamente, sem questionar, sem rancor, os alicerces de nossa disciplina.

Ali, eu havia corrido, pulado, levantado, feito flexões, nadado, me debatido, e me esforçara até o limite de minha vida. De alguma forma, eu havia seguido em frente, enquanto outros caíam ao meu lado. Um milhão de esperanças e sonhos haviam sido destroçados bem ali, nessas areias molhadas pelo mar. Mas não os meus, e eu tinha uma sensação engraçada de que, para mim, essa praia seria eternamente assombrada pelo jovem e esforçado Marcus Luttrell, trabalhando para se manter em forma.

Caminhei até as primeiras barracas e quase pulei para fora das minhas botas quando aquele alto-falante uivante da plataforma entrou em ação. E fui até o moedor, onde os comandantes SEALs finalmente me cumprimentaram ternamente, após me concederem meu Tridente. Onde, pela primeira vez, apertei a mão do almirante Joe Maguire.

Olhei o sino silencioso em frente ao escritório do BUD/S e o lugar onde os desistentes colocavam seus capacetes. Logo haveria muitos capacetes ali, quando a nova turma do BUD/S começasse. Da última vez que eu estivera aqui, vestia meu uniforme de gala, junto com um grupo impecável de novos SEALs, com muitos dos quais servi, logo depois.

E me ocorreu que qualquer um deles, em qualquer dia, teria feito as mesmas coisas que eu fiz, em minha última missão de combate, no Hindu Kush. Eu não era diferente em nada. Esperava apenas ser o mesmo garoto texano do interior que passara pelo maior sistema de treinamento do planeta, com os melhores caras que alguém pode conhecer. Os SEALs, os guerreiros, a linha de frente do músculo militar dos Estados Unidos. Eu ainda fico com um bolo na garganta quando penso em quem somos.

Lembro que minhas costas doíam um pouquinho, enquanto estava ali em pé, no moedor, perdido em meus pensamentos, e meu punho, como sempre, doía, por causa de outra operação. E suponho que no fundo soubesse que jamais seria o mesmo fisicamente, nunca mais poderia ser tão duro em combate como fora antes, porque não dou conta das corridas e escaladas. Mas nunca tive um nível olímpico!

No entanto, vivi meu sonho e um pouco mais, e acho que sempre irão me perguntar se tudo isso acabou valendo a pena. E minha resposta sempre será a mesma que eu frequentemente dava, em meu primeiro dia.

“Afirmativo, senhor.” Porque passei por tudo e tenho minhas lembranças e não trocaria nada, nem pelo mundo inteiro. Eu sou um SEAL dos Estados Unidos.

EPÍLOGO: ESTRELA SOLITÁRIA

Em 13 de setembro de 2005, Danny Dietz e Matthew Axelson foram condecorados com a mais alta honra que pode ser concedida a alguém pela Marinha ou pelos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos – a Cruz Naval por heroísmo em combate. Fui até a Casa Branca para receber a minha, em 18 de julho do ano seguinte.

Estava acompanhado dos meus irmãos, Morgan e Scottie, minha mãe e meu pai, e meu grande amigo Abbie. O comandante Lenway e chefe-mestre Pete Naschek, ambos da Equipe SEAL 5, também estavam lá, com o tenente Drexler, assistente do almirante Maguire.

Em traje de gala azul, com meu broche de coração roxo preso no peito, perto de meu Tridente, entrei no Salão Oval. George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, se levantou para me cumprimentar.

"É uma honra conhecê-lo, senhor", eu disse.

E o presidente me deu aquele seu sorrisinho, que interpretei como "Somos ambos texanos, certo?". E ele disse, com um ar sabedor: "É um prazer conhecê-lo, filho".

Ele olhou o gesso em meu punho esquerdo e eu lhe disse: "Estou tentando voltar à luta, senhor".

Apertei sua mão e ele tinha um aperto de mão forte. Olhou-me dentro dos olhos, com um olhar forte, fixo. A última vez que alguém me olhara assim fora Ben Sharmak, no Afeganistão. Mas aquele era um olhar nascido do ódio. Esse era um olhar entre camaradas.

Nosso aperto de mão foi demorado e, para mim, profundo. Aquele era meu comandante supremo e agora eu tinha toda a sua atenção, como eu teria, toda vez que ele falasse comigo. O presidente Bush faz isso com naturalidade, falando como se não houvesse mais ninguém na sala. Aquele era um homem poderoso.

Lembro que queria lhe dizer que todos os meus amigos o amam, acreditam

nele, e que estamos prontos para fazer tudo por ele, a qualquer hora que precise. Mas ele sabe disso. Ele é o nosso cara. Até Shane, com seu casaco de pele de leopardo, reconhecia nosso comandante supremo como um verdadeiro "compadre".

O presidente Bush parecia saber o que eu estava pensando. E ele me deu um tapa no ombro e disse: "Obrigado, Marcus. Estou muito orgulhoso de você, filho".

Não tenho palavras para descrever o que aquilo significou para mim, o quanto foi importante. Fiquei atento enquanto o tenente Drexler leu minha citação. E o presidente, mais uma vez, veio até mim. Ele tinha nas mãos a fabulosa Cruz Naval, com seu laço azul-escuro que é traçado no meio por uma listra branca que significa a abnegação.

A cruz, em si, exibe um navio da Marinha cercado por uma guirlanda. O presidente a prendeu diretamente abaixo de meu Tridente. E ele disse, novamente: "Marcus, estou muito orgulhoso de você. E gosto muito dos SEALs".

Eu novamente lhe agradeci. Então, ele me viu olhar sua mesa e sobre ela estava o emblema da batalha que eu pedira ao almirante Mullin para lhe dar. O presidente riu e disse: "Lembra disso?".

"Sim, senhor." Ora, se eu lembrava. Eu escondera aquela belezinha em minhas calças afegãs, só para ter certeza de que aqueles bastardos do Talibã não iam pegá-la. E agora estava ali, novamente, em cima da mesa do presidente dos Estados Unidos, a Estrela Solitária do Texas, gasta pela batalha, mas ainda ali.

Conversamos em particular por alguns minutos e ficou claro para mim que o presidente Bush sabia tudo sobre a batalha no Cume de Murphy. E como eu conseguira sair dali.

Ao final de nossa conversa, estiquei a mão e peguei o emblema, em nome dos velhos tempos. E o presidente subitamente disse, naquele sotaque texano: "Agora pode soltar isso, garoto! Isso já não lhe pertence".

Nós dois rimos e ele me disse que meu antigo emblema de batalha vai para seu futuro museu. Quando eu estava saindo do Salão Oval, ele me disse: "Se houver qualquer coisa de que precise, Marcus. Qualquer coisa. Pode me ligar, para cá, nesse telefone, entendeu?".

"Sim, senhor." E, para mim, foi a sensação de dois texanos se encontrando pela primeira vez. Um deles, meio paternal, compreensivo. O outro, absolutamente apavorado na presença de um grande presidente dos Estados Unidos e meu comandante supremo.

UMA PALAVRA FINAL
DE PATRICK ROBINSON

No outono de 2006, Marcus Luttrell voltou a se reencontrar com a Equipe SEAL 5, no Iraque. Às 9 h de sexta-feira, 5 de outubro, 36 deles decolaram num avião militar, o Boeing C-17, da North Air Station, em Coronado, rumo a Ar Ramadi, base militar americana localizada a quase cem quilômetros a oeste de Bagdá – uma notória região de conflito, é claro. Por isso é que os SEALs estavam indo.

O fato de a Marinha ter voltado a enviar seu herói das montanhas afegãs, ferido e condecorado, foi uma grande surpresa para muita gente, pois a maioria pensava que ele fosse deixar o SPECWARCOM por uma vida civil, menos perigosa. Porque, após mais de um ano, suas costas ainda doíam, seu punho não estava nada perfeito e ele ainda sofria por conta daquela bactéria estomacal afegã contraída da garrafa de Pepsi.

Mas o deslocamento de Marcus Luttrell foi uma questão pessoal. O pedido partiu dele mesmo, não da Marinha. Seu contrato com os SEALs ainda tinha vários meses pela frente e de forma alguma ele desistiria. Acho que já falamos disso, não há desistência nele. Marcus queria ficar, cumprir suas obrigações como o oficial de liderança (Pelotão Alfa), uma posição que envolve grandes responsabilidades.

Para mim, ele disse: “Eu não quero que meu pessoal siga sem mim. Porque, se alguma coisa acontecer com eles e eu não estiver lá, acho que não vou me perdoar.”

E, assim, Marcus Luttrell voltou para a guerra. O C-17 estava carregado com os pertences da Equipe SEAL 5, de metralhadoras até granadas de mão. A bordo do voo estava o oficial Morgan Luttrell (Pelotão Bravo), um novo posto que não dava garantia absoluta de agradar a mãe deles.

Marcus tinha um novo emblema no peito, idêntico ao que estava sobre a mesa do presidente, no Salão Oval. “É por isso que estou lutando, garoto”, ele me disse. “Meu país e o estado da Estrela Solitária.”

As últimas palavras que o SEAL consumado me disse, foram: “Estou indo

embora com meu pessoal, por alguns meses. Deus que ajude o inimigo e abençoe o Texas”.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigado ao meu coautor, Patrick Robinson, cuja admiração e respeito pelos SEALs se reflete em tantos de seus romances. Ele compreendeu que eu fizera um voto solene e particular de que, de alguma forma, eu faria o relato da história de bravura e coragem infinitas daqueles caras. Patrick tornou isso possível, além de minhas expectativas. Eu não poderia tê-lo feito sem ele.

Também devo agradecimentos ao Esquadrão 160 de Helicópteros; aos comandantes do SPECWARCOM, que me concederam a permissão para contar minha história: em particular ao almirante Joe Maguire; ao nosso juiz e advogado geral, capitão Jo King; à capitã Barbara Ford, que me ajudou através da rede de comunicação administrativa antes da publicação.

Meu comandante na Equipe SEAL 5, comandante Rico Lenway e o chefe-mestre Pete Naschek, que compreendiam, infalivelmente, as minhas solicitações de latitude, durante o processo de escrita do livro. Como oficial líder dos dois (Pelotão Alfa), devo-lhes meus agradecimentos, não apenas por sua colaboração, mas também por sua certeza de que a história sobre os caras da montanha deveria ser levada a público.

Também gostaria de expressar meus agradecimentos ao ex-SEAL, Dick Couch, autor do excelente livro *The Warrior Elite*, a história do treinamento da turma BUD/S 228. Eu, é claro, estava lá e apareço em seu livro, de tempo em tempo, mas me referi à longa lista do capitão Couch, com eventos bem relacionados e a precisão de horários, datas, sequências e índice de desistentes. Eu tinha anotações, mas não tão boas quanto as dele, e sou muito grato.

Os agradecimentos também são devidos aos meus amigos e familiares, e especialmente à minha mãe e a meu pai, Holly e David Luttrell, por tantas coisas, mas, principalmente, nesse contexto, por sentarem comigo e contarem, de cabo a rabo, os acontecimentos extraordinários que ocorreram no sítio, no começo do verão de 2005, enquanto eu estava desaparecido em combate.

Finalmente, meu colega SEAL e irmão gêmeo, Morgan, que entrou como um furacão no sítio, depois de algumas horas da batalha pelo Cume de Murphy, jurando por Deus que eu estava vivo e jamais parou de encorajar a todos. Devastado pela morte de seu grande amigo Matthew Axelson, ainda triste demais para falar sobre isso, ele estava lá para mim, ajudando a corrigir e melhorar o manuscrito… ainda comigo, como sempre esteve e espero que sempre estará.

Exatamente como dizemos, bro: *Do útero até a tumba*. E ninguém jamais mudará isso.

Marcus Luttrell

SOBRE OS AUTORES

O tenente oficial Marcus Luttrell foi criado no sítio dos pais, no Texas. Ingressou na Marinha dos Estados Unidos em março de 1999, recebeu seu Tridente como SEAL treinado para combate em janeiro de 2002, e ingressou na Equipe SEAL 5, em Bagdá, em abril de 2003. Na primavera de 2005, foi enviado ao Afeganistão. Em 2006, foi condecorado com a Cruz Naval por heroísmo em combate, pelo presidente Bush.

Patrick Robinson é conhecido por seus romances campeões de vendas baseados na Marinha americana, mais notavelmente por *Nimitz Class, Kilo-Class* e *Seawolf*. A biografia do almirante *Sir* Sandy Woodward, de sua autoria, intitulada *One Hundred Days*, foi um campeão de vendas internacional. Vive na Inglaterra, mas passa os verões em Cape Cod, Massachusetts, onde ele e Marcus Luttrell escreveram *O único sobrevivente*.

Numa noite límpida do fim de junho de 2005, quatro soldados americanos do grupo de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos, os SEALs, deixaram sua base no nordeste do Afeganistão em direção à fronteira montanhosa paquistanesa. A missão deles era capturar ou matar um líder da al-Qaeda que, segundo informações, estava abrigado numa fortaleza talibã protegida por um pequeno grupo de combatentes fortemente armados. Menos de 24 horas depois, só um daqueles SEALs permanecia vivo.

Neste livro, o Líder de Equipe Marcus Luttrell narra como se tornou o único sobrevivente da Operação Redwing e os detalhes da batalha desesperada que acabou levando à maior perda de vidas na história dos SEALs.

Em um relato emocionante, Marcus Luttrell lembra de seus companheiros de equipe que lutaram ferozmente ao seu lado, até que só restasse ele – inconsciente, após a explosão de uma granada que o arremessou de um penhasco, mas ainda armado e respirando. Durante quatro dias, gravemente ferido e dado como morto, Luttrell lutou contra seis assassinos da al-Qaeda que foram enviados para liquidá-lo, depois rastejou por onze quilômetros antes de ser acolhido por uma tribo Pashtun, que arriscou tudo para protegê-lo do cerco de matadores talibãs.

Texano de 1,90 metro, Luttrell conduz o leitor por cada uma das etapas do treinamento brutal da elite de combate americana para depois colocá-lo no centro de uma batalha monstruosa em que a coragem e a honra estão acima de tudo.



O Oficial Líder de Equipe **Marcus Luttrell** ingressou na Marinha americana em 1999 e se tornou um SEAL treinado em combate em janeiro de 2002. Após servir em Bagdá, ele foi transferido para o Afeganistão na primavera de 2005. Em 2006, foi condecorado com a Navy Cross (Cruz Naval) pelo heroísmo em combate, concedida pelo presidente George W. Bush.

Patrick Robinson é conhecido por seus romances sobre a Marinha americana e pela autobiografia do Almirante *Sir* Sandy Woodward, intitulada *One Hundred Days*, que ele co-escreveu e com a qual se tornou *best-seller* internacional. Ele mora na Inglaterra e passa os verões em Cape Cod, Massachusetts, onde ele e Luttrell escreveram este livro.